

ELAINE EVEREST

AS GAROTAS DA WOOLWORTHS 3



TEMPO DE GUERRA NA WOOLWORTHS

Enquanto as bombas caem, as mulheres se unem...





ELAINE EVEREST

TEMPO DE GUERRA
NA
WOOLWORTHS

◆ AS GAROTAS DA WOOLWORTHS 3 ◆

Enquanto as bombas caem, as mulheres se unem...



1ª Edição



leabhar
Ribeirão Preto/SP
2022





Título original: Wartime at Woolworths
Woolworths Livro 3
Copyright © 2018 Elaine Everest
Copyright da tradução©2022 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Ricardo Marques
Diagramação e Capa: Labellalluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

E93lbe

Everest, Elaine

Título: Tempos de Guerra na Woolworths (recurso eletrônico) Leabhar
Books Editora Ltda. 2021 - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Wartime at Woolworths © 2018 Elaine Everest

Formato: ePub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-023-3

1. Romance de época. 2. Série I. Graciano, Eduarda. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books® Editora Ltda. 14025-200 — Rua Sete de Setembro, 1851 conj 1 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com



PARA O POVO DE ERITH, E ÀQUELES QUE SE LEMBRAM “DOS BONS
VELHOS TEMPOS”.



NOVEMBRO DE 1944

— **VOCÊ REALMENTE** precisa estar em casa colocando os pés para cima — Betty Billington zombou de sua amiga, Sarah Gilbert. — Quanto tempo falta até o nascimento deste bebê? Eu realmente não consigo acompanhar todas as novidades de bebês entre minhas amigas, — acrescentou, uma leve pontada de tristeza em sua voz. Ela desejava tanto ser como seus amigos mais jovens que eram capazes de trazer novas vidas ao mundo, mas tão rápido quanto esses pensamentos vieram à mente, ela os afastou novamente.

— Faltam dois meses, como bem sabe, Betty. Você parece estar tão esquecida esses dias — Sarah brincou.

Outro sinal de meus anos avançando, Betty pensou, antes de se sacudir silenciosamente para se lembrar de parar de ser tão miserável. Ela tinha muito a agradecer. Com a guerra agora em seu quinto ano, ela foi abençoada por saber que seus amigos e familiares ainda estavam vivos, apesar das tentativas de Hitler de provar o contrário.

— Acho que você deveria estar em casa mesmo assim, em vez de aqui me dando uma mão. Não que eu não esteja agradecida — acrescentou ela rapidamente.

— Betty, se eu não sentir o bilhete, vou embora para casa, mas acredite, é uma alegria estar aqui ajudando a fazer a folha de pagamento do pessoal. Georgina está bem cuidada na casa de Gwyneth e não ter filhos e somar fileiras de números aqui é pura alegria.

Betty assentiu, lutando contra as lágrimas que ameaçavam cair. Deus, o que tinha acontecido com ela?

— Pelo menos coloque os pés para cima. — Betty empurrou uma cadeira de madeira para perto da amiga, que colocou as pernas na horizontal. — Seus tornozelos estão um pouco inchados. Você deveria tomar mais cuidado, sabe disso — ela aconselhou.

— Isso é porque fiquei na fila do açougue muito tempo, carregando esse caroço comigo. Juro que deve ser um menino – ele esteve jogando futebol contra minhas costelas a noite toda. A pequena Georgina era um sonho para carregar em comparação com esse pequeno contorcionista.

— Certamente outra pessoa poderia ter ficado na fila no seu lugar... — Betty repreendeu.

— Foi mais rápido eu mesmo ir lá, como costuma acontecer. Além disso, eu ouvi um boato de que eles tinham um bife para guisar. Não me lembro da última vez que degustei um bom guisado.

— E eles tinham algum? — Betty perguntou enquanto puxava um grande livro encadernado em couro de uma prateleira e o abriu na mesa na frente de Sarah.

— Tudo tinha acabado quando cheguei ao balcão, mas ele tinha algumas salsichas e colocou uma extra “para o bebê”, como ele disse — acrescentou ela com um sorriso. — Há vantagens em ser uma futura mãe.

— Por que temos o prazer de receber uma salsicha extra do açougueiro? — Betty declarou enquanto verificava se tinha envelopes pardos suficientes para colocar o salário do pessoal. — Iria se importar muito em escrever os nomes nos envelopes? A lista está aqui — disse ela, apontando para a fileira de nomes cuidadosamente escritos no livro-fiscal. — Só preciso fazer um telefonema para a sede. A entrega de xícaras e pires ainda não chegou e eu odiaria desapontar nossos clientes. É estranho pensar

que estamos tão felizes em ver algumas peças de louça nos balcões. Quanto às panelas, não me lembro da última vez que tivemos uma vitrine brilhante de panelas e frigideiras para vender. Não estou surpresa que as pessoas estejam viajando para New Cross para pegar uma panela antes que acabe. Ora, se eu não tivesse ouvido aquele pequeno trecho de informação da sede, Maureen não teria conseguido ir até lá para reabastecer suas panelas amassadas que sobreviveram ao colapso do telhado de sua casa.

Sarah riu enquanto pegava a caneta-tinteiro de Betty e a mergulhava no pote de tinta preta, então sentiu que deveria explicar quando Betty fez uma carranca questionadora.

— Toda essa conversa sobre panelas e frigideiras me lembra quando Alan me pediu em casamento quando estava em cima do balcão de panelas e frigideiras. Parece que faz tanto tempo agora — acrescentou ela melancolicamente.

Betty sorriu.

— É um dos meus momentos mais memoráveis de trabalhar aqui na Woolworths. Então Maureen começou a cantar, e os clientes se juntaram — ela acrescentou com alegria. — Tantos momentos felizes que tivemos antes desta guerra maldita começar.

— Pelo menos ainda tenho o jogo de panelas que o senhor Benfield nos deu de presente de casamento. Foi uma luta, mas eu as segurei com força quando os escoteiros vieram à porta coletando utensílios para fazer fogueiras.

— Caro senhor Benfield — Betty sorriu, refletindo sobre seu antecessor que havia deixado o emprego de F. W. Woolworth para juntar-se ao exército. — Fiquei muito chateada ao saber que ele sucumbiu ao sarampo enquanto servia no Pay Corps (corpo do exército britânico responsável pela administração do setor de pagamentos). Não parece certo

que um soldado em serviço morra por causa de algo que nossos filhos sofrem. — Ela passou a mão suavemente pelo livro encadernado em couro. — Ele me ensinou muito sobre como administrar esta loja. Ora, as primeiras páginas deste livro contêm sua caligrafia em cobre. Tentei ser o mais organizada em meus primeiros esforços para inserir o número de horas e o pagamento recebido por nossa equipe, mas por mais que tentasse, minha caligrafia não é tão boa quanto a dele.

Sarah assentiu, torcendo para que Betty não notasse a grande mancha de tinta que deixara no livro fiscal quando a temperamental caneta-tinteiro vazou nas páginas pautadas. Ela rapidamente pegou um mata-borrão, fazendo o máximo para conter o fluxo. O Sr. Benfield não teria achado graça.

— Agora, tenho de abrir o bico e dar aquele telefonema, então talvez pudéssemos gastar cinco minutos para ir à cantina dos funcionários tomar uma xícara de chá e uma fatia do pão cujo cheiro posso sentir. Estarei lá em um minuto.

Sarah sorriu para si mesma enquanto copiava nomes e números na frente de cada envelope antes de borrar a tinta e colocá-los em ordem alfabética. Sarah pensou em como gostava de ajudar Betty em seu pequeno escritório em cima da movimentada loja Woolworths. Poder aparecer para ajudar com a papelada a fazia sentir que ainda era parte do feliz grupo de trabalhadores da Woolies. Fazia realmente seis anos desde que ela tinha estado pela primeira vez com um grupo de jovens mulheres ansiosas neste mesmo escritório, ouvindo Betty Billington dando-lhes uma palestra séria sobre a responsabilidade de ser um membro da equipe e como a todas elas seria dado um teste de aritmética. Foi também o dia em que ela conheceu Alan Gilbert e seu romance glorioso começou à medida que os dias sombrios da guerra se aproximavam cada vez mais. Quem teria pensado

que Alan seria agora um piloto da RAF (Royal Air Force) e que eles seriam os pais orgulhosos da linda Georgina, de quatro anos, com outro filho a caminho? Sarah colocou uma mão protetora sobre sua barriga inchada. Um filho seria adorável. Um filho que se pareceria com o pai e que viveria em tempos de paz, em vez dessa guerra terrível. Ora, se o que sua avó, Ruby, disse fosse verdade, a guerra poderia terminar no Natal. Novamente, ela dizia o mesmo todos os anos.

Com um sorriso no rosto, ela olhou para onde Betty estava conversando no telefone preto de baquelite (plástico). Sua chefe parecia ter um brilho sobre ela, que Sarah atribuiu ao fato de estar casada com o belo Douglas. Sim, seria contentamento. Algo que todas as mulheres recém-casadas sentiam naqueles primeiros anos após o casamento.

Betty de repente parou de falar e franziu a testa para o que estava sendo dito. Um olhar de horror cruzou seu rosto.

— Oh meu Deus! — ela exclamou. — Não pode ser verdade.

Dando um adeus apressado, depois de pedir para ser informada, Betty recolocou o pesado fone no gancho e virou-se para Sarah.

— Houve um incidente na filial da Woolworths em New Cross. Não sabemos se foi uma explosão de gás ou... ou ação inimiga. — Ela afundou no assento vago em frente a Sarah.

O rosto da jovem tinha adquirido um tom fantasmagórico de branco.

— Isto é sério... há vítimas? — Sarah sussurrou, com medo de qual seria a resposta.

Betty acenou com a cabeça lentamente.

— Deve haver...

— Deve? — perguntou Sarah, mal se atrevendo a respirar. — O que quer dizer deve?

— Não sobrou nada da loja...

— Mas mamãe e Maureen estavam indo para lá. — Ela olhou para o relógio na parede oposta à mesa. — Elas poderiam estar na loja...

Betty estendeu a mão por cima da mesa e pegou a mão trêmula de Sarah.

— Por favor, por favor, não fique aflita. Tem de pensar no seu bebê. Qualquer coisa poderia ter atrasado sua mãe e Maureen de chegar ao destino a tempo.

Enquanto as mulheres olhavam uma para a outra, sua colega de trabalho, Freda, entrou correndo pela porta do escritório. Ela ainda estava usando o uniforme de uma despachante do Corpo de Bombeiros Auxiliar. Sem pedir desculpas por sua chegada apressada, ela deixou escapar:

— Acabei de ouvir no quartel de bombeiros que New Cross Woolworths foi atingida. Nossos rapazes têm que ir até lá para ajudar. Estou indo agora. Betty, achei que você deveria saber... — ela olhou para os dois rostos chocados. — Acho que já sabem.

Sarah assentiu lentamente, uma sensação de mau pressentimento consumindo cada fibra de seu corpo.

— Mamãe e Maureen estão lá. — Ela levantou os pés de onde eles estavam descansando e, segurando a ponta da mesa, levantou-se. — Preciso ir encontrar minha mãe. Eu vou também, Freda.



MARÇO DE 1943

— **NÃO OLHE** agora, mas aquela mulher está nos observando de novo. Juro que toda vez que visito a casa de Ruby, as cortinas floridas dela estão se mexendo — declarou Maisie enquanto puxava o carrinho para perto da parede da frente do número 13 e pisava no freio para parar.

— Do que você está falando? — Sarah perguntou, empurrando o carrinho de sua filha Georgina pelo pequeno degrau e empurrando-o para perto da janela da sacada da casa vitoriana geminada. — Espere um minuto, querida, deixe-me levá-la e poderá entrar e ver Myfi. Ela já deve ter chegado da escola — disse à filha, que exigia ser liberta das rédeas que a mantinham segura. — Nossa, você está se tornando uma menina grande. Devem ser todas aquelas cenouras que come — ela bufou enquanto tirava a filha do cobertor que a cobria. — Agora, corra e bata na porta, seja uma boa menina. — Sarah voltou para onde sua melhor amiga, Maisie, estava levantando a bebê Ruby do carrinho. — Aqui, deixe-me levá-la enquanto se arruma — ela ofereceu, pegando o bebê adormecido e segurando-a perto. — Ela é tão querida. Eu poderia simplesmente comê-la — disse ela, inalando o aroma de leite de bebê e flocos de sabão que a lembravam tanto de quando Georgina tinha esse tamanho.

— Não diria isso se fosse você que ela tivesse mantido acordada a maior parte da noite passada. Estou bem cansada hoje. Se não fosse por Freda nos dizendo que precisávamos dar a volta por aqui para ouvir as notícias de Gwyneth, eu não teria me aventurado na porta da frente hoje.

Sarah sorriu para sua elegante amiga. Sua aparência estava tão imaculada como de costume. Considerando que o país estava em guerra há mais de três anos, ela parecia tão elegante quanto qualquer anfitriã da sociedade nas capas das últimas revistas. Embora Maisie se queixasse de estar constantemente exausta, ela nunca teve um cabelo fora do lugar ou seus lábios não perfeitamente pintados com o batom vermelho brilhante que ela nunca saiu de casa sem.

— Agora me diga, sobre o que você está falando?

— Do outro lado da estrada, no número 16. Sua avó me disse que uma nova família se mudou, mas tudo o que eu vi dela é quando ela olha para nós por trás daquelas cortinas sujas. Não olhe — sibilou Maisie enquanto Sarah olhava para a casa. — Venha, vamos entrar e descobrir o motivo de tanto barulho, e eu estou morrendo de vontade de uma xícara de algo quente, este vento está soprando através de mim. Seja rápida, lembre-se, sua Georgie parece estar com o braço preso na caixa de correio.

Sarah devolveu o bebê Ruby e correu para libertar sua filha assim que a porta se abriu e Freda saiu para ajudá-las, rapidamente seguida por Myfi e Nelson, o cachorro.

— Entre, estamos esperando há uma eternidade — Freda disse, varrendo Georgina em seus braços. — Você nunca vai adivinhar o que está acontecendo.

— Não me diga que Mike Jackson finalmente propôs a nossa Gwyneth? — Maisie riu e rapidamente se desculpou ao ver o olhar cabisbaixo no rosto da amiga. — Vamos, Freda, está nas cartas há séculos.

— Bem, apenas não deixe transparecer. Finja que está surpresa, Maisie.

Maisie prometeu que o faria enquanto seguia suas amigas para dentro de casa e se virava para fechar a porta. Com certeza, as cortinas se

moveram novamente enquanto a mulher na estrada observava o grupo feliz.

— Abaixе essa maldita cortina, mulher. Por que quer ficar para sempre assistindo a esse bando de esnobes além de mim? — Harry Singleton rosnou de sua poltrona.

— Eles parecem pessoas boas. Não acho que sejam esnobes; bem, não como nossos velhos vizinhos — sua esposa, Enid, respondeu mansamente. — Eles parecem ser bastante amigáveis e tenho certeza de que já vi alguns deles trabalhando em Woolworths. Deveria ir falar com eles.

— Aquele lugar me deu muito trabalho — uma dor nas costas foi tudo o que consegui com isso e agora não temos um centavo para chamar de nosso.

Enid Singleton sabia muito bem quando seu marido beligerante estava começando a perder a paciência, e muitas vezes isso significava que ela estaria na ponta afiada de suas palavras duras. Ela também sabia que eles tiveram que se afastar um pouco.

— O médico disse que, com o tempo, você ficará bem, então vamos esperar que esteja de pé em pouco tempo — disse ela, esperando animá-lo.

Harry olhou para sua esposa.

— Não acha que eu estaria lutando contra os malditos Krauts (apelido dado aos alemães) se pudesse ficar mais de dez minutos de pé? Honestamente acredita que eu gosto de estar em dívida com uma mulher para cuidar de mim e ganhar um pedaço de pão? — ele olhou para o relógio de mogno. — Está na hora de ter um pouco de comida na mesa. Um homem pode passar fome por aqui — murmurou, abrindo o jornal na última página e sacudindo-o com desdém.

Enid mancou o mais rápido que pôde até a pequena cozinha nos fundos da casa. Ela achou conveniente que as costas ruins de Harry parecessem bem sempre que ele dava um passeio até o New Light para tomar uma

cerveja ou duas. Aqui, na Alexandra Road, o ar cheirava mais limpo do que nas ruas ao redor de sua antiga casa e ela sentiu uma pontada de excitação no estômago com o que o futuro reservava, contanto que o passado nunca os alcançasse. Talvez até fosse possível trazer para casa seus dois meninos, que haviam sido evacuados em 1939. Ela apertou os laços em torno de seu avental e olhou em sua despensa de pedra para os suprimentos insignificantes. Mas mesmo que ela estivesse lutando, o pedaço de papel enfiado em seu bolso oferecia alguma esperança. Foi uma sorte ela ter passado por Woolworths no momento em que o anúncio do cartão de uma faxineira foi colocado na vitrine. Mesmo abrindo a porta da despensa de pedra e vendo apenas um ovo, duas fatias de pão e algumas batatas, não conseguiu diminuir sua felicidade. Sim, em breve ela seria capaz de colocar mais comida na mesa e possivelmente enviar algumas coisinhas para as crianças. Se não fosse pelo seu Harry, a vida estaria boa.



— **ENTÃO, POR** que fomos convocados aqui? — perguntou Maisie enquanto passava a bebê Ruby para sua xará antes de se acomodar no braço do sofá no melhor quarto de Ruby. — Deve ser algo importante se nos colocou todos aqui — ela sorriu, olhando ao redor da sala da frente de Ruby para os rostos da família Caselton, cada pessoa equilibrando uma xícara e um pires nos joelhos enquanto todos falavam ao mesmo tempo para pegar em notícias. As inquilinas de Ruby, Freda Smith e Gwyneth Jones, junto com a filha de Gwyneth, Myfi, estavam sorrindo a ponto de explodir.

O sargento Mike Jackson estava nervoso, tentando ouvir a conversa de Gwyneth e Freda enquanto seu pai, Bob, tentava chamar sua atenção.

— Nós realmente precisamos envolver os moradores locais na sociedade de loteamento. Há alguns lotes que ficarão disponíveis e eles estão começando a crescer demais. Acha que poderia dar uma palavrinha na delegacia e pedir aos rapazes que divulguem que precisamos de mais pessoas para se envolver na campanha “cultive o seu próprio lote”?

Mike acenou com a cabeça, sem entender as palavras de seu pai.

Havia coisas maiores em sua mente no momento.

Ruby embalou o bebê em seus braços e acariciou o nariz de botão da menina. Ela ficou empolgada quando Maisie e seu marido, David Carlisle, anunciaram que dariam o nome de Ruby Freda Carlisle ao primogênito. Pessoalmente, ela achava que seu nome era um pouco antiquado e teria preferido ver a menina com o nome da princesa Elizabeth ou da princesa Margaret, mas era uma honra que ela usava com orgulho e já havia declarado que o bebê era tão precioso para ela como seus próprios filhos e netos.

— Vamos, Mike, deixemos de formalidades, então podemos tomar outra xícara de café e pegar uma fatia do bolo de sementes (bolo tradicional britânico) que fiz especialmente para a ocasião — disse ela em voz alta, pondo fim a toda a conversa na sala lotada.

Mike Jackson tossiu educadamente antes de estender a mão para Gwyneth, que se levantou e tomou seu lugar ao lado dele.

— A coisa é...

— Vamos, fale! — Maisie pediu ao homem tímido.

— A coisa é... — disse Mike novamente, tentando limpar sua garganta e afrouxar o botão de cima de seu uniforme policial. Naquele momento ele se sentiu um pouco enjoado e a sala estava se fechando sobre ele. — A coisa é...

Gwyneth deu um tapinha no braço dele.

— A questão é que Mike pediu minha mão em casamento e eu aceitei — ela anunciou orgulhosamente em sua voz melodiosa de galesa.

— Eu disse sim também — declarou a jovem Myfi do chão, onde estava sentada brincando no tapete de trapos com a filha de Sarah, Georgina, o que fez a sala cheia de amigos e familiares explodir em gargalhadas ao mesmo tempo em que gritavam seus parabéns.

George Caselton deu um tapa nas costas do amigo.

— Manteve isso em segredo, seu azarão — ele exclamou. Ele estava satisfeito por seu amigo, que havia permanecido solteiro por muitos anos. — Fez uma boa escolha em Gwyneth.

— Tenho certeza de que Gwyneth também fez algumas escolhas, George — repreendeu Irene Caselton ao marido. — Muitos parabéns — disse, dando um beijo educado nas bochechas de ambos.

— Obrigada — Gwyneth respondeu educadamente. Ela nunca se sentiu confortável na companhia de Irene, pois a mulher mais velha sempre dava um ar de ser mais importante do que qualquer outra pessoa na sala. George Caselton, por outro lado, era de uma cepa diferente e era tão caloroso e acolhedor quanto sua mãe, Ruby, e sua filha, Sarah. — Mike me pediu há pouco, mas ele queria fazer as coisas corretamente e pedir ao meu pai primeiro.

— Mesmo já tendo se casado antes? — perguntou Irene, arqueando as sobrancelhas. — Não foi uma viagem inútil ir ao País de Gales em tempo de guerra?

— Não foi possível viajarmos para a casa dos meus pais, embora eu desejasse vê-los. Já faz um tempo que Myfi não vê seus avós, mas como Mike tem que trabalhar, eu escrevi uma carta e demos a eles um horário para telefonarmos para que Mike pudesse pedir minha mão ao meu pai, que é a coisa certa a se fazer.

— Ora, você deveria ter dito, rapaz. Poderia ter usado o telefone em nossa casa — disse George.

Mike e Gwyneth murmuraram seus agradecimentos, mas ambos pensaram que teria sido uma experiência extremamente desconfortável com a presença de Irene. Aconchegados em uma cabine telefônica pública tinha sido muito romântico.

— Então, quando é o grande dia? — perguntou Maisie do outro lado da sala.

— Precisamos encontrar uma casa própria primeiro — começou Mike a explicar.

— Precisa ser perto da cidade, para Mike chegar à delegacia, e Myfi ama sua escola, então eu não quero levá-la agora que está adaptada e feliz — continuou sua futura noiva. — Pensamos que o outono seria uma época tão boa quanto qualquer outra e nos daria tempo para juntar algumas coisas e estarmos preparados. Isso se você não se importar que Myfi e eu fiquemos aqui por mais algum tempo, Ruby — ela perguntou à senhora idosa, que estava recolhendo xícaras e colocando-as na bandeja de madeira segurada por Bob Jackson.

— Podem ficar aqui o tempo que quiserem — Ruby respondeu, dando um sorriso gentil à mulher. — Não vou dizer que não vou sentir falta de você e da garota, mas precisa de sua própria casa, pois em breve haverá seus próprios filhos, e eles também serão uma bênção — disse, olhando para onde Freda estava agora, segurando o bebê de Maisie.

— Calma, Sra. C — Mike gaguejou quando seu rosto ficou com um leve tom de rosa. — Estou ficando velho para pensar em bebês e coisas do tipo.

— Bem, Gwyneth ainda está no auge, então não descarte ter meia dúzia ou mais — Maisie soltou uma gargalhada.

Gwyneth ficou em silêncio e olhou para o chão. É verdade que ela e Mike não haviam discutido sobre ter uma família, mas ela sabia que sua vida não estaria completa sem filhos que ela pudesse chamar de seus. Para todos os efeitos e propósitos, Myfi era sua filha, embora sua querida irmã gêmea tivesse dado à luz a criança, mas ela queria tanto poder ter os bebês de Mike. Eles precisavam ter uma conversa tranquila, e muito em breve.

— Sabe, Ruby — Bob disse enquanto a seguia até a cozinha carregando a bandeja de madeira cheia de louças —, faria a vida de Mike e Gwyneth mais simples se nos casássemos mais logo. Eu poderia morar aqui e deixá-los ficar com a casa só para eles.

— Agora não é hora de falar dessas coisas, Bob. Tenho uma casa cheia de gente morrendo de vontade de tomar uma xícara de chá — disse Ruby, evitando seu olhar.



ENID RESPIROU fundo e abriu uma das portas de madeira escura da loja Erith Woolworths. Por que ela estava tão nervosa? Não só ela tinha feito compras algumas vezes nesta mesma loja desde que se mudou para a cidade, mas trabalhou em uma das filiais do East End por muitos anos com seu Harry. No entanto, desta vez era diferente: ela precisava desesperadamente de um emprego, não apenas para se manter devido ao ferimento do marido, mas também para ajudar a mantê-la sã e dar à sua vida alguma ocupação longe dele. Ela fez questão de verificar onde estava a porta dos funcionários depois de receber uma carta com um horário para sua entrevista de alguém chamada Betty Billington. Pensar que poderia ter uma chefe mulher a fez sorrir; os tempos realmente mudariam se as mulheres pudessem ter empregos tão importantes.

Respirando fundo e verificando seu reflexo nos ladrilhos espelhados que decoravam um pilar perto do primeiro balcão, ela se sentiu feliz por seu chapéu estar reto e que as mechas de cabelos grisalhos estavam presas ordenadamente antes de abrir a porta marcada “somente pessoal autorizado”.

— Entre, Sra. Singleton — disse Betty enquanto abria a porta para a última das damas que deveriam fazer entrevistas naquele dia. — Agora, conte-me um pouco sobre a senhora — disse Betty depois que Enid se sentou ao lado da mesa. — Sua carta diz que trabalhou para Woolworths no passado — ela solicitou.

— Sim, senhora — respondeu Enid, nervosa. — Trabalhei por dez anos na filial de Woolies em Canning Town... quero dizer, Woolworths — corrigiu-se. — Meu marido também trabalhou lá.

Betty assentiu. Ela podia ver que a mulher estava muito nervosa, segurando uma bolsa surrada no colo e brincando com a alça entre os dedos enquanto respondia.

— Pode me dizer o que fez no seu último emprego?

Enid estava tão nervosa. Esperava que ninguém descobrisse por que ela havia deixado o East End de Londres e Woolworths. Tudo o que ela queria era uma vida tranquila e poder colocar comida na mesa – e que seu Harry fosse um pouco mais gentil com ela.

— Eu era faxineira, senhora, e também ajudava na cozinha quando a cozinheira estava ocupada ou doente. Ela foi uma mártir com seus pés ruins.

Betty tentou não sorrir.

— Certamente poderíamos usar seus serviços nesta loja, Sra. Singleton. Posso perguntar se já trabalhou como vendedora na loja?

Enid se contorceu um pouco desconfortável.

— Não sou tão boa com números ou ortografia e sei como os Woolworths gostam de empregar pessoas inteligentes para trabalhar em seus contadores, senhora. Além disso, tenho essa perna atrofiada desde que tive poliomielite quando criança. Sempre foi um sonho meu servir nos balcões, no entanto. Mas estou feliz o suficiente para ter qualquer emprego.

Betty assentiu pensativa. Ela se orgulhava de ser uma boa juíza de caráter.

— Nunca diga nunca, Enid. Se alguém me dissesse que eu estaria administrando esta loja um dia, eu teria rido alto. As mulheres são a espinha dorsal deste país e todas nós podemos desempenhar nosso papel para acabar com esta guerra.

Em todos os seus quarenta e dois anos, Enid nunca se sentiu tão inspirada em sua vida. Talvez trabalhar aqui desse mais propósito à sua existência.

— Espero que sim, senhora — respondeu ela educadamente.

— Você tem família, Enid? — perguntou Betty, tentando descobrir um pouco mais sobre a mulher.

O rosto de Enid se iluminou.

— Tenho dois meninos, Fred e Wilf. Eles foram evacuados, mas consegui vê-los algumas vezes. Estou tão feliz por eles estarem seguros e pelos céus, eles estão crescendo rápido — disse ela com orgulho.

— Seu marido está nas forças armadas? — instigou Betty.

O olhar de alegria deixou o rosto de Enid.

— Não, ele é um inválido. Ele gostaria de se juntar ao exército, mas não é possível no momento.

— Lamento ouvir isso — respondeu Betty. — Deixe-me descrever as horas que eu gostaria que trabalhasse e então precisaremos que preencha

um formulário para que tenhamos alguns registros. A propósito, tem alguma referência?

Enid parecia nervosa.

— Er... não. Perdemos tudo no bombardeio.

Betty achou que poderia escrever para a filial de Canning Town pedindo detalhes sobre Enid Singleton, então garantiu à mulher que não seria um problema. Esticando-se em sua mesa, ela puxou um arquivo e entregou um formulário para ela junto com um lápis.

— É capaz de lidar com isso? É apenas uma pequena informação para meus registros.

Enid balançou a cabeça, uma expressão de pânico cruzando seu rosto.

— Não, eu disse que não sou boa com números e palavras.

Betty se levantou e colocou uma mão reconfortante no ombro da mulher.

— Por favor, não fique angustiada. Vou chamar uma das minhas garotas para ajudá-la. — Ela deixou Enid e abriu a porta, chamando uma funcionária que estava passando a caminho da sala dos professores. — Freda, querida, pode me dar alguns minutos, por favor?

— Certamente, senhorita Billington — disse Freda educadamente, percebendo que havia alguém no escritório. Betty só era chamada pelo primeiro nome quando as mulheres estavam fora do trabalho ou conversando em particular. Ela entrou no escritório e deu um largo sorriso para a mulher como forma de cumprimentar.

— Freda, gostaria de saber se você levaria Enid para a sala dos professores e a ajudaria a preencher a papelada? Tenho certeza de que uma xícara de chá e um dos bolos de Maureen seriam muito bem-vindos.

— Certamente, senhorita Billington. Maisie apareceu para ver todo mundo; ela trouxe o bebê Ruby com ela. Devo pedir a ela para vir vê-la —

isso se você não estiver muito ocupada.

— Eu ficaria chateada se ela não me desse cinco minutos. Sempre encontro tempo para ver minha última afilhada. Somos uma família muito unida aqui — explicou ela a Enid. — Quem não gosta de um abraço com um bebê?

Enid assentiu educadamente e se levantou para seguir Freda. Embora ela estivesse muito feliz por começar um novo emprego, a ideia de se misturar com estranhos era aterrorizante.



— **AQUI ESTÁ** — disse Freda enquanto colocava uma grande caneca de chá fumegante na frente de Enid e deslizou um prato com uma fatia generosa de torta cigana ao lado. — É por conta da casa — acrescentou ela quando Freda notou Enid pegando sua bolsa. — Nossa cozinheira Maureen deu as boas-vindas à loja. Bem, você é quase uma funcionária e não cobramos de nossos amigos antes que eles ganhem seu primeiro envelope de pagamento. Lembre-se, é melhor aproveitar ao máximo, pois hoje em dia não encontramos os ingredientes para a torta cigana. Sem dúvida, Maisie teve uma participação nisso. Ela parece conhecer pessoas que podem colocar as mãos na maioria das coisas.

Enid virou-se em seu assento para olhar a mulher de cabelos escuros que estava servindo chá enquanto falava com uma linda garota loira segurando um bebê.

— Oh, é a senhora elegante — ela exclamou antes de ficar vermelha. — Desculpe, não quis parecer rude. Eu a vi antes com seu carrinho de bebê e ela está sempre tão bem vestida.

Freda franziu a testa por um momento.

— Achei que já tinha visto você antes. Não é a senhora que se mudou há muito tempo ao longo da estrada? Eu a vi na sua janela. — Ela não gostaria de acrescentar que Enid tinha sido o tema da conversa em mais de uma ocasião, enquanto os habitantes do número 13 discutiam sobre a senhora que observava por trás de suas cortinas de rede. Sua senhoria, Ruby, bateu duas vezes para dar as boas-vindas à família na estrada, mas a porta nunca fora respondida.

— Há pouco tempo me mudei para os quartos da Alexandra Road — respondeu Enid. — Somos apenas o velho e eu, pois meus dois filhos foram evacuados para o campo.

Freda chamou Maisie.

— Pode se juntar a nós por um minuto? Há alguém que eu gostaria que conhecesse. Você também, Maureen.

Maisie sentou-se à mesa depois de passar o bebê para Freda enquanto Maureen se aproximava, ainda enxugando as mãos no avental.

— Esta é Enid. Ela acabou de se mudar para quartos em frente à casa de Ruby. Ela vai se juntar a nós aqui em Wooworths.

As duas mulheres murmuraram palavras de boas-vindas.

— Voltarei a trabalhar aqui assim que puder — disse Maisie, erguendo as sobrancelhas a lápis para Freda, reconhecendo que sabia que Enid era a senhora por trás das cortinas de rede.

Enid ficou surpresa.

— Você trabalha na Woolies? Achei que teria um emprego chique em algum lugar. — Ela olhou para onde o bebê Ruby estava dormindo profundamente nos braços de Freda.

— O que, eu? Caramba, garota, não há nada de elegante em mim — disse Maisie enquanto caía na gargalhada. — Estou mais do que feliz em trabalhar aqui com meus amigos. — Ela então passou a explicar como todos

eles se conheceram na loja antes do início da guerra e quem morava no número 13. — Até a Maureen tinha um quarto lá quando o telhado de sua casa desabou no ano passado. O número 13 dá as boas-vindas a todas as crianças abandonadas e desgarradas.

— De onde você é? — ela também tinha sido informada sobre a senhora em frente que observava o mundo passar por trás de suas cortinas e achou engraçado quando as meninas vieram com sugestões sobre os ocupantes desconhecidos da casa.

— Sou de Canning Town, nascida e criada — disse Enid com orgulho, antes de acrescentar rapidamente: — Fomos bombardeados e meu marido queria fugir da área.

Maisie gostou do visual de Enid imediatamente. Ela parecia um pouco tímida, mas isso mudaria quando ela conhecesse todo mundo.

— Apenas deixe-me entrar e ver Betty... quero dizer, Sra. Billington, então posso voltar com você. Estou indo ver Ruby, pois tenho um pouco de lã para dar a ela antes de ir para minha própria casa. Suponho que já tenha terminado aqui.

Enid ficou um pouco chocada com a rapidez não só de ser aceita pelas mulheres, mas também pelo fato de alguém tão esperto querer falar com ela.

— Pensei que a chamasse de senhorita Billington — disse ela a Freda.

— Sim, mas continuo esquecendo que agora ela é a Sra. Billington — riu Freda, vendo o olhar confuso de Enid. — Vou deixar Maisie explicar isso quando ela forem para a casa. — Devolvendo o bebê à mãe, Freda pegou o formulário que estava sobre a mesa. — Por que eu não preencho as perguntas enquanto você come sua torta cigana e termina seu chá? Então estará pronta para partir com Maisie — Ela viu a mulher dando um olhar

preocupado para a folha de papel e adivinhou que possivelmente Enid não estava à altura de completar aquilo.

— E eu vou te amar e deixar você voltar ao trabalho ou então haverá uma confusão certa por lá — disse Maureen. — Foi bom conhecê-la, Enid, e tenho certeza de que nos veremos muito mais em breve.



MAISIE EMPURROU seu grande carrinho de bebê Silver Cross da calçada alta e atravessou a rua apressada quando uma carreta de cerveja virou a esquina próxima a caminho dos pubs à beira do rio. Ela estava ansiosa para chegar em casa o mais rápido possível, pois David estava de folga e ela queria aproveitar ao máximo tê-lo por perto por alguns dias. Ele estava sempre em Londres ou viajando fora de casa, fazendo uma coisa ou outra para a RAF. Ela nunca tinha certeza do que era, mas uma coisa era certa, estava grata por ele não ter que pilotar um avião como o marido de Sarah. Ela não conseguia pensar em nada pior. Assim que apresentasse Enid a Ruby e a quem mais estivesse no número 13, iria para sua própria casa para ver David.

Pensar em Enid a fez desacelerar para acomodar o ritmo mais lento da mulher mancando.

— Desculpe, amiga, eu estava a quilômetros de distância e você está tentando me acompanhar. O que deve pensar?

— Não é uma preocupação. Eu posso me virar muito bem com minha perna atrofiada. Isso nunca me impediu — explicou ela, embora nunca tenha mencionado o bullying impiedoso que sofreu quando criança, pois não conseguia se juntar tanto às outras crianças da rua e se cansava facilmente.

— Mesmo assim, me sinto mal por apressá-la. Vai entrar e conhecer Ruby, não vai? Eu sei que ela ficará feliz em conhecer uma nova vizinha.

— Eu gostaria disso — respondeu a mulher, mesmo sabendo que Harry teria algo a dizer sobre ela se misturar com os locais. Ele queria manter-se anônimo naquela cidade.

— Ficou chateada por deixar sua cidade natal? — perguntou Maisie.

— De certa forma, fiquei, mas talvez eu consiga levar os meninos de volta para casa um pouco mais rápido, agora que não estamos mais no East End de Londres. Parece tão pacífico por aqui. — Ela olhou de lado para a bela jovem e franziu a testa.

— E aí? — perguntou Maisie, percebendo o olhar de Enid. — Eu tenho uma sujeira no meu nariz ou algo assim?

— Desculpe — respondeu Enid, envergonhada. — É só que você me lembra alguém com quem eu costumava trabalhar. Se ela não fosse um pouco mais velha, poderiam ser irmãs — ela disse antes de franzir a testa. — De novo, foi há alguns anos, quando me juntei à Woolworths. Ela se aposentou no ano passado quando seu marido estava mal. Achei que ela poderia ter voltado ao trabalho, mas nunca mais a vi. Talvez tenha se mudado — acrescentou, pensativa.

— Pobre vaca parecida comigo — Maisie sorriu. — Qual era o nome dela?

Enid pensou por um momento.

— ... Queenie Dawson.

Maisie congelou. Esse era o nome de sua mãe. O que ela estava fazendo em Canning Town? E Enid disse o marido de Queenie... o pai dela... estava mal? Ela não conseguia entender o que tinha sido dito. Precisava chegar em casa e pensar sobre as coisas.

— Conhece esse nome? —, perguntou Enid, percebendo como Maisie havia perdido o sorriso feliz.

— Pode-se dizer isso — foi tudo o que Maisie disse ao entrar na Alexandra Road. — Olha, lá está Ruby no portão dela. Cuidado, no entanto. Ela está conversando com Vera Munro do início da rua, e Vera é a mulher mais intrometida do mundo. Ela tem uma língua como uma lâmina de barbear.

Enid absorveu as palavras de Maisie. Talvez a ideia de Harry de se mudar do East End não tenha sido uma boa ideia, afinal? Colegas de trabalho amigáveis podem levar a todos os tipos de problemas, assim como vizinhos intrometidos também.



— **DEIXE-ME VER** se entendi — falou David Carlisle passando os dedos pelo cabelo enquanto andava pelo chão na frente de Maisie, que estava balançando o bebê no colo. — Você quer sair correndo para Deus sabe onde...

— Canning Town, David. Fica no East End de Londres.

— Quer sair correndo para Canning Town para procurar pais nos quais você não pensou por Deus sabe quantos anos? Maisie, qual a próxima tolice em que pensará?

Maisie sabia que seu adorado marido estava se referindo a quando ela decidiu voltar para Erith em vez de dar à luz na casa de sua mãe.

— Não é estúpido, David. Desde que esta pequenina surgiu, tenho que pensar em como ela tem uma família que não conhece. Quero que ela conheça todos os avós dela.

David balançou a cabeça em descrença enquanto se sentava na poltrona em frente à sua esposa e estendia a mão para pegar a pequena mão de sua filha.

— Maisie, nossa princesinha apenas nos reconhece, quanto mais estranhos. Eu sei que ainda pode demorar alguns anos, mas isso não pode esperar até que a guerra termine e possamos viajar por Londres sem medo de sermos bombardeados em pedacinhos?

— Não acha que eu quero saber como eles estão? Enid me disse que meu pai estava mal e, quando essa guerra acabar, meus pais poderão estar a sete palmos. Está tudo bem para você, já que tem uma família — ela bufou,

sentindo-se à beira das lágrimas. A menção de Enid sobre sua mãe no dia anterior a fez pensar sobre seu passado e como ela se afastou de seus pais depois de ser acusada de participar da morte de sua irmãzinha, Sheila. — E o que é tudo isso sobre a guerra levar anos para terminar? Você ficou quieto — acrescentou ela teimosamente, esticando o queixo.

David ergueu as mãos em rendição.

— Eu desisto — suspirou. — Se realmente precisa correr para Londres, faça o que quiser. Vai prosseguir, não importa o que eu diga, sempre faz isso. Mas não vai levar nossa filha com você, entende?

Maisie assentiu com a cabeça. Ela sabia quando era melhor não discutir com o marido. Ela o amava demais para desobedecê-lo por algo tão importante quanto a segurança de sua filha. Ela se imaginou entrando na casa de seus pais e exibindo a filha e seu anel de casamento, mas talvez isso pudesse esperar por outra hora. Era melhor que ela estendesse a mão para eles primeiro. Eles poderiam encontrar David e a pequena Ruby outra hora.

— E a guerra? — perguntou ela.

— Minha querida esposa, por mais importante que ache que minha parte é nesta guerra, não chego a ter os ouvidos de Winston Churchill ou Adolf Hitler. Agora, como pretende encontrar seus pais, ou está planejando andar pelas ruas de Londres até encontrá-los?

Maisie sentiu o estômago revirar com as palavras dele. Ela sabia que ele as havia expressado com toda a inocência, mas ainda estava envergonhada de algumas partes de sua vida que só compartilhou com alguns de seus amigos mais próximos. Se David soubesse de tudo, seria o fim do casamento deles. Disso ela tinha certeza.

— Vou pedir ajuda a Betty. Enid me disse que alguém que se chamava como mamãe e que se parecia comigo havia trabalhado na filial de Woolworths em Canning Town. Tenho certeza de que com seus contatos ela

pode encontrar um endereço para mim. O que acha? — perguntou, esperando que David ficasse impressionado com seu plano.

— Possivelmente Betty pode aconselhá-la — disse ele cuidadosamente. — No entanto, se ela não puder ajudá-la, por favor, não vá correndo atrás de pistas falsas. E se Betty tiver informações úteis, insisto que discutamos isso com cuidado e, quando estiver pronta para viajar para Londres, leve alguém em sua companhia. Não há urgência.

— Você iria?

David ergueu a mão e sorriu.

— Não, minha querida esposa, por mais que eu a ame, eu me recuso a me juntar a...

— Meus esquemas malucos? — disse Maisie com um sorriso. Ela tinha um pressentimento de que sua viagem ao East End de Londres seria um sucesso. — Vou pedir a uma das garotas para ir comigo.

— Mas não no momento, Maisie — disse o marido, com uma expressão séria no rosto bonito.

— Por que não? Se Betty puder me ajudar, então não há nada que me impeça de ir de uma vez.

— Tenho meus motivos — disse.

— Não me diga, Hitler lhe deu uma pista de que ele vai visitar o East End, afinal? — ela sorriu enquanto zombava dele sobre seu comentário anterior.

— Vamos apenas dizer que é algo assim — ele respondeu cautelosamente. — Por favor, não saia correndo sem pensar nisso, Maisie.

— Ainda não decidi quando ou se vou. Mas você me conhece. Uma vez que eu ponho minhocas na cabeça, provavelmente farei qualquer coisa, mas prometo que deixarei Ruby aqui se isso te deixar mais feliz.

— Um pouco mais feliz — ele disse sério —, mas eu preferiria que você estivesse em casa aqui comigo.



GWYNETH DESLIZOU a mão enluvada na de Mike enquanto eles olhavam para o rio Tâmis até a margem do outro lado. A maré estava baixa e à frente ela podia ver um trecho de água com seus navios cinza-azul e balões de barragem flutuando acima. Mas quando o crepúsculo lançou seu brilho sobre o rio, ela pensou que era o lugar mais romântico da Terra. Começou a caminhar até a delegacia de polícia próxima para encontrar Mike quando ele saiu de serviço. Por alguns minutos eles poderiam ficar sozinhos, longe das casas ocupadas da Alexandra Road.

— Eu gosto deste rio — ela sussurrou quase para si mesma. — Imagino que os navios vão para o exterior para sabe-se lá onde e depois voltam para casa. Ou os pequenos rebocadores subindo a corrente até o porto de Londres e as luzes brilhantes e a excitação.

Mike a puxou para seus braços. Quando estavam sozinhos assim, ele não era mais o tímido sargento de polícia; Gwyneth aconchegou-se a ele.

— Só você pode ver a magia neste rio sujo e velho — sorriu para ela. — Você sabia que quando menino eu nadei nesse banco de lama junto com George Caselton? Nossas mães nos deram um castigo quando voltamos para casa fedendo demais.

Gwyneth sorriu.

— Não consigo imaginá-lo como um garotinho.

— Nossos pais nos chamavam par de *mudlarks* (crianças pobres que catavam coisas na lama) sempre que voltávamos para casa com velhos tubos de barro e afins que encontrávamos nas margens lamacentas. Eu

acredito que meus achados ainda estão no galpão do jardim do papai. Eu vou te mostrar em algum momento.

— Parece que vou precisar de olhos na parte de trás da minha cabeça quando nossos filhos vierem — Gwyneth riu enquanto se aconchegava. Houve sopro no ar e ela estava começando a tremer. Ela sentiu o corpo dele congelar por alguns segundos antes que ele relaxasse e a abraçasse mais.

— Eu aprecio esses momentos que temos juntos — disse antes de roçar suavemente os lábios dela com beijos.

Gwyneth suspirou. Sempre que ela mencionava crianças, Mike mudava de assunto ou simplesmente ignorava o que havia sido dito. Em pouco tempo ela precisaria falar sobre isso com ele, mas por enquanto iria desfrutar de seus beijos. Poderia esperar por outro dia.



— **DESCULPE, MAISIE.** Não tenho certeza se posso ajudá-la com seu pedido — disse Betty Billington à amiga enquanto se sentavam à mesa uma da outra nos salões de chá de Hedley Mitchell, do outro lado da rua da loja Woolworths. Doía-lhe não poder ajudar a amiga.

No canto da sala, um quarteto de cordas tocava uma melodia de Strauss enquanto garçonetes em uniformes preto e branco corriam para fornecer chá e água quente aos clientes que esperavam. Se não fosse a ausência de recheios salgados para sanduíches e a abundância habitual de doces, dificilmente se saberia que havia uma guerra, Maisie pensou consigo mesma. Mas, por mais que tentasse, seus pensamentos não conseguiam escapar das duras realidades da guerra, enquanto ela espiava através do papel adesivo nas janelas para vislumbrar uma mulher chorando enquanto seu companheiro uniformizado se despedia. Ela assentiu em silêncio.

— Foi uma ideia tola perguntar. Sinto muito, Betty. Acho que estava me agarrando à esperança, pensando que poderia fazer as pazes com meus pais depois de todos esses anos.

Betty ficou pensativa.

— Tem certeza de que era sua mãe que trabalhava na filial de Canning Town?

Maisie encolheu os ombros.

— Não tenho motivos para duvidar dela. Não pode haver muitas mulheres chamadas Queenie Dawson que se pareçam comigo. Eu apenas pensei que seria bom para nossa Ruby saber que ela tinha outros avós além da mãe e do pai de David. Não me entenda mal, eles foram muito decentes comigo, considerando como eu consegui voltar aqui no último Natal antes de ela nascer.

— Que tal outro bule de chá?

Maisie assentiu.

— Sim, por favor. Então, de certa forma, você é a única pessoa que pode me ajudar a encontrar meus pais, ela acrescentou, olhando esperançosamente para Betty.

— Talvez seja hora de construir pontes com sua família, Maisie, mas eu teria problemas com a sede se lhe desse informações sobre os funcionários da Woolworths. Do jeito que está, eu teria que escrever para o departamento de pessoal e pedir o endereço de sua mãe, e eles sem dúvida iriam querer que eu explicasse por que eu estava fazendo a pergunta.

— Não quero lhe causar problemas — disse Maisie. — Puxa, é pura tolice minha querer vê-los depois de todo esse tempo. Eles podem me mostrar a porta, mas pelo menos eu teria feito alguma coisa — acrescentou tristemente.

— Tem certeza de que eles se afastaram de... Bermondsey, é isso mesmo?

— Sim. Escrevi para avisá-los quando me casei com meu primeiro marido e as pessoas que moravam na casa deles responderam dizendo que haviam se mudado da área, mas não sabiam para onde. Eu não estava tão incomodada na época como eu tinha feito o meu melhor e pensei que não era para ser, mas agora, com a nossa pequena Ruby aqui, eu tinha essa ideia tola de todos nós sermos uma “família feliz” — ela disse, parecendo triste.

— Mas nunca pensei que eles se mudariam para o norte do Tâmis. Isso parece um pouco estranho.

Betty acenou para chamar a atenção da garçonete, todo o peso do dilema de Maisie caindo sobre ela. Ela também havia cortado os laços com os pais quando saiu de casa para começar a trabalhar na Woolworths, mas pelo menos sabia onde eles estavam e podia enviar o cartão postal de vez em quando. Como ela teria amado que seus pais soubessem que ela estava casada e feliz. Mas eles se foram há muito tempo. Deveria haver uma maneira de ajudar Maisie.

— Eu sei! — ela finalmente exclamou, fazendo a jovem que estava limpando a mesa, pronta para o bule fresco de chá, pular fora de sua pele. — Eu sei o que podemos fazer.

Maisie sorriu de alegria quando Betty lhe disse que entregaria uma carta de apresentação ao gerente da filial de Woolworths em Canning Town, explicando como Maisie era uma funcionária e amiga valiosa e esperava que seu colega pudesse ajudá-la em sua busca por sua família. Levantando-se de um salto, Maisie correu em volta da mesinha de chá e abraçou Betty, assustando novamente a mesma garçonete, que se aproximava com uma bandeja carregada.

— Ah, Betty, não sei o que dizer. Isso significa o mundo para mim — exclamou ela, pegando um lenço na bolsa de camurça marrom. — Tem certeza de que não vai se meter em encrenca?

Betty sorriu e pegou o bule depois de agradecer a garçonete preocupada.

— Não estou fazendo nada de errado. Uma carta de apresentação é simplesmente uma maneira formal de uma pessoa ser apresentada a um amigo ou colega em comum. Vou datilografar a carta quando voltar ao escritório. Agora, beba seu chá enquanto ainda está quente. Posso até tentar comer um desses biscoitos — acrescentou ela, olhando para os objetos levemente queimados que haviam sido colocados sobre a mesa, embora seu estômago se revirasse com o pensamento.

— Mal posso esperar para contar a David — Maisie sorriu.

— Desculpe, Maisie, mas estou colocando o pé no chão. Você não vai levar nossa filha para o East End de Londres e colocá-la em perigo — disse David, batendo o jornal ao lado da poltrona. — Achei que já havíamos discutido isso.

Maisie suspirou. Ela preparou uma refeição decente para o marido, embora o pequeno pedaço de bife fosse tão duro quanto botas velhas e poderia ter sido carne de cavalo. Ela esperava que depois de um longo dia em sua mesa em Londres fazendo Deus sabe o que para a RAF ela pudesse colocá-lo em um bom estado de espírito antes de dar a notícia.

— Estou falando sério, Maisie, então não me olhe assim. Não vou mudar de ideia por causa disso — David se irritou.

— Mas...

David levantou a mão.

— Não serei influenciado por isso. E se houver um ataque aéreo? Onde você vai com um carrinho de bebê e um bebê? É pura loucura. Estou

surpreso que esteja pensando em colocar nossa filha em perigo.

— Quero que ela conheça meus pais e que eles saibam que estou bem casada e estabelecida — disse ela calmamente, sentindo as lágrimas ameaçando cair. Ela não era de chorar, mas as palavras de David realmente doeram. Ela manteve a cabeça erguida, mas seu queixo começou a tremer incontrolavelmente. — Sinto muito que pense tão mal de mim — ela engoliu em seco antes de se virar para ir embora.

David pulou da cadeira ao ver como sua esposa estava angustiada.

— Oh, minha querida, por favor, não chore — disse ele, puxando-a em seus braços. — Não desejo ver nenhuma de vocês em perigo. Como você acha que eu me sentiria se concordasse com você apenas para saber que a Luftwaffe a tirou de mim?

Ele acariciou seu cabelo enquanto ela se agarrava a ele e soluçava.

— Desculpe, David. Eu sou uma maldita idiota — disse ela quando finalmente conseguiu falar. — Eu só queria ver minha mãe e mostrar a ela nossa bebê. Queria dizer a ela como eu tinha me saído bem... e queria que ela dissesse que está orgulhosa de mim.

David recostou-se na poltrona e puxou a esposa para o colo. Maisie sentiu-se segura e protegida.

— Maisie, amor, por que não esperar algumas semanas e até lá eu posso tirar alguns dias de folga e acompanhá-la? Então poderá impressionar sua mãe com seu belo marido oficial da RAF — ele sorriu descaradamente. — Mas, por favor, não viaje com Ruby. Londres é um lugar tão perigoso agora. Eu não suportaria se algo acontecesse. — O sorriso deixou seu rosto enquanto ele olhava nos olhos dela. — Promete?

Maisie pensou por um momento.

— Eu prometo que não vou levar nossa filha para Londres — ela sussurrou antes de beijá-lo profundamente. — Eu te amo, David Carlisle —

disse enquanto ele retribuía o beijo e todos os pensamentos sobre seus pais e Canning Town foram varridos por sua paixão.



— **CLARO QUE** vou cuidar dela e não volte correndo. Eu cuidei de mais do que meu quinhão de bebês no meu tempo — disse Ruby antes de voltar a arrulhar sobre sua homônima adormecida.

— Você vai a algum lugar interessante? — Freda perguntou enquanto entrava na sala da frente de Ruby esfregando os olhos com sono. — Você parece inteligente — acrescentou ela, admirando o terno de tweed de Maisie e o elegante chapéu de feltro marrom. — Indo para algum lugar elegante com David?

Maisie encolheu os ombros.

— Ah, isso? É algo que eu tenho no fundo do meu guarda-roupa desde antes da guerra. — Ela olhou animadamente de Ruby para Freda. — Vou até o East End procurar meus pais. Enid acha que mamãe estava trabalhando em Woolies, no East End, não faz muito tempo.

Ruby franziu a testa.

— Sozinha?

— Por que não? — Maisie respondeu desafiadoramente. — É perfeitamente seguro.

— Tão seguro que você está deixando sua bebê comigo... — Ruby respondeu de volta rapidamente. — David sabe disso?

— Ele sabe que não vou levar a pequena para Londres — ela respondeu, tentando não olhar Ruby nos olhos. Ela não queria mentir para a mulher que tinha sido como uma mãe para ela.

Ruby cruzou os braços sobre o peito e bufou.

— Foi bem o que pensei. Você e suas ideias malucas; Eu me sentiria melhor se não fosse sozinha. O que vai fazer hoje? — ela disse para Freda, que estava assistindo a conversa entre sua amiga e sua senhoria.

— O que, eu? Nada realmente. Tenho o dia de folga e ia dar uma mãozinha ao Bob. Devo estar no Corpo de Bombeiros esta noite para um turno tardio, mas nas últimas noites tem estado quieto, então posso apenas polir minha moto — explicou ela.

— Bem, vista-se. Pode ir com a Maisie e ficar de olho nela para mim — Ruby instruiu a jovem. — Você — disse ela, lançando um olhar despreocupado a Maisie, enquanto Freda corria para o quarto dela para se trocar — pode vir à cozinha e servir-se de uma tigela de mingau. Não está muito quente lá fora e vou me sentir melhor sabendo que as duas saíram com um pouco de comida dentro de seus corpos. Não há como saber quando vão comer de novo.

— E quanto a Bob e o loteamento? — Freda chamou pela escada íngreme.

— Estarei ajudando-o, então não há necessidade de se preocupar. Agora se apresse ou o café da manhã vai esfriar — repreendeu Ruby. Ela estava ansiosa para levar a jovem Ruby até onde sua família dividia um lote com Bob Jackson e seu filho, Mike. Ela fez uma nota para trazer alguns vegetais para sua amiga Vera. A mulher não tinha olhado ela mesma na última semana ou algo assim. Mesmo que ela fosse uma mulher um pouco rabugenta, Ruby tinha um fraquinho por ela, já que se conheciam há muitos anos. Além disso, Vera não teve a melhor das vidas. Ela teria que chegar ao fundo do que a estava incomodando antes que apodrecesse por muito tempo e Vera começasse a incomodar as pessoas novamente.

Ruby riu para si mesma enquanto se dirigia para a cozinha. Seria ótimo ter um pouco de paz e sossego por alguns dias. Com essa guerra florescente

e todas as idas e vindas em sua casa, ela nunca sabia o que aconteceria a seguir. Do jeito que estava, ela tinha um pressentimento de que Maisie iria procurar sua família e temia as consequências. A garota passou por muita coisa em sua curta vida, e Ruby não gostava de pensar que ela estava se metendo em mais problemas.

Do outro lado da rua, Enid observava, por trás de sua cortina de renda, Freda e Maisie deixarem o número 13. Ela ouvira dizer que a loira queria encontrar sua mãe e esperava, sem esperanças, que mencionar que tinha visto Queenie Dawson quando trabalhava na Woolies não trouxesse mais problemas para seu marido. Isso nunca faria.



— **ACERTOU BEM** no ponto — declarou Bob enquanto bebia o último chá que Ruby lhe dera minutos antes.

— Por que não estaciona por alguns minutos e descansa seus ossos? Não pode ser confortável apoiar o cotovelo naquela pá de jardim — disse Ruby de onde estava sentada em uma prancha de madeira que Bob colocara em uma pilha de tijolos para formar um banco. — Está trabalhando desde a hora do café da manhã. Aqui, eu tenho algo para comer para você. Devo dizer que você fez um bom trabalho aqui. Não sou muito jardineira, mas até eu posso ver que fez a diferença.

Bob se juntou a Ruby no banco, devolvendo a caneca vazia depois de jogar as borras sobre um monte de compostagem próxima.

— Você cuida bem de mim — ele sorriu enquanto ela vasculhava sua sacola de compras e tirava um sanduíche embrulhado em um pano de prato limpo. — O que temos aqui? — perguntou ele, esfregando as mãos cobertas de terra.

— É só pasta de carne com um toque de picles, mas vai encher seu estômago por enquanto — respondeu Ruby, franzindo o nariz ao ver o estado sujo dele. — Existe algum lugar para se lavar antes de comer?

— Só a ponta de água e há uma camada de lodo em cima. Meu próximo trabalho é esvaziá-lo e dar uma boa esfregada no interior antes da próxima chuva. Lembre-se, aquele tambor de óleo é tão velho que pode desmoronar se eu não tomar cuidado. Vou ter que perguntar aos rapazes do cais se eles têm algo para substituir — disse ele, mordendo o sanduíche.

Ruby balançou a cabeça antes de se levantar para verificar o bebê.

— Ela não é um pingo de problema, Deus a abençoe — disse ela, verificando se o bebê estava bem aconchegado sob os cobertores no carrinho. Embora houvesse um sol aguado no céu, o ar de março tinha um forte impacto. — Não sei como você pode malhar aqui só em mangas de camisa, Bob Jackson. Vai morrer um dia desses — ela o repreendeu enquanto se sentava ao seu lado.

Bob riu e tirou migalhas perdidas do pão nacional cinza da boca usando as costas da mão.

— Sentiria minha falta se eu fizesse isso, Ruby.

— Sem dúvida, eu sentiria, mas não abuse da sorte — brincou ela.

Eles se sentaram em um silêncio amigável até que Bob terminou o último naco.

— Eu queria ter uma palavrinha — disse ele, sério. — Eu tive uma ideia e queria passar por você primeiro...

Ruby prendeu a respiração. Ela esperava que ele não fosse trazer à tona o assunto de eles se casarem novamente. Ele insinuou isso algumas vezes desde que Gwyneth e Mike ficaram comprometidos e ela sabia que faria sentido, pois então ele poderia se mudar para o número 13 com ela, e o casal poderia morar do outro lado da rua na casa de Mike. Mas, para falar a

verdade, ela não tinha tanta certeza se deveria ter aceitado o anel de Bob no último Natal ou prometido ser sua esposa. Ela escondera sempre que sentia que ele estava prestes a abordar o assunto, mas aqui, sozinha no lote tranquilo perto do campo recreativo de Erith, ela não conseguia pensar em uma maneira de dizer a ele. Talvez ela devesse sugerir que continuassem bons amigos por enquanto...

— Bob, eu...

Ele levantou a mão.

— Deixe-me dizer isso antes que eu perca a coragem.

Ruby franziu a testa. Ele não era de ficar nervoso.

— Eu tenho refletido sobre isso há um tempo e acho que é hora de termos um porco...

Ruby desatou a rir. Lá estava ela pensando que tinha que lutar contra a atenção dele e o tempo todo ele ansiava por conseguir um porco.

— Não acho que seja motivo de riso, Ruby. Você não diria não a uma bela fatia de porco assado com um pouco de torresmo crocante por cima, não é?

A boca de Ruby encheu de água com o pensamento.

— Eu definitivamente não diria não a isso.

— Estou pensando que poderíamos começar um clube de porcos. Um dos rapazes da delegacia começou um clube com sua família. Há um pouco de burocracia a ser resolvida, mas acho que vale a pena.

— Onde o colocaríamos? Eu sei que algumas pessoas estão mantendo animais em seus jardins, mas se você se deu ao trabalho de ler as escrituras da casa de Mike, diz que ninguém pode criar porcos na Alexandra Road. Não que tenhamos o espaço — acrescentou ela.

— Já verifiquei. As letras pequenas também dizem que não podemos administrar uma cervejaria, mas conheço alguns que fazem sua própria

cerveja — ele sorriu. — Gostaria de falar com seu Pat? Se colocarmos ela e John no clube, talvez eles tenham espaço para isso na fazenda onde moram.

— Não sei, Bob. Aquele velho para quem eles trabalham pode ser um desgraçado miserável. Eu não gostaria que eles colocassem em risco o trabalho de John ou a casa que o acompanha. Para onde eles iriam com todas aquelas crianças?

Bob sorriu para si mesmo. Confiava em Ruby para pensar demais na situação.

— Estamos falando apenas de um porco, Ruby. Pensei em convidar Maureen, seu George e Irene, assim como Maisie e David para se juntarem a nós, e talvez aquele novo casal que se mudou do outro lado da rua. O que você acha?

— Acho que você já planejou tudo, Bob — respondeu ela, levantando-se. — Mas com todo o seu planejamento, esqueceu-se de uma pessoa.

— Quem? — perguntou. — Incluí Sarah e Alan com Maureen, pois eles moram com ela.

— Deixou de fora Vera. Se não a incluirmos, ela só vai gemer e se convidar para comer na minha casa, então podemos deixá-la se juntar a nós. Além disso, nunca ouvirei o fim se não o fizermos.

Bob tirou um caderno gasto do bolso da calça de trabalho e lambeu a ponta do toco de lápis que tinha atrás da orelha.

— Considere-a incluída. Nesse ritmo, vai ter que ser um porco extremamente grande — ele sorriu.

— Bem, eu não posso ficar conversando o dia todo. Preciso levar essa jovem de volta para casa — ela está fora há tempo suficiente. Você pode poupar algum vegetal para preparar um ensopado para a refeição de hoje à noite? Ficaria muito grata — disse ela, olhando para o pedaço de terra estéril.

— Estou na sua frente — disse Bob, caminhando até o pequeno galpão na esquina do terreno, feito de uma mistura de portas velhas e tábuas de madeira. — Eu ia pedir a Freda para levá-los de volta com ela, mas ela ainda não apareceu. Ainda na cama, suponho?

Ruby levou a mão à boca.

— Esqueci completamente de te contar. Freda vai para Londres com Maisie; é por isso que estou cuidando desta pequena hoje. Desculpe, Bob.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que uma viagem de compras é preferível a cavar um pedaço de terra em um dia frio de março.

— Ah, ela não está fazendo compras. Na verdade, eu disse a ela para ir com Maisie para ter certeza de que ela não entraria em nenhum problema. Essa garota pode atrair problemas como não sei o quê. — Ruby continuou explicando a Bob como Maisie pretendia encontrar seus pais e estava indo para Canning Town por capricho.

— Canning Town, hein? — Bob disse pensativo. — Isso vai ser uma viagem e meia. Vamos torcer para que Adolf não tenha planos para hoje, para que elas voltem para casa antes que escureça. O que David tem a dizer sobre tudo isso?

— Tenho a impressão de que ele não sabe, então podemos esperar fogos de artifício em algum momento. — Ruby suspirou. — Mas isso é problema deles. Eu disse que cuidaria da pequena aqui e estou mais do que feliz em fazê-lo — acrescentou ela, pegando sua bolsa onde Bob havia recolhido alguns legumes de aparência lamentável. — Eu só quero essas meninas em casa e seguras, e o mais rápido possível.



FREDA E MAISIE se acomodaram em seus assentos enquanto o trem saía da estação Erith e seguia em direção a Woolwich.

— Quando viu sua mãe pela última vez? — Freda perguntou enquanto pegava um jornal deixado no banco ao lado dela.

— Já faz um bom tempo — respondeu Maisie, enxugando a janela com a luva. Ela xingou em voz alta quando viu a sujeira que havia deixado e tentou esfregar a marca. — Foi antes de eu me casar com meu Joe. — Ela não quis dizer mais nada, temendo que sua jovem amiga se assustasse com o que sua vida passada tinha sido. Ela nunca contou à sua amiga tudo o que aconteceu antes de conhecê-los. Vir para Erith tinha sido o começo de uma nova vida, mesmo que ela perdesse seu primeiro marido logo depois nas mãos dos alemães. — Vamos apenas dizer que acho que é hora de deixar o passado para trás e conhecê-los novamente. Há também meu irmão, Fred. Eu gostaria de vê-lo. Ora, ele poderia ter sua própria família agora e Ruby poderia ter primos. A pequena Ruby precisa conhecer toda a sua família. Se conhecer Sarah e sua família me ensinou alguma coisa, é que precisamos da nossa família ao nosso redor.

— Temos muita sorte mesmo — concordou Freda. — Você tem mais familiares?

Maisie encolheu os ombros.

— Muitas tias e tios; Mamãe e papai vêm de famílias grandes. Não que eu tenha visto algum deles. Eles estão espalhados por todo o lugar —

acrescentou ela rapidamente. — E você? Planeja ver sua mãe novamente em breve?

Freda balançou a cabeça tristemente.

— Meu irmão Lenny acha que ele irá para Birmingham e verá mamãe na próxima vez que estiver de licença, mas só Deus sabe quando será. Seu navio sempre parece estar do outro lado do mundo.

— Você não gostaria de vê-la novamente?

Freda olhou pela janela, não absorvendo a paisagem enquanto era consumida por pensamentos de sua vida passada antes de seguir para Erith e sua nova vida.

Freda permaneceu em silêncio, levando Maisie a perguntar:

— Foi tão ruim assim?

Freda assentiu, incapaz de falar, e agradeceu quando o trem parou na estação Abbey Wood e um grupo de mulheres entrou no vagão. No fundo, ela ansiava por ver sua mãe, mas com aquele valentão de um segundo marido por perto, ela não ousava voltar para casa. Ela só conseguia pensar em uma época em que seu pai ainda estava vivo – sim, eles eram pobres, mas também eram felizes.

Tanto Freda quanto Maisie permaneceram imersas em pensamentos enquanto continuavam sua jornada. Eventualmente, o trem chegou ao seu destino, Woolwich Arsenal.

— É melhor nos apressarmos, ou o trem partirá antes de chegarmos à plataforma — insistiu Maisie enquanto pegava a bolsa e as luvas do assento ao lado dela e pegava o casaco que havia sido colocado cuidadosamente no porta-pacotes acima de suas cabeças. — Eu estava a quilômetros de distância. Se não descermos aqui, teremos que ficar no trem até chegarmos a Charing Cross e depois pegar o metrô de volta para East End.

Freda estremeceu ao pegar suas coisas e seguir Maisie até a plataforma, auxiliada por um homem que esperava para se sentar. Ela acenou com a cabeça em agradecimento antes de se apressar para alcançar sua amiga, que já estava descendo a plataforma.

— Graças a Deus nós saímos. Não consigo pensar em nada pior do que estar no subsolo. E se algo acontecer?

— Como o quê? — Maisie sorriu enquanto pegava o ingresso na bolsa. — Você é uma coisa engraçada. Tem certeza de que vai ficar bem andando pelo túnel sob o Tâmis?

— Eu não tinha pensado nisso — disse Freda, parecendo triste. Maisie diminuiu a velocidade e olhou para a jovem amiga.

— Você parece um pouco verde. Digo uma coisa, vamos nos apressar e depois procurar um café do outro lado e tomar uma xícara de chá? Vou lhe oferecer um sanduíche de ovo frito também.

Freda sorriu.

— Está ligada — ela declarou enquanto as duas mulheres se dirigiam para a entrada do túnel de pedestres em um ritmo acelerado, ultrapassando as pessoas na frente delas. Freda sabia que havia tanta chance de saborear um sanduíche de ovo frito quanto de encontrar dentes em galinha, mas sabia que Maisie tinha boas intenções e uma xícara de chá cairia muito bem.



— **BETTY, PARECE** exausta — disse Sarah ao entrar no pequeno escritório da gerente da Woolworths. — Acha que vai adoecer?

Betty deu um sorriso pálido enquanto olhava para Sarah.

— Espero que não. Parece que perdi toda a minha energia ultimamente. Só Deus sabe o que aconteceu comigo — disse ela, cansada,

indicando a Sarah que se sentasse do outro lado da mesa. — Entre você e eu, estou achando difícil acompanhar o trabalho e minha vida doméstica.

Sarah verificou se a porta do escritório estava firmemente fechada e sentou-se em frente a sua chefe e boa amiga.

— Andei pensando que poderia trabalhar algumas horas extras agora que Alan está de serviço. Na verdade, foi isso que entrei para debatermos — ela disse.

Betty pegou a escala de funcionários que estava marcando e olhou para os dias em que estava com falta de pessoal de vendas e de depósito.

— Eu certamente poderia aceitar a ajuda, mas você pode dispor de tempo?

Sarah acenou com a cabeça com entusiasmo.

— Falei com a Nan e ela disse que poderia ficar com Georgina por mais algumas horas, e com mamãe morando perto, ela está sempre dizendo que não vê a neta o suficiente. Eu pensei em arriscar e perguntar se ela gostaria de ajudar um dia por semana — ela sorriu.

Betty parecia um pouco chocada.

— Estou feliz por estar mais perto de sua mãe ultimamente, Sarah, mas estou surpresa que tenha chegado ao ponto de pedir que ela cuide de Georgina. Eu mesmo sei como uma criança pode ser cansativa, e minhas enteadas são muito mais velhas do que sua bonequinha.

— Tenho meus motivos para querer trabalhar mais horas e, se isso significa que mamãe terá Georgie com mais frequência, que assim seja — disse Sarah, erguendo o queixo desafiadoramente.

Betty estendeu a mão por cima da mesa e deu um tapinha na mão de Sarah.

— Bom para você. Eu gosto de ver uma mulher desempenhar um papel em seu casamento que vai além de cuidar de uma criança. Agora me diga, o

que está fazendo?

Sara sorriu.

— Estive pensando em quando a guerra terminar e como nossas vidas serão. Alan e eu realmente gostaríamos de ter mais filhos e não podemos esperar que a mãe dele continue nos acolhendo. Ela só tem aquele lugar em Crayford Road e não cabe a nós assumir a casa dela com os pequeninos.

Betty concordou. Ela conhecia bem Maureen Gilbert e o quanto ela amava seu filho e sua família, mas eles ficariam felizes se estivessem amontoados sob um teto minúsculo?

— Maureen tem sido boa com você — disse ela, acenando para Sarah para que continuasse. — Então, qual é o seu plano?

— Pensei que, se pudesse guardar um pouco a cada semana, quando a guerra terminasse, estaríamos em condições de alugar nossa própria casa, e Alan poderia voltar para a Woolworths sem se preocupar com dinheiro — disse ela com um sorriso.

Betty pensou por um momento.

— Sarah, acredita honestamente que Alan ficará feliz em voltar para a Woolworths e talvez um dia administrar sua própria loja? Ele viu um mundo fora desta pequena cidade, e isso pode mudar uma pessoa. Também me pergunto como um homem se sentiria sabendo que foi o salário de sua esposa que pagou por sua casa. A guerra mudou muito as coisas, mas mesmo assim, um homem é o chefe da família e, como tal, deve ter voz no que acontece nela.

— Eu tinha pensado nisso — disse Sarah. — Alan é um homem orgulhoso e detestaria pensar que fui eu quem pagou o depósito para alugar uma casa nova ou alguns móveis. Então, em vez disso, devo dizer que fui cuidadosa com o dinheiro que ele me manda para casa.

— É uma excelente ideia — disse Betty. — Vamos apenas torcer para que esta guerra acabe logo, e Alan esteja em casa ao seu lado para sempre.

— Nan diz que vai acabar no Natal, mas ela vem dizendo isso desde 1939 e ainda não acabou — Sarah riu.

Betty juntou-se ao riso, pensando que, por mais que sua querida amiga esperasse que a vida voltasse a ser como era antes do início da guerra, ela sabia que não seria o caso. Os homens haviam experimentado a vida longe de suas casas e as mulheres haviam se livrado das amarras da cozinha. A vida certamente seria diferente.

— Eu me pergunto se Gwyneth estaria interessada em trabalhar mais algumas horas, com o planejamento de seu casamento — Sarah sugeriu. — Preencheria algumas lacunas na sua rota se ela concordasse.

— Vou descer até a loja e falar com ela agora — disse Betty, levantando-se e alcançando uma prateleira atrás de sua mesa. — Se você pudesse verificar essas folhas de estoque para mim, caso eu tenha adicionado uma coluna incorretamente, isso seria um peso a menos para meus ombros. Oh Deus... — acrescentou ela, levando a mão à testa antes de se recostar na cadeira.

— Betty, o que está errado? — Sarah disse, angustiada enquanto corria para o lado de sua amiga e colocava a mão no ombro dela.

— Pensei que desmaiaria por um momento — disse Betty. — Estou bem agora.

— Não, não está — disse Sarah, notando como Betty estava pálida. — Ora, está branca como um fantasma e toda tremendo. Você realmente deveria consultar um médico.

Betty sorriu e pegou a mão de Sarah, apertando-a.

— Acho que sei o que ele vai dizer — acrescentou ela com um sussurro, uma mancha rosa aparecendo em suas bochechas mostrando seu

constrangimento. — Acredito que Douglas e eu estamos esperando uma pequena visita.

Sara franziu a testa. O que quer que Betty quis dizer? Então ela também ficou um pouco rosada quando percebeu o que estava sendo dito.

— Oh meu! Ora, isso é uma notícia maravilhosa, Betty. Estou emocionada por você. O que Douglas disse?

— Ainda não contei a ele. Tenho uma consulta com meu médico mais tarde hoje e achei melhor não dizer nada até ter certeza. Sabe como são os homens, e Douglas é tão querido que vai fazer barulho.

— Gostaria que eu a acompanhasse? — Sarah disse imediatamente. As notícias chocantes de Betty a fizeram pensar que a gerente da Woolworths teria um filho. Ela não era muito velha? Ela nunca tinha pensado na idade de Betty até agora.

— Ficaria muito grata se o fizesse. Eu estava com um pouco de medo de que risse das minhas notícias, já que eu sou muito mais velha do que você — disse Betty timidamente.

— Eu não tinha pensado nisso — Sarah respondeu imediatamente, esperando que seu rosto não mostrasse o contrário. — Agora, deixe-me pegar uma xícara de chá, precisa ter calma até irmos ao seu médico.



— **TEM CERTEZA** de que não se importa que eu deixe a bebê Ruby com você enquanto eu desço para ver Vera? — Ruby perguntou a Bob enquanto ele estava na pia da cozinha usando um dos aventais de Ruby e lavava os pratos do jantar. Não era tanto para mantê-lo seco, mas para cobrir suas roupas sujas de jardinagem.

— Vá embora, a bebê está tão certa quanto a chuva comigo. Não se esqueça de que ajudei quando tive um dos meus — ele disse a ela com um sorriso.

— Que agora é um robusto sargento da polícia prestes a se casar e com uma família pronta. Talvez esteja um pouco sem prática — ela riu.

— Vá embora, mulher. Se ela acordar e começar a chorar, eu vou empurrar o carrinho para você se eu não aguentar. Como é?

— Cuide disso, Bob — Ruby sorriu, imaginando quanto tempo se passaria antes de ele ir correndo para a casa de Vera com um bebê chorando. Lá novamente, ela tinha acabado de ser alimentada, então ela estaria fora de combate por um bom tempo. Ruby não era de dar leite seco nacional para crianças, mas a pequena Ruby parecia estar prosperando com isso. Ela recolheu os legumes que havia separado do que ela trouxe para casa de seu lote junto com um prato do que Freda chamou de “torta da sorte” — você teria sorte se encontrasse um pedaço de carne nela — e saiu pela porta da frente.

A casa de Vera ficava mais adiante na Alexandra Road e era uma imagem espelhada da casa de Ruby. No entanto, a semelhança acabava por aí, pois quem entrasse na casa de Ruby se depararia com uma recepção calorosa e aconchegante, enquanto a de Vera era cheia de bugigangas e tinha um clima frio. Ela bateu na porta, imaginando com o coração apertado que histórias de infortúnio Vera contaria para ela hoje.

— Olá, Ruby, entre. Desculpe a bagunça. Ultimamente não tenho feito muitas tarefas domésticas — disse Vera enquanto conduzia até a sala de estar.

Ruby ficou surpresa, pois normalmente todos os convidados eram conduzidos à sala da frente com janelas salientes, onde Vera podia exibir seu último enfeite ou a fotografia de sua neta. Vera raramente a levava até

os fundos da casa, e Ruby ficou chocada com o ar geral de descaso da casa da amiga. A penumbra do quarto não era ajudada pelas cortinas parcialmente fechadas que bloqueavam o que havia da luz do início de março.

— Vou deixar um pouco de luz entrar, posso? — disse Ruby, colocando os vegetais e a torta em uma mesa bagunçada e indo até a única janela. Puxando para trás o tecido de algodão verde, ficou ainda mais surpresa ao ver que as telas precisavam de uma lavagem e a janela, uma boa limpeza com vinagre e jornal. Vera não era de deixar os padrões caírem. Alguma coisa devia estar errada.

— Você está bem? — perguntou ela à amiga, que havia se sentado à mesa sem oferecer um lugar a Ruby. — Não a tenho visto muito ultimamente, então pensei em fazer uma visita. Tem um pouco de torta aqui, e Bob trouxe mais vegetais do que posso usar e achei que ficaria grata.

— Estou, Ruby — disse Vera enquanto tirava o pano de prato limpo da forma de torta para examinar o conteúdo. Ela lambeu os lábios. Ruby ficou intrigada. Normalmente Vera criticava a comida antes de tomá-la de qualquer maneira. Ela não era de aceitar nada com gratidão. Algo não estava certo ali.

— Devo colocar a chaleira no fogo e colocar isso no forno para aquecer? — Ruby perguntou, começando a deslizar o prato de esmalte para longe de Vera.

— Não, eu vou comer como está —, disse Vera, puxando o prato para perto e quebrando um pedaço da crosta de batata.

— Então vou colocar a chaleira no fogo e fazer uma xícara para nós. Talvez você queira de um garfo — ela chamou por cima do ombro.

O que encontrou Ruby na pequena cozinha a fez querer chorar. Ela colocou a chaleira cheia no fogão a gás, mas por mais que tentasse, não

havia luz embaixo.

— O que há com o seu gás? — gritou enquanto se virava para abrir o armário onde Vera guardava o estojo de chá. Não apenas o *caddie* estava vazio, mas não havia uma migalha de comida à vista. Ficando mais intrigada a cada minuto, Ruby verificou a despensa de pedra, pensando que haveria pelo menos um pouco de leite ou talvez uma fatia ou duas de bacon ou queijo no cofre da carne. Mais uma vez, não havia comida para ser encontrada. — O que está acontecendo? — ela perguntou, marchando de volta para a sala para ver Vera lambendo o prato vazio.

Vera olhou para Ruby e lentamente seu rosto se enrugou. Ela colocou a cabeça entre as mãos enquanto as palavras abafadas saíam.

— Não tenho um centavo em meu nome. Se ainda houvesse casas para pobres, eu estaria morando em uma agora. Estou indigente, Ruby, e não sei o que fazer.

— Bem, deixe-me entender — disse Ruby enquanto puxava uma cadeira da mesa e se sentava em frente à mulher trêmula. — O que aconteceu com a pensão que recebeu da firma de seu Don quando ele morreu?

— O laticínio foi bombardeado seis meses atrás e não há dinheiro para gente como eu. Não era muito, mas colocava comida na mesa — disse Vera, olhando para o prato vazio. — Foi bom trazer isso para mim. Faz mais de uma semana que não como direito, pois não tenho uma moeda para colocar no medidor, não que tenha algo para colocar no fogão.

Ruby não podia acreditar no que estava ouvindo. Isso estava realmente acontecendo na rua onde ela morava e com alguém que ela considerava uma amiga, por mais irritante que às vezes pudesse ser. Ela tinha perdido alguma coisa? Talvez Vera tenha tentado lhe contar, mas ela estava tão focada em sua própria vida que isso havia lhe passado despercebido?

— Não contei a ninguém, estou com tanta vergonha de não conseguir fazer isso sozinha. — Vera começou a chorar, enxugando o rosto em um avental imundo. — Eu nem consegui aquecer uma gota de água para lavar minhas roupas.

Ruby deixou seu assento e segurou sua amiga enquanto ela chorava.

— Bem, você me disse agora e um problema compartilhado é um problema dividido pela metade, como meu Eddie costumava dizer. Podemos resolver isso, então não se preocupe. Primeiro, vai voltar para casa comigo. Vou preparar a banheira e você pode tomar um bom banho enquanto eu preparo uma xícara para nós. Então, vai me contar tudo.

Vera assentiu.

— Isso é bom de sua parte, Ruby, mas não quero que mais ninguém saiba dos meus problemas.

— Não se preocupe. Não haverá ninguém em casa para nos incomodar. Gwyneth está no trabalho e Freda saiu com Maisie. Assim que voltarmos ao número 13, aliviarei Bob da bebê Ruby e teremos a casa só para nós.

— Não vai dizer nada sobre o meu... sobre o meu problema, não é?

— Eu mal sei qual é o seu problema ainda, então não se preocupe. Agora, pegue um conjunto limpo de roupas e seu roupão e vamos começar. Na verdade, pode passar a noite comigo. Está muito frio aqui e não vou descansar na minha cama sabendo que você está quase morrendo do outro lado da rua.

— Foi o carvoeiro. Ele não me daria mais carvão. Queimei alguns pedaços de madeira do jardim, mas logo acabaram... — Vera murmurou enquanto se dirigia para o pé da escada antes de parar. — Obrigada, Ruby — ela acrescentou, depois se virou e subiu correndo as escadas.

Foi então que Ruby soube que Vera realmente tinha problemas, pois ela nunca havia agradecido antes e não havia perguntado o que Maisie e

Freda estavam fazendo.

O que viria depois? Ela pensou consigo mesma.



— **CARAMBA, NÃO** esperava ter isso na minha frente — disse Freda enquanto enxugava a boca com o lenço. — Uma fritura completa! Mesmo Ruby não conseguiu isso nos últimos anos. Onde ele conseguiu o bacon, quanto mais ovos de verdade?

Maisie, que acabara de comer um sanduíche de salsicha e estava ocupada acendendo um cigarro, sorriu para a amiga.

— Está no meio das docas agora, Freda. As pessoas podem se aposar de quase tudo aqui. Isso se você conhecer as pessoas certas. — Ela piscou enquanto batia na lateral do nariz. As meninas haviam descido os cem degraus e atravessado o túnel de pedestres sob o Tâmis a o mais rápido que podiam, com Freda um pouco preocupada com a possibilidade de o rio irromper e afogar as duas. Embora Maisie tivesse rido do medo da amiga, ela não pôde deixar de pular quando as gotas de água escorriam pelas paredes de azulejos, e ambas deram um suspiro de alívio quando saíram para a luz cinzenta da manhã do norte de Woolwich, ligeiramente sem fôlego da subida da escada circular. Maisie guiou Freda por uma trilha curta que os levou ao movimentado Tâmis, onde encontraram o café de aparência bastante surrada.

— Você tem alguma ideia de como chegamos a Canning Town daqui? — perguntou Freda.

— Deixe isso comigo. Vou perguntar ao sujeito atrás do balcão quando eu lhe pagar — disse Maisie, apagando o cigarro e pegando o pedaço de papel que havia sido deixado sobre a mesa quando ele trouxe a comida.

— Por favor, deixe-me pagar alguma coisa. Juro que comi o dobro de você — disse Freda, pegando sua bolsa.

— Não, isso é comigo. Você não estaria aqui se não fosse por mim e meu esquema de cérebro de lebre, como David chama. Termine seu chá e a vejo lá fora.

Freda engoliu os restos da bebida forte e saiu. Ela adoraria ficar de pé e observar os navios sendo carregados e os guindastes trabalhando. Não admira que Hitler tivesse a intenção de bombardear as docas com tanta frequência, com tanta coisa acontecendo lá. Ela estremeceu quando vestiu suas luvas de lã e apertou o lenço combinando em volta do pescoço. Ela podia sentir o início de uma garoa fria e esperava que a chuva não caísse com força.

— Pronta? — perguntou Maisie ao se juntar a ela. — Só temos que caminhar até a estrada e haverá um ponto de ônibus onde podemos pegar um dos dois ônibus que nos levarão a uma curta distância de Woolies. Estaremos lá em meia hora.

Maisie colocou o guarda-chuva e as duas meninas deram os braços e correram para o ponto de ônibus.



— **É TÃO** bom você me acompanhar — disse Betty enquanto se sentava ao lado de Sarah na movimentada sala de espera.

— Não seja tola. Para que serve uma amiga senão para dar uma mão quando uma amiga está precisando? — disse Sarah, dando uma risadinha. — Pareço Freda com seu pacote de Brownie.

— Estou feliz por você estar aqui — disse Betty com um sorriso nervoso. — Isso não é algo que eu esperava, ver um médico na minha

época de vida. Eu me sinto uma fraude.

— Não seja idiota, Betty. Devia estar animada para receber um bebê no mundo em ...

— Na minha época de vida?

— Eu não quis dizer... — Sarah tropeçou em suas palavras.

— Sarah, minha querida, tenho pensado o mesmo que você. Por que eu e por que agora?

— Pode ser por estar casada agora? — Sarah deu uma risadinha, suas bochechas ficando com um tom delicado de rosa.

— Essa pode ser a resposta — concordou Betty, juntando-se à alegria de Sarah. — No entanto, não tenho certeza do que minhas enteadas vão pensar disso. Tem sido muito difícil conviver com Clemmie ultimamente.

— Deve ser difícil para as meninas aceitarem outra mulher como mãe.

— Eu sentei com elas e conversei sobre o papel que eu faria em suas vidas. Deixei bem claro que não substituiria sua mãe e as ajudaria a manter viva sua memória. Coloquei o retrato de Clementine na parede do quarto delas, e ambas compartilharam suas joias e itens pessoais. Em seu aniversário e no aniversário de sua morte, encorajo Douglas a levar as meninas para visitar seu túmulo e passar algum tempo juntos. Não vejo o que mais posso fazer.

Sarah foi salva de comentar sobre a situação de Betty, pois naquele momento o nome de sua amiga foi chamado, e ela se dirigiu a uma porta de carvalho ao lado da sala de espera para ver seu médico.

Sarah viu Betty desaparecer de vista e torceu para que sua amiga tivesse boas notícias. Como eles iriam lidar com Betty desistindo do trabalho se ela estivesse grávida era outra questão. E se a matriz mandasse uma pessoa horrível para tomar conta da loja Erith? Ela podia simplesmente decidir parar de trabalhar se fosse o caso e se dedicar à filha e ao lar. Ela

ainda seria capaz de fazer seu trabalho de guerra até que ela e Alan fossem abençoados com uma adição à sua pequena família feliz.

Não pareciam cinco minutos desde que ela estava sentada no consultório de outro médico esperando que Maisie surgisse com a boa notícia de que um bebê estava a caminho. Ela ainda podia ver seu rosto agora. Como comemoraram, e olhe para ela agora: a orgulhosa mãe do bebê Ruby Freda Carlisle. Não há nada mais especial do que a notícia de outra vida vindo ao mundo, e mesmo Hitler e aquela guerra sangrenta não conseguiram parar essa alegria. Procurou em sua sacola de compras e tirou seu tricô enquanto sorria para si mesma. Não tinha feito exatamente o mesmo enquanto esperava por Maisie quando estava indo ao médico? Sarah sentou-se satisfeita tricotando o que seria um cardigã azul marinho para Georgina. Ela tinha alguns pedaços de lã em sua caixa de costura e pensou em bordar algumas margaridas na frente para iluminá-la. Poderia fazer outro para a filha de Gwyneth, Myfi. As duas garotas eram amigas íntimas, embora houvesse cinco anos entre suas idades.

Ela estava absorta em pensamentos enquanto suas agulhas estalavam e o braço que ela estava tricotando tinha crescido vários centímetros quando a porta da sala do médico se abriu e uma Betty com o rosto pálido apareceu. Ela silenciosamente agradeceu ao médico e se dirigiu para a porta da rua. Sarah ficou de pé de um salto, enfiando o tricô na bolsa, sem se importar se os pontos escorregassem das agulhas, e correu atrás da amiga. Isso não parecia uma boa notícia.



— **AGORA, A ÁGUA** está quente o suficiente? Vou colocar a chaleira no fogo para que você possa encher — disse Ruby enquanto mergulhava um dedo na banheira de estanho que havia colocado em frente ao fogo de carvão em sua sala de estar. — Se pendurarmos suas toalhas sobre o cabide ao lado de seu roupão, elas ficarão boas e quentes para quando você estiver pronta para sair. Também lhe dará um pouco de privacidade caso alguma das garotas apareça sem avisar.

Vera pareceu alarmada e parou de desabotoar o cardigã.

— É provável que o façam?

— Não que eu saiba, mas nunca se sabe nesta casa com tantas pessoas indo e vindo. Não estou esperando Maisie e Freda de volta tão cedo, então você deve ficar bem. Eu disse a Bob para sair também. — Ela sorriu. A mera menção de Vera e do banho de banheira foi o suficiente para vê-lo correndo de volta ao terreno. — Agora, vou sentar na sala da frente por um tempo e ouvir o rádio. Tem o quarto só para você e eu não vou voltar até que me dê um grito. Então, podemos comer alguma coisa e conversar um pouco.

— Obrigada, Ruby, é uma boa amiga e isso não é mentira — disse Vera enquanto começava a desabotoar o cardigã novamente. Ruby foi para a sala da frente, fechando a porta atrás dela.

Ela pegou seu tricô e se acomodou para se concentrar no salto complicado de um par de meias cinza que estava fazendo para Bob. Ele parecia acabar com elas bem rápido. Enquanto as agulhas faziam sua mágica, ela começou a se perguntar sobre Vera e sua situação. Seus maridos

tinham sido grandes amigos, servindo juntos na última guerra e muitas vezes beberam juntos no clube dos trabalhadores. Mesmo na aposentadoria, eles se encontravam para jogar boliche e passar o tempo. Se a verdade fosse conhecida, eram seus maridos, Eddie e Don, que eram amigos. Ruby tolerara Vera e a classificara mais como alguém que morava em Alexandra Road do que como amiga e confidente. Foi só quando os dois homens faleceram com poucos meses de diferença que ela começou a olhar além da personalidade intrometida e viu uma mulher muito solitária. Vera às vezes podia se gabar da neta, mas na verdade a menina não estava em casa com muita frequência e tinha pouco interesse na avó. Vera nunca fora abastada, mas a sólida casa de três quartos agora estava em seu nome e, pelo que Ruby foi levada a entender, Vera tinha algum dinheiro guardado, o que era mais do que muitas outras mulheres viúvas da mesma idade. O que diabos acontecera para Vera ter recuado em sua concha como ela fez? Ruby sentiu que era seu dever descobrir o que a havia deixado em tal situação.



— **NA HORA!** — gritou Maisie por cima do ombro enquanto o ônibus partia, deixando as duas amigas na calçada da rua movimentada.

— Foi gentil da parte do motorista nos dizer onde descer — disse Freda. — Poderíamos estar sentadas no ônibus por Deus sabe quanto tempo. Ela disse que era um pouco aqui em cima. Ou foi lá embaixo? — Ela suspirou, colocando as mãos nos quadris e olhando em volta com perplexidade. — Lembra-se de onde é Woolies? — ela perguntou a Maisie, que estava verificando seu rosto no espelho de um pequeno compacto dourado.

— Estou ferrada. Eu nunca estive em Canning Town na minha vida, mesmo que eu tenha uma família morando perto. É melhor perguntarmos — disse ela, fechando o compacto e guardando-o na bolsa antes de marchar para uma tabacaria próxima. Ela emergiu alguns minutos depois e subiu a rua com Freda logo atrás. — São apenas algumas centenas de metros aqui. Se tivéssemos entrado na estrada, teríamos visto.

— E provavelmente seríamos atropeladas —, Freda bufou enquanto suas pernas curtas trabalhavam horas-extras para acompanhar sua amiga. Canning Town era muito mais movimentada do que Erith, com cavalos e carroças, bem como uma van ocasional fazendo entregas nas lojas e negócios. — Por acaso você perguntou se havia um abrigo antiaéreo por perto? Eu não gostaria que fôssemos pegas se uma sirene soasse.

— Não seja idiota — Maisie sorriu para sua amiga enquanto diminuía a velocidade para alcançá-la. — Vamos seguir todos os outros. Veja bem, duvido que a Luftwaffe volte tão cedo. Não resta muito para bombardear, não é?

Freda concordou.

— Eles levaram uma surra. Suponho que esteja muito perto das docas. Nós saímos da luz em comparação com esta cidade. Olha, há Woolworths à frente. Você quer entrar direto ou levar alguns minutos para se preparar?

— Vamos acabar com isso. Não vim de tão longe para ficar vacilante — disse Maisie enquanto marchava corajosamente pelas portas duplas da loja e parava, fazendo com que Freda quase esbarrasse nela.

— Caramba, poderíamos estar de volta a Erith — declarou ela, olhando para os balcões de mogno polido e o piso de madeira. — Eles têm até as mesmas luminárias.

Freda sorriu enquanto olhava ao seu redor.

— Só precisamos que Betty e Sarah apareçam e será exatamente como Erith. Acha que a área dos funcionários fica no mesmo lugar?

— Nós não vamos descobrir de pé aqui. Vamos perguntar a alguém.

— Tem uma faxineira ali, vamos perguntar a ela — Freda apontou. A loja podia parecer igual ao seu próprio local de trabalho, mas ela se sentiu intimidada pela equipe ocupada atrás dos balcões e não quis se aproximar deles. Maisie e seus outros colegas pareciam tão eficientes?

— Com licença, amor — disse Maisie à mulher que estava ocupada polindo uma das muitas portas de vidro que davam para a loja. — Estou aqui para ver uma senhorita Cuthbertson. Saberá onde posso encontrá-la?

A mulher olhou de esguelha para Maisie e, sem parar o que estava fazendo, acenou com a cabeça para uma porta marcada como “equipe”.

— Encontrará sua majestade em algum lugar — ela murmurou.

— É a gerente que estou procurando, não a rainha — disse Maisie com um sorriso.

— Bem, esta age como “a tal” com todas as suas ordens e regras. Eu vi quatro gerentes administrarem este lugar desde que comecei a trabalhar aqui e ela é a pior de todas. Eu disse ao meu velho que já tive o suficiente. Seria mais tranquilo trabalhar com munições e é aí que eu vou para o dia do pagamento. Ela pode esfregar o chão ensanguentado e polir as janelas por mim mesma — acrescentou ela, voltando-se para o polimento.

As meninas agradeceram, tentando não rir. Entraram pela porta e foi aí que a semelhança com seu próprio local de trabalho parou. Não havia escadas, para começar, e se depararam com uma área de depósito movimentada.

— Agora, para onde vamos? — disse Freda, sentindo um pouco de medo. Ela estava se perguntando por que alguém chamaria a gerente de

“sua majestade”? Isso significava que ela era elegante? Mas então Betty era um pouco chique e era uma chefe adorável. Não sentia mais vontade de rir.

— O que estão fazendo aqui? Sabem que não gostamos de civis nos bastidores. — Uma voz feminina ecoou pela sala, soando como um sargento-mor de parada.

Freda sentiu seu queixo quase bater no chão quando viu uma mulher alta e roliça segurando uma vassoura vestida com o que poderia ser um macacão ou um macacão muito severo. Ela não era nada parecida com a equipe de bastidores de seus Woolies.

— Er, estamos procurando a gerente, Srta. Cuthbertson. Pode nos dizer onde ela está, amor? — perguntou Maisie, tentando ser o mais amigável possível.

— Eu sou Cuthbertson — A mulher explodiu, caminhando em direção a elas. — O que querem?

Freda ouviu Maisie sussurrar “Poxa”, quase em voz baixa, antes de enfiar a mão na bolsa e tirar a carta de apresentação que Betty datilografara cuidadosamente e colocara em um envelope com o nome Woolworths em relevo.

— Viemos da loja Erith, Kent. Nossa gerente, a Sra. Billington, escreveu isso — disse ela, estendendo o envelope.

— Sigam-me — disse a mulher enquanto se afastava, conduzindo-as por várias portas e corredores até chegarem a uma sala com exatamente a mesma placa que adornava o escritório de Betty, “gerente”. Elas seguiram a mulher para dentro. Foi aí que todas as semelhanças terminaram, pois o domínio da Srta. Cuthbertson estava cheio de pilhas e pilhas de arquivos e caixas de papelão cheias de estoque. Ela notou o olhar assustado de Freda e latiu: — Há uma guerra, não sabe? É tudo mãos para as bombas. Não tenho tempo para mulheres que se sentam de costas em escritórios. Precisamos

arregaçar as mangas e trabalhar tanto quanto os homens. Agora não é hora de enrolação.

Freda assentiu. Ela preferia muito a maneira de dirigir uma loja de Betty e sabia que a matriz aprovava seus métodos de trabalho. O último gerente de área não disse isso? Ela desejou estar de volta a Erith agora e sentiu pena do pessoal desta filial da Woolworths.

Miss Cuthbertson examinou a carta sem convidar as meninas para se sentarem. Não que houvesse uma cadeira sem algo empilhado sobre. Ela olhou para Maisie e franziu a testa.

— Você tem a aparência de Queenie Dawson.

— Então conhece minha mãe? — perguntou Maisie com esperança crescendo dentro dela. Ela não tinha percebido o quanto esperava que esta mulher pudesse ajudá-la.

— Eu não diria que a conhecia tão bem, mas eu a conhecia. Ela trabalhava aqui quando cheguei a esta filial. Não tenho ideia do que aconteceu com ela.

O coração de Maisie despencou. Ela esperava por notícias melhores.

— A senhora teria um endereço em seu arquivo? — perguntou ela.

A senhorita Cuthbert franziu a testa.

— Mesmo que tenha esta carta, não tenho liberdade para dar informações sobre ex-funcionários, sinto muito.

Maisie encolheu os ombros.

— Não é sua culpa. Não quero que ninguém se meta em apuros. De certa forma, estou apenas me agarrando a migalhas aqui.

Freda deu um passo à frente. Ela não iria sair daquela sala até que Maisie soubesse onde sua mãe morava, e ela ergueu o queixo desafiadoramente.

— Valeria tanto para ela ter uma ideia de onde seus pais moravam... um nome de rua talvez? Maisie poderia perguntar por aí e a senhora não seria a culpada...

A mulher olhou para Freda por um momento, resumindo suas palavras.

— Sinto muito, é mais do que o valor do meu trabalho. Agora, se me dão licença, tenho uma loja para administrar. — Ela abriu a porta, indicando que as meninas deveriam sair.

Freda nunca sentiu tanta raiva em sua vida.

— Mas ela só quer encontrar sua mãe. O que há de errado com isso? Como pode ser tão dura de coração?

Freda tremeu em suas botas quando a Srta. Cuthbertson se virou e deu a ela um olhar duro.

— Mocinha, posso garantir que não sou uma mulher de coração duro. No entanto, tenho o bem-estar de minha equipe a considerar e isso inclui funcionários anteriores também. Como se sentiria se a gerente de sua loja fornecesse seus dados pessoais livremente a qualquer pessoa que viesse pedir?

Freda franziu o cenho.

— Isso não é a mesma coisa. A Sra. Billington detalhou o problema de Maisie em sua carta. Certamente pode ajudar de alguma forma...

Maisie pegou sua jovem amiga pelo braço.

— Vamos, Freda. Estamos perdendo nosso tempo aqui. Vamos tentar a sorte em outro lugar.

— Mas onde vamos tentar a sorte? — perguntou Freda enquanto corria atrás de Maisie.

— Onde devíamos ter começado dez minutos atrás — disse Maisie ao entrarem na movimentada área da loja. Ela foi até onde a faxineira ainda estava polindo as portas de vidro.

— Não faço ideia do que você está falando — resmungou Freda.

— Com licença — disse Maisie, dando um tapinha no ombro da mulher.

— Ela deu pouca importância a você? — perguntou a mulher mais velha, jogando o pano de limpeza no chão e esticando as costas com um gemido.

— Pode-se dizer isso — disse Maisie em sua voz mais doce. — Estou procurando minha mãe. Ela costumava trabalhar aqui um tempo atrás. Talvez a conheça. O nome é Dawson... Queenie Dawson. Por acaso se lembra dela?

Freda começou a sorrir. Maisie nunca errava um truque. Foi uma pena que elas não tivessem pensado em perguntar a essa mulher primeiro, então não teriam que enfrentar a senhorita Cuthbertson.

A mulher pensou por um momento.

— Você quer dizer Queenie, a que mora no caminho de Bethnal Green? Pensando bem, você se parece um pouco com ela — disse ela, lançando um olhar duro para Maisie.

— É ela — disse Maisie, esperando que de fato seus pais morassem perto de Bethnal Green. — Sabe a rua ou a casa onde ela mora? — acrescentou, cruzando os dedos, torcendo para que a mulher realmente conhecesse.

Ela pensou por um momento.

— Não... foi-se. Mas sem dúvida ela ou o pai iriam beber no bar Salmon and Ball, pode perguntar lá.

— O Salmon and Ball? Onde seria isso?

— De onde vem? Todo mundo conhece aquele bar. Fica em frente à estação de metrô. Você sabe, aquele que ainda não está aberto, não que eu

vá saber coisas. Vou ficar na luz do sol — acrescentou ela, voltando-se para a limpeza.

— Nós viemos de Kent — disse Maisie com um sorriso, — é por isso que não sabemos o caminho de volta.

A mulher olhou para trás por cima do ombro enquanto pegava seu pano.

— Achei que fosse um pouco chique.

Maisie já havia começado a caminhar em direção à porta seguindo outros compradores, que evitavam a faxineira enquanto ela trabalhava, mas Freda se conteve.

— Será que conhece mais alguém? Enid Singleton? Ela costumava trabalhar aqui junto com o marido. Talvez se lembre dela, ela anda mancando.

— Ela não atendia por esse nome quando eu a conheci — disse a mulher com um olhar altivo. — Deve ficar longe dela. Nada além de problemas, posso lhe dizer.

Freda se virou e correu atrás de Maisie, que agora segurava a porta aberta esperando a amiga. O que a mulher quis dizer?



— **EU ME** sinto muito melhor por isso — disse Vera enquanto se sentava com sua xícara de chá na sala da frente de Ruby.

— Você também tem um pouco de cor nas bochechas — Ruby assentiu. Vera parecia confortável embrulhada em seu roupão com uma toalha em volta da cabeça.

— Agora, coma esse sanduíche enquanto conversamos. É apenas carne enlatada, mas vai encher seu estômago. Coloquei um pouco do molho

chutney que fizemos no verão passado. — Ela quase podia ver a boca de Vera começar a salivar ao colocar a xícara e o pires ao lado dela e comer o sanduíche cinza.

— Ficarei feliz quando tivermos pão branco novamente — suspirou Ruby.

— Isso não me incomoda — disse Vera com a boca cheia. — Isso é delicioso.

Ruby balançou a cabeça. Esta não era a Vera que conhecia. A essa altura, ela normalmente teria comentado sobre a espessura da carne, a cor do pão e como seu próprio molho *chutney* era melhor do que o de qualquer outra pessoa no WVS.

— Agora, por que não me diz o que levou a esse lamentável estado de coisas? Corrija-me se estiver errada, mas pensei que seu Don a havia deixado sem muitos problemas. Eu sei que ele sempre foi cuidadoso com dinheiro.

— Ele era e eu estou melhor do que a maioria, pois tenho um teto sobre minha cabeça, além de um pouco de pensão por velhice. Eu não vou dizer que o aluguel da minha Sadie não foi útil quando ela morava comigo, mas então eu tive que ajudá-la com um, erm... problema e as coisas começaram a piorar muito rápido.

Ruby franziu a testa.

— Por que não me disse nada? Eu poderia ter ajudado. Não gosto de pensar em ninguém lutando quando posso fazer alguma coisa. Eu não tenho muito, mas não vou ver ninguém sofrer.

Vera balançou a cabeça violentamente, fazendo com que a toalha escorregasse em seus ombros e mechas de cabelos grisalhos caíssem sobre seus olhos.

— Não, eu não quero ficar em dívida com ninguém. Não é da minha natureza. Pedir dinheiro emprestado é uma maneira certa de perder um amigo. Prefiro morrer de fome primeiro.

— E quase conseguiu — Ruby disse com raiva, e ela se inclinou e pegou o prato vazio de Vera para que ela pudesse se organizar. — É hora de colocar suas cartas na mesa para que possamos ver uma maneira de resolver seus problemas, e não, não vou te emprestar dinheiro se não for isso que quer. Temos o lugar para nós, além do bebê Ruby, para que possamos elaborar um plano para o futuro. Primeiro, precisa confiar em mim e me dizer o que está acontecendo com sua neta. Presumo que um homem esteja envolvido em algum lugar ao longo da linha? Prometo guardar as coisas para mim, a menos que diga o contrário.

Vera pensou por um momento.

— É uma boa mulher, Ruby Caselton. Confio que conheça meu problema, embora tenha vergonha de contá-lo.

Ruby verificou o bule na bandeja de chá que ela levou para o quarto.

— Isso esfriou. Deixe-me fazer uma bebida fresca e depois podemos conversar mais. Tenho uma fatia ou duas de pão de ló na despensa que nossa Sarah trouxe. Por que não polimos isso ao mesmo tempo?

Vera deu um sorriso fraco.

— Você é realmente abençoada com sua família. Eu não sei o que eu fiz que para a minha ficar tão ruim. Realmente não sei — acrescentou, procurando um lenço de algodão no bolso do roupão para enxugar as lágrimas que se formavam.

— Bem, pode parar com isso para começar. Você é feita de material mais duro e tudo que precisa é de um plano e logo estará tão certa quanto a chuva — Ruby bufou enquanto saía da sala, tentando conter as próprias lágrimas. Por mais irritante que Vera pudesse ser às vezes, não era justo que

na idade dela estivesse nessa situação terrível. A coitada claramente não comia direito há dias e estava morando em uma casa fria no início de março. — Assim que resolvermos seus problemas, pode me ajudar a esvaziar esta banheira antes que Nelson decida brincar nela. Graças a Deus a bebê ainda não está engatinhando ou ela estaria nela como um flash — respondeu. Por mais triste que estivesse com a situação de Vera, não gostava de ter uma casa bagunçada.



— **LÁ ESTÁ** o Salmon and Ball, mas não tenho certeza se devemos entrar sozinhas — disse Freda enquanto caminhavam pela Bethnal Green Road.

— Não seja tola. Você entrou no Prince of Wales sozinha quando nos encontramos lá — Maisie riu. — Além disso, pilota uma maldita moto grande, e isso é trabalho de homem. Não pode se acovardar agora.

Freda encolheu os ombros e ignorou a piada sobre sua moto.

— Isso é diferente, eu conheço o senhorio e sua esposa, e eles me conhecem. Não é considerado elegante entrar em um pub sem estar acompanhada por um homem. Não tenho tanta certeza de entrar neste pub.

Maisie passou por sua amiga.

— Então me siga. Não vim de tão longe para desistir agora. Pode haver alguém ali dentro que saiba onde meus pais estão morando. Além disso, meus pés estão me matando, começou a choviscar de novo e eu poderia matar por uma gota de gim.

Freda seguiu atrás de Maisie e manteve a cabeça baixa. Fazia muito tempo que ela não se sentia tão desconfortável. Só esperava que Maisie não bebesse demais, pois não tinha ideia de como voltar ao túnel de pedestres e

à segurança do lado sul do Tâmis e sabia que teria problemas para orientar sua companheira na direção certa.

Dentro do bar estava escuro e o ar estava carregado de fumaça de cigarro. Maisie foi direto ao balcão e bateu as unhas na superfície de madeira para chamar a atenção do barman.

— Um gim e um pequeno xerez, por favor — disse ela em voz alta acima do barulho abafado daqueles que desfrutavam de um último drinque antes do pub fechar à tarde.

— Mais cinco minutos e estarei levando os últimos pedidos — disse um barman mal-humorado, olhando Maisie de cima a baixo.

— É melhor fazer dois gins e dois xerez pequenos, então — ela respondeu, dando-lhe um olhar de aço.

— Não tenho tanta certeza de poder beber tanto — sussurrou Freda.

— Shh, eu preciso fazer algumas perguntas e não posso fazer isso se não tivermos uma bebida em nossas mãos — disse ela, pegando sua carteira na bolsa. — Agora, por que você não vai se sentar naquela mesa ali e eu levo as bebidas?

Freda fez o que lhe foi dito e sentou-se em uma das duas cadeiras de madeira curvadas bastante gastas colocadas ao redor de uma pequena mesa. A superfície estava pegajosa e tinha visto dias melhores, então ela decidiu, enquanto tirava as luvas, colocá-las direto na bolsa, depois do que ela a manteve no colo, segurando firmemente as alças. Ela passou o tempo esperando por Maisie olhando o pub e as pessoas passando uma tarde de quarta-feira. Parecia uma hora estranha do dia para beber, mas era preciso todo tipo de coisa para fazer o mundo girar, como Ruby costumava dizer. No canto, um homem idoso tocava piano. Ela forçou os ouvidos para entender qual era a melodia, mas desistiu depois de um tempo. Indo pelo número de canecas de cerveja vazias no topo do piano, ele provavelmente

também não tinha muita ideia da música. Freda viu um jovem soldado sentado com um casal que se parecia com seus pais. Do outro lado do bar, ela percebeu que a mulher estava enxugando uma lágrima do olho e o homem continuava batendo nas costas do rapaz com orgulho. Havia uma mochila no chão aos pés do soldado, então sem dúvida ele estava indo para o acampamento depois de ser chamado. Freda esperava fervorosamente que ele voltasse ao redil de sua família amorosa em breve.

— Obrigada, amor — disse Maisie enquanto levantava a bandeja com as bebidas e a levava até onde Freda estava sentada. Ela colocou a bandeja na mesa e entregou um copo de xerez para a amiga. — Perguntei ao barman se ele conhecia meus pais, mas ele não ajudou muito, pois não se mudou há muito tempo para a área.

— Talvez outra pessoa os conheça — disse Freda enquanto tomava um gole de sua bebida e fazia uma careta. — Acho que teria preferido um copo de cerveja a isso — disse ela, fazendo outra careta. — Eu estava observando aquele casal ali. Acho que o filho deles vai para a guerra. A mãe dele parece muito chateada.

Maisie virou-se para olhar.

— Deve ser doloroso vê-los partir. Não tenho certeza se conseguiria fazer isso com nossa Ruby. Eu a trancaria no galpão de carvão em vez de deixá-la sair para lutar contra os hunos.

— Esta guerra é a única razão pela qual estou feliz por não ser casada e não ter filhos — disse Freda com tristeza. — Você simplesmente não sabe, não é?

Maisie jogou o copo na bandeja, o que fez os copos chacoalharem de forma alarmante.

— Somos um par certo de desgraçadas miseráveis. É hora de animar as coisas — disse ela, levantando-se e marchando até o piano.

Freda observou Maisie se debruçar sobre o pianista e conversar com o homem. Houve muitos encolher de ombros da parte dele e mais acenar de mãos de Maisie antes de ela se virar para os bebedores e gritar em voz alta:

— Há um rapaz ali que, pelo que parece, está indo para a guerra. Vamos dar a ele uma despedida, e à sua mãe e pai algo para se lembrarem hoje, em vez de lágrimas. — Ela deu uma cotovelada no pianista e ele começou a tocar.

“Deseje-me sorte enquanto me dá adeus. Cheerio, aqui vou eu no meu caminho...” — ela cantou com gosto. Antes que ela terminasse o primeiro verso, todos haviam largado suas bebidas e se juntado.

Houve gritos e mais gritos, então Maisie teve uma rápida conversa com o pianista e mais uma vez começou a cantar.

“Sempre que você estiver no caminho de Lambeth, em qualquer noite, em qualquer dia...”

Freda sorriu antes de participar. “The Lambeth Walk” era uma de suas músicas favoritas. Ela adoraria se levantar e dançar, mas como ninguém mais gostava, ela não queria ser a única e, em vez disso, batia palmas e batia os pés ao som das músicas alegres. Um dos homens idosos que jogavam dominó enfiou a mão no bolso e tirou duas colheres, que começou a bater contra o corpo no ritmo da música. Freda ficou fascinada. Ela tinha ouvido falar de pessoas tocando com colheres, mas nunca tinha visto isso acontecer. Isso estava se transformando em uma tarde muito divertida.

Depois de terminar com uma versão empolgante de “Maybe it’s because I’m a Londoner”, Maisie foi falar com o jovem soldado e sua família e depois voltou para Freda, parando para apertar as mãos e conversar com os bebedores ao longo do caminho.

— Estamos com sorte — disse ela enquanto bebia os restos de seu primeiro copo de gim. — Alguém me disse onde minha mãe mora. Termine

isso e vamos sair — disse ela, pegando seu segundo copo.

— Como conseguiu descobrir isso? — Freda perguntou enquanto fazia o possível para beber o xerez. Era pior do que tomar remédio. Da próxima vez, ela pediria uma limonada, embora preferisse uma xícara de chá.

— Todo mundo adora uma cantiga. Escolhi algumas músicas que levantariam os ânimos e agradariam aos bebedores. Depois disso, eles se dispuseram a falar comigo, embora eu seja uma estranha para eles — Maisie sorriu enquanto pegava sua bolsa. — Vamos. Vou te comprar um saco de batatas fritas, caso contrário, vai ficar cambaleando por todo o lugar. Nunca conheci ninguém que não consiga segurar a bebida como você — disse ela, agarrando o braço de Freda enquanto dava alguns passos vacilantes em direção à porta do pub.

— Sua criatura astuta — disse Freda, alarmada com a forma como ela arrastou suas palavras depois de apenas dois drinques. — Leve-me à loja de batatas fritas e se apresse.



— **ELA SE** acalmou agora — disse Ruby, voltando para a sala da frente onde Vera começara a cochilar em frente ao fogo de carvão. — Ela só queria a fralda trocada.

— Não sei como consegue fazer tudo isso — bufou Vera, mostrando um pouco de sua antiga faísca. — Ora, fiquei feliz em deixar as fraldas e coisas assim para trás quando as minhas ficaram velhas o suficiente.

Ruby sorriu. Ela normalmente teria respondido de volta, mas estava feliz por Vera estar quase como sempre. Bastou um pouco de comida e um banho. Se ao menos os problemas do mundo pudessem ser resolvidos tão facilmente.

— Agora, vamos juntar nossas cabeças e ver o que podemos fazer sobre sua situação — disse ela, sentando-se na poltrona mais próxima do fogo e esticando os pés em direção ao calor. — Nossa, isso é bom.

Qualquer nervosismo que Vera havia mostrado apenas alguns minutos atrás desapareceu de repente.

— Eu realmente não sei por onde começar.

— E no começo? Diga-me por que não tem dinheiro. Certamente sua pensão é suficiente para sustentá-la de semana em semana, e não teve um pouco de tempo depois que seu pai faleceu? — Ruby perguntou.

Vera parecia triste.

— Geralmente minha pensão de velhice é suficiente, fiquei feliz com isso quando fiz setenta anos, mas quando nossa Sadie veio chorando na minha porta, não pude deixar de ajudá-la, mas isso não foi o fim. — Vera

apertou os lábios em uma linha fina e apertada e olhou para frente, perdida em seus próprios pensamentos.

Ruby franziu a testa.

— O que quer dizer? — até onde Ruby sabia, a neta de Vera vivia uma vida encantadora no emprego perfeito e com um chefe a quem ela era romanticamente ligada. Vera tinha até insinuado que os sinos de casamento soavam no horizonte. Alguma coisa séria deve ter acontecido para Vera entrar nesse estado e não pedir ajuda.

— Olha, Vera, pode me dizer para cuidar da minha vida, mas você estará a sete palmos em um ano se continuar assim — disse ela gentilmente. — Eu realmente quero ajudá-la.

Vera, ainda perdida em seus pensamentos, retrucou.

— Tenho vergonha de ela trazer problemas assim à minha porta. Custe o que custar, vou encontrar o dinheiro apenas para mantê-la longe.

Ruby estava preocupada.

— O que quer que Sadie tenha feito não pode ser tão sério a ponto de você quase morrer de fome e ficar sentada em uma casa gelada. Por favor, me diga o que aconteceu para que eu possa ajudá-la — ela implorou, saindo de seu lugar aconchegante perto da lareira e sentando-se ao lado de Vera no sofá.

Vera acenou com a cabeça lentamente e suspirou.

— Você me conhece, Ruby. Eu estabeleci altos padrões para viver e espero que minha família faça o mesmo. Quando aquela minha filha saiu do sério, lavei as mãos dela e pensei que tinha feito um bom trabalho criando minha neta.

— Você fez, Vera. Ora, nos contou tudo sobre aquele emprego maravilhoso que ela tem em Londres, trabalhando para alguém importante. — Ela não acrescentou que Vera se gabava impiedosamente e sempre a

lembrava que a própria neta de Ruby só trabalhava na Woolworths e não era tão brilhante quanto sua prole. Agora não era o momento. — Não mencionou algo sobre um noivado com o chefe dela?

— Acabou de vez — resmungou Vera amargamente. — Nenhum homem decente iria querê-la por perto agora. Ela se meteu no caminho da família, e ele voltou para sua esposa e não assumirá a responsabilidade pelo que fez. Ela veio chorando na minha porta e eu a mandei embora.

Ruby sempre foi da opinião de que era preciso dois para dançar o tango, mas não estava disposta a colocar seus pensamentos em palavras naquele momento.

— Ah, coitadinha. Você não mencionou que ele era um homem casado — disse ela, tentando escolher as palavras com cuidado para não inferir que Sadie tinha sido tola.

— Ela guardou esse pequeno detalhe para si mesma. Ela não é melhor do que deveria ser — retrucou Vera.

Ruby estava confusa.

— Mas o dinheiro... como o perdeu... ela o roubou? — Ruby olhou para Vera, desejando que ela falasse e contasse o que havia acontecido. O que ela tentou manter em segredo até que o frio e a falta de comida a deixaram vulnerável.

— Ela desacreditou o nome da família — disse Vera, erguendo o queixo em desafio. — Eu trabalhei duro para fazer meu nome ser respeitado, especialmente depois que minha filha, a mãe de Sadie, era tão... errada. Aí eu falei. Ela não era nada menos que uma maldita prostituta. Mas nós a mandamos embora e trouxemos sua filha nós mesmos e agora veja o que ela fez. Ela não é melhor que a mãe. Há sangue ruim lá, mas não sei de onde veio, pois eu e meu Don viemos de famílias decentes.

Ruby engasgou. Nunca tinha ouvido Vera falar assim antes.

— Não quero enfiar o nariz onde não é desejado, Vera, mas tem certeza de tudo isso? Quero dizer, não poderia ter cometido um erro, poderia? Sua Sadie tem um emprego respeitável e seu futuro está traçado, com o fato de estar noiva de um homem que, pelo que você disse, será um excelente marido.

— Ah, ele está bem. A única coisa é que ele é o marido de outra pessoa — disse ela com a voz embargada. — Alguém que não apenas se casou com ele, mas lhe deu três filhos pequenos. Agora há um quarto bebê a caminho e sua esposa não tem nada a ver com isso.

— Então você deu dinheiro a ela para ajudá-la. Bem, fez a coisa certa. A quem podemos recorrer em tempos de dificuldade, senão à nossa família? Suponho que você tenha se esforçado demais, mas em breve podemos resolver isso e será ótimo que tenha um bisneto para exibir. Sadie virá morar com você...

Vera olhou para Ruby, interrompendo sua conversa animada.

— Ruby, entendeu tudo errado. Não a quero por aqui com seu filho bastardo. Eu dei a ela tudo o que pude para que ela ficasse longe. Se for preciso mais dinheiro para salvar o nome da minha família, vou penhorar minha aliança de casamento em vez de fazê-la andar por esta rua com a barriga cheia de filho de um homem casado e ter todo mundo na rua rindo de mim pelas minhas costas.



— **BETTY, BETTY...** espere por mim — gritou Sarah enquanto se apressava para alcançar seu chefe, que saiu correndo do consultório do médico sem olhar em sua direção. — Devagar, vai ficar doente. Não quer fazer isso — ela bufou enquanto alcançava a mulher.

Betty virou-se para encarar Sarah, que ficou surpresa com o rosto manchado de lágrimas da mulher mais velha.

— Quer dizer que não é bom para o bebê? Não se preocupe com isso, não existe bebê. Eu estava apenas sendo tola. Era apenas a minha idade. O médico me disse que, na minha idade, eu deveria me acostumar a não me sentir em forma e talvez devesse pensar em desistir do emprego de um homem na direção da loja Woolworths.

Sarah ficou chocada com sua franqueza.

— Olha, isso não é algo que deveríamos estar conversando na rua. Além disso, está começando a chover de novo e não está muito quente. Por que não volta para minha casa e você pode se aquecer e podemos bater um papo? Maureen pode manter Georgina ocupada para que ela não nos incomode. O que acha? — implorou. Betty parecia horrível e nada parecida com a chefe autoconfiante que governava sua equipe como um maestro. Ela parecia uma mulher que foi informada de que nunca teria uma família própria e não conseguia aceitar a verdade.

— Não quero que Maureen me veja assim — disse Betty, enfiando a mão no bolso do casaco para pegar um lenço para enxugar os olhos. — Vou pegar um ônibus e voltar para casa. Douglas estará me esperando — acrescentou.

— Não seja boba. Você me disse mais cedo que ele está fora para a Guarda Nacional esta noite e as meninas são bem cuidadas por sua governanta. Se não quer que Maureen a veja, vamos ao Nan's em vez disso. Ela pode até ter alguns conselhos para lhe dar.

Betty pensou por alguns segundos e então concordou.

— Obrigada, se não acha que estarei incomodando Ruby. Sempre valorizo o que ela tem a dizer e devo admitir que preciso de uma xícara de

chá — disse ela enquanto as duas mulheres caminhavam lado a lado e se dirigiam para a Alexandra Road.

— Nan vai adorar ver você, Betty. A porta dela está sempre aberta para a família e os amigos.

— Ela é uma boa mulher — concordou Betty antes de ficar em silêncio enquanto atravessavam a Manor Road, abrindo caminho entre um grupo de homens de bicicleta. A tarde estava chegando ao início da noite e os trabalhadores estavam voltando para casa de seus empregos diurnos para se preparar para algumas horas de trabalho de guerra, seja vigiar incêndios, deveres da Guarda Nacional, precauções contra ataques aéreos ou simplesmente tricotar ao lado da lareira, preparados para correr para seus abrigos pré-fabricados se as sirenes de ataque aéreo soassem. — Nunca pensei por um momento que teria a chance de me casar e possivelmente ser mãe. Para ser honesta, isso nunca me incomodou... até agora. Agora sinto como se tivesse sido roubada de algo maravilhoso. É uma garota de sorte, Sarah — ela acrescentou melancolicamente.

Sarah não tinha ideia do que dizer à amiga. Ela sabia que tinha sorte de ter um marido e uma filha linda e tinha como certo que sua vida seria a mesma de muitas outras jovens que tiveram um namoro maravilhoso, casamento e depois uma família. Devia ser realmente terrível para as mulheres da idade de Betty que perderam entes queridos na Grande Guerra e enfrentaram uma vida de solteirona e tinham pouco o que esperar na vida adulta. Ela sabia que Betty era uma das poucas mulheres de sua idade que pensava progressivamente em uma carreira para preencher o vazio deixado por não ter uma família. Sarah sabia que isso não combinava com ela, embora adorasse seu trabalho na Woolworths. Ela tinha orgulho de ser supervisora, embora as coisas com certeza mudariam assim que a guerra terminasse — quando quer que isso fosse.

— Aqui estamos, Nan vai ficar feliz em vê-la — disse Sarah enquanto caminhavam pelo caminho do número 13. Ela puxou o cordão preso à caixa de correio para pegar a chave da porta da frente para deixá-los entrar. — Meu Deus, o que é todo esse barulho? — disse ela quando o som de um bebê chorando e uma mulher soluçando as encontrou quando entraram na casa. Ao fundo se ouvia Alvar Lidell lendo as notícias no rádio.

— Oh meu Deus! —, exclamou Betty. — Nan, sou eu e Betty, onde você está?

— Na sala da frente, amor, venha me dar uma mão. Não poderia ter chegado em melhor hora.

Sarah rapidamente tirou o casaco e o pendurou no cabide do corredor antes de entrar no melhor quarto de sua avó, onde a encontrou com o braço em volta de Vera, que estava soluçando incontrolavelmente.

— O que há de errado com Vera e por que ela está de roupão? — perguntou Sarah, intrigada.

— Ela está um pouco chateada e com a casa dela estando fria, pensei que ela poderia ficar aqui durante a noite. Você vai me ajudar a levá-la para cima e colocá-la na cama e então eu vou fazer chocolate para nós. Vou adicionar uma gota daquele rum que o irmão de Freda, Lenny, trouxe para casa em sua última licença. Isso cairia bem, hein? — ela disse enquanto ajudava Vera a se levantar e deu uma piscadela para Sarah. — Agarre o outro lado dela, amor. Betty, você vai ver o que está acontecendo com a bebê Ruby, por favor. Ela provavelmente só precisa de um abraço.

Betty ficou por um momento observando enquanto as duas mulheres ajudavam Vera a subir a escada íngreme até que os gemidos insistentes da bebê Ruby não lhe deram escolha a não ser ir para a sala e olhar para o carrinho onde a criança estava dormindo.

— Ai, ai, pequenina, qual é o problema? — ela balbuciou enquanto tirava a bebê de rosto vermelho do carrinho e a abraçava. Os choros angustiados da bebê diminuíram enquanto Betty andava de um lado para o outro no quarto, sussurrando palavras reconfortantes enquanto massageava suas costas. Ela tentou afastar de sua mente todo pensamento de nunca ser capaz de fazer isso por seu próprio filho, mas era difícil. Talvez se apenas por alguns minutos ela pudesse sonhar que este era o filho dela e de Douglas, concebido por amor e muito desejado. Nunca antes ela tinha sofrido tanto por algo que ela nunca pensou que queria. À medida que as lágrimas da bebê Ruby diminuíram, as lágrimas da própria Betty caíram silenciosamente no cardigã tricotado à mão do bebê cheiroso. Oh, como ela desistiria de tudo apenas para poder segurar seu próprio filho. Que tola ela tinha sido por não se esforçar para socializar com pessoas de sua idade depois que Charlie morreu. Ela poderia estar casada há anos e seus filhos já estariam crescidos. Ela se repreendeu por seus pensamentos. Se sua vida tivesse tomado outro rumo, ela nunca teria conhecido seu belo Douglas e sido tão feliz. Ou era, até que seus pensamentos se voltaram para bebês.

— Você tem o toque mágico — disse Ruby ao entrar e se dirigir à cozinha.

Betty pulou. Ela estava tão absorta em pensamentos que não ouviu a mulher mais velha descer. Colocando o bebê aplacado de volta em seu carrinho, ela se esforçou para conter suas próprias lágrimas, mas Ruby não era tola.

— Ah, Betty querida, qual é o problema? Parece que todos nesta casa estão ligando o sistema hidráulico hoje. Deixe-me colocar a chaleira no fogão e podemos sentar e conversar um pouco. Isso se você quiser — Ruby disse. Ela não era de sondar, mas conhecia Betty bem o suficiente para ver que ela estava chateada.

Betty assentiu e colocou um cobertor em volta do bebê agora adormecido antes de ir para a sala da frente de Ruby e se sentar ao lado da lareira. Ela adorava visitar a casa de Caselton, onde sempre era muito bem-vinda.

Ruby entrou enxugando as mãos no avental e sentou-se diante de Betty assim que Sarah apareceu.

— Tudo bem eu me juntar a vocês? —, ela perguntou, depois de ouvir as palavras de sua avó enquanto descia.

— Claro que pode — disse Betty. — Eu ficaria ofendida se não o fizesse. — Ela continuou explicando a Ruby o que havia acontecido antes, quando ela visitou seu médico, sem esperar ouvir suas palavras contundentes.

Ruby ouviu pacientemente, apenas fazendo um ocasional som de resmungo ao discordar do que Betty estava dizendo. Sarah saiu da sala para fazer chocolate, que ela silenciosamente entregou às duas mulheres, ansiosa para não impedir Betty de falar sobre sua necessidade de ter um filho. Quando ela ficou em silêncio, Ruby pegou sua bebida e tomou um gole do líquido quente.

— O que você acha, Nan? — Sarah perguntou.

— O que eu acho é que esse médico é um idiota atrapalhado dizendo à nossa Betty que ela é estéril.

Sara engasgou.

— Nan, como pode dizer essas coisas?

— Posso dizer porque é verdade. Quantos homens você conhece que tiveram um bebê? Ele pode ter seus livros de medicina inteligentes para ler, mas apenas uma mulher sabe como é realmente. Quantos anos você tem, Betty, isso se não se importa que eu pergunte?

— Não me importo, Ruby. Farei quarenta e cinco no meu próximo aniversário. Eu tinha dezoito anos quando meu Charlie morreu em Passchendaele e os planos que tínhamos para nossa vida juntos desapareceram.

— Tão jovem — murmurou Sarah. — Alguns anos mais nova do que eu era quando me casei com Alan.

Ruby assentiu com a cabeça.

— É uma pena que tantos homens tenham perecido na lama e para quê, quando estamos em guerra mais uma vez?

— Continuaremos enviando nossos meninos para a guerra até que este país esteja livre, Ruby — respondeu Betty.

Ruby fungou.

— Bucha de canhão, mas não é isso que importa no momento. Você, mocinha – pois ainda é jovem – não deve ser derrotada por um médico tolo e desajeitado. Acha que tudo está funcionando como deveria?

Sarah sentiu-se corar. Sua avó deveria estar fazendo essas perguntas?

— Nan, honestamente!

Betty olhou Ruby nos olhos e sorriu.

— Tudo está funcionando corretamente, muito obrigado, Ruby.

Ruby se inclinou e deu um tapinha no joelho.

— Guarde minhas palavras, vai ficar bem, mas eu gostaria de poder dizer o mesmo sobre Vera e aquela neta dela.



— É **UMA** casa grande — disse Freda, olhando para a imponente residência vitoriana na frente deles. — Há uma adega também, pelo que parece. Sua família deve estar se saindo bem.

Maisie bufou de tanto rir.

— Sua vaca tola, o lugar parece tão decadente que vai cair assim que Hitler acenar uma pena para ele. Eu pensei que você disse que tinha ficado sóbria depois de comer todas aquelas batatas fritas... — tirou um pedaço de papel do bolso e olhou para as palavras. — Eles têm quartos no andar de cima. Vamos, temos um pouco de escalada para fazer.

Freda deu um soluço. Talvez comer aquelas batatas fritas e uma grande cebola em conserva não fosse uma boa ideia se ela tivesse que subir nas vigas da casa.

— Podemos levar o nosso tempo ou posso ficar doente — disse enquanto Maisie caminhava na frente.

— Eu não vou esperar por você. Tenho um bebê esperando por mim em casa e um marido que ficará chateado se souber o que estou fazendo, então precisamos seguir em frente. Eu não sabia que levaríamos tanto tempo para descobrir onde eles moravam. Aquela mulher em Canning Town Woolies não foi de nenhuma ajuda. Vamos, apresse-se!

Freda fez o possível para acompanhar Maisie enquanto elas subiam as inúmeras escadas até o último andar. Várias vezes as pessoas saíram de suas portas para verificar quem estava lá e voltaram para dentro quando viram as duas meninas. À medida que subiam cada vez mais alto, o tapete da escada ficava mais puído e os corrimãos ainda mais frágeis, devido à idade, e também, sem dúvida, ao bombardeio. O bombardeio constante do East End fez com que o gesso no teto e nas paredes rachasse e caísse. Maisie suspirou para si mesma. Ela meio que esperava ver seus pais vivendo na miséria, mas quando realmente se deparou com isso, estava ficando cada vez mais triste à medida que subia no prédio antigo.

— Acho que é aqui — Freda ofegou quando pararam para respirar na frente de uma porta no topo da escada final.

— Bem, não podemos subir mais. Não há mais escadas — retrucou Maisie. Ela estava começando a temer em que estado os quartos estariam quando passassem pela soleira. Um tanto hesitante, bateu na porta.

Pareceu uma eternidade antes de a porta se abrir e Maisie se deparar com uma mulher que ela não via há anos.

— Olá, mãe, não vai me convidar para entrar?

Freda seguiu Maisie até a sala. Parecia ser confortável o suficiente, embora os poucos carvões que soltavam um pequeno brilho na lareira não fizessem o suficiente para aquecer a sala. As cortinas já estavam fechadas contra o céu noturno iminente, fazendo o lugar parecer sombrio. A mulher que as deixou entrar estava no meio da sala, com as mãos nos quadris. Freda podia ver como Enid reconheceria a semelhança em Maisie, pois além de ser um pouco mais baixa e exibir os estragos do que ela supunha ser uma vida difícil, as mulheres eram incrivelmente parecidas. Queenie tinha cabelos grisalhos enquanto Maisie ostentava seus costumeiros cachos loiros.

— Quem é essa senhora, Nanna? — perguntou uma vozinha do sofá.

— Nós não a conhecemos —, ecoou a voz de outra criança, cujo dono parecia estar debaixo de um cobertor.

Ignorando as crianças, Queenie Dawson apontou para duas cadeiras colocadas ao lado de uma pequena mesa.

— É melhor se sentar lá. Eu não tiraria seu casaco no seu lugar — disse ela a Freda, que começou a desabotoar o sobretudo. — Vai morrer. Recebemos frio de todos os lados estando tão alto.

Maisie ficou no centro da sala olhando em volta.

— Onde está o papai? — perguntou enquanto procurava sinais de seu pai.

Queenie riu amargamente.

— Está um ano atrasada. Se quer vê-lo, é melhor ir ao cemitério de Mile End. Foi o coração — acrescentou ela, observando a expressão chocada de Maisie. — Não tivemos como avisá-la, pois não tínhamos ideia de onde estava, com você não mantendo contato com sua família.

— Escrevi uma carta para seu antigo endereço para que soubesse o que eu estava fazendo, mas nunca respondeu — disse Maisie enquanto se sentava em um assento próximo. — É um pouco chocante saber de repente que seu pai está morto e enterrado.

A expressão da mulher mais velha suavizou por um segundo ou dois.

— O velho idiota sempre teve um fraquinho por você, mesmo quando era criança. Ele perguntou sobre você em seus últimos dias. Nunca uma palavra para mim, oh não, era tudo sobre você, como sempre.

Maisie ficou quieta, ainda tentando assimilar a notícia de que seu pai não estava mais com eles. Sem ser cruel, ela teria preferido que fosse o contrário. Sua mãe nunca tinha gostado dela. Era tudo para sua irmã mais nova, Sheila, e como Maisie foi a causa da morte da criança, o relacionamento delas se tornou insuportável e foi a razão pela qual ela fugiu de casa.

— Sinto muito — foi tudo o que ela conseguiu sussurrar antes de limpar a garganta que doía de tentar não chorar. — Lamento não ter podido vê-lo antes de falecer. Foi rápido?

Queenie olhou para a filha.

— Se você pode dizer que tossir seus pulmões por meses a fio é rápido, então suponho que foi. Mas por que deveria se importar? Nunca deu a mínima para nenhum de nós.

Freda se encolheu. Ela precisava dizer alguma coisa antes que a mulher voasse para Maisie, e as chances eram de que Maisie retaliaria. Ela estendeu sua mão.

— Nós não fomos apresentadas. Sou amiga de Maisie, Freda. Trabalhamos juntas na Erith Woolworths.

A mulher ignorou a mão estendida de Freda, em vez disso rugiu com uma risada áspera.

— Woolworths, você diz? Bem, me corrija. Por todos os seus ares e graças, não foi muito longe no mundo, foi?

Foi a vez de Freda ficar indignada. Ela adorava Maisie e secretamente desejava ser mais parecida com ela.

— Maisie era nossa supervisora — ela respondeu. — Eles a consideravam muito bem na Woolworths.

— Ah, sim? Não trabalha mais lá então? Foi demitida, não é? Descobriram sobre você, descobriram? — Queenie zombou, aproximando-se do rosto da filha até que Maisie se encolheu com as últimas palavras.

Maisie não respondeu, mas Freda percebeu que havia tristeza em seus olhos.

— Maisie vai voltar. Nosso gerente a quer de volta assim que a bebê Ruby tiver idade suficiente para ficar com alguém por algumas horas todos os dias. Não que ela precise, com o marido sendo um homem importante na RAF. — Freda sentiu como se tivesse lutado um round em uma luta de boxe e esperou Queenie dar o próximo soco. Mas então Maisie falou.

— Lamento que papai tenha falecido e que eu não estivesse aqui para confortá-lo. Não posso consertar isso e não posso consertar o que aconteceu com nossa Sheila. Mas tem que se lembrar que eu não era mais do que uma criança na época, também tem que assumir parte da culpa por deixá-la comigo. Nosso Fred nunca pareceu se culpar e ele é dois anos mais velho que eu. Você tornou impossível para mim ficar com todos vocês e essa é a razão pela qual eu fugi, mãe. Qualquer coisa poderia ter acontecido comigo naqueles primeiros anos e, para ser honesta, passei por alguns momentos

terríveis. Então conheci meu Joe e minha vida começou a fazer sentido novamente.

Queenie encarou a filha pelo que pareceu uma vida inteira para Freda enquanto ela observava com a respiração suspensa para ver o que seria dito.

— Então seu marido está na RAF, não é?

— Não, Joe morreu em Dunquerque. Casei de novo e David e eu temos uma vida boa e uma garotinha. — Ela enfiou a mão na bolsa e tirou uma pequena fotografia de Ruby. — Pode ficar com isso — acrescentou ela, estendendo-a para sua mãe. Queenie pegou a fotografia oferecida e olhou de perto, a luz na sala não era tão boa.

— Ela se parece com você naquela idade, pobre coitadinha — disse ela, mas suas palavras não continham malícia.

Maisie riu.

— É bom saber que ela pegou sua aparência de mim e não do meu marido. Não que ele seja feio — acrescentou com orgulho.

Quando a tensão na sala se dissipou, Maisie notou as duas meninas encolhidas debaixo de um cobertor no sofá.

— A quem pertencem? Não cuida crianças por dinheiro, não é? — um leopardo não pode mudar suas manchas, ela pensou consigo mesma. Sua mãe nunca teve tempo para nenhuma criança, preferindo gastar seu tempo e acabar com a bebida local quando não estava no trabalho.

— São do Fred — foi tudo o que ela disse, nem mesmo olhando para as duas crianças.

— Onde ele está? — perguntou Maisie. — Ele também tem uma esposa...?

Quando Queenie não respondeu, pegando um maço de cigarros e acendendo um com as brasas do fogo, sem se dar ao trabalho de oferecer um à filha ou a Freda, Maisie pensou o pior.

— Não, por favor, não diga nosso Fred... nosso Fred também se foi? — ela perguntou, ciente de que as duas garotas estavam ouvindo e poderiam ficar perturbadas.

— Se quer dizer que ele está no exército em algum lugar no norte da África, então sim. Ele nem sabe que fui desembarcada com essas duas pequenas terríveis.

Freda se encolheu. Ela havia se acostumado com a linguagem de Maisie nos últimos anos, mas a escolha de palavras de Queenie, e na frente de duas crianças pequenas, era mais do que colorida. Ela olhou para as duas garotas e sorriu e foi recompensada com dois sorrisos atrevidos de volta. Sem dúvida, elas cresceram em torno de Queenie e sua escolha de frases e não conheciam algo melhor.

— Graças a Deus por isso. Achei que ia dizer que ele tinha morrido. Então, onde está a mãe?

— Mães — corrigiu Queenie à filha. — Nosso Fred tem sido um rapazinho em seu tempo — disse ela quase orgulhosa. — A mais velha perdeu a mãe durante a Blitz e quando Fred se casou com sua esposa, Cynthia, ela assumiu o filho. Então ela teve o seu próprio antes de ir.

— Ir? — perguntou Freda, tão envolvida com essa história fascinante que esqueceu por um momento que Queenie estava conversando com Maisie.

— Sim, ela fugiu. Ela jogou essas duas em cima de mim, e Fred nem sabe que eu as peguei ou que Cynthia fugiu.

— Não escreveu para ele? — perguntou Maisie, sabendo que seu irmão ficaria arrasado por sua esposa tê-lo deixado.

— Não sou de escrever cartas — disse Queenie, indo até um cabide no canto da sala. — Agora, se me dá licença, é hora de eu descer o metrô antes que todos os melhores lugares para dormir tenham sido tomados.

Freda ficou horrorizada.

— Dorme no subsolo? E os trens?

Queenie olhou para Freda como se a visse pela primeira vez.

— Vamos para a estação Bethnal Green, que fica logo abaixo da estrada. Eles não têm nenhum trem passando por lá, pois há muito tempo não tem sido usada. Você deveria vir também se sabe o que é bom para você.

— Mesmo assim — Freda vacilou, pensando em ser encerrada no subsolo enquanto a Luftwaffe fazia seu pior lá em cima. Ela se sentiu muito mal só de pensar em estar em tal situação. — Se estiver tudo bem, prefiro ficar aqui. Ou talvez devêssemos pensar em voltar para casa, Maisie? — disse ela, esperando que a amiga concordasse.

— Podemos ficar mais um pouco. Talvez a gente a acompanhe até a estação de metrô. Devemos conseguir pegar um ônibus que nos leve de volta ao túnel a pé de Woolwich.

Freda assentiu, esperando que as sirenes antiaéreas não tocassem antes que elas estivessem a caminho de casa.

— Vamos, vocês duas, ou eu as deixo para trás — disse Queenie, pegando um pacote de cobertores enrolados na porta junto com uma sacola de compras e saindo antes que as duas garotinhas saíssem de debaixo do cobertor.

— Ei, você não pode sair assim — gritou Maisie, fazendo as duas jovens pararem. — Vamos calçar os sapatos. Tem algum sapato? Que tal suéteres e casacos? — foi recebida por olhares vazios das duas garotas antes que elas saíssem correndo da sala, voltando segundos depois segurando as roupas necessárias e enfiando os pés em sapatos gastos.

— Muito bem — Maisie sorriu. — Agora, abotoem seus casacos e nos mostrem o caminho para o abrigo. Também pode ajudar se vocês nos

disserem seus nomes. Sua avó parece ter esquecido esse pequeno detalhe.

— Eu sou Bessie — a criança mais alta, de cabelos escuros e bonita respondeu com um sorriso tímido. — Eu tenho nove.

— Caramba — sussurrou Maisie para Freda. — Nosso Fred não se preocupou em “apoiá-la”.

— Ela é Claudette — disse Bessie, apontando para a criança gordinha mais nova. — Sua mãe a nomeou em homenagem à atriz. Ela tem seis anos.

A menina mais nova sorriu para Maisie com um sorriso desdentado enquanto tentava fechar o sapato.

— Esse é um nome que vale a pena — disse Maisie, tentando não rir alto. — Venham aqui, garotas. Deixem-me fazer isso para vocês. Acho que estamos prontas para ir. Agora, corram um pouco à frente e vejam se conseguem identificar sua vovó, mas não saiam de vista, certo?

— Certo — as duas cantaram e correram para fora da porta, descendo as escadas assim que a sirene de ataque aéreo começou a soar. Freda e Maisie foram duramente pressionadas para acompanhar as duas crianças enquanto elas corriam o mais rápido que podiam pelos muitos lances de escada.

Na rua elas se juntaram a outros moradores que pareciam estar correndo na mesma direção, segurando uma variedade de pertences. Eles avistaram uma mulher carregando uma gaiola contendo um canário, enquanto outra pessoa colocou um pequeno cachorro dentro de seu casaco com apenas o focinho aparecendo.

— Maldito seja. Mantenha essas crianças sob sua vista, Freda. Vou me culpar se as perder.

Freda saiu para a estrada, apenas evitando um homem em uma bicicleta que a xingou.

— Elas estão logo à frente e parece que a entrada da estação de metrô não está longe. Eu posso ver sua mãe também. Depois de vê-las em segurança, podemos ir? Prefiro não as seguir...

As últimas palavras de Freda foram bloqueadas por um enorme ruído sibilante por perto e, à distância, armas de ataque podiam ser ouvidas atirando no céu noturno.

— É uma bomba — gritou uma mulher, e a multidão avançou, seguida por mais gritos.

— O que está acontecendo? —, gritou Maisie para Freda, que estava um pouco à sua frente e sendo puxada adiante na onda de pessoas.

— Não tenho certeza. Parece que algo aconteceu na multidão — Freda gritou de volta. — Oh meu Deus, há tantas pessoas e parece que estão caindo nos degraus do metrô. As crianças e sua mãe estão em algum lugar no meio deles. Temos que ajudá-las, Maisie, ou eles podem se machucar.



OLHANDO PARA trás, Freda não conseguia entender como escapou com vida. Enquanto tentava alcançar as duas garotas, ela foi gradualmente sugada pela multidão de pessoas que descia os degraus íngremes para a quase escuridão da estação de metrô. Seu pior pesadelo estava se tornando realidade. Ela tentou pedir ajuda a Maisie, mas sua voz se juntou à das pessoas gritando antes de silenciarem. Uma única luz no alto dava um pequeno brilho, que era apenas o suficiente para ver aqueles ao seu redor deslizando por baixo daqueles que lutavam para ficar de pé. Ela sabia que sob seus próprios pés não estavam os degraus, mas certamente as pessoas que haviam caído à sua frente. Ela não tinha descido muito os degraus do subsolo. Se ao menos pudesse segurar alguma coisa, mas não havia nada além de pessoas tentando se salvar.

Bessie e Claudette deviam estar por perto, mas onde estava Queenie? Os pensamentos passaram pela cabeça de Freda enquanto ela tentava ficar de pé. Isso foi pior do que quando um rapaz a jogou no fundo da praia de Erith e ela fez o possível para subir à tona até que Alan e Sarah mergulharam para salvá-la. Ela viu Claudette e estendeu a mão, gritando seu nome. De repente, pareceu a Freda que a criança surgiu dos corpos agitados, seguida por Bessie. Ao pegar os casacos e puxar com toda a força, viu Queenie. Tão rápido quanto viu a mulher, ela desapareceu novamente, mas então Freda também sentiu mãos puxando seu cabelo e casaco enquanto ela era arrancada do mar de pessoas.

— Graças a Deus — Maisie soluçou enquanto todos desabavam na calçada, ajudados por aqueles que estavam no topo da escada. — Achei que todas vocês tivessem sido mortas. Graças a Deus eu estava longe o suficiente para poder ajudar a puxá-la de volta. No entanto, você conseguiu segurar as meninas? — ela perguntou enquanto as abraçava, sentadas na calçada molhada, alheias ao frio e à garoa leve, e ao fato de que para todos os efeitos ainda poderia haver um ataque aéreo, pois a liberação ainda não havia soado.

Freda franziu a testa enquanto pensava muito sobre o que tinha acabado de acontecer.

— Alguém as empurrou para fora da multidão. Se não tivessem feito isso, ambas teriam sido... — ela olhou para as duas garotas que estavam com os olhos arregalados de choque. — Elas estariam gravemente feridas agora.

Maisie tapou os olhos com as costas da mão enluvada, sem se importar com a maquiagem ou com o fato de seus cabelos cuidadosamente presos caírem em mechas úmidas ao redor do rosto. Ela estava ciente de que estavam no caminho enquanto estranhos tentavam ajudar os mais próximos no topo da escada que levava à plataforma da estação de metrô. — Precisamos levar as meninas de volta para casa. Você vai fazer isso enquanto eu procuro mamãe? Vou dar-lhe uma mão também. Eu não posso simplesmente ir embora sem “ajudar”.

Freda assentiu. Ela estava se esforçando para não gritar alto de terror enquanto pensava em estar presa e tão indefesa. Ela rezou para que nunca mais se encontrasse naquela situação. Cuidar de Bessie e Claudette a manteria ocupada, e sua mente fora do horror.

— Vamos, meninas, vamos levá-las para casa e comer, vamos?

— E o ataque aéreo? — perguntou Bessie. — A vovó disse que nunca devemos sair até que tudo esteja claro e que devemos ir para um abrigo.

— Estou com fome — acrescentou Claudette, olhando tristemente para Maisie. — E eu perdi meus sapatos.

Maisie olhou ao redor. A criança estava certa. Seria imprudente levá-los de volta para sua casa no último andar da velha construção. Seriam alvos fáceis para a Luftwaffe.

— Olha, tem uma placa de abrigo ali perto do pub — disse ela a Freda. — Leve as garotas até lá e eu te encontrarei quando terminar aqui. Vou levar mamãe comigo.

Claudette começou a uivar.

— Estou com fome.

Freda ajudou as duas a ficarem de pé antes de pegar a Claudette descalça.

— Vamos lá e acho que vamos encontrar algo para comer, não é? — ela olhou de volta para Maisie, que estava olhando para a entrada da estação de metrô. — Maisie, foi sua mãe quem ajudou as meninas — disse ela em um sussurro. — Não tenho certeza...

Maisie assentiu com a cabeça, mas não disse nada por alguns segundos. Ela estendeu sua bolsa para Freda.

— Segure isso para mim. Te vejo mais tarde.

Freda seguiu um fluxo constante de pessoas que se dirigiam para o abrigo. Ela passou pelo bar Salmon and Ball, onde ainda esta tarde ela estava bebendo aquele xerez horrível — parecia uma eternidade — e passou sob os arcos sob a linha férrea aérea. Era como um outro mundo, pois havia mãos dispostas a encontrar um lugar para elas e logo estavam bebendo chocolate quente e ofereceram sanduíches do tamanho da porta que pacificaram a jovem Claudette, que ainda alegava estar com fome e agora

estava alheia ao fato de não estar usando sapatos. Felizmente, uma senhora gentil da WVS, que procurou entre uma pilha de roupas e encontrou um par de segunda mão que se encaixava perfeitamente na criança, logo corrigiu isso. Aconchegadas em cobertores do exército, as meninas estavam muito felizes e não pareciam nem um pouco piores para o que poderia ter sido o fim de suas jovens vidas. Dentro do abrigo, as pessoas tentavam manter o ânimo para as crianças enquanto o tempo todo os olhos se voltavam para a saída com pensamentos do que estava acontecendo lá fora. Ocasionalmente, as pessoas entravam e havia sussurros amontoados, mas tudo em todos os espíritos era bom e os jovens eram mantidos inconscientes da situação horrível do outro lado da rua.

Verificando seu relógio de pulso, Freda pôde ver que fazia mais de duas horas desde que ela deixou Maisie e estava ficando preocupada com a amiga. Não tinha dúvidas de que Queenie Dawson havia morrido no mar de corpos e seu último ato impensado tinha sido por suas duas netas. Freda pensou em como Maisie lidou com a perda de seu primeiro marido, Joe, e sabia que sua amiga não deveria estar sozinha. Ela teve uma conversa rápida com uma mulher sentada perto que estaria mais do que feliz em ficar de olho nas duas crianças, antes de abotoar o casaco e sair para o ar da noite. Saindo do abrigo, ela primeiro viu uma cabine telefônica e checkou sua bolsa em busca de moedas antes de olhar mais adiante na estrada. Freda não estava preparada para o que viu. No brilho fraco de uma miríade de tochas havia uma cena da qual ela se lembraria até o dia de sua morte.

— Por favor, amor, você pode me dar um par de moedas de cobre? Preciso avisar papai que perdemos mamãe. Ele ainda está trabalhando nas docas.

Freda virou-se e viu um jovem com o rosto coberto de lágrimas. Ela era a próxima na fila para usar o telefone público e não queria perder a

chance de entrar em contato com alguém em Erith que pudesse ajudá-las e também dizer que estavam seguras. Ela ainda não tinha certeza do que tinha acontecido. Foi uma bomba? Abrindo a bolsa, ela tirou duas moedas e as entregou.

— Isso me deixa com duas e isso é o suficiente para o meu telefonema. Olha, por que você não vai na minha frente? Sua necessidade é maior que a minha.

O jovem sorriu fracamente e pegou o dinheiro oferecido.

— Você é um diamante, saúde. Ele precisa estar aqui para vê-la antes que levem os corpos ou não vai acreditar em mim quando eu contar o que aconteceu. Isso vai matá-lo, mas ele precisa saber.

Freda seguiu seu olhar enquanto ele olhava para a estrada para onde fileiras e mais fileiras de cobertores cobriam os corpos das pessoas que haviam sido puxadas da escada. Ao lado de alguns corpos estavam amigos e familiares perturbados, enquanto outros jaziam em silêncio e sozinhos. Ela não conseguia ver nenhum sinal de Maisie. Uma vez que ela fizesse o telefonema, teria que ir procurá-la, não que Freda gostasse da ideia de andar entre tantos corpos. Devia haver dezenas deles. Uma sensação de dormência tomou conta dela enquanto esperava. O jovem estava falando animadamente, embora ela não pudesse ouvir o que ele tinha a dizer. Ela o viu inserir a segunda moeda e continuar a falar antes de esperar e passar a mão livre pelo rosto em desespero. Sem pensar duas vezes, ela bateu em um painel de vidro na porta, e ele a abriu.

— Você pode precisar disso — disse ela, entregando outro centavo. Um seria o suficiente para chegar em casa. Ela achou melhor entrar em contato com a delegacia de Erith. Se Mike não estivesse de plantão, eles poderiam passar uma mensagem para ele para que Ruby e David soubessem onde estavam. Eles estariam fora de si de preocupação agora.

— Deus te abençoe — ele murmurou antes que a porta pesada se fechasse e continuou sua conversa.

Freda virou as costas para a cena horrível e enfrentou uma parede de tijolos enquanto pensava no que deveriam fazer a seguir. Os moradores pareciam relutantes em voltar para casa sem saber o que fazer com a família e os amigos que sofriam. A curto prazo, Bessie e Claudette precisavam ser cuidadas e colocadas na cama, mas e quando acordassem e soubessem que sua avó havia morrido? Como reagiriam e quem cuidaria delas?

Ela acenou para o jovem quando ele deixou a cabine telefônica e parou para lhe agradecer, antes de ela mesma entrar na caixa abafada e pegar o número que precisava para ligar para a delegacia de Erith. Depois de dar seu número para a telefonista, ela colocou sua moeda no slot e ficou aliviada ao encontrar Mike em seu local de trabalho. Ela conseguiu explicar o mais rápido possível onde estavam e a situação em que se encontravam antes que seu dinheiro acabasse.



RUBY PULOU com um sobressalto ao ouvir alguém martelando sua porta da frente. Ela empurrou o carrinho da bebê para a sala da frente, onde estava quente e as duas cochilaram nas últimas duas horas enquanto esperavam Maisie e Freda voltarem para casa. Ela não ouviu uma palavra de Vera desde que a colocaram na cama com uma xícara de chocolate fortemente misturado com rum. Betty e Sarah tinham ajudado a esvaziar a banheira de estanho e a arrumar a sala antes de irem para casa com suas famílias. Olhando para o relógio que Eddie havia recebido em sua aposentadoria, que agora ocupava um lugar de destaque na lareira, ela ficou surpresa ao ver que era quase meia-noite. O que tinha acontecido com

aquelas duas garotas e quem diabos era aquele que estava batendo na porta dela àquela hora da noite? O barulho foi o suficiente para acordar a rua inteira.

Tentando esticar os membros rígidos enquanto se dirigia para a porta, Ruby gritou:

— Espere um minuto, estou indo o mais rápido que posso.

Ela desligou a luz do corredor e puxou a pesada cortina blackout antes de girar uma fechadura rígida e abrir a porta. Ela podia ver o contorno de um homem de uniforme e automaticamente reconheceu o marido de Maisie, David.

— Olá, David, Maisie mandou você buscar a jovem Ruby? Fique dentro de casa para que eu possa acender a luz.

— Quer dizer que ela não está aqui? — David disse em uma voz nada feliz.

— Você não a viu? — Ruby respondeu enquanto o conduzia para a sala da frente, onde sua filha estava começando a chorar. — Ela tem sido tão boa quanto ouro — disse ela, levantando a criança do carrinho e entregando-a a David.

David sorriu para a filha e a embalou em seus braços antes de se sentar enquanto Ruby o informava sobre onde Maisie estava.

— Eu disse a ela para não sair em seus esquemas malucos para encontrar sua família, mas ela ouviria? Pelo menos ela ouviu o suficiente para não levar nossa filha com ela. Deus sabe por que ela ainda não está em casa. Não gosto dela andando sabe Deus por onde tão tarde da noite, e sozinha também — disse ele, parecendo mais preocupado agora que seu aborrecimento havia diminuído.

— Freda está com ela e não é de fazer nada precipitado. Se Maisie encontrou seus pais, eles provavelmente esqueceram o tempo, por causa das

notícias e tudo mais. Vou pegar uma xícara e depois trocar a fralda da pequena antes que vá para casa.

Assim que Ruby se levantou, ouviu mais batidas na porta da frente.

— Provavelmente são elas agora, mas Deus sabe por que Freda não pode usar sua chave — ela murmurou.

David observou a porta do quarto da frente se abrir, esperando ver uma Maisie arrependida. Em vez disso, entrou um Mike Jackson sem fôlego.

— É um pouco tarde para vir cortejar, não é? — David sorriu antes de ver o olhar confuso no rosto do sargento de polícia.

— Gwyneth e Myfi estão no País de Gales visitando a família dela. Papai as presenteou com passagens. Não, é você e Ruby que vim ver.

— Oh céus... — Ruby disse, segurando o braço dele. — São Maisie e Freda?

Mike acenou com a cabeça e a levou para um assento.

— Ambas estão bem, mas foram pegas em alguma coisa — disse ele, olhando ao redor.

Ruby franziu a testa.

— Você está seguro na minha casa, Mike. Minhas paredes não têm ouvidos, então cuspa seja lá o que veio nos contar. Não enrole.

Todos pularam quando a porta se abriu, e Vera chegou bocejando.

— Como uma mulher pode ter uma boa noite de sono por aqui com tanto barulho? O que eu perdi? — ela disse, olhando intrigada do oficial da RAF para o sargento da polícia.

— Sentindo-se um pouco melhor, Vera? — perguntou Ruby, imaginando como o que quer que Mike estava prestes a dizer a eles poderia ser mantido em silêncio com a maior fofqueira de Erith agora na sala da frente. — Sente-se aqui, podemos precisar do seu conselho. Então, você pode me ajudar a fazer uma xícara de chá para todos. — Ela piscou para

Mike, que acenou de volta. O que melhor para impedir Vera de fofocar do que fazê-la sentir que tinha um papel a desempenhar?

Mike explicou que estava de plantão na delegacia de polícia perto do rio quando o telefonema de Freda chegou.

— Ela queria que todos soubessem que as duas estão bem, mas algo aconteceu na estação de metrô Bethnal Green. Suas moedas acabaram e eu não consegui ligar de volta.

David colocou o bebê agora adormecido de volta em seu carrinho.

— Acha que foi um ataque aéreo, Mike?

Mike parecia desconfortável.

— Fiz algumas perguntas antes de sair e o que quer que tenha acontecido é segredo. Isso nunca aconteceu — disse ele, olhando fixamente para Vera.

— Não seja tolo. Se algo aconteceu, aconteceu. Por que está falando assim, Mike Jackson? Esteve no Prince of Wales tomando uma a mais? — ela olhou de volta.

— O que estou tentando lhe dizer é que o que quer que tenha acontecido em Bethnal Green não deve ser falado. Não faria nenhum bem ao moral e Hitler poderia pular nas notícias e fazer muito disso em detrimento desta guerra. Entende, Vera?

Vera bufou e continuou a encarar o policial.

— Posso guardar um segredo tanto quanto qualquer outra pessoa. O seu segredo está seguro comigo — acrescentou ela, afetada.

Ruby ignorou os comentários de Vera.

— Conte-nos o que aconteceu, Mike. Estou preocupada com as meninas.

— Não sei mais do que já disse, mas posso dizer que Freda e Maisie estão bem. Liguei para a delegacia local, mas ninguém atendeu. Eu queria

saber se você poderia mexer alguns pauzinhos? — disse Mike, olhando para David.

— Eu estava pensando exatamente a mesma coisa. A cabine telefônica na esquina está funcionando?

— Estava de manhã. Avistei alguém usando quando passei — disse Ruby.

David verificou se tinha moedas suficientes para o telefone e foi até a porta.

— Não vou demorar. Por que não faz uma xícara de chá para todos nós, Vera? Eu sei que gostaria de uma e, sem dúvida, Mike também.

Vera sorriu para os dois homens.

— Gostaria de comer alguma coisa?

— O chá é o suficiente, obrigado — disse David, dando uma piscadela astuta para Ruby. — Não queremos comer tudo da Ruby. Você vem, Mike?

— Deixe o chá por enquanto, Vera, e sente-se novamente. Eles ficarão fora por pouco tempo fazendo suas perguntas. Quero ter outra palavra agora que está mais parecida com o seu antigo eu — disse Ruby enquanto os dois homens fechavam a porta da frente atrás deles.

Vera franziu a testa, mas fez o que lhe foi dito.

— Ainda não estou bem — disse ela, tentando fazer a voz tremer, mas não conseguindo.

— Pode ser, mas há algo me intrigando sobre sua neta.

— O que quer dizer? Eu lavei minhas mãos com relação a ela. Não tenho mais neta.

— Agora, não seja idiota, Vera. Não pode ignorar a garota por causa do que ela fez. Ora, se eu tivesse feito isso, não teria mais família.

Os olhos de Vera se arregalaram de interesse.

— O que fez até então?

Ruby poderia tê-la chutado por dizer uma coisa tão boba.

— Isso não é da sua conta. O que estou tentando dizer é que Sadie é sua própria carne e sangue. Ela é tudo o que resta dos seus, e aposto que, seja um menino ou uma menina que Sadie dará à luz, há uma grande chance de que se pareça com seu Don, de uma forma ou de outra. Seria como dar as costas ao seu próprio marido. Fora isso, esse garoto vai ter um pouco de sangue chique correndo nas veias, por ter um homem tão importante como pai. — Ruby não fazia ideia de quem era o pai do bebê, mas achava que se ela apelasse para o esnobismo que estava logo abaixo da superfície da pele de Vera, poderia fazê-la pensar.

Vera deu a Ruby um olhar que significava que ela estava pensando no que a amiga acabara de dizer.

— Tem razão. Nunca se sabe, o pai do bebê pode acabar reconhecendo a criança e então nos tornamos parentes.

Ruby teria dado um tapinha nas costas se pudesse alcançá-la. Depois de todos esses anos, ela podia ler Vera como um livro.

— Não estou dizendo que isso resolveria sua situação financeira no momento, mas se pudesse fazer as pazes com sua Sadie, então poderiam enfrentar o resto do mundo juntas...

— Tem razão. — Vera começou a sorrir. — Nós sempre poderíamos dizer aos vizinhos intrometidos que o pai abastado da criança trabalha em negócios oficiais de guerra e é por isso que ela voltou para casa para morar com a avó.

Ruby sentiu seu rosto começar a se contorcer enquanto tentava não rir alto.

— Depende de você o que você quer dizer às pessoas.

— Não vai contar a todos sobre o meu negócio, vai? Sabe que não suporto fofocas — retrucou Vera.

Ruby deveria ter se sentido irritada com as palavras de Vera, mas estava aliviada demais ao ver sua velha amiga voltando ao seu estado normal.

— Seu segredo está seguro comigo, mas precisa contar a ela sobre seus planos. Onde ela está vivendo? Posso acompanhá-la para vê-la, se quiser, se achar que isso ajudaria.

O rosto de Vera caiu.

— Tudo o que ela disse foi que fica em algum lugar na West Street, perto do The Ship, temporário, e ela estava planejando ir morar com uma amiga assim que tivesse algum dinheiro. Realmente vai me ajudar a encontrá-la?

Ruby suspirou. Para que ela se meteu lá? Aquela parte da cidade não era muito agradável e nenhuma mulher que se preze passaria pela rua à luz do dia, muito menos durante o blackout. Por que a neta de Vera estava morando lá embaixo?

— Claro que eu vou. Agora, coloque a chaleira no fogo antes que David e Mike voltem. Quero ouvir o que eles têm a dizer e não podemos fazer isso enquanto estamos mexendo em xícaras e pires.



VOLTANDO PELA estrada em busca de Maisie, Freda fez o possível para não olhar para os corpos alinhados ao longo da calçada, nem para contá-los. Mesmo assim, ela podia dizer pelo tamanho das formas sob as cobertas ásperas que eram crianças, assim como adultos, que haviam morrido. Na pressa de chegar aos que ainda poderiam estar vivos, alguns não foram muito bem cobertos e a visão de membros salientes a angustiava muito. Virando a esquina da estrada, ela viu Maisie ajoelhada ao lado do corpo

parcialmente coberto de Queenie Dawson. Ela estava segurando a mão de sua mãe e tinha a fotografia de sua filha Ruby na outra. Aproximando-se baixinho, para não incomodar a amiga, Freda pôde ouvir o que Maisie dizia.

— Vou colocar isso no seu bolso, mãe, para você levar. Sei que teria adorado nossa Ruby. Ela já mostra sinais de ser uma Dawson adequada com seu sorriso atrevido e voz alta. Você a teria adorado, mas não vou deixá-la esquecer que tinha uma avó e um avô que moravam no East End. Eu prometo.

Freda se ajoelhou ao lado de sua amiga e colocou o braço em volta dela. Maisie parecia não saber que Freda se juntara a elas.

— Estou tão feliz por ter te visto, mãe. Prometo que cuidarei de Bessie e Claudette até que nosso Fred volte. Dê um grande beijo no papai por mim, certo? — ela acrescentou quando sua voz começou a falhar.

— Maisie — Freda disse gentilmente —, Maisie, acho que é hora de levarmos as meninas para casa e colocá-las na cama. Sua mãe não gostaria que elas saíssem a essa hora da noite, não é?

Maisie riu baixinho.

— Você ouviu isso, mãe? Freda não sabe como você e papai nos deixariam vagando pelas ruas enquanto estava bebendo até altas horas. No final, acabamos bem, não é? Poderíamos ter feito todo tipo de coisa, e muitas vezes, fizemos. Lembra-se quando os policiais nos trouxeram depois que nosso Fred chutou uma bola pela janela da cooperativa? Papai não o poupou. Ele não pôde se sentar por uma semana.

— Maisie...

— Dê-me meio minuto e estarei com você. Só quero me despedir — respondeu ela, ainda sem tirar os olhos de Queenie. — Deixe-me alisar um pouco o seu cabelo, mãe — disse Maisie enquanto acariciava suavemente alguns fios de cabelo soltos do rosto de Queenie. — Pronto, está melhor,

não é? — ela se inclinou e beijou a bochecha da mãe. — Está com papai e nossa Sheila agora. Dê a eles meu amor — ela sussurrou enquanto se levantava.

— Nós vamos cuidar bem dela — disse uma voz logo atrás, fazendo as duas garotas pularem. Um policial e um diretor da ARP estavam por perto quando um caminhão coberto parou na beira da calçada. Freda podia ver que eles queriam colocar o corpo de Queenie dentro com muitos outros. — Sabe o nome e o endereço dela? — perguntou o policial. — Precisamos disso para nossos registros. Conhece mais alguém que possa ter descido as escadas para o metrô? Isso pode nos ajudar a identificar alguns desses pobres coitados.

— Desculpe, é a primeira vez que venho aqui — explicou Maisie ao dar seus detalhes, junto com os de Queenie. — Vou levar minhas sobrinhas, Bessie e Claudette, para morar comigo até que possamos falar com meu irmão, Fred. Mamãe disse que ele estava no norte da África com o exército, mas não sei mais do que isso. Ele vai precisar saber sobre isso e onde pode pegar suas crianças. O senhor pode encontrá-lo?

— Não sei, senhorita, mas anoto tudo e passo para as autoridades. Faremos tudo o que pudermos para ajudá-la.

Maisie agradeceu aos homens antes de dar as costas ao que eles estavam prestes a fazer e começar a se afastar.

Freda parou para falar com o policial.

— O senhor vai verificar se ela está... se ela está morta, não vai? — o diretor da ARP assentiu sombriamente antes de o policial responder.

Freda correu para alcançar sua amiga.

— Deixei as crianças sob os arcos do pub. Alguém está de olho nelas. Elas não parecem piores pelo que lhes aconteceu — explicou ela, esperando

que isso desse a Maisie algum tipo de paz de espírito. — Também deixei Mike Jackson saber onde estamos para que ele pudesse contar ao seu David.

Maisie assentiu, enquanto caminhava rapidamente pela estrada olhando para frente e sem olhar para Freda, que estava fazendo o possível para acompanhar os passos largos de Maisie.

— É quando os pesadelos começam que me preocupa.

Freda não tinha certeza se ela se referia aos seus próprios ou aos das crianças.



MAIO DE 1943

IRENE CASELTON exalou lentamente a fumaça do cigarro antes de se dirigir à filha, Sarah, sentadas no jardim do confortável bangalô de Irene em Crayford.

— Não faço ideia de como Maisie consegue lidar com três filhos para cuidar. No entanto, ela vai fazer o vestido de casamento de Gwyneth, quanto mais terminar todas as ordens de confecção que recebeu?

Sarah, que estava ocupada garantindo que sua filha, Georgina, não colhesse as rosas premiadas de Irene, silenciosamente fumegava.

— Você já pensou em tentar costurar, mãe? Isso aliviaria um pouco a pressão de Maisie? Você tende a carregá-la com seus consertos e coisas do tipo.

— Querida, sabe que eu não tenho a menor ideia sobre essas coisas.

Sarah enfiou a filha queixosa debaixo do braço e voltou a sentar-se no banco do jardim, protegida do sol de maio.

— A mãe de Alan disse que vocês sempre costumavam fazer suas próprias roupas quando começaram a trabalhar juntas. Ela disse que você era um gênio na Singer e podia fazer uma roupa em um piscar de olhos.

Irene deu uma risadinha.

— Isso foi há uma vida. Estou surpresa de que ela possa se lembrar dessas coisas. Não tenho certeza se seu pai gostaria de me ver como uma dona de casa fazendo suas próprias roupas e cerzindo suas meias. Ele está indo bem em seu trabalho e precisa de uma esposa que possa estar ao seu

lado, não cheia de alfinetes e agulhas e cheirando a óleo de máquina de costura quando ele volta para casa todos os dias.

— Mãe, papai é apenas um homem da classe trabalhadora que tem um emprego importante, assim como muitas outras pessoas na guerra. Ora, o David de Maisie tem um trabalho extremamente importante na RAF, mesmo que não saibamos o que é, e Maisie tem três filhos para cuidar, ela faz seu trabalho de guerra e se dá muito bem com seu negócio de costura. Você faz muito pouco pelos padrões dela. Estou surpresa que não tenha sido convocada para o trabalho de guerra, considerando que ainda é jovem o suficiente.

Irene se encolheu. As palavras de sua filha atingiram a casa e mais do que amassaram a armadura que ela usava enquanto tentava se livrar das raízes humildes de sua infância.

— Acontece que recebi uma carta. É por isso que eu a convidei para uma visita hoje para que eu pudesse pedir seu conselho. — Ela apagou o cigarro em um cinzeiro de vidro ornamentado e mergulhou em uma bolsa de couro marrom ao seu lado antes de empurrar a carta para a filha.

Sarah colocou Georgina no chão entre suas bonecas e tirou a carta de seu envelope de aparência oficial. Depois de ler cuidadosamente os três parágrafos, ela o devolveu a Irene.

— Pretende comparecer à consulta na bolsa de trabalho? Parece que você convenientemente perdeu dois outros. Mãe, sabe que pode se meter em sérios problemas com as autoridades se não fizer sua parte no esforço de guerra?

Irene agitou a mão no ar, dispensando o comentário da filha.

— Ainda estou ajudando com o WVS e não fui eu quem sugeriu o jantar de dança de arrecadação de fundos no clube de golfe.

Sarah ficou surpresa com a atitude de sua mãe.

— E sem dúvida, quando Hitler e suas tropas vierem marchando por Kent, você organizará um jantar dançante para recebê-lo!

— Honestamente, Sarah, não há necessidade de falar assim comigo.

— Mãe, as pessoas estão começando a falar a seu respeito. Até Nan faz mais e veja quantos anos ela tem. Deveria ter vergonha de si mesma. Na verdade, não quero ter nada a ver com você até que se mova e faça algo para nos ajudar a vencer esta guerra. Ora, meu Alan sabe Deus onde com a RAF enquanto está envergonhando nossa família. Não vamos ficar para o chá, se não se importa, e até que caia em si, pode esquecer de cuidar de Georgina.

— Mas querida... — gritou Irene enquanto Sarah colocava uma Georgina protestante em seu carrinho antes de sair pelo portão lateral.

Irene não tentou correr atrás da filha. Não faria diferença e ela sabia que no fundo concordava com Sarah. Ela não estava puxando seu peso nesta guerra. Se ao menos ela pudesse voltar àqueles dias em que conheceu George e foi tão amiga de Maureen Gilbert. O que aconteceu para que ela mudasse tanto? Tudo o que ela fez desde o casamento só foi ajudar na carreira de George. Ela se educou nos costumes das outras esposas e fez o possível para se misturar apenas com as pessoas importantes em Vickers. Se ela se encaixava, George também se encaixava, embora ele só se importasse com seu trabalho e não gostasse de interação social. Ela tinha feito tudo para o melhor e agora aquilo tinha explodido de volta em seu rosto. Que tola ela tinha sido, e agora poderia perder a amizade de sua filha e talvez nunca mais poder cuidar de sua adorável neta. Com o tempo pesado em suas mãos, ela ansiava por quando tivesse a menina sozinha e pudesse ler seus contos de fadas e ensinar suas canções de ninar. A criança era como uma esponja, absorvendo informações, e ela demonstrou um grande interesse pelo jardim, que era o orgulho e a alegria de Irene. Ora, ela até

criou um pequeno espaço onde a criança poderia cavar e plantar alguns bulbos. Ela estava planejando mostrar-lhe como cultivar vegetais este ano. Passar um tempo com Georgina fez Irene perceber que ela era uma mulher muito solitária. Ela havia feito algumas amizades no clube de golfe da estrada, mas com George trabalhando tantas horas na fábrica, eles nunca conseguiam comparecer a eventos com muita frequência – não que seu marido gostasse dessas coisas. Sua sogra estava tão ocupada com o trabalho de guerra quanto sua filha e todos os seus jovens amigos. Irene sabia que foi sua indiferença e sua ambição de ser melhor do que aqueles com quem cresceu que a levaram a estar nessa situação.

Ela pegou a carta e a leu cuidadosamente, palavra por palavra. Era hora de parar com esse ato bobo e puxar seu peso. Ela podia não ter outra chance de consertar as coisas. Voltando para a casa, ela olhou para a hora.

Em breve chegaria um ônibus que a levaria a Erith. Ela sabia que havia uma pessoa que poderia aconselhá-la, mas precisaria se apressar.



BETTY BOCEJOU. Tinha sido um longo dia e ainda faltavam três horas antes que ela pudesse trancar as portas da loja de Erith e ir para casa. Seu próximo trabalho, depois de uma exaustiva reunião com os supervisores da loja, era andar pela loja e ver que tudo estava funcionando como deveria. Isso era algo que ela fazia pelo menos uma vez por dia e lhe dava a chance de conversar com todos os funcionários e também com os clientes que paravam para fazer perguntas sobre suprimentos. Foi assim que ela descobriu as necessidades daqueles que gastavam seu dinheiro suado em Woolworths – o povo de Erith logo reclamaria se as coisas não fossem do seu agrado.

Betty se perguntou se as mudanças que ela estava prestes a implementar, movendo o estoque para outros balcões e reduzindo as seções onde os itens eram pouco procurados, seriam aprovadas. Vários de seus supervisores não ficaram muito felizes e isso levou a uma reunião bastante acalorada. Ela esperava que não estivesse prestes a cometer um erro. A última coisa que queria era uma vida de trabalho estressante. Ela sorriu para si mesma ao pensar em seu marido, Douglas. Calmo e confiável, ele apoiou a necessidade de sua esposa de trabalhar e, desde o casamento, no Natal, fez o possível para facilitar ao máximo sua mudança de circunstâncias. De solteirona por toda a vida, ela de repente não era apenas esposa, mas também madrastra de duas meninas que adoravam a memória de sua mãe. A criança mais nova, Dorothy, era uma delícia e Betty simplesmente a adorava. No entanto, a menina mais velha, Clemmie, não tinha apenas o nome de sua falecida mãe, mas era a cara do retrato que estava pendurado sobre a lareira na casa de Douglas. Felizmente para Betty, que sentia que os olhos de sua falecida esposa a estavam perfurando o tempo todo, ela conseguiu mover isso para o quarto das meninas. Entrar na casa de outra pessoa e também ser uma recém-chegada à família foi difícil para Betty. Para Clemmie, que nunca se sentiu confortável com a nova esposa de seu pai, era uma desculpa para ficar de mau humor e ser o mais obstrutiva possível. Quando sua vida seria pacífica e calma? O tônico que seu médico lhe dera quando ela estupidamente pensou que estava esperando um filho de Douglas tinha feito o truque e ela estava mais como ela mesma, embora com um novo conjunto de preocupações. Ela parecia não fazer nada além de se preocupar ultimamente, quando no passado qualquer problema a teria inundado como água nas costas de um pato. Obviamente outro sinal da minha velhice iminente, ela pensou, rindo para si mesma enquanto fechava

a porta do escritório e descia as escadas para a loja para começar sua inspeção diária.

— Olá, Betty.

Betty se virou com um salto assustado. Era incomum que os clientes a chamassem pelo nome de batismo. Ela sorriu ao ver quem era.

— Ora, olá, Irene, faz um tempo que não a vejo na loja. Se está procurando por Sarah, ela não está trabalhando hoje. — Ela ficou surpresa com o olhar desamparado que cruzou o rosto da mulher.

— Não, gostaria de saber se me permitiria ter uma palavrinha com Maureen Gilbert? Eu não vou impedi-la de seu trabalho. Se for um problema, posso pegá-la quando terminar.

Betty percebeu que Irene Caselton estava preocupada. Ela esperava que não tivesse nada a ver com Sarah ou Alan ou, Deus me livre, a jovem Georgina. Olhando para o grande relógio na parede da loja, ela sorriu gentilmente para a mulher.

— Não vejo por que não. As pausas para o chá da tarde terminaram. Maureen vai limpar a cantina. Se você tiver sorte, o bule ainda pode estar quente e, sem dúvida, Maureen poderá lhe oferecer um biscoito. Eu não tenho ideia de como ela faz isso, mas ela sempre parece ter um bolo ou biscoito escondidos em algum lugar. Vá para cima. Conhece o caminho.

Irene deu-lhe um sorriso aguado antes de agradecer educadamente a Betty e dirigir-se às escadas para a área dos funcionários.

Betty a viu desaparecer pela porta antes de continuar com seus deveres. Havia algo de errado com Irene Caselton. Ela não parecia seu eu habitual em tudo.



MAUREEN GILBERT terminou de limpar a última mesa da cantina dos funcionários da Woolworths e deu um passo para trás para admirar seu trabalho. O linóleo no chão também tinha passado por uma boa limpeza com um esfregão e água quente com sabão e, embora bastante surrado, Maureen sabia que estava limpo o suficiente para comer seu jantar. Ela se orgulhava da cantina, não apenas pela limpeza, mas também por poder fornecer uma refeição quente para todos os funcionários. Ela sabia que alguns dos trabalhadores estavam achando difícil sobreviver e ficariam sem por causa de seus filhos. Então, ela ficava de olho em todos eles e sempre tinha algo para levarem para casa na forma de sobras, além de garantir que houvesse uma boa refeição dentro deles para mantê-los vivos pelo resto do dia. Ela olhou para a torneira na porta e ficou surpresa ao ver Irene parada ali.

— Desculpe me intrometer — disse Irene, pisando com cuidado nas páginas do jornal que Maureen havia colocado no chão molhado como caminho da porta até o balcão. Sempre havia um cliente atrasado, e ela não queria sapatos enlameados do pessoal do armazém bagunçando seu chão limpo. Aqueles homens poderiam fazer uma bagunça parados em seus pés com meias.

— O que te traz aqui? — disse Maureen. Uma cantina de funcionários geralmente não era um lugar frequentado por Irene Caselton. — Não há algo errado, há? — ela perguntou, colocando a mão no peito onde seu coração de repente começou a bater mais rapidamente.

— Não, por favor, não se preocupe, Maureen. As crianças estão bem e nenhuma notícia é boa o bastante, como dizem, no que diz respeito a Alan. Era com você que eu queria conversar. Isso se eu puder interromper seu trabalho duro por alguns minutos

Maureen franziu a testa. Irene poderia muito bem dizer que ela só queria uma conversa, mas era inédito para ela se aproximar de qualquer um deles para uma simples conversa.

— Sente-se. Estou quase terminando aqui e pronta para uma xícara de chá. Quer um biscoito? Eu assei um pouco mais cedo e ainda há alguns na lata.

— Chá seria bom, mas, por favor, guarde seus biscoitos para a equipe. Eles trabalham duro, então devem ter as guloseimas. Eu só preciso pedir seu conselho... e para lhe dar um pedido de desculpas.

Maureen ergueu as sobrancelhas, surpresa, enquanto se arrastava pelas folhas de jornal em direção ao balcão onde guardava o grande bule marrom. Irene se desculpando? Esta era uma reviravolta digna dos livros. Pelo que Irene desejava se desculpar? Até onde ela sabia, não tiveram atritos ou brigaram. Na verdade, tinham pouco a ver uma com a outra nos dias de hoje. Se não fosse por seu filho, Alan, ser casado com a filha de Irene, Sarah, e as mulheres que compartilham uma neta jovem, não teriam nada em comum.

Maureen levou duas xícaras de chá quente para a mesa e sentou-se diante de Irene.

— Alguma coisa está te incomodando, Irene? — perguntou, concentrando-se em mexer o chá e tentando não fazer contato visual.

— Fui uma completa idiota por muitos anos e vim aqui não apenas para me desculpar por ter me tornado tão esnobe, mas também para pedir conselhos. Costumávamos ser tão boas amigas antes de conhecer e casar com nossos maridos. Demorou para minha filha me mostrar que preciso mudar ou posso perder tudo o que me é caro.

Maureen não podia acreditar em seus ouvidos. O que fez Irene confessar tal coisa?

— Espero que Sarah não a tenha chateado — ela finalmente comentou, depois de se esforçar para pensar na coisa certa a dizer.

— Não, ela é uma boa garota. Eu não mereço uma filha assim. Ela me trouxe aos meus sentidos. Deus sabe por que George me atura por tanto tempo...

— George é um bom homem e você está se rebaixando, Irene. Fez um bom lar para ele e lhe deu uma filha adorável. Qualquer homem ficaria orgulhoso de tê-la como esposa.

— Só se eles estivessem querendo subir na escala social — eu sou uma daquelas mulheres que empurram seus maridos — disse ela, cheirando um delicado lenço de algodão. — Você sabe que não tenho amigos de verdade. Oh, eu posso participar de comitês e organizar reuniões sociais, mas não tenho ninguém em quem possa confiar ou simplesmente ter uma boa conversa.

Maureen sentiu seu coração se partir ao ver sua velha amiga reaparecer por trás das roupas elegantes e da maquiagem perfeita. Ela recolocou a xícara no pires e estendeu a mão para segurar a de Irene.

— Ainda sou sua amiga, Irene. Acabamos por trilhar caminhos separados por alguns anos. Eu sempre estarei aqui para você... contanto que não espere que eu nos juntemos para um jogo de golfe — acrescentou ela com um sorriso atrevido.

Irene teve a graça de rir.

— Sempre foi um tônico, Maureen. Sempre pode melhorar meu humor.

— Agora, como amiga, qual era o conselho que queria pedir?

— Quero fazer um trabalho de guerra — explicou Irene, pegando a bolsa para encontrar a carta que mostrara mais cedo à sua filha.

— Achei que ajudava a administrar a WVS? — perguntou Maureen, lembrando-se de que os esforços anteriores de Irene para organizar as

mulheres de Erith não haviam saído conforme o planejado.

— Não, quero dizer um trabalho decente. Algo para ajudar a acabar com a guerra.

— O que quer dizer?

Irene deslizou a carta sobre a mesa e não falou até que Maureen leu as palavras digitadas na página.

— Estive pensando enquanto estava no ônibus. Algumas mulheres estavam indo para casa depois do turno e eu podia ouvi-las conversando. Pareciam um bando tão feliz e eu quero ser como elas. Quero conseguir um emprego na ferrovia.

— O que, dirigir um trem, isso que quer dizer?

— Sim, ou ser uma cobradora de passagens, talvez uma porteira. Qualquer coisa liberará um homem para fazer um importante trabalho de guerra. É a única maneira que vejo para realmente ajudar a acabar com esta guerra. Arregaçando as mangas e me definindo eu sei que posso fazer a diferença. Temo pelo futuro de nossa neta e jovens amigos se não resolvermos as coisas com Hitler de uma vez por todas.

Maureen acenou com a cabeça pensativa.

— Eu me senti tão impotente quanto está se sentido. Sei que faço meus pedaços para angariar fundos, mas quando penso no meu Alan nos céus naqueles aviões, percebo que não sou tão ativa quanto deveria ser.

— Parece que somos velhas demais para unir as forças e jovens demais para ficar em casa e tricotar meias para as tropas.

Maureen riu.

— Não deixe Ruby ouvi-la dizer isso. Ela enfrentaria Hitler sozinha, se pudesse.

As mulheres estavam sentadas tomando chá em um silêncio sociável.

— Vou dar uma volta na bolsa de trabalho quando sair daqui para descobrir o que preciso fazer para me candidatar a um emprego. Gostaria de saber se viria comigo para um apoio moral? Estou tão nervosa quanto quando fui para o meu primeiro emprego quando jovem.

— Farei mais do que isso — respondeu Maureen com um brilho nos olhos. — Vou descobrir sobre me inscrever eu mesma. É hora de lutarmos por um futuro melhor para nossa neta.

— Não posso dizer que não estou satisfeita por você se juntar a mim, mas e o seu trabalho aqui? O que Betty fará com a cantina dos funcionários? Sei que George terá algo a dizer sobre minha decisão, mas posso lidar com ele.

— Tenho certeza de que Betty encontrará alguém para me substituir. Há muitas mulheres por aí que podem servir chá e lavar o chão — respondeu Maureen, embora se sentisse mal por decepcionar Betty Billington.



— **MAISIE**, VIU o estado da minha jaqueta do uniforme? Tem marcas adesivas nas mangas e eu preciso sair em alguns minutos — David Carlisle bufou enquanto entrava na pequena cozinha dos quartos que alugavam em uma grande casa na Avenue Road. Ele torceu o nariz com a visão que encontrou. — Espero que esse não seja o nosso jantar.

Maisie se virou e sorriu. Embrulhada em um avental volumoso com um lenço cobrindo o cabelo, ela enxugou o vapor do rosto com a mão antes de guardar um cacho perdido que escapou da cobertura do cabelo.

— Mais uma palavra e você colocará isso em um prato junto com algumas batatas e cenouras. Se eu não colocar as fraldas de Ruby fervidas

no varal, ela ficará sem na hora do chá. Agora, sobre o que eu ouvi você gemendo? — ela perguntou, com as mãos nos quadris e olhando seu belo marido da RAF de cima a baixo.

David se sentiu um pouco envergonhado.

— A manga da minha jaqueta parece um pouco pegajosa.

Maisie riu e pegou o pano de prato e deu uma boa esfregada na marca saliente.

— Aí está. Agora vá e tente ganhar a guerra sem ficar sujo — ela bufou com uma risada.

— Eu te amo, Maisie Carlisle — disse ele, pegando sua esposa em seus braços e balançando-a ao redor da sala antes de beijar suavemente seus lábios.

— Acho que também está um pouco bem —, ela respondeu e estava prestes a retribuir o beijo quando duas garotinhas puderam ser ouvidas rindo na porta. Maisie encolheu os ombros e arrumou o lenço na cabeça. — O que as duas estão aprontando? Aposto que não é coisa boa ou não estariam rindo assim.

— Vocês se beijando; é um pouco piegas, não é? — Bessie sorriu.

— Não vai dizer isso daqui a dez anos — respondeu David, vestindo o paletó e ajeitando a gravata. — Agora, quem quer vir até a porta da frente e se despedir? — ele disse para as duas crianças pequenas.

— Eu, eu — eles cantaram em coro e dançaram na frente dele para fora da porta da sala da frente e ao longo do corredor, até as escadas que levavam a uma porta da frente comum.

— Nos veremos hoje à noite — disse ela, dando um último beijo demorado no marido antes que ele seguisse as meninas. — Diga às duas para voltarem direto para cima.

Ela sorriu para si mesma enquanto verificava as fraldas fervendo no balde no fogão antes de desligar o gás e pegar um pano para usar para segurar a alça quente e levar o balde para a pia. Quem teria pensado que Bessie e Claudette se estabeleceriam tão bem na vida em Erith? Quando ela pensou naquele dia terrível em que só esperava ver seus pais novamente... primeiro saber que o pai havia morrido, depois perder sua mãe quase na frente de seus olhos seria mais do que muitas mulheres poderiam suportar. Maisie sabia que, desde que se tornara mãe, ficou muito mais forte e, pensando naquele momento horrível em que se sentou segurando a mão da mãe naquela calçada fria, sabia que precisava ser forte pelo bem daquelas duas meninas.

Voltar para o apartamento de sua mãe foi estranho porque o lugar parecia tão vazio. Com a ajuda de Freda, ela alimentou as meninas e as colocou na cama, onde elas adormeceram em poucos minutos, aquilo não parecia nada pior para sua provação. Sem saber quando, ou se, ela voltaria para lá, Maisie perambulou pelos poucos quartos arrumando e guardando os pertences de sua mãe. Ela encontrou uma mala velha e arrumou as poucas roupas que as meninas possuíam e também um envelope de papelada de aparência oficial que poderia ser necessária para resolver os assuntos de Queenie.

Usando o último leite que Freda encontrou em uma pequena despensa, elas se sentaram bebendo chocolate sem dizer uma palavra até que houve uma batida discreta na porta. Correndo para abri-la, caiu nos braços do marido. Todos estariam seguros agora. Acordando as meninas e vestindo-as calorosamente, saíram para o ar da noite para encontrar Mike Jackson esperando por um caminhão que ela reconheceu como pertencente à fazenda onde a filha de Ruby, Pat, trabalhava. As meninas foram acomodadas no táxi com Freda, enquanto Maisie e David se retiraram para

se sentarem no banco traseiro do veículo. Aconchegando-se ao marido, Maisie contou a ele tudo o que havia acontecido enquanto voltavam na escuridão para Erith e para casa.

Bessie e Claudette ficaram de olho na jovem Ruby enquanto Maisie pendurava as fraldas no varal. Havia uma brisa forte, e ela recuou para admirar a fileira de branco que corria ao longo do jardim. Ela tinha uma tarefa a cumprir antes de se estabelecer para uma tarde de costura. Naqueles dias, Maisie estava gastando seu tempo fazendo roupas para as crianças, já que as três haviam crescido a um ritmo alarmante nos últimos dois meses. Embora adepta a fazer algo do nada, até Maisie estava achando difícil transformar roupas velhas em itens úteis para as meninas. Havia quatro garotas a considerar, pois ela nunca esqueceria a filha de Sarah, Georgina, ao produzir lindos vestidos e roupas. Enquanto posicionava o suporte de roupas e verificava a roupa lavada, lembrou-se de que havia o vestido de noiva de Gwyneth a considerar também. Além de perguntar a Maisie se ela poderia fazer seu vestido de noiva, Gwyneth não deu nenhuma indicação do estilo, ou mesmo da cor. Não demoraria muito para Gwyneth se casar com Mike Jackson. Talvez ela devesse se esquecer de aproveitar uma tarde de costura e visitar o número 13? Odiaria ter de se apressar em fazer um vestido tão importante. Havia também a escolaridade das meninas a considerar antes que o homem do conselho escolar batesse à sua porta. Maisie fez uma careta ao pegar o cesto de roupa suja e entrar. O que aconteceu com aqueles dias distantes de visitar o pub, dançar e dar boas risadas com seus amigos?

Subindo as escadas íngremes de volta para seus quartos, ela se deparou com Bessie com um pano de prato na mão.

— Já lavei a louça — declarou ela com orgulho.

— E eu limpei a sala da frente — anunciou a pequena Claudette com um sorriso atrevido.

— Ora, meninas, isso é uma coisa adorável de se fazer para sua tia Maisie, obrigada a vocês duas —, disse ela, pousando o cesto de roupa suja e apertando-as em um grande abraço.

— Nanna Queenie disse que tínhamos que trabalhar para nosso sustento — disse Bessie, séria.

— Não queremos que vá embora também — interveio Claudette, o queixo balançando um pouco enquanto lançava um olhar triste a Maisie.

Maisie estava pensando na vaca que sua mãe tinha sido, fazendo aquelas garotinhas trabalharem para seu sustento, quando parou e pensou por um momento. As meninas tinham visto muitas pessoas deixando-as em suas curtas vidas e ela realmente não queria que elas sofressem mais do que fosse possível. Ela queria que essas pequeninas permanecessem com ela até que crescessem e fizessem seu próprio caminho no mundo. Seu irmão com certeza concordaria – seguindo o pouco que ela ouviu sobre ele de sua mãe e das meninas – se ouvissem falar dele novamente.

— Prometo a vocês que não vou a lugar algum, meus amores — disse ela, dando um grande beijo nas duas. — Agora, que tal pegarmos nossos casacos e irmos visitar Ruby? Nunca se sabe, Myfi e Georgina podem estar lá.

As crianças não precisaram de um segundo chamado e estavam lá embaixo esperando na porta da frente enquanto Maisie as seguia carregando a bebê Ruby e a colocando em seu carrinho. Ela verificou se estava com a bolsa, e elas partiram para a curta caminhada pela avenida, passando pela ponte ferroviária, pelo pub Prince of Wales e pelo cinema Odeon na Manor Road antes de atravessarem para a Alexandra Road. Ainda era um passeio que Maisie gostava, pois a casa de Ruby se parecia muito com um lar.

— Entrem, entrem — Ruby sorriu quando as duas menininhas pararam na porta dela. — Nossa, acho que você cresceu desde a última vez que te vi. Tenho alguns visitantes que adorariam vê-las — disse ela, conduzindo-as para dentro da casa.

— Desculpe, Ruby. Podemos visitar outra hora. Eu só apareci pela chance de Gwyneth estar em casa e nós pudéssemos arrumar seu vestido de noiva. Podemos vir outra hora se tiver visitas — Maisie disse com um olhar de desculpas no rosto.

— Não seja idiota, garota. Entre e tire o peso dos pés. Parece exausta. É apenas Vera do início da rua e Irene e Maureen. Não são visitantes realmente adequadas. Mais como uma família realmente. Vera vai sair em um minuto. Ela só veio me dar algumas notícias.

Maisie ergueu as sobrancelhas ao ouvir Ruby falar.

— Vou lhe contar tudo quando estivermos sozinhas — sussurrou ela, enquanto levantava sua xará dos braços de Maisie e a carregava para a sala da frente.

Houve um tempo em que a sala da frente do número 13 era usada apenas em dias de festa e feriados. Ruby mantinha as cortinas de veludo verde fechadas para que o sol não desbotasse os móveis e a porta ficasse bem fechada para os visitantes. Foi dessa sala que seu querido Eddie fez sua última jornada até o cemitério de Saint Paulinus, seu local de descanso final. No entanto, com as idas e vindas de Sarah e amigas ao longo dos últimos anos, ela alegremente abriu a sala novamente, usando-a com mais frequência. Hoje sua nora, Irene, estava sentada conversando sem parar com Maureen, e Vera podia ser ouvida da cozinha, conversando com as duas meninas.

Maisie ficou sem palavras. A boca de Ruby se contraiu enquanto ela tentava não rir de sua expressão.

— Maureen e Irene vieram me contar uma coisa e pedir meu conselho sobre a melhor maneira de dar a notícia a George. Sente-se e eu lhe trarei uma xícara. Este chá deve estar bom — disse ela enquanto passava o bebê para Maureen e depois apalpava o bule no aparador.

— Trouxe água quente — disse Vera, aparecendo na porta. — Olá, Maisie, essas duas garotas são um crédito para você, e a jovem Ruby não está crescendo rápido? — ela sorriu.

Maisie não conseguia pensar em uma palavra para dizer. Ela teria se beliscado para verificar se não estava sonhando se não parecesse rude.

— Vou descer e deixá-la fazer isso, Ruby. Quero preparar os quartos e arejar a roupa de cama antes que meus convidados cheguem — disse Vera, pegando o casaco de onde o havia deixado nas costas de uma cadeira. — As meninas estão sentadas na outra sala com um biscoito cada — acrescentou Vera como uma reflexão tardia antes de pegar sua máscara de gás e se despedir de todas.

Maisie ficou de boca aberta e tentou pensar em algo para dizer à mãe e à sogra de Sarah.

— Vocês duas parecem animadas. Alguém abriu um pote de geleia? — perguntou.

— Você e seus provérbios — Irene deu uma risadinha. — Se isso significa que estamos felizes, suponho que estamos. Tomamos decisões que mudam a vida.

— Oh meu Deus — foi tudo o que Maisie conseguiu pensar em dizer enquanto tomava um gole do chá quente que Ruby acabara de lhe entregar, passando os minutos seguintes tossindo e cuspiendo.



MAISIE FICOU incrédula.

— Vera vai receber hóspedes pagantes?

— Sim — Ruby sorriu. — É a solução perfeita para os problemas dela.

Vera estava nervosa por ter pessoas inadequadas morando sob seu teto, mas ela concordou que seria a maneira ideal para ter algum dinheiro vindo toda semana. Conversei com George porque pensei que devia haver pessoas trabalhando na Vickers que gostariam de dormir em uma cama com lençóis limpos e comer uma refeição caseira à noite. George inesperadamente concordou. Ele ficou satisfeito por poder recomendar Vera a alguns de seus colegas.

— Isso é muito bom de sua parte, Ruby. Acha que ele ficará tão feliz quando souber que sua esposa vai trabalhar na ferrovia e fazer o trabalho de um homem, o que pode ser perigoso tendo em vista o que é transportado pela ferrovia hoje em dia? A estação ferroviária próxima de Slades Green quase explodiu no céu quando bombas incendiárias caíram em um trem de mercadorias no lado que estava cheio de explosivos.

As duas mulheres estavam sentadas na sala da frente depois que Irene e Maureen partiram para suas casas. As meninas estavam ajudando Bob, que havia chegado para trabalhar na horta no final do jardim e verificar o conteúdo da caixa de porcos. Agora que o clube de porcos havia sido formado e o animal estava morando no Green na fazenda onde Pat e sua família moravam, Bob estava incansavelmente lembrando Ruby para guardar restos de comida para engordar o animal.

— É melhor que Irene tenha discutido isso com o próprio George. Não vou dizer que não estou surpresa. Eu não acho que ela tinha capacidade para fazer esse trabalho, mas parece que ela se sentiu culpada por algum tempo por não puxar seu peso. Com a nossa Sarah dando-lhe um “empurrão”, ela decidiu que era hora de fazer algo a respeito. No entanto, não cabe a mim dizer.

— Bom para ela — disse Maisie. — Mas é certo que a própria Irene conte a George. Eu não estou sendo engraçada, mas ela provavelmente sabe como George funciona mais do que você hoje em dia. Veja como ela o levou a uma dança alegre com todos os seus atos altos e poderosos.

— Meu George ainda precisará ser convencido de que isso não é um capricho louco, mas isso depende dele. Não vou meter o nariz nos negócios deles.

— Ainda assim, gostaria de ser uma mosca na parede quando ela lhe der a notícia — Maisie riu.

Ruby juntou-se ao riso antes que um olhar preocupado surgisse em seu rosto.

— Veja bem, é com a nossa Sarah que estou preocupado. Seu Alan sabe Deus sabe onde e há sua mãe e sogra querendo assumir o trabalho dos homens em seu momento de vida. A garota vai ficar doente de preocupação.

— Ela tem a você, Ruby, assim como o resto de nós. Podemos nos reunir e manter o ânimo dela, não tenha medo. Se esta guerra nos ensinou alguma coisa, é que adquirimos uma pele grossa no que diz respeito ao futuro.

Ruby sorriu para a mulher sentada amamentando seu bebê. Maisie havia mudado de muitas maneiras desde a mulher que conhecera quando Sarah trouxera sua amiga para conhecer a família em 1938. O cabelo

perfeitamente penteado estava igualmente perfeito, embora seu rosto mostrasse sinais de cansaço, mas ela estava igualmente linda e ainda assim nunca saiu de casa sem um pouco de perfume e seus lábios pintados de vermelho. Ruby fungou apreciativamente.

— É um perfume adorável.

— A mãe de David mandou para mim. Ela disse que não combinava com ela. Adorável, não é? — ela disse, estendendo o pulso para Ruby cheirar. — Chama-se Noite em Paris. David acha que ela só enviou porque não gosta do cheiro de bebê doente em mim.

Ruby caiu na gargalhada.

— Tenho certeza de que não é assim. Agora, brincadeiras à parte, e enquanto você está aqui, há algo que eu quero debater.

— Não tenho espaço para receber mais crianças, se é isso que vai me perguntar? — disse Maisie com um sorriso.

— Três é o suficiente por enquanto, a menos que esteja pensando em dar um irmão ou irmã para a jovem Ruby?

— Deus, me dê uma chance. Parece que foi ontem que essa pequenina apareceu. Não descarto ter outro, mas por enquanto estou feliz com minhas três — acrescentou Maisie.

— As meninas vão ficar com você?

O rosto de Maisie assumiu uma expressão séria.

— Eu nunca pensei que me ouviria dizendo isso, mas eu as amo como se fossem minhas. Temos tanto em comum, com a experiência de viver com minha mãe — ela sorriu. — Elas são uma delícia de se conviver. Acredita que lavaram a louça, e a jovem Claudette até tentou tirar o pó da sala da frente, que Deus a abençoe. Se eu puder mantê-las seguras e tê-las bem alimentadas e com as costas abrigadas, então ficarei feliz.

— E seu irmão, há alguma notícia sobre o paradeiro dele?

Maisie colocou a jovem Ruby no ombro e esfregou suas costas. Ela foi recompensada com um arrote alto.

— Ah, boa menina... David acionou algumas antenas para encontrar Fred, mas ainda não ouvimos um pássaro piar. Eu acho que ele está bem, mas o tempo todo não ouvimos nada, então eu tenho que ficar com as meninas.

— Por isso achei que gostaria de saber sobre uma casa que está à venda. Tem três quartos e um grande jardim para as crianças e não fica longe das amigas...

Maisie deu um grito de alegria, o que assustou o bebê.

— Estivemos procurando na área, mas com danos causados por bombas não há muitas casas disponíveis. Vamos, conte... onde está e por que está à venda?

— É uma das duas casas de frente dupla no topo da estrada. A velha senhorita Denton vai morar com o sobrinho no campo e decidiu vender. Ela me disse ontem perguntando se eu conhecia alguém que pudesse comprar uma casa. Nem todos podem se dar ao luxo. Até os móveis estão disponíveis.

— Oh Ruby, seria como um sonho tornado realidade. Vou ter que falar com David, pois ele é quem sabe sobre nossas finanças. Eu só consigo arrumar a casa e tento não exagerar. — Maisie se inclinou e beijou Ruby na bochecha. — Obrigada por pensar em nós, mas Sarah não estaria interessada na casa?

— Ela está feliz morando com Maureen e um dia essa casa irá para Alan, sem dúvida. Agora, que tal ficar para comer alguma coisa com Bob e eu? Gwyneth e Myfi vão ao cinema com Mike, e Freda está de plantão no Corpo de Bombeiros até tarde. É mais que bem-vinda.

Maisie olhou para o relógio sobre a lareira. — Oh meu Deus, olhe a hora. Obrigada, Ruby, mas é melhor eu voltar. Eu tenho um monte de coisas para fazer e tenho um varal cheia de roupas que estarão prontas para ser retiradas. Eu queria ver Gwyneth sobre seu vestido de noiva, mas terei que esperar por outro dia... o que eu ia perguntar era se você ainda tinha aquela caixa das minhas velharias guardadas no loft? Há algumas coisas em que não vou me caber mais e que estava pensando em cortar para fazer algumas roupas para todas as meninas.

Ruby levou a mão à boca.

— Eu me esqueci completamente de te contar. Gwyneth deixou um pacote para lhe entregar. Ela pretendia deixá-lo na sua casa, mas com todas as horas-extras que está fazendo no momento para Betty, não teve tempo. É um tecido que ela trouxe do País de Gales que ela mencionou para você.

— Sinto-me culpada por não poder passar algumas horas na Woolworths. Suponho que Betty não ficará muito feliz em perder Maureen também

— Isso também passou pela minha cabeça — Ruby assentiu.

— E Gwyneth pode desistir do trabalho quando se casar e os bebês começarem a nascer — acrescentou Maisie. — Caramba, não vai sobrar ninguém em Woolies, a não ser alguns veteranos.

— Não tenho certeza se Gwyneth está pronta para se casar tão rápido quanto planejaram.

Maisie ficou surpresa com as palavras de Ruby.

— Ah, não, eles não tiveram uma briga, não é? Ela e Mike são feitos um para o outro.

Ruby balançou a cabeça.

— Não sei bem o que há de errado, mas ela fica quieta quando menciono casamentos. Acho que ela quer sua própria casa. Afinal, os dois

são mais velhos do que a maioria dos casais, e ter filhos deve estar no horizonte próximo. Não consigo ver, pois seria outra coisa que a está preocupando.

— Olá, amor — disse Bob, enfiando a cabeça pela porta. — Não vou entrar porque estou coberto de sujeira do jardim. As meninas estão lavando as mãos. Elas fizeram bagunça me ajudando.

— Ah, Bob — repreendeu Ruby. — Por que não pôde ficar de olho nelas? Elas pareciam tão bonitas em seus vestidos combinando. É melhor eu ir ver em que estado se encontram. O pacote de Gwyneth está embaixo do aparador, Maisie. Ela colocou uma nota dentro, pois o plano era que Mike o deixasse para você. Pegue enquanto eu resolvo o problema que Bob causou e trago os casacos das garotas.

— Não se preocupe, Ruby, tudo vai dar certo — gritou Maisie para a mulher mais velha enquanto sorria para Bob, que parecia triste. — Vai ser pior quando vocês dois se casarem e estiver sob o controle dela — ela riu, vendo a expressão dele.

— Quando acontecer — ele suspirou.

— Não se esqueça de limpar seus pedaços no jardim, Bob, e esses restos vão ter que ir para o nosso Pat ou vão embora antes que aquele pobre porco os coma e talvez ajude Maisie a voltar para casa com esse pacote — chamou Ruby.

Maisie riu do olhar desanimado de Bob.

— Ela tem boas intenções, Bob. Eu vou ficar bem com o pacote. Vai bem no carrinho. Apenas me dê uma mão empurrando o carrinho para baixo do degrau e vamos tomar nosso caminho. Talvez seja hora de você se sentar com Ruby e conversar sobre as coisas, hein? Achei que vocês dois já estariam casados.

— Conversar? Eu não acho que vou conseguir isso de alguma maneira — ele disse tristemente. — Quanto ao nosso casamento, parece-me que todos os outros vêm em primeiro lugar por aqui. Mas tem razão, amor. Eu vou fazer exatamente isso. Vou dar uma palavrinha com Ruby e resolver as coisas de uma vez por todas. Sim, farei isso agora mesmo — murmurou para si mesmo, ajudando Maisie a sair da porta do número 13 enquanto as meninas passavam correndo por ele animadas, alcançando Maisie ao mesmo tempo que ela se virava para dar adeus.

— É lindo vê-la tão feliz — Ruby disse enquanto conduzia Bob de volta para dentro da casa. — Essa casa será perfeita para ela. Vou dar uma volta pela rua e avisar a Srta. Denton que Maisie está interessada antes que outra pessoa o faça. — Ela parou no corredor e pegou seu casaco.

Bob pegou a mão dela e a levou para a sala da frente.

— Espere alguns minutos, mulher, quero dar uma palavrinha com você antes de sair disparada pela rua — disse ele com firmeza, empurrando-a para a poltrona mais próxima.

— Saia, seu idiota bobo — Ruby riu sem entusiasmo. Ela tinha uma boa ideia do que ele ia dizer e não estava com o humor certo para ouvir agora. — Isso não pode esperar até mais tarde?

— Não, não pode, Ruby — ele insistiu, sentando-se perto da porta para que ela não tivesse como sair da sala. — Está me evitando há meses e eu quero saber onde estou. Você concordou em se casar comigo, mas não estamos mais adiantados do que estávamos quando coloquei aquele anel em seu dedo no Natal. Concordei que não precisávamos nos apressar, mas pensei que pelo menos teríamos algum tipo de entendimento. Agora, com Mike querendo se casar com Gwyneth e eles precisando de um lugar para chamar de seu, faz sentido que eles tenham a casa do outro lado da estrada e que vivamos aqui como marido e mulher.

Ruby olhou para o anel em seu dedo. Era quase o mesmo que seu primeiro marido, Eddie, lhe dera tantos anos atrás, que ela havia passado para Freda por ocasião de seu vigésimo primeiro aniversário. Ela não conseguia pensar no que dizer a este querido homem.

— Bob... só não sei se é a coisa certa a fazer... — pronto, ela disse isso em voz alta. — Eu gosto de você...

Bob estava com raiva.

— Mas não quer se casar comigo. É isso?

— Eu quero... eu quero... por favor acredite em mim. É só que meu Eddie...

— Seu marido Eddie se foi, amor, assim como minha esposa. Nós sempre os amaremos, mas a vida seguiu em frente. Achei que se importasse comigo, Ruby.

Ruby estendeu a mão e acariciou sua bochecha barbada.

— Gosto muito de você, Bob, e não teria aceitado sua proposta se não gostasse. É só que ultimamente tenho me sentido como se nunca tivesse realmente me despedido do meu Eddie. Acha que eu sou idiota?

Bob pegou a mão dela e a acariciou suavemente, sua raiva desaparecendo tão rapidamente quanto havia aparecido.

— Sua idiota, é claro que eu entendo. Está dizendo que Eddie lhe dará um sinal de que estará pronta para se casar comigo?

— Sim, eu acredito que se fosse a hora certa, Eddie me enviaria um sinal, mas vai esperar, Bob?

— Vou esperar, Ruby, mas não vou esperar para sempre. Não estou preparado para ser seu biscate ou para sentar à sua mesa sem ser o homem da casa.

— E eu não deixaria, Bob Jackson — ela disse, beijando suavemente sua bochecha. — Eu não mereço alguém como você.

— Isso funciona nos dois sentidos, meu amor. Eu não mereço alguém como você. Tivemos sorte por termos tido casamentos longos e bons. Isso não é suficiente para nos dizer que devemos tentar um segundo casamento?

Ruby queria mais do que tudo dizer a Bob para reservar a igreja e fazer as coisas andarem, mas ainda assim ela se conteve.

— Deveria ser, Bob, mas eu só preciso...

— Precisa da aprovação do seu Eddie. Nesse caso, vamos esperar que ele avise. Eu não quero você correndo para aquela igreja espiritual no caminho de Dartford, no entanto. Eu realmente não concordo com essas coisas.

Ruby assentiu com a cabeça. Seria melhor ela queimar o anúncio que havia cortado do Erith Observer mostrando os horários de culto na igreja antes que Bob o encontrasse. Talvez houvesse outra maneira de receber o sinal que ela tanto desejava.

— Não vou fazer isso, Bob. Agora, que tal uma xícara de chá enquanto preparo nosso jantar? Pat deixou alguns bons ovos frescos esta manhã e podemos comer um pouco de carne e repolho com eles.

Bob esfregou as mãos. Tinha custado muito dele forçar Ruby a discutir o futuro. Ele estava pronto para o jantar.

— Isso parece ótimo — sorriu.

Ruby pegou as xícaras que sobraram da visita de Maisie e foi para a cozinha. Ela olhou para a fotografia emoldurada dela com Eddie no dia do casamento que estava pendurada na parede.

— Vamos, Eddie, me dê sua bênção — sussurrou ela.



— **O QUE** há de errado com todos? Parece haver tantos rostos tristes hoje — disse Freda enquanto aceitava uma xícara de chá de Sarah e se sentava a uma mesinha no canto da cantina dos funcionários. — Até Maureen parece que perdeu uma libra e encontrou um centavo. Isso não é dela.

Eles olharam para onde Maureen estava limpando o balcão de servir sem fazer um pingão de esforço.

— Ela foi ver Betty e o que ela pensou que seria uma pequena conversa e um tapinha nas costas por se inscrever para o trabalho de guerra se transformou em uma briga. Ao passar pela porta do escritório, ouvi Betty implorando para que ela ficasse na Woolworths, pelo menos até encontrar um substituto decente. Não fiquei esperando porque sabia que mamãe e Maureen tinham uma data de início marcada pela ferrovia. Eles não conseguem ter pessoal suficiente lá em todas as contas, então ambas foram contratadas na entrevista e poderiam ter começado naquela mesma tarde se quisessem. Maureen explicou que tinha que trabalhar no aviso prévio e mamãe disse que tinha que conversar com o papai.

— Caramba, eu não gostaria de fazer nenhuma dessas coisas. Seu pai está feliz com sua mãe indo trabalhar? Isso me surpreendeu, posso lhe dizer — Freda sorriu.

— Com Ernest Bevin anunciando que todas as mulheres com menos de cinquenta anos devem ser convocadas para trabalhar, ele não poderia discutir com ela. Estou surpreso que você não tenha recebido uma carta, já que você trabalha na Woolies em tempo integral, tem mais de 21 anos e não tem uma família para cuidar — disse Sarah, sentindo um pouco de pena de seu pai, George, que voltaria para uma casa vazia e sem comida na mesa assim que sua mãe começasse a trabalhar por turnos. — Aposto que o

senhor Bevin não mandou sua esposa trabalhar na construção de aviões ou bombas — bufou ela.

Freda estava olhando para Sarah.

— O que quer que eu faça? Engravidar com o primeiro ianque que vier à Woolworths, para ajudar a trazer a próxima geração ao mundo, ou talvez eu deva decepcionar Betty como Maureen fez e me juntar ao exército terrestre? Você deve saber que eu estava preocupada que o governo pensasse que eu não estava fazendo minha parte e fui até a bolsa de trabalho e tive uma conversa sobre isso. Foi-me dito que eu estava fazendo mais do que o suficiente, com meus deveres de despacho para o Corpo de Bombeiros e se eu precisar fazer mais trabalho, vou me juntar ao Corpo de Bombeiros em tempo integral, pois sou treinada e tudo mais.

— Desculpe, por favor, não fique com raiva de mim, Freda. Eu não sou eu mesma hoje, com tudo isso acontecendo com mamãe e Maureen, e depois as notícias.

Freda deu a sua amiga um sorriso rápido. Ela não era de se ofender e podia ver que Sarah não estava como sempre. Ela tinha sombras escuras sob os olhos e seu cabelo castanho geralmente brilhante caía sobre o rosto como se não tivesse visto uma escova o dia todo.

— O que está acontecendo? Não ouço rádio há dias e tive que deixar de ir ao cinema porque estava cobrindo outro mensageiro — acrescentou ela, estendendo a mão sobre a mesa para pegar um jornal descartado. — Crikey, nossos meninos causaram alguns danos às barragens alemãs, não foi?

Sarah acenou com a cabeça, mas parecia triste, sua mão alcançando a moeda de seis pence de prata que estava pendurada em seu pescoço.

— Tantas vidas foram perdidas em ambos os lados. Isso me faz pensar se tudo vale a pena.

Freda ficou chocada com os pensamentos de Sarah.

— Se isso traz o fim da guerra, então definitivamente vale a pena — ela exclamou animadamente, fazendo a mesa balançar de um lado para o outro enquanto sacudia o jornal para ler o resto da primeira página e agarrando sua xícara para parar o chá derramado em seu pires. Sarah se levantou e olhou para sua jovem amiga.

— Mas e Alan? E os pilotos que davam suporte aos aviões Dambuster? Meu marido pode estar morto em algum lugar da Alemanha agora. Olha, você pode ver quantos aviões foram perdidos. Haverá crianças como a minha Georgina afogadas nas inundações causadas pelas nossas bombas. Como pode se sentar aí e agir tão satisfeita por nosso país ter feito isso com mulheres e bebês? Achei que a conhecia, Freda Smith. Achei que fosse uma amiga. Não tenho tanta certeza agora — ela soluçou e saiu correndo da cantina, deixando colegas curiosos observando Freda, que não sabia o que fazer.

— Por que não vem me ajudar por alguns minutos? — disse Maureen Gilbert, aproximando-se de onde Freda ainda estava sentada, atordoada. — Vou pegar essas xícaras e trazer uma bebida fresca para você. Estas estão frias como pedra.

— Não me odeia também, não é? — Freda disse, seguindo a mulher mais velha atrás do balcão e lutando para manter a compostura enquanto seu lábio inferior tremia e as lágrimas estavam prestes a cair. — Eu não queria chatear Sarah. Muitas vezes aplaudimos as notícias, e ela nunca agiu assim antes. Eu deveria ter pensado antes de abrir minha boca grande.

Maureen puxou um banquinho para perto do balcão e indicou que Freda se sentasse.

— É uma coisa atrás da outra no momento, amor, é só pensar nisso. Sua mãe está fazendo algo fora do personagem pela primeira vez em sua

vida. O nosso Alan está Deus sabe onde, e ela não vê muito as amigas dela desde que Maisie pegou aquelas garotas e você está aqui ou correndo naquela sua moto. Ela não te odeia, tonta. Ela está tão confusa quanto a maioria das mulheres está agora. Talvez seja hora de vocês três se divertirem um pouco, em vez de tentarem vencer esta guerra sozinhas. Use sua imaginação e veja o que pode inventar. Eu e Irene vamos cuidar das crianças se você quiser se divertir por algumas horas.

Freda jogou os braços em volta do pescoço de Maureen e deu-lhe um abraço.

— Gostaria de ser tão sábia quanto você, Maureen. Você torna qualquer problema fácil de superar — ela sorriu, esquecendo todas as lágrimas.

— Se estivesse aqui há tanto tempo quanto eu, também aprenderia uma ou duas coisas. Além disso, sei que meu Alan está bem. Eu posso sentir isso na minha alma. Uma mãe sabe quando seus bebês estão com problemas e tenho certeza de que ele voltará para casa são e salvo, guarde minhas palavras.

— Eu espero que esteja certa. Ele é como um irmão mais velho para mim. Sinto falta dele quando não está por perto.

— Vou lhe contar um segredinho — disse Maureen, dando uma piscadela descarada para Freda. — Alan me disse que se alguma coisa acontecer com ele, então eu vou deixar você ficar com Bessie.

Os olhos de Freda se arregalaram.

— Mas ele adora aquela moto. Era do pai dele.

— E é assim que eu sei que ele vai voltar. Acha que ele deixaria uma garota escapar na Bessie? Ora, ele quase teve gatinhos quando a ensinou a pilotar.

Freda deu uma gargalhada.

— Eu me lembro daquele dia e ele estava muito nervoso.

— Então, não temos com o que nos preocupar — disse Maureen, dando um tapinha em seu ombro.

— Eu deveria ir falar com Sarah e pedir desculpas. Ela deve estar naquele estado.

— Deixe-a cozinhar por um tempo. Não vai machucá-la. Ela pode ser um pouco dramática às vezes. Culpe a mãe por isso — riu Maureen.

— Você era amiga de Irene quando criança, não era?

— Tínhamos mais ou menos a idade que você tem agora, mas ela teve algumas ideias altas e poderosas quando colocou o laço no nosso George e foi isso. Uma vez que eles se casaram, ela foi para novos pastos. Foi preciso essa guerra para ela voltar a si, então nenhum dano foi causado.

Freda ficou intrigada.

— Disse nosso George. Você o conhecia antes de conhecer Irene?

Maureen sorriu e seus olhos assumiram um olhar distante.

— Não é o que você diria. Ele estava saindo comigo quando conheceu Irene. Seus olhos se encontraram e o resto foi história, como diz naqueles livros em que você sempre mete o nariz.

— Ah — foi tudo o que Freda conseguiu pensar em dizer.

— Sim, as coisas poderiam ter sido tão diferentes — disse Maureen suavemente antes de se recompor. — Agora, vamos pegar aquela xícara de chá quente e é melhor eu fazer uma para Betty também. Ela não está muito satisfeita comigo por entregar minha notificação, posso lhe dizer.

— Gostaria que eu levasse para ela? Eu realmente deveria voltar para baixo ou terei problemas por demorar muito na minha pausa para o chá. A campainha tocou há alguns minutos.

Maureen abriu a porta do armário e tirou uma lata amassada. Forçando a tampa apertada, ela pegou uma colher de chá cheia de açúcar.

— Eu guardo para ocasiões especiais, e acho que Betty poderia tomar uma xícara de chá doce agora depois da notícia que lhe dei. Ela parecia um pouco pálida. Tenho certeza de que a ouvi murmurar algo sobre ratos abandonando um navio afundando...

Freda parecia intrigada.

— O que quer dizer?

— Não importa. Aqui, leve isso para Betty antes que esfrie e não se esqueça de organizar a noite para vocês três.



BETTY OLHOU para o rodízio de funcionários à sua frente. Por mais que ela rabiscasse tudo e mudasse os funcionários dos balcões para a cantina e a despensa, não havia como negar que ela estava com falta de pessoal e logo ficaria sem alguém que pudesse preparar uma refeição quente para sua equipe trabalhadora.

— Maldito trabalho de guerra — ela murmurou para si mesma. — Administrar uma loja não é tão importante em tempos de guerra? Todo mundo precisa da Woolworths.

Ela olhou para cima ao som de uma batida suave na porta e Freda entrou carregando uma xícara fumegante de chá.

— Apenas com o que eu poderia fazer — ela sorriu.

— Obrigada por pensar em mim.

— Foi Maureen, não eu. Ela achou que você gostaria de um. Ela mesma teria trazido, mas está ocupada — disse Freda, pensando que precisava falar por Maureen.

Betty deu uma pequena risada tilintante.

— Ah sim? Isso é muito bom da parte dela. Fará muita falta. Deus sabe quem vai cozinhar os almoços dos funcionários na próxima semana — acrescentou ela, limpando um pequeno lugar na mesa desordenada para que Freda pudesse colocar a xícara e o pires. — Eu mesma faria isso, mas só posso fazer um sanduíche e cozinhar um ovo.

Freda sabia que isso não era verdade, já que ela ficou com Betty em algumas ocasiões quando ela estava de plantão no quartel de bombeiros perto da casa dela na rua Cross. Isso foi antes de Betty se casar com Douglas e se mudar para sua casa em Bexleyheath. Betty era uma boa cozinheira, mas não seria certo que a gerente da loja fritasse salsichas ou criasse refeições com quase nada, como Maureen sempre conseguia fazer. Ela olhou para a mesa de Betty.

— Parece que tem um problema — disse ela, tentando ler o gráfico de cabeça para baixo.

— Agradeceria qualquer sugestão. Eu colocaria um anúncio no Erith Observer, mas perdi o jornal desta semana e precisamos de alguém para começar quase imediatamente. Talvez um cartão na janela trouxesse resultados? Encontrei dois faxineiros de loja quando precisei deles.

— Por que não pergunto a todos os funcionários do balcão se eles sabem cozinhar e gostariam de subir? — sugeriu Freda, hesitante.

Betty assentiu.

— Essa é uma boa ideia, embora eu mal possa dispensar uma das minhas damas, pois também estamos com falta de pessoal na loja. Que porcaria é essa. No momento, sinto como se pudesse me afastar de Woolworths e me juntar a Maureen em sua grande aventura.

Freda nunca tinha visto sua chefe em tal estado. Betty era a única pessoa em quem se podia confiar para permanecer calma e serena em qualquer situação.

— Deixe-me ter essa palavra com as meninas. Nunca se sabe, podemos inventar alguma coisa.

Betty pegou o telefone que começara a tocar.

— Obrigado, Freda, isso seria muito útil.

Freda deixou o escritório de Betty com a intenção de encontrar alguém que pudesse assumir os deveres de Maureen, mas primeiro ela precisava pegar o jornal que havia sido deixado na cantina. Uma ideia tinha acabado de passar por sua mente sobre como ela poderia lidar com as amigas.



— **OH DOUGLAS**, de novo não — disse Betty depois de ouvir as notícias do marido de que ele estaria trabalhando até tarde. — Parece que nunca passamos algum tempo juntos como uma família. Faz quinze dias que você não chega em casa até que as meninas estejam na cama. Sentimos sua falta, mas fora isso você parece tão cansado o tempo todo. Alguma coisa tem que mudar, não pode continuar assim.

— A menos que possa milagrosamente me encontrar alguns funcionários extras, temo que demore algum tempo até que eu esteja em casa a tempo de me juntar a você para jantar — ele se desculpou.

— Com o serviço funerário sendo uma ocupação reservada, penso que encontrar funcionários não seria um problema — suspirou Betty. — Acho que outro de seus homens se juntou aos serviços...

— Sim, dois esta semana e os dois foram para o exército. Se eu pudesse pagar mais, eles não teriam a atração de sair para se juntar.

— Não pode culpá-los por querer um pouco de emoção, suponho — ela respondeu, pensando em como era sortuda que, ao contrário de Sarah, ela sabia que seu marido permaneceria seguro e estaria em casa para o jantar todas as noites, independentemente do horário que fosse.

— Isso me lembra: você diria a Bob Jackson que não irei à reunião da Guarda Nacional esta noite? É um incômodo, pois estamos treinando sobre como fazer coquetéis molotov.

Betty sorriu para si mesma. O que acontecia com os homens para que eles gostassem de tais coisas?

— Sim, Douglas, e por favor, tente encontrar mais funcionários antes que sua família esqueça como você é.

— Farei o possível para corrigir a situação, minha querida esposa. Talvez possa me emprestar algumas de suas garotas Woolworths?

— Não coloque um dedo no meu cajado. Para usar um dos ditados de Ruby, seria mais fácil encontrar dentes em galinha no momento do que preencher todos os cargos vagos nesta loja. Maureen notificou esta manhã. Ela vai fazer sua parte pela guerra trabalhando na ferrovia, junto com Irene Caselton, acredita?

— Meu Deus, isso é uma surpresa. Suponho que isso põe fim a uma fatia de bolo quando eu a visito no trabalho?

Betty riu.

— Essa é a menor das minhas preocupações.

Depois de se despedir do marido, Betty pousou o pesado receptor de baquelite e suspirou. Seria mais uma noite difícil sozinha com as meninas. Ela não conseguia pensar em nada menos atraente. Clemmie estava se tornando mais desafiadora a cada dia. Era como se uma rebelião estivesse se formando e muito em breve explodiria, dividindo a família Billington. Às vezes ela ainda se sentia como uma estranha morando em um lar que ela não participou da escolha, cuidando dos filhos de outra mulher. “Oh Betty, o que você fez?” , ela murmurou para si mesma antes de enfrentar a pilha de papelada na frente dela que nunca parecia diminuir. A xícara de chá, trazida por Freda, permaneceu intocada em sua mesa.

Freda desceu para a loja Woolies. O sol brilhava através do papel pegajoso que cobria as vitrines do chão ao teto. Partículas de poeira podiam ser vistas nos feixes de luz. Freda franziu a testa e deu uma olhada no chão e na poeira que estava perto dos rodapés de madeira. Ela podia ver que não havia mais brilho nos balcões mais próximos a ela. O padrão de limpeza

que Betty esperava de sua loja parecia ter caído. Ela pode não ser capaz de fazer nada sobre a falta de funcionários, mas não deve ser tão difícil usar um pouco de esforço e deixar a loja em ordem novamente, antes que a sede saiba que os padrões caíram. Chamando duas assistentes que não estavam servindo naquele momento, ela decidiu começar.

— Dora, pode descobrir onde está a faxineira e mandá-la vir aqui, por favor? Rachael, encontre os panos de polimento e ponha um brilho de volta neste balcão, sim?

Ambas as mulheres assentiram e começaram suas tarefas. Freda pode ser mais jovem do que muitos dos membros da equipe da Woolworths, mas ela era admirada como trabalhadora e ninguém pensaria em questionar o que ela estava fazendo.

— Você me queria? — disse Enid Singleton, aparecendo ao lado de Freda.

— Sim, Enid. Fiquei me perguntando por que os pisos estavam tão sujos. Eles não foram varridos ultimamente?

Enid encolheu os ombros.

— Eles pareciam bem esta manhã.

— E os balcões de madeira não parecem ter um brilho decente neles. Você não deveria polir todos os dias?

Enid encolheu os ombros.

— Eu não posso estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

— Pelo estado desta loja, estou me perguntando se você esteve em algum lugar ultimamente. Sabe como estamos com falta de pessoal no momento e todos nós precisamos nos unir. Acha que poderia fazer este lugar parecer perfeito novamente antes que a Sra. Billington perceba?

Enid assentiu e saiu mancando devagar, arrastando uma vassoura atrás de si.

— Um pouco mais rápido, por favor, Enid — Freda chamou a mulher, mas foi ignorada. Não sendo uma pessoa para ser ignorada quando havia trabalho a ser feito, ela correu atrás da mulher e a alcançou pela entrada da área dos funcionários. — Eu digo, Enid, você tem algum problema com seu trabalho?

Enid virou-se e olhou para a mulher mais jovem. Freda podia ver que ela tinha lágrimas nos olhos.

— Desculpe — sussurrou ela, enxugando o rosto com a mão suja. — Não tenho dormido muito bem ultimamente e tudo está um pouco em cima de mim. Por favor, não me demita. Eu vou fazê-lo, prometo que vou.

— Não vá se aborrecer, Enid. Isso é facilmente corrigido. Um pouco mais de esforço e tudo logo estará certo como a chuva. Agora, quanto tempo você tem no trabalho antes de sair?

— Duas horas — respondeu a mulher, começando a parecer um pouco mais brilhante. — Vou trabalhar duro, prometo.

Freda deu-lhe um sorriso brilhante.

— Talvez comece pelo piso e, se ele ficar bom, pode dar um brilho na madeira ao redor dos balcões. Vou pedir para algumas das garotas polirem os vidros e os espelhos das colunas. Agora, tenho que deixá-la, porque preciso descobrir se alguma das meninas sabe cozinhar, pois precisamos de uma substituta para Maureen. A Sra. Billington está quase no limite de seu juízo tentando substituí-la — acrescentou enquanto tirava um caderno do bolso e caminhava por entre uma multidão de compradores.

Enid parecia abatida.

— Não se preocupe em me perguntar. Ninguém nunca me pergunta — ela murmurou, chutando a vassoura com raiva.



BETTY ENTROU em casa. Já eram oito horas e mais uma vez ela estava atrasada. Saber que Douglas não estaria em casa a fez ficar até um pouco mais tarde do que o habitual. Ela até conseguiu finalizar os relatórios que a sede estava esperando, o que não era uma coisa ruim. Ela pendurou o casaco e a máscara de gás no grande suporte de carvalho do corredor e colocou a bolsa no chão perto do suporte de guarda-chuvas. Ela verificou se a cortina blackout estava bem puxada sobre a porta da frente antes de caminhar pelo corredor até a cozinha.

— Boa noite, Sra. Billington, seu jantar está quente no forno e a chaleira está fervendo. Quer que eu faça uma xícara de chá para você antes de sair? — a governanta disse enquanto começava a tirar o avental.

Betty se sentiu culpada. O tempo todo ela estava arrastando seus calcanhares não querendo chegar em casa para as meninas e aqui estava a pobre mulher esperando pacientemente que ela chegasse quando ela tinha sua própria casa e marido para cuidar e alimentar.

— Eu sinto muito; farei o meu melhor para estar em casa mais cedo no futuro. Vou dar uma palavrinha com Douglas sobre alguém com as meninas à noite, quando estivermos trabalhando até tarde. Não é justo da nossa parte presumir tanto o seu tempo. Dê minhas desculpas ao seu marido.

A mulher assentiu educadamente, embora seus lábios estivessem franzidos em uma linha fina.

— Não foi problema estar com as meninas. Elas são uma bênção para a senhora e seu marido. Meu Percy está no Prince of Wales esta noite com sua equipe de dardos, então ele não vai sentir minha falta, embora eu aprecie sair na hora amanhã, já que o pretendente da minha filha nos visitará. Temos um casamento próximo — acrescentou ela orgulhosamente, prendendo um chapéu de feltro marinho no cabelo grisalho.

— Isso é absolutamente maravilhoso — Betty sorriu. — Você deve me deixar doar algo para o acontecimento, é uma boa amiga para nossa pequena família.

— Eu não vou dizer não. Não tem sido fácil organizar um casamento, com o racionamento e Neville viajando no mar com tanta frequência. Eu gostaria de fazer uma boa recepção, para mostrar à família dele que nossa Doris vem de uma boa família. Na verdade, Doris se perguntou se Clementine e Dorothy seriam suas damas de honra, já que eu as conhecia desde que eram crianças pequenas. A primeira Sra. Billington era uma mulher tão querida e as meninas têm sido tão corajosas com as coisas — acrescentou ela, pegando o casaco. — Vou lhe dar boa noite.

— Boa noite — disse Betty em um sussurro enquanto seguia a mulher, apagando a luz do corredor antes de abrir a porta da frente.

— Acha que o Sr. Billington vai chegar tarde de novo esta noite? — a governanta perguntou ao ficar de pé no capacho.

— Sim, é uma época movimentada nos negócios dele, como pode perceber. Nós dois estamos bastante ocupados no momento.

Mesmo na penumbra, Betty podia ver a mulher acenar levemente com a cabeça.

— A primeira Sra. Billington não aguentou com o marido ficando fora até tarde. Ela insistiu que ele estivesse em casa todas as noites para o jantar. Novamente, ela não trabalhava no comércio. Ela era uma dama — acrescentou antes de seguir pelo caminho do jardim.

— Ela era uma santa florescente pelo jeito que sempre fala sobre ela — Betty murmurou para si mesma enquanto verificava se a porta estava fechada e arrastava o blackout agressivamente.

— Está com raiva de alguma coisa? — disse uma voz.

Betty se virou para ver a filha mais velha de Douglas sentada no último degrau da escada, com as mãos cruzadas no colo.

— Boa noite, Clemmie, estou muito bem, obrigada. Você não deveria estar se preparando para dormir? Tem escola de manhã.

A garota jogou seus longos cachos e olhou para Betty com altivez.

— Papai disse que eu poderia esperar por ele. Não sou criança, Betty.

Betty suspirou. Tinha sido um longo dia e ela tinha certeza de que seu marido não havia dito tal coisa.

— Como quiser, mas sugiro que tome um banho e coloque suas roupas de dormir para que, depois de vê-lo, possa ir direto para cima.

As duas se encararam pelo que Betty sentiu ser muito tempo antes que a garota se levantasse e subisse lentamente as escadas para seu quarto. Ela tinha acabado de desaparecer de vista quando houve um grito seguido por um choro de criança.

— Vou dizer a Betty que você me bateu — ela ouviu a criança mais nova gritar.

— Pode dizer a ela o que quiser, Dorothy, não me importo com o que ela pensa; ela não é nossa mãe. Ela é apenas uma garota de loja que colocou suas garras no papai. Mamãe era uma dama e você nunca deve se esquecer disso.

Betty agarrou-se ao corrimão, pronta para subir e resolver com Clemmie de uma vez por todas. Ela estava ficando rancorosa e muitas vezes fazia sua irmã mais nova chorar. Mas faria alguma diferença? Ela tentou ser agradável e trazer guloseimas para casa, mas a garota estava se tornando progressivamente mais agressiva em seu comportamento quando estava sozinha com a madrasta. Quando Douglas estava em casa, ela era a personificação da doçura. Não, ela iria esperar seu tempo e mostrar a esta jovem que não desistiria de sua nova família, custasse o que custasse.



— **BEM-VINDOS** ao nosso novo “lar”, anunciou Maisie, abrindo a porta da frente para Freda e Ruby e puxando-as para dentro. — Prestem atenção onde pisam, o chão ainda está um pouco molhado. Tenho alguns tapetes para colocar no linóleo quando estiver seco. Eu não parei o dia todo. Quem teria pensado que mover alguns pedaços do nosso antigo lugar levaria tanto tempo? Graças a Deus David era bom e capaz de me ajudar ou eu nem teria conseguido arrumar as camas das crianças antes de escurecer.

— Onde estão? — Ruby perguntou enquanto olhava ao redor da sala da frente em que ela entrou enquanto seguia Maisie. — Este é uma boa sala. É um pouco menor que a minha, mas muito boa mesmo assim — disse ela, passando a mão pelas costas de um grande sofá. — Isso parece novo.

— David foi buscá-las na escola e levá-las para o balanço para me dar um tempo para acertar as coisas. Está tudo aqui, mas só preciso arrumar as camas e guardar os potes. Acomode-se e eu vou colocar a chaleira no fogo. É bom, não é? — disse ela, notando Ruby admirando o sofá. — A mãe de David mandou na traseira de um caminhão, acredita? Havia também algumas camas e duas cômodas para as meninas, agora elas têm um quarto só para elas. Eu ia comprar os móveis no departamento de segunda mão da Mitchell’s, mas não há necessidade agora. Vou usar os cupons para fazer algumas cortinas, desde que tenha o suficiente.

— Isso é confortável — disse Ruby, quase pulando para cima e para baixo no banco. — Eu poderia cochilar aqui em frente ao fogo ouvindo Vera Lynn no rádio à noite. Sim, isso me faria muito bem.

— Pode visitar o quanto quiser, Ruby. Você abriu sua casa para mim quando eu não tinha para onde ir e, no que me diz respeito, o que é meu é seu.

Ruby se engasgou com as palavras gentis de Maisie.

— Eu não veria nenhuma das amigas de nossa Sarah sem um lugar para deitar a cabeça. Além disso, você faz parte da família agora, assim como Freda aqui.

Freda estava parada em silêncio perto da porta.

— Uma grande família feliz — disse ela sem muito entusiasmo. — Achei que Sarah estaria aqui para ajudar, já que ela não estava trabalhando hoje.

— Eu ouvi meu nome sendo mencionado? — disse uma voz da sala dos fundos antes de Sarah aparecer segurando um balde e um pano. Ela estava usando um avental grande demais e seu cabelo na altura dos ombros estava preso em um lenço brilhante florido para mantê-lo limpo. — Olá, vocês duas, vieram nos dar uma mão? Passei um pano no varal e varri o caminho do jardim. Estão prontas para o dia da lavagem? — ela sorriu. — O “abrigo Anderson” (abrigos pequenos que as pessoas montavam em casa) parece confortável e não muito úmido, então você teve sorte. Tomara que não precise usá-lo por muito mais tempo.

— Esperemos que sim — disse Ruby, levantando-se da cadeira e indo até a janela, avaliando-a com as mãos nos quadris. — Tenho algumas cortinas que acho que vão caber nessas janelas. Eu enlouqueci alguns anos atrás e comprei algumas novas para todos no andar de baixo e coloquei os conjuntos antigos no loft. Contanto que os ratos não as tenham pegado, devem lhe servir por enquanto. Mesmo que não tenha uma janela de sacada como eu, acho que se encaixam. Pode tê-las como presente de mudança.

Maisie deu um abraço em Ruby.

— Tem certeza disso, Ruby? Pode precisar delas novamente algum dia. Só é preciso que o maldito Hitler envie a Luftwaffe e jogue uma bomba, e você pode perder suas janelas e arruinar suas cortinas.

Todos riram do entusiasmo de Maisie.

— Se Hitler estragar minhas cortinas, eu vou aparecer na estrada e pegar as outras de volta com você — Ruby rugiu com uma risada.

Enquanto Maisie e Ruby estavam na janela discutindo sobre cortinas, Freda olhou timidamente para Sarah. Nos dois dias desde que brigaram na cantina da Woolworths, ela evitou Sarah enquanto planejava como fazer as coisas para sua amiga por suas palavras tolas.

— Sinto muito pelo que disse, Sarah. Eu não estava pensando e me sinto horrível pela possibilidade de que isso estrague nossa amizade.

Sarah, que se sentiu igualmente mal por ser tão dura com sua melhor amiga, deu-lhe um soco gentil no braço.

— Não seja tola. Eu sentia a mesma culpa e fui mais do que um pouco egoísta. Vamos esquecer tudo isso, certo?

— Prefiro não, se para você é tudo a mesma coisa — disse Freda enquanto abria a bolsa e tirava dois envelopes. — Maureen me lembrou que costumávamos nos divertir muito juntas antes de casamentos e filhos aparecerem e talvez, com a guerra e tudo mais, tivéssemos esquecido o quanto significamos uma para a outra, então pensei em presentear nós três com uma noite fora. Aqui está — disse ela, entregando um envelope a Maisie e a Sarah.

— Ingressos para ver o Show Boat no West End — gritou Maisie. — Oh meu Deus, Freda, você é um amor — disse ela, segurando o bilhete contra o peito e pulando de alegria.

— Sabe que não precisava fazer isso — disse Sarah, abraçando a jovem amiga. — Mas, como você, gostaria de nos oferecer uma refeição no Lyon's Corner House.

— E eu vou comprar os coquetéis. É hora de expandir seu gosto por álcool, e lá tem algo muito melhor do que xerez — Maisie sorriu,

lembrando Freda da tarde que passaram no pub em Bethnal Green.

— Quanto a mim, ficarei bem aqui com uma garrafa de cerveja forte para me fazer companhia — disse Ruby, recostando-se no sofá de couro. — Acho que vocês gostariam que eu cuidasse das crianças esta noite.

— Ruby, você é uma joia — exclamou Maisie, jogando-se ao lado da mulher mais velha e dando-lhe um grande beijo na bochecha. — Eu abençoo o dia em que vim para Erith e as conheci.

Ruby, acompanhada por sua neta, Sarah, junto com sua inquilina, Freda, voltou pela Alexandra Road depois de um tempo ocupado ajudando Maisie a arrumar as camas e transformar a casa em um lar para sua jovem família. Aproximava-se rapidamente a hora do chá; ela estava feliz por ter pensado em preparar uma torta de carne e batata que só precisaria ser aquecida no forno quando ela chegasse em casa.

— Então, o que é isso sobre vocês duas se desentendendo? Se não fossem mulheres adultas, eu teria batido suas cabeças e dito para crescerem.

— Não foi nada, vó, honestamente.

— Melhor esquecer — acrescentou Freda rapidamente.

— Vocês duas não saem dessa fácil. Vamos logo com isso — Ruby exigiu.

— Eu fiz um comentário sobre os ataques às barragens na Alemanha e quantos alemães teriam sido mortos e como a maioria teria sido mulheres e crianças — explicou Sarah.

Ruby parou de andar para recuperar o fôlego.

— E o que tem a dizer sobre isso que fez vocês se desentenderem?

Sarah abaixou a cabeça.

— Fiquei com raiva porque pensei que Alan poderia estar voando naquela missão protegendo os homens que carregavam as bombas.

Ruby pensou por um ou dois segundos.

— Então, quem achou que eles estavam certos?

— Achei certo dizer o que pensava — disse Freda calmamente, antes de explicar sua opinião.

— Acho que estou certa com minha opinião — disse Sarah, projetando o queixo desafiadoramente.

— As duas estão certas. Também acho que ambas concordam com as opiniões uma da outra, mesmo que não digam tanto. Não queremos Alan machucado... ou pior. Nós o amamos muito e, por esse motivo, queremos que essa guerra termine o mais rápido possível e se isso significa explodir toda a Alemanha, que assim seja.

Freda começou a falar.

— Mas, Ruby...

Ruby levantou a mão para silenciar a jovem.

— No entanto, nenhuma de nós quer ver ninguém ferido, especialmente mulheres e crianças, mas isso é guerra para você e provavelmente a centenas de quilômetros de distância há mulheres como nós tendo a mesma conversa. A guerra não é algo bom. Eu já passei por isso uma vez e não esperava que acontecesse novamente na minha vida. Então, temos que aguentar e lidar da melhor maneira possível. Não vamos brigar por isso, vamos? O que dizem?

As meninas concordaram com a cabeça e deram os braços a Ruby enquanto começavam a andar pela rua. Ruby não disse que guardou seu exemplar do Daily Telegraph que continha o artigo e o guardou no fundo do guarda-roupa junto com outros jornais. Ela sabia que Alan gostaria de ler as notícias quando finalmente chegasse em casa, seja sobrevoando a Alemanha, bombardeando a Birmânia ou ensinando rapazes a pilotar aviões. Havia também um anúncio sobre livros de racionamento que ela precisava recortar e ler.

As mulheres caminharam em silêncio até que Ruby falou.

— Quem teria pensado nisso? — disse ela em voz alta.

— Pensado em quê, vó?

— Que nossa Maisie teria se tornado um pássaro tão caseiro, e com três filhos também.

— Para ser justa, ela sempre quis ter filhos. Deixou isso bem claro na primeira vez que a conhecemos. Fiquei bastante envergonhada pela maneira como ela colocou isso, e só a conhecia há uma hora — Freda deu uma risadinha.

— Ela é uma boa mãe — disse Sarah. — Bessie e Claudette têm a sorte de terem sido resgatadas naquela noite em Bethnal Green. Meu sangue gela só de pensar no que poderia ter acontecido se você e Maisie não estivessem lá para arrancar aquelas garotas do amontoado de corpos.

Freda assentiu.

— Ainda acordo à noite suando frio depois de sonhar em ser puxada para baixo com todas aquelas pobres pessoas. Se tivéssemos chegado alguns minutos antes, poderíamos ter sido nós que morremos junto com a mãe de Maisie. O que não entendo é como não havia nada nos jornais sobre isso. Nem mesmo uma menção no Pathé News. Se não fosse por ir ao funeral de Queenie com Maisie, poderíamos pensar que tínhamos imaginado tudo.

— Sim, pensei o mesmo — concordou Sarah. — Mas não foi o mesmo com a bomba de petróleo caindo em Bexleyheath Woolworths? Nenhuma menção a isso e a polícia, assim como a sede, nos disseram que não deveríamos falar sobre isso por causa da segurança nacional.

— A última coisa que queremos é que Hitler descubra como ele diria que estava vencendo a guerra com tantas mortes. O melhor é ficar quieto. Aqueles que estão de luto sabem a verdade — disse Ruby. — O que eu

quero saber é se alguém vai aparecer e reivindicar aquelas duas garotinhas? Vai partir o coração de Maisie perdê-las agora. Ela teve notícias daquele irmão dela? O normal é que ele enviasse pelo menos um cartão postal para suas próprias filhas — ela bufou.

— Tudo o que sei é que David ajudou Maisie a enviar uma carta ao exército após a morte de Queenie, para que ele soubesse que as meninas estão seguras com ela. Mas quem sabe se a carta chegou até ele, onde quer que sua unidade esteja no norte da África. Deve ser um lugar grande — disse Freda.

Ruby parou no portão do número 13.

— Então, novamente, ele pode não se incomodar com aquelas crianças. Ele tem sido um rapazinho desde pequeno, Maisie nos contou. Agora, você tem tempo para uma xícara rápida antes de ir para casa, Sarah?

— Se for rápido. Maureen saiu para seu jogo de cartas esta noite e tem sido um anjo cuidando de Georgie para mim. Vou sentir falta da ajuda dela quando ela começar a trabalhar por turnos na ferrovia — disse Sarah enquanto seguia Ruby e Freda pelo caminho curto até a casa.

— Ainda não consigo imaginar sua mãe trabalhando. Você diz que ela quer ser uma guarda de trem? Pelo menos os trens funcionarão no horário. Deus proíba qualquer um, incluindo a Luftwaffe, que tente parar seus trens sem cumprir o horário — Ruby riu. — Porque eu... — ela parou quando entrou na sala da frente, fazendo com que Freda esbarrasse nela. — O que há de errado, Gwyneth? — Ruby perguntou, correndo para sua bela inquilina galesa que estava soluçando em seu lenço. Sua filha adotiva, Myfi, estava por perto com um braço em volta de Gwyneth e estava igualmente angustiada.

— Eu não vou ser dama de honra — a menininha chorou, correndo para Ruby, que a pegou em um grande abraço.

— Deus, Deus,, o que é isso? — perguntou ela, acariciando a cabeça da garota e abraçando-a enquanto ela chorava.

— Vou colocar a chaleira no fogo — disse Freda e desapareceu da sala enquanto Sarah se sentava ao lado de Gwyneth e colocava o braço em volta do ombro da mulher.

— O que você deve pensar de nós? — Gwyneth disse enquanto assoava o nariz e dava um sorriso fraco para as mulheres. — Eu não queria que voltasse para casa para tudo isso. Troquei algumas palavras com Mike e ele foi embora — acrescentou ela, parecendo preocupada. — Eu disse algumas coisas duras, esquecendo que Myfi podia ouvir da sala ao lado.

Ruby se ajoelhou na frente da garotinha e enxugou os olhos com um lenço limpo do bolso do casaco.

— Agora, mocinha, você não deve ficar chateada assim. Suponho que ouviu sua mãe?

Myfi acenou com a cabeça, o rosto ainda tremendo de tanto chorar, e olhou para Ruby com seus grandes olhos verdes.

— Às vezes as pessoas dizem coisas que nem sempre querem dizer quando estão chateadas ou quando pensam que estão sozinhas. Eu ficaria muito surpresa se sua mãe não usasse aquele lindo vestido de que tanto falamos e se casasse com Mike como planejamos. Agora, por que não vai ajudar Freda a fazer o chá? Eu sei que está praticando como fazer isso para o seu distintivo Brownie e é o momento certo para nos mostrar o quão boa é. Você também pode dizer a Freda que há alguns biscoitos guardados na lata no fundo da despensa. Eu os estava guardando para uma ocasião especial e não há nada mais especial do que superar algumas lágrimas.

Ruby usou o braço de uma cadeira próxima para ajudá-la a se levantar.

— Eu deveria pensar duas vezes antes de me ajoelhar. É uma merda levantar de novo — ela suspirou enquanto, com um leve cambaleio,

sentava-se em uma poltrona. — Empurre a porta, Sarah, por favor, então podemos conversar sem pequenos ouvidos ouvindo. — Ela esperou enquanto Sarah fechava a porta e voltou a se sentar ao lado da mulher de cabelos escuros, que parecia um pouco mais composta do que alguns minutos antes. Ela pensou em quantas coisas aconteceram dentro daquelas paredes de tijolos – tristeza, felicidade e um pouco de dor demais. Sem dúvida, seria o mesmo na casa de Maisie, no final da estrada, com o tempo. Assim era a vida. — Agora, por que você não nos diz do que se trata tudo isso e então podemos ver como colocar as coisas em ordem novamente, apenas para que uma garotinha possa caminhar pelo corredor atrás de sua mãe?

— Isso está se formando há um tempo... bem, para mim. Mike parecia alheio ao que estava me incomodando. Tentei falar com ele, mas ele não entendeu ou optou por me ignorar.

— Bem, eu vou explodir se eu entender qual é o seu problema... — Ruby disse com exasperação.

— Dê um tempo para ela, vó. Gwyneth precisa explicar em seu próprio tempo. Vá em frente, amor — disse Sarah, pegando a mão da mulher e apertando-a.

— Por mais que eu a ame, Myfi não é minha própria filha e sempre sonhei que um dia, se eu encontrasse o homem certo e me casasse, eventualmente haveria filhos. Eu esperava três ou quatro. Quando conheci Mike e nos apaixonamos, pensei que minha vida estava completa. Insinuei sobre nossa família algumas vezes, e Mike sempre conseguia não responder. Para começar, eu achava que ele era tímido. Ele é mais velho do que eu e é difícil para alguns homens falarem sobre amor e coisas assim.

— Está certa, amor. Meu Eddie era um marido e pai decente, mas não gostava muito de romance ou de falar sobre seus sentimentos. Eu sabia que

estava aqui no coração dele — disse Ruby, colocando a mão sobre o coração —, mas ele preferia morrer a colocar em palavras. Na verdade, ele fez isso, acrescentou ela, parecendo triste. — Seu Mike é sem dúvida o mesmo.

— Não, é mais do que isso — disse Gwyneth, sua voz subindo enquanto ela ficava angustiada. — Esta tarde ele me encontrou no trabalho e voltamos para casa juntos, pegando Myfi da escola no caminho. Eu estava contando a ele sobre o encontro com o vigário para providenciar a leitura dos proclamas e ele sugeriu que, até que tenhamos um lugar para morar, não deveríamos pensar em reservar a igreja. Ele disse que poderíamos alugar os quartos na avenida onde Maisie e David moravam e foi aí que fiquei chateada. Eu disse a ele que era inútil mudar para um lugar como aquele, por mais agradável que seja, quando provavelmente teríamos que nos mudar dentro de um ano quando um bebê nascesse. Todos sabemos que Maisie não tinha espaço para balançar um gato em sua antiga casa, e estaríamos na mesma posição quando as crianças chegassem.

Ruby pensou que Gwyneth estava se precipitando um pouco, mas decidiu ficar quieta quando viu Sarah erguer as sobrancelhas para ela. Sua neta a conhecia muito bem.

— Vá em frente, amor — ela insistiu em vez disso.

— Acabamos de chegar em casa e deixei Myfi abrir a porta e seguir em frente quando ele me parou e... e... — ela puxou o lenço de onde o enfiou na manga do cardigã. — Ele me disse que achava que precisávamos considerar cuidadosamente se deveríamos ter filhos... — ela assoou o nariz e se esforçou para não começar a chorar novamente. — Ele me disse que estava feliz com a forma como as coisas estavam conosco, tendo Myfi, e que poderíamos adotá-la adequadamente e viver felizes juntos, apenas nós três.

Sarah ficou surpresa ao ouvir as palavras de Gwyneth. Mike nunca lhe parecera um homem que não queria filhos.

— Tem certeza de que foi isso que ele disse, Gwyneth? Não pode estar enganada?

Gwyneth balançou a cabeça violentamente.

— Ah, não, ele deixou os seus sentimentos extremamente claros e eu também. Nenhum filho nosso significa que não há casamento para ele. No que me diz respeito, nunca mais quero ver o homem novamente.



BETTY BOCEJOU enquanto se levantava da mesa e se aproximava para abrir a janela de guilhotina em seu escritório. Uma rajada de ar quente entrou junto com os sons das pessoas na rua abaixo. Era um sábado, e o comércio estava animado na loja do andar de baixo. Ela mal dormiu, esperando por Douglas e depois se revirando e se preocupando com sua enteada mais velha, Clemmie. O que quer que ela fizesse, a garota não estava feliz e parecia ter prazer em fazer Betty se sentir desconfortável em sua própria casa. Douglas parecia alheio ao que estava acontecendo sob seu próprio teto. Ela só teria que cerrar os dentes e ter uma palavra com ele. Ela se virou bruscamente quando alguém bateu em sua porta.

— Entre.

Freda entrou segurando uma bolsa de pano cheia de moedas.

— Desculpe incomodá-la, Betty. Estou terminando a coleção para Maureen. Ela deixa Woolies depois de amanhã e eu ainda não pensei no que comprar para ela como presente de despedida. Gostaria de saber se gostaria de contribuir?

— Meu Deus, é tão cedo! Achei que tivéssemos mais uma semana antes de ela partir. Oh meu Deus, eu ainda tenho que encontrar alguém que possa trabalhar na cantina dos funcionários e cozinhar refeições decentes para nossos trabalhadores. Suponho que você não teve sorte em perguntar ao pessoal do balcão? — Betty disse enquanto pegava a bolsa, que estava debaixo da mesa e tirava sua bolsa.

— Ainda não. Alguns deles mostraram algum interesse, mas não deu em nada. Coloquei um cartão-postal na parede da sala dos professores e disse para lhe procurarem.

— Essa é uma boa ideia. Avisei a bolsa de trabalho que estamos procurando uma cozinheira, mas, como você, ainda não consegui. Oh, querida — disse ela, olhando para a bolsa. — Eu poderia jurar...

— Há algo errado? — perguntou Freda, aproximando-se da mesa.

— Eu poderia jurar que tinha duas meias coroas na minha bolsa. Estavam lá ontem à noite quando paguei minha passagem de ônibus. — Ela balançou a cabeça, incrédula.

— Não os gastou esta manhã a caminho do trabalho?

— Não, Douglas tinha um compromisso em Erith, então ele gentilmente me trouxe para o trabalho. — Ela não acrescentou que estava em um carro funerário. — Vou ao banco na hora do almoço e sacarei algum dinheiro. Ponha-me nessa por cinco xelins e pegue-os esta tarde, caso contrário, posso esquecer isso também — disse ela, parecendo confusa.

Freda deu a Betty um olhar cauteloso. Betty não parecia estar em sua melhor forma ultimamente. Talvez ela estivesse assumindo demais agora que tinha um marido, além de um trabalho ocupado.

— Eu vou pegá-los mais tarde. Não há pressa — ela sorriu, tentando esconder seus pensamentos enquanto outra pessoa batia na porta. — Vou deixá-la trabalhar.

Freda deixou a porta aberta ao sair e Betty olhou para cima para ver quem havia batido.

— Por favor, entre — ela gritou depois de esperar para ver quem apareceria. Ela ficou surpresa ao ver a faxineira, Enid.

— Pode me dar um minuto, Sra. Billington?

— Olá, Enid — disse Betty. Ela não tinha ideia do que a mulher queria, mas com a mente ainda no dinheiro que havia desaparecido de sua bolsa, não estava com vontade de ouvir os problemas de sua equipe.

Enid entrou mancando na sala e sentou-se na cadeira em frente a Betty.

— Eu vim para o trabalho.

— O emprego? Você não está feliz com seu trabalho de limpeza? — perguntou Betty. Ela pretendia ter uma conversa com a mulher, mas isso lhe escapou da mente. Ela estava ciente de que Freda estava perseguindo Enid para mantê-la alerta, mas os necessitados não podiam ser seletivos hoje em dia com os problemas de mão-de-obra que ela tinha na loja. — Eu realmente não tenho tempo para discutir seu trabalho no momento, mas se quiser voltar mais tarde, posso vê-la então — disse ela, sorrindo para a mulher, que parecia muito nervosa.

— É sobre o trabalho de cozinheira. Eu quero ter uma chance. Vi o anúncio na cantina e ninguém o retirou, então pensei em tentar.

Betty olhou para a mulher. Por alguma razão, ela nunca tinha gostado dela e seu primeiro pensamento foi se perguntar se sua comida era tão boa quanto sua limpeza da loja. Ela foi salva pelo súbito gemido de uma sirene de ataque aéreo enquanto seguia em um crescendo que bloqueava todos os outros sons. Mesmo agora, depois de quase quatro anos de guerra, o som foi suficiente para fazê-la querer se enrolar em uma bola e se esconder.

— Sra. Billington, precisamos descer ao porão — disse Enid, levantando-se e saindo do escritório o mais rápido que podia, mancando.

Betty a seguiu, parando apenas para trancar a porta do escritório e verificar se o depósito e a cantina do andar de cima estavam vazios, antes de descer para o térreo da loja e a entrada do porão. Sua cabeça ainda estava zumbindo com seus problemas. Enid seria uma cozinheira adequada, e o

que a jovem Clemmie estava fazendo? Betty tinha certeza de uma coisa: sua enteada estava por trás do dinheiro que faltava em sua bolsa.



RUBY AJEITOU o uniforme da WVS e pegou o chapéu verde combinando. Ela tinha uma tarde ocupada pela frente no salão da Igreja de Cristo, onde as mulheres agora se reuniam. Era a tarde de Maisie comandando o grupo de tapetes esfarrapados e supervisionando as senhoras de “fazer e consertar”. Ela saiu pela porta da frente e olhou para a estrada para ver Maisie vindo em sua direção, o carrinho da jovem Ruby carregado de roupas e uma caixa.

— Espero que a jovem Ruby esteja segura... — perguntou ela com preocupação.

Maisie deu uma gargalhada.

— David está em casa, então ele a tem à tarde. As meninas estão na escola, então não deve ter nenhum problema. Ele acha que vai arrumar o jardim e pensar em plantar alguns vegetais depois de conversar com Bob sobre o que colocar e onde.

— Vamos torcer para que sua senhoria durma até lá ou ele não fará muita coisa. Homens e suas grandes ideias, hein? — Ruby sorriu.

— Desde que David se lembre de trocar a fralda da pequena e dar uma mamadeira, não me importo com o que ele faz. A propósito, o que está acontecendo com Gwyneth? Eu realmente preciso começar a fazer o vestido de noiva dela. Eu a peguei no Woolies ontem, quando fui comprar um fio preto, e ela disse que não tinha tempo e depois evitou falar comigo.

Ruby ajudou Maisie a conduzir o carrinho pela curva fechada da Manor Road, colocando a mão na carga para evitar que escorregasse.

— Ela e Mike tiveram uma pequena briga. Ela acha que o casamento está cancelado. Ela estava bem na outra noite, e Myfi também, quando os ouviu discutindo.

— Nossa, não achei que Mike fosse discutir. Ele não parece o tipo. Confiável e honesto é o que penso sobre ele. Qual você acha que é o problema? Eu gosto do par deles e seria perfeito para eles se estabelecerem com algumas crianças. Myfi precisa de irmãos e irmãs, e os dois seriam pais ideais.

— Eu estava esperando ter uma palavra com Mike para ver se eu poderia ajudar de alguma forma — explicou Ruby. Ela não queria mencionar que Gwyneth se recusou a morar nos quartos que Maisie e David tinham acabado de desocupar, caso isso a ofendesse. Além disso, não era sua função compartilhar o que lhe foi dito em segredo.

— Por que não desce e o encontra na delegacia? Ele está de plantão agora, pois David esbarrou nele mais cedo, quando ele saiu para o trabalho.

— O quê, e me atrasar para o nosso encontro? Terão minhas tripas para ligas se eu não chegar na hora — disse Ruby, embora achasse que a ideia de Maisie era boa.

— Vá direto para lá agora e eu te dou cobertura. Dificilmente saberão que você se foi antes de você voltar. Se você sabe o que quero dizer... — ela sorriu.

— Eu sei e eu vou — Ruby riu.

As duas mulheres se separaram no cruzamento da Pier Road com a High Street, com Ruby passando apressada pelas muitas lojas da High Street em direção à margem do rio, onde a delegacia se virava no Tâmis ao lado do cais. Ela notou uma fila na peixaria e pensou em fazer peixe com batatas fritas para o chá. Ela tinha um pouco de farinha para a massa, embora tivesse que ser ovo seco na mistura, já que sua Pat não tinha

passado ultimamente com nenhum ovo sobrando da fazenda onde ela trabalhava. Era um dia ensolarado, com pessoas aproveitando ao máximo o sol. Não perturbadas pelo aviso de ataque aéreo anterior, havia famílias aproveitando ao máximo o dia lindo, respirando ar puro e vendo o mundo passar no rio, embora principalmente os navios fossem pintados de um cinza metálico sombrio. Empurrando as pesadas portas duplas, ela foi até o balcão onde, além de alguém relatando um cachorro perdido, as coisas pareciam estar tranquilas. Nenhum grande crime em Erith hoje, Ruby sorriu para si mesma. Foi o próprio Mike quem saiu de uma sala ao lado para servi-la.

Depois de trocar gentilezas, Ruby foi direto ao ponto.

— Mike, eu gostaria de saber se podemos ter uma palavrinha em particular? — perguntou, lançando um olhar sério para o sargento de polícia.

Mike franziu a testa.

— Espero que não haja nada de errado, Ruby — ele respondeu, mostrando-lhe uma pequena sala à direita do contador alto.

— Eu não infringi a lei, se é isso que quer dizer, mas eu conheço uma jovem com o coração partido morando na minha casa. Não quero enfiar o nariz onde não é desejado — disse Ruby, tomando o lugar oferecido a ela por um Mike de aparência preocupada. — É só que, se eu puder ajudar de alguma forma, sinto que é minha responsabilidade perguntar, sendo que os pais de Gwyneth moram muito longe e eu sendo noiva do seu pai...

Um pequeno sorriso cruzou o rosto de Mike com o jeito pitoresco de falar de Ruby enquanto ele se sentava em frente a ela e passava as mãos pelos cabelos.

— Você é a pessoa mais próxima de uma mãe que eu tenho agora, Ruby. Eu preciso falar com alguém. Estou tão confuso que temo perder

Gwyneth para sempre se não tomar cuidado. Não ousou falar com papai, pois ele vai me dizer para me recompor e agir como um homem.

Ruby riu. Ela podia imaginar seu Bob fazendo exatamente isso.

— Pode me dizer o que quiser. Não sairá daqui. Então o que está te preocupando? Suponho que isso não seja apenas um caso de pés frios, rapaz?

— Eu gostaria que fosse, Ruby. É mais uma mistura de algumas coisas que, quando somadas, me deixam preocupado por me comprometer com Gwyneth.

— E Myfi – não pode esquecer a criança. Elas vêm como um pacote.

— Eu não teria outra maneira. Já penso nela como uma filha. Ela é a menina dos meus olhos. Não, é o pensamento de ter filhos com Gwyneth que me deixa amarrado, além de dar a ela um bom lar.

Ruby assentiu pensativa.

— Ela mencionou que você disse sobre ficar com aqueles quartos que Maisie e David alugaram até recentemente.

— Não consigo entender como coloquei meu pé nisso. Maisie fez dela uma boa casa e com a Avenue Road sendo uma das melhores da cidade, de frente para a fazenda como ela faz e dando para a área de recreação, seria perfeito para Myfi aproveitar. — Ele balançou a cabeça em desespero. — Achei que seria adequado para nós.

— O problema é que Gwyneth vê o futuro com mais clareza do que você. O par de vocês é mais velho do que os casais jovens usuais que se iniciam na vida. Tenho a sensação de que Gwyneth quer filhos e gostaria que eles viessem logo.

Mike parecia envergonhado e passou o dedo pela gola do paletó do uniforme enquanto seu rosto ficava com uma cor de beterraba.

— Esse é o outro problema. Acho que estou velho demais para bebês. Se alguma coisa acontecer comigo nesta guerra, não quero deixar Gwyneth sem conseguir lidar com isso. É muita coisa para se considerar.

Foi a vez de Ruby ficar com o rosto vermelho, mas dessa vez foi de raiva.

— Mike Jackson, essa é a coisa mais egoísta que já ouvi na minha vida. Ora, qualquer um de nós poderia ser aniquilado por uma bomba, passar por baixo de um ônibus ou cair morto a qualquer momento. Não podemos nos preocupar com o futuro, mas podemos planejar ser felizes. Você, meu rapaz, pode fazer de Gwyneth uma mulher muito feliz, assim como uma certa garotinha que está morrendo de vontade de ser dama de honra.

Mike parecia envergonhado.

— Eu não tinha pensado assim — admitiu. — Na verdade, sempre me imaginei como pai.

— Quanto ao seu alojamento, isso logo será consertado. Bob pode morar comigo, então você terá a casa só para você.

— O quê, vai se casar com o papai? Isso é uma boa notícia e já estava na hora também.

Ruby ergueu as mãos horrorizada.

— Espere aí, Mike. Eu não disse nada do tipo. Por favor, não comece a colocar ideias na cabeça dele, certo? Haverá um quarto vago implorando assim que Gwyneth e a criança se mudarem. Ele pode desmaiar lá. O que você vai fazer sobre o quarto que você deixará? Certamente você não vai querer um estranho sob seu teto depois de casado.

— Meu Deus, Ruby, não pensei nisso — disse Mike, parecendo preocupado. — Eu realmente não posso expulsar o homem. Ele não tem família por aqui.

Ruby parou para pensar. Foi bom Mike e seu pai darem um quarto para o colega de Mike, mas o que eles poderiam fazer com ele agora que as coisas estavam mudando?

— Não se preocupe com isso por enquanto. Vou pensar a respeito. Deve haver algum lugar em que ele possa abaixar a cabeça que seja limpo e respeitável. O que você precisa fazer a seguir é conversar com Gwyneth e esclarecer as coisas antes que ela faça as malas e vá para o País de Gales.

Mike parecia pálido de choque.

— Ela não faria isso, faria?

Ruby encolheu os ombros.

— A maneira como ela estava falando estava nas cartas. Eu sugiro que resolva suas diferenças mais cedo ou mais tarde. Se está de folga esta noite, por que não a leva para algum lugar legal? Erith Dance Studio tem uma programação prevista. Você pode retirar os ingressos na porta. Eu cuidarei de Myfi; ela é uma boa criança e não tem problema nenhum. Ela gosta de jogar jogos de tabuleiro e está ansiosa para aprender a brincar de berço. Freda vai a Londres para ver um show com Sarah e Maisie, então teremos o lugar só para nós, além de Nelson – aquele cachorro adora Myfi, assim como ela o adora. Posso ver você tendo um cachorro como inquilino quando se casar.

Mike se levantou e deu um grande beijo na bochecha de Ruby.

— É uma boa mulher, Ruby Caselton.

Ruby saiu da delegacia tão satisfeita por ter conseguido acalmar a mente de Mike e ajudar na situação. Ela gostava de um bom casamento e Gwyneth e Mike formariam um belo casal. A única mosca na pomada seria Bob vivendo sob o teto dela. Apesar de ela dizer a ele que não estava pronta para se casar até ter certeza de que seu Eddie aprovaria, ele ainda a estava incomodando para saber o dia.

— Bem, ele vai ter que esperar até que eu esteja bem e pronta — murmurou para si mesma. — Se Bob está tão ansioso para se casar, ele pode ir até Vera e perguntar a ela. Ela não o recusaria.



FREDA FICOU em transe enquanto observava o palco. Show Boat foi um musical tão esplêndido. Ela se sentou, quase derramando lágrimas, enquanto a emocionante e poderosa “Old Man River” era cantada por um cantor solo no meio do palco e no minuto seguinte estava batendo os dedos dos pés ao som das músicas mais animadas do show. Talvez tenha sido o coquetel com que Maisie as presenteou antes do show que a deixou tão alegre ou apenas o prazer de esquecer a guerra por algumas horas, embora ainda estivesse com a máscara de gás à mão para estar no lugar seguro. Ela sabia que muitas pessoas haviam parado de carregar as máscaras incômodas, mas com certeza o governo não as teria distribuído sem motivo. Não, Freda pretendia levar a dela na caixa estilo bolsa que Maisie havia coberto com um belo pedaço de tecido até o dia em que a guerra terminasse.

— Muito obrigada por este mimo maravilhoso — disse Sarah à jovem amiga enquanto saíam do prédio entre a multidão feliz de frequentadores do teatro. — Vou me lembrar desta noite enquanto viver.

Maisie pegou seus cigarros e tragou profundamente, soltando uma nuvem de fumaça.

— Devo admitir que foi muito bom. Os figurinos eram fantásticos, considerando que os designers têm as mesmas restrições impostas a eles, como fazemos ao fazer roupas. Suponho que alguns vestidos teriam sido usados em outras produções. Fazer e consertar parece nunca parar, não é? — ela disse com uma voz amarga. — Se tem uma coisa que me deixa pra

baixo nessa guerra, é ter que me virar quando eu amo vestir as crianças com roupas novas sem contar cupons e desfazer e refazer roupas. Maldito Hitler — ela sorriu para as meninas, ao mesmo tempo em que acenava para um bar próximo. — Vamos, preciso de outra bebida. David me deu algum dinheiro para contribuir com o leite, então vamos explodir em coquetéis. Do que gostam? — perguntou ela, jogando o cigarro na calçada e apagando-o com a ponta de um de seus melhores sapatos de camurça marrom. — Vou — tomar um Singapore Sling se eles não ficarem sem gim.

— Prefiro uma xícara de chá — sussurrou Sarah para Freda, enquanto seguiam Maisie pelas portas fechadas do bar —, mas não serei uma estragaprazeres. Vamos fazer um pacto de não beber demais para o caso de perdermos o trem. Betty não ficará feliz se não aparecermos no trabalho. É o último dia de Maureen e ela ainda não encontrou alguém para substituí-la na cantina. Aqui tem uma mesa no canto — ela gritou para Maisie, que estava avançando em meio à multidão ao redor do bar movimentado. — Parece que a frota chegou — ela sorriu para Freda quando alcançaram a multidão e o som de bebedores felizes se tornou ensurdecedor.

— Junto com a RAF e metade do exército. Este lugar está lotado. Vou pegar aquela mesa antes que alguém nos vença também — gritou Freda para que Sarah pudesse ouvi-la. — Fique de olho em Maisie para que ela não compre as coisas fortes e nos deixem bêbadas.

— Será sorte, querida, eles regam tudo por aqui — um marinheiro alegre piscou para ela. — Sozinha, não é?

Freda conhecia seu tipo e não estava interessada em sua atenção.

— Estou com minhas companheiras. Meu marido está em casa cuidando de nossos dez filhos. Onde está sua esposa? — o marinheiro murmurou algo desagradável e voltou-se para seus amigos. Ela ainda estava sorrindo para si mesma quando Maisie e Sarah apareceram com as bebidas.

Os tempos haviam mudado. Dois anos atrás, ela não teria falado nada, muito menos mandaria um marinheiro embora com o rabo entre as pernas.

— O que vamos brindar? — perguntou Maisie, erguendo o copo acima da cabeça.

— Amizade? — sugeriu Sarah.

— Sempre brindamos a isso. Desnecessário será dizer, não é? — respondeu Maisie, ainda segurando o copo para o brinde.

— Então que seja encontrar um bom cozinheiro para a cantina dos funcionários ou morreremos de fome — sugeriu Sarah.

— Não pode brindar à procura de um cozinheiro — zombou Maisie quando seu braço começou a tremer.

— Além disso, Betty está fazendo um teste com Enid, do outro lado da rua. Não tenho muita esperança, pois ela é quase inútil como faxineira, mas os mendigos não podem escolher — interveio Freda.

— Deus salve a todos nós — declarou Maisie e tomou um gole de seu copo.

— Não tenho certeza se consigo outra dança — disse Gwyneth, inclinando-se para esfregar o pé.

Mike parecia triste.

— Meu Deus, eu não pisei no seu pé de novo, pisei? Meus pés estão mais acostumados a arrastar a batida do que dançar.

Gwyneth deu-lhe um sorriso terno.

— Ah, Mike. Você é um dançarino maravilhoso. Eu poderia ficar em seus braços para sempre. É que eu fiquei de pé o dia todo e esses sapatos de dança que Maisie me emprestou estão um pouco apertados.

— Por que não disse? Aqui, sente-se e eu vou buscar uma bebida para você enquanto descansa. Vou lhe encontrar os melhores sapatos de dança que o dinheiro pode comprar, então poderá dançar comigo o quanto quiser

em nosso casamento — declarou ele, enquanto a conduzia para um lugar vago ao lado da pista de dança.

Uma sombra cruzou o rosto de Gwyneth.

— Mike, ainda não tenho certeza... eu sei que concordei em vir dançar com você, mas quanto a um futuro juntos... — ela olhou para o anel de noivado que Mike tinha colocado em seu dedo não muito tempo atrás. Mike se abaixou e pegou as mãos dela.

— Querida, as coisas mudaram. Tenho tantas coisas para lhe dizer. — Ele olhou em volta para o estúdio de dança lotado. — Não podemos conversar aqui. Você acha que seus pés podem me aguentar tomando-a para uma curta caminhada?

Gwyneth assentiu com a cabeça. Ouviria Mike. Como ela estava quase decidida a retornar ao País de Gales com Myfi para morar com seus pais depois de mudar de ideia sobre o casamento, era justo que ela se despedisse dele adequadamente. Ela odiava desapontar o homem que ela tanto adorava, mas não havia sentido em caminhar para um futuro juntos quando ambos tinham pensamentos diferentes sobre como o casamento deveria prosseguir.

— Vou pegar nossos casacos — sorriu Mike.

Gwyneth caminhou lentamente entre os casais dançando, evitando olhar para os rostos felizes. Ela sentiria tanta falta de Mike que parecia que seu coração estava se partindo, mesmo que ela ainda não tivesse dito a ele que estava deixando Erith. Ela o encontrou na entrada e ele deslizou o casaco em torno de seus ombros nus. Ela usava um lindo vestido de dança azul marinho que estava cheio de pequenos botões de rosa amarelos. A escuridão combinava com seus cabelos negros e olhos brilhantes, embora no momento retratassem apenas tristeza.

— Aqui, pegue meu braço ou vai tropeçar na escuridão — disse Mike enquanto eles cruzavam de onde o Erith Dance Studios estava situado e

caminhavam em silêncio amigável pela Pier Road.

— É difícil acreditar que esta cidade pode ser tão movimentada durante o dia e tão quieta à noite — Gwyneth suspirou. — Nem consegue ver os balões de barragem no Tâmis.

— Nós os veremos em breve, quando o inimigo se aproximar. Nossos holofotes não perdem nada.

Gwyneth estremeceu.

— Eu odeio essa guerra e o que ela está fazendo com a vida das pessoas. Levou a mãe de Myfi, minha irmã gêmea, de nós — disse ela amargamente.

— Myfi a tem agora, e você é uma ótima mãe. Ninguém jamais poderia discutir isso.

— Mas não é a mesma coisa, é? — ela se virou para olhar para ele. Mesmo que seus rostos estivessem a poucos centímetros um do outro, Mike não conseguia ver se ela estava com raiva ou chateada. Tirando uma lanterna do bolso, ele levou Gwyneth até os degraus em frente à porta da loja Woolworths e colocou o casaco no chão, encorajando-a a sentar no degrau mais alto antes de apoiar a lanterna contra uma janela que emitia um pequeno brilho de luz.

— Gwyneth, tenho sido um idiota. Eu pensei em tudo e cheguei a uma decisão.

— Eu também, Mike. Resolvi voltar para os Vales. Tem havido muita mágoa fora de casa. É hora de Myfi retornar ao País de Gales e suas raízes. Não há nada aqui para nenhuma de nós.

Mike não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Gwyneth, tivemos brigas. Eu sei que o que eu disse não era o que você queria ouvir, mas acredite, eu só quis fazer o que era melhor para você

e Myfi. Eu não fui casado antes e, para ser honesto, todo o negócio me petrifica.

Gwyneth apoiou os cotovelos nos joelhos e cobriu o rosto com as mãos. Depois de um momento, ela olhou para Mike e deu-lhe um sorriso aguado.

— Mike, você não acha que isso me petrifica também? Tive um casamento violento e vi minha irmã ser morta e Myfi ir embora sozinha. Quando te conheci foi como voltar para casa depois de muito tempo sozinho na mar. Você foi gentil, carinhoso, e, acima de tudo, descobri que te amava.

Mike estendeu a mão e pegou a dela.

— Nunca deixei de te amar, Gwyneth. Eu poderia me chutar por ser um palhaço. Eu queria uma casa para nós e nunca pensei por um momento que não seria grande o suficiente para uma família adequada...

— Você quer dizer, quer filhos?

— Quero adotar Myfi e também quero nossos bebês, se formos abençoados com eles. Fui um pouco tolo sobre termos filhos, pensando que eu era muito velho, mas voltei a mim.

Gwyneth não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Mais de um bebê?

— Cem bebês, se é isso que quer, meu amor — disse ele, beijando a palma da mão dela. — Só não fuja para o País de Gales e me deixe. Prometa-me isso.

— Eu prometo que nunca vou te deixar, Mike — foi tudo o que ela conseguiu dizer antes que ele a puxasse para perto e a beijasse suavemente.

— Eu poderia me chutar por quase perdê-la — disse ele. Gwyneth retribuiu o beijo e por alguns momentos eles não se falaram.

— Não me importo de me mudar para os quartos da avenida. Maisie os deixou realmente aconchegantes.

— É tarde demais. Eles foram ocupados — respondeu Mike, sua voz ainda rouca depois dos beijos compartilhados.

Gwyneth ficou desapontada.

— Então ainda estamos sem casa?

— Tenho uma linda casa pronta para você do outro lado da rua de Ruby.

— Mas essa é a casa que divide com seu pai e você tem um inquilino da delegacia de polícia — disse ela, tentando não parecer desapontada, mas depois deu a si mesma uma severa repreensão. Ela tinha Mike de volta e não deveria esperar muito, especialmente em tempos de guerra. — Não se preocupe, podemos procurar um lugar juntos. Devemos ser gratos por termos um ao outro — disse a ele com firmeza para que ele entendesse que ela estava feliz com sua sorte.

Mike caiu na gargalhada.

— Oh meu amor, você não entende. Papai vai morar com Ruby e podemos encontrar outro lugar para o inquilino morar, mesmo que isso signifique que ele fique em uma cela na estação.

— Isso seria perfeito — ela suspirou.

Gwyneth estava se aconchegando nos braços de Mike quando ouviram passos apressados e então alguém gritando:

— Apague essa luz!

— Meu Deus, esqueci que papai estava de plantão ARP — disse Mike, pegando a lanterna para desligá-la e puxando Gwyneth para ficar de pé.

— Que diabos está acontecendo aqui? Você poderia ter alertado metade da força aérea alemã para vir nos bombardear — Bob rugiu quando chegou na frente deles ofegante.

— Olá, pai, ficará feliz em saber que o casamento voltou.



— **COMO** É agradável para todos nós nos sentarmos para jantar juntos — Betty sorriu para Douglas e as duas garotas enquanto servia legumes em seus pratos de sua melhor travessa. Ela tinha dado tudo de si, vendo como era uma ocasião especial.

Clemmie se encolheu mal-humorada em seu assento, esfaqueando batatas em seu prato. — Sente-se direito e jante — Douglas a repreendeu.

— Não gosto de peixe — respondeu a garota, lançando um olhar de ódio a Betty. — Todo mundo sabe que eu realmente odeio peixe. — Ela jogou o garfo sobre a mesa, dando um sorriso enquanto saltava sobre a toalha de linho branco deixando marcas de comida em seu rastro. Betty agarrou a faca e o garfo e se esforçou para não parecer irritada. Ela sabia por experiência anterior que essa era exatamente a reação que Clemmie desejava ver. Todas as meninas de onze anos eram assim? As coisas melhorariam quando Clemmie chegasse ao seu décimo segundo ou décimo terceiro aniversário? Era o aniversário dela em poucos dias. Talvez devesse planejar algo bom para ela? Betty pensou consigo mesma enquanto tentava manter a conversa agradável ao redor da mesa enquanto Douglas pegava os talheres ofensivos e os devolvia para sua filha. Ela aceitou a contragosto, mas começou a comer sua comida.

— Então, Dorothy, como foi a escola hoje? Fez seu teste de leitura?

A menina mais nova engoliu um bocado de comida e assentiu.

— Sim, Betty, eu li três páginas de Peter Pan para a Srta. Peebles e ela disse que eu estava indo bem.

Betty tentou não sorrir. A garota não era problema nenhum. As coisas tinham ficado tão ruins na casa ultimamente que ela frequentemente desejava que Dorothy fosse filha única. Ela se perguntou, se estivesse esperando um bebê, em vez de passar por uma “vida posterior” como seu médico havia sugerido rindo, se o bebê teria sido tão temperamental quanto Clemmie? Deus me livre, ela quase disse em voz alta.

— Isso é uma boa notícia, Dorothy. Não há nada melhor do que poder ler e desfrutar de uma história. Eu gosto de ler. A propósito, meninas, gostaria de saber se alguma de vocês já se deparou com duas meias coroas? Parece que eu as perdi aqui. Em um minuto elas estavam na minha bolsa e então devo ter tirado o dinheiro e deixado em algum lugar. Bastante bobo da minha parte, mas é muito dinheiro a perder. Eu esperava usá-lo para um tratamento especial.

Douglas ergueu as sobrancelhas, mas não falou. Betty sabia que seria interrogada mais tarde.

— Oh, querida — disse Dorothy com uma voz triste, — isso significa que não teremos nossa guloseima agora?

— Temo que sim. O dinheiro não cresce em árvores, como vocês sabem. O dinheiro tem que ser ganho ou dado de presente. — Betty descobriu que apenas Dorothy estava interessada, pois Clemmie estava finalmente comendo com gosto...

— O que foi aquilo no jantar? — Douglas perguntou mais tarde, quando as meninas foram para a cama e estavam tomando uma xícara de chocolate ao lado das últimas brasas do fogo. Esfriou durante a noite e Betty acendeu o fogo preparado por capricho.

— Ah, alguma coisa e nada. Parece que estou ficando um pouco esquecida esses dias e pensei que poderia ter perdido o dinheiro. Sem dúvida, vai aparecer em breve.

— E o mimo?

— É o décimo segundo aniversário de Clemmie em breve e devemos comemorar a ocasião em família. O que você fez no ano passado? Ela fez uma festa com as amigas? Não gostaria de repetir o que você fez, a menos que sinta que ela vai gostar.

Douglas largou o jornal e pensou por um momento.

— Acho que ela pediu um casaco novo com gola de pele. Sim, fomos comprar um casaco azul e encontramos um chapéu e luvas combinando. Pensando bem, não a vejo usar desde o chá de aniversário.

Betty franziu a testa.

— Tem certeza disso, meu amor? As garotinhas não costumam pedir roupas para o aniversário de onze anos.

Douglas colocou novamente o jornal no colo.

— Eu estou certo; ela queria um casaco, pois suas duas amigas tinham roupas semelhantes. Subimos até o West End, pois havia uma certa loja onde o casaco podia ser comprado. Ela foi muito particular sobre isso e usou o casaco em casa e na escola no dia seguinte. É estranho que eu não a tenha visto usando desde então.

— Talvez ela tenha ficado maior que ele... se for esse o caso, vou pedir a Maisie para alterá-lo para caber em Dorothy. Desperdício não quero, não.

— Por que não pensei nisso? — disse Douglas, desistindo de qualquer esperança de ler seu jornal.

— Porque, querido marido, é para isso que serve uma esposa. Você é o ganha-pão. Agora, talvez você possa me atualizar sobre como sua empresa está funcionando? Encontrou novos funcionários para que possamos ter o prazer de sua companhia na mesa de jantar todas as noites?

— Eu esperava ter atraído novos funcionários agora, mas com o Serviço Funerário de Fothergill nos prejudicando e pagando salários mais

altos, o negócio está pior do que nunca. Isso significa que vou ter que ser um agente funerário prático por mais algum tempo e colocar a papelada em dia após o último enterro do dia. Então, temo que isso signifique mais noites no futuro próximo.

— Ah, que chato terrível — suspirou Betty, pegando sua revista *Woman's Weekly* e folheando as páginas. Um artigo sobre mulheres apoiando seus homens durante a guerra chamou sua atenção. — Acredito que tenho a resposta — declarou ela.

— A menos que você possa ter uma palavra no ouvido de Hermann Göring e pedir que ele organize a Luftwaffe para lançar uma bomba de cem toneladas no Fothergill's, não sei como você pode ajudar, minha querida — Douglas suspirou.

— Receio que meus dias como *femme fatale* tenham acabado de verdade, Douglas — Betty deu uma risadinha —, mas sou uma expert com a papelada. Em vez de voltar para casa direto de Woolworths todas as noites, pretendo ir ao seu escritório e ficar com a papelada. Podemos passar por isso juntos, tenho certeza disso — ela sorriu, estendendo a mão e dando um tapinha na mão dele. — Vou subir e pegar o casaco de Clemmie enquanto penso nisso. Maisie deve entrar na loja e, se eu tiver o casaco no escritório, posso entregá-lo a ela. Vou levar o casaco de inverno de Dorothy para que ela possa tirar as medidas.

Entrando rastejando no quarto das meninas para não as acordar, ela abriu o grande guarda-roupa de carvalho que quase cobria uma parede do quarto. Era um móvel que um dia pertenceu à mãe delas. Betty estremeceu ao abrir uma das portas ao sentir o cheiro do que acreditava ser o perfume de Clementine. Alcançando o fundo do guarda-roupa, passando por fileiras de lindos vestidos e roupas para as quais as meninas certamente devem ter crescido, Betty achou que era hora de resolver aquilo. As duas sobrinhas de

Maisie estariam precisando de roupas e ela sabia que a jovem Myfi também poderia caber em algumas, sendo muito menor em tamanho em comparação com Dorothy, que era propensa a ser uma garotinha gordinha. Ela viu o casaco azul e alcançou o cabide, trazendo a roupa para o quarto que estava iluminado por uma pequena luz noturna. Seu suspiro chocado acordou Dorothy, cuja cama estava mais próxima de onde Betty estava.

— Eu sabia que alguém iria descobrir um dia. Eu disse a Clemmie que ela deveria ter jogado fora o casaco — disse a criança, ainda grogue de sono.

Betty verificou se as cortinas estavam fechadas antes de acender a luz, fazendo Clemmie acordar sobressaltada.

— O que é isso? — perguntou Betty, segurando o elegante casaco de lã que tinha um corte da bainha ao cós e um corte em uma das mangas que agora estava pendurada.

— Eu disse que você seria descoberta um dia, Clem — disse Dorothy antes de se esconder debaixo das cobertas da cama.

Betty jogou o casaco no fundo da cama de Dorothy e voltou para o guarda-roupa.

— Você tem mais alguma roupa danificada escondida aí...? — ela congelou quando o som das moedas atingiu o chão coberto de linóleo e duas meias coroas rolaram em sua direção. Ela pisou nelas para impedi-las de rolar antes de gritar com Clemmie. — Explique isso, por favor!

Clemmie olhou para Betty. A indolência desapareceu e foi substituída por um olhar de medo.

Dorothy espiou por trás de um edredom verde sedoso.

— Você tem que contar a Betty, Clem. Ela pode ajudá-la.

Betty franziu a testa. O que estava acontecendo ali? Movendo-se para a cama de Clemmie, ela ficou surpresa ao vê-la se encolher.

— Eu não vou te machucar — disse ela gentilmente, sentando-se na beirada da cama. — Eu nunca faria nada para machucá-la, Clemmie. Por que você não se senta e me conta tudo? — enquanto falava, percebeu que Dorothy havia saído da cama e agora estava sentada perto da irmã, chupando o dedo. — Por favor, me diga o que aconteceu com seu casaco? Você não precisa se preocupar com isso. Tenho certeza de que Maisie pode nos ajudar a consertá-lo.

— Eu odeio o casaco, eu odeio isso — a menina começou a soluçar, quando sua irmã se juntou. Demorou alguns segundos antes que a irmã mais nova abraçasse a mais velha e sussurrasse em voz alta.

— Diga a Betty. Eu sei que ela vai fazer as coisas ficarem bem novamente. Por favor, Clemmie, por favor.

Betty observou as duas irmãs, sentindo-se honrada por fazer parte de seu mundo. Ela podia ver que por um longo tempo eram apenas as duas cuidando uma da outra. Douglas teria ignorado o que acontecia na vida de uma garotinha e, por melhor que fosse, a mulher que estava lá para elas todos os dias era apenas uma governanta paga para alimentar a família e manter a casa limpa. Algo tinha acontecido que significava que elas só podiam confiar uma na outra.

— Podem me contar tudo. Prometo não ficar com raiva. Quero ajudar vocês duas — ela implorou, estendendo a mão para tocar as duas garotas.

Dorothy falou primeiro.

— É aquela horrível Cecily Fitzsimons. Ela tem sido absolutamente horrível com nossa Clem.

— Isso é verdade, Clemmie? Foi Cecily quem estragou seu casaco?

Clemmie balançou a cabeça.

— Não, eu fiz isso.

— Mas por quê? É um casaco tão bonito. Você deve ter parecido tão inteligente nele. Acho que seu pai comprou um chapéu e luvas para combinar, o que aconteceu com eles?

— Nós os escondemos na minha caixa de brinquedos — disse Dorothy.
— Eles estão cobertos de lama. As outras meninas jogaram o chapéu de Clem em uma poça de lama e riram dela.

A cabeça de Betty estava zumbindo. Nada disso fazia sentido. Estava ficando tarde e as meninas tinham escola de manhã e Betty teve um dia agitado em Woolworths. Ela desejava subir em sua cama e apenas dormir, mas sabia que haveria duas menininhas que ficariam acordadas a noite toda preocupadas.

— Eu lhe digo o que faremos. Vou descer para fazer uma xícara de chocolate para todas nós. Vou trazê-las aqui com a lata de biscoito e podemos nos aconchegar e ter uma boa conversa. O que acham disso?

Dorothy sorriu e subiu ao lado de sua irmã, que olhou para Betty com seus grandes olhos castanhos.

— Vai nos deixar beber chocolate na cama? Podemos derramá-lo nas cobertas.

— Vai ser divertido e as cobertas podem ser lavadas. Voltarei logo — disse ela, enfiando o edredom rosa de Clemmie ao redor das duas garotas e saindo do quarto.

Ela não tinha chegado ao topo da escada quando ouviu Dorothy declarar:

— Eu lhe disse que Betty seria uma boa mãe

Betty pensou que seu coração iria quebrar. O que aconteceu com essas duas garotinhas para terem segredos que achavam que tinham que esconder de todo mundo?

Ela logo estava de volta ao andar de cima e, cumprindo sua palavra, tomaram chocolate com leite e comeram biscoitos. As meninas riram quando Betty cobriu as duas com um pano de prato limpo antes de entregar as bebidas. Elas beberam e conversaram sobre nada em particular até que as xícaras vazias voltaram para a bandeja, e Betty limpou suas bocas.

— Agora, quero que comece do início e me conte tudo o que aconteceu... Cecily?

— Sim, é Cecily. Ela é que está sendo horrível com nossa Clem — disse Dorothy, cheia de confiança, agora que sabia que Betty iria ajudá-las.

— Por que não deixamos Clemmie nos contar a história, vamos? — disse ela, estendendo a mão para segurar as mãos das meninas.

— Quando começamos na nova escola, minha professora me sentou ao lado de Cecily. Ela era amiga de todo mundo — começou Clemmie depois de respirar fundo. — Nós costumávamos brincar juntas nos recreios e eu me sentava ao lado dela no abrigo da escola quando havia um ataque aéreo. Dávamos as mãos quando estávamos com medo.

— Cecily costumava nos contar sobre os fantasmas no abrigo — interveio Dorothy antes de colocar a mão na boca, sabendo que haviam lido para deixar Clemmie falar.

— Ela tentou assustá-la? — perguntou Betty.

— Sim, ela me beliscaria se eu não a deixasse ver minhas respostas em nossas aulas de aritmética. Ela disse que o fantasma da mamãe viria nos pegar e ela seria um fantasma desagradável que nos machucaria.

— Queridas, por um lado, não existem fantasmas e por outro, sua mamãe nunca iria machucá-las. Ela amava muito vocês. — Ela olhou para onde o retrato de Clementine estava pendurado na parede olhando para eles. Talvez ela o mudasse amanhã.

— Foi quando ela disse a Clemmie que não deveria pedir brinquedos de aniversário no ano passado e pedir um casaco azul igual ao que ela usava.

— Então por que seu casaco foi danificado? — Betty perguntou, sem entender para onde a conversa estava indo.

— Eu usei na escola e também o chapéu e as luvas e Cecily disse que eu a copiei e todas as outras meninas riram de mim. Cecily disse que elas não deviam falar comigo.

— Eles não falaram conosco por uma semana inteira — acrescentou Dorothy quando seu queixo começou a balançar. Betty sentou-se mais perto das meninas e abraçou as duas.

Ela pensou que seu coração iria se partir. Quando ela conheceu Douglas pela primeira vez, ele lhe disse com orgulho como colocou as duas meninas em uma escola particular dirigida por duas senhoras gentis e como as meninas ficaram animadas para conhecer novos amigos. Foi um peso fora de seus pensamentos saber que elas estavam em boas mãos. — Seu pai não sabe disso?

Ambas as meninas balançaram a cabeça e pareciam temerosas.

— Cecily disse que se contássemos ao papai, o fantasma da mamãe faria o senhor Hitler matá-lo e ficaríamos órfãs. Ela disse que, para ser amiga dela novamente, Clemmie tinha que cortar o casaco e usá-lo em casa.

Betty estava lívida. Que criança rancorosa. Ela queria marchar até a escola amanhã de manhã e dizer à diretora aquilo que pensava por permitir que tais coisas acontecessem sob seu teto.

— Então você cortou seu casaco, Clemmie? — Clemmie parecia com medo, mas não falou.

— Nas circunstâncias, eu provavelmente teria feito o mesmo, mas e seu chapéu e suas luvas?

— Quando Clem vestiu o casaco, as outras garotas zombaram dela e tiraram seu chapéu e o jogaram em uma poça.

— Minhas luvas ficaram enlameadas quando salvei meu chapéu. — Clemmie disse tristemente. — Gostei do meu chapéu e foi aí que eu comecei a chorar e Cecily me empurrou.

— Cecily e suas amigas não falam mais conosco. Sentamos sozinhas e tentamos não olhar para elas para que não nos xinguem.

— Como o dinheiro entra nisso? — perguntou Betty, imaginando as duas meias coroas que haviam sido tiradas de sua bolsa.

— Essa foi minha ideia — disse Dorothy. — Nós íamos fugir para que Cecily não pudesse mais ser desagradável conosco, pois ela disse que você também morreria se fosse nossa mãe. Queríamos o dinheiro para comprar uma passagem de trem que nos levasse à beira-mar.

— Nós íamos nos esconder nos túneis em Ramsgate — Clemmie se ofereceu orgulhosamente.

Aliviada pelo fato de as meninas confiarem nela o suficiente para compartilhar seu problema, Betty teve que sorrir interiormente com seus planos. As meninas ficaram fascinadas quando o pretendente de Ruby, Bob, lhes contou tudo sobre os túneis sob as ruas da cidade litorânea onde as pessoas se escondiam quando os ataques aéreos estavam no auge. Bob havia explicado sobre os beliches alinhados nas laterais dos túneis onde as pessoas dormiam, e as meninas não puderam falar de outra coisa por dias. Betty teve a impressão de que o buraco profundo que encontrara atrás das plantas de ruibarbo tinha algo a ver com a jovem Dorothy planejando seu próprio túnel.

— Você sabe que é jovem demais para sair sozinha em aventuras à beira-mar? Se tivesse me contado, eu poderia ter ido com você — disse ela,

mantendo uma expressão séria. — Eu gostava de uma aventura quando tinha a sua idade. Quando estava planejando voltar para casa?

— Quando Cecily deixasse de ser horrível — admitiu Clemmie.

— Seu pai e eu sentiríamos muito a sua falta — disse Betty, fazendo o possível para parecer triste.

Dorothy enfiou a mão na de Betty.

— Desculpe. Você pode vir com a gente se quiser — ela acrescentou animadamente. — Nós vamos precisar de mais dinheiro para sua passagem de trem, no entanto.

— Tenho uma ideia melhor — disse Betty. — Por que vocês duas não vêm trabalhar comigo amanhã? Seu pai e eu vamos lidar com o problema de Cecily e suas travessuras. Não deve se preocupar com o casaco danificado, Clemmie.

Dorothy pareceu encantada por alguns segundos antes de perguntar:

— Seremos repreendidos por não irmos à escola?

— Deite-se para dormir. Vocês duas são garotas que trabalham amanhã e precisam do seu sono de beleza.

Elas se aconchegaram em suas camas enquanto Betty descia para contar ao marido o que pretendia fazer pelas duas meninas.



— **ESTE FÍGADO** com bacon é tão duro quanto botas velhas — disse Freda, tentando cortar a comida pouco apetitosa em seu prato. — O purê de batata não é melhor. Lavagem com carochos é uma descrição melhor. Eu me pergunto se Enid já cozinhou para mais do que sua família antes.

— Não posso comer isso — disse Freda, afastando o prato. — Temos meia hora antes de voltarmos para o andar de baixo. Vou dar a volta na

esquina e me presentear com um saco de batatas fritas. Quer vir comigo?

Sarah não precisou de nenhum segundo convite.

— Apenas deixe-me enfiar a cabeça no escritório de Betty e dizer a ela que estou fora caso ela precise de mim. Ela está com as mãos ocupadas hoje, com as filhas com ela.

— Isso parece bastante estranho. Tão diferente de Betty misturar sua vida doméstica com o trabalho.

Sara franziu a testa.

— Uma vez casada, a mulher tem que colocar sua família em primeiro lugar. Você vai entender um dia, Freda.

Freda riu.

— Então espero nunca me casar ou ter filhos, pois não consigo pensar em nada pior.

Sara ficou chocada.

— Mas você ajuda a administrar os Brownies e as Girl Guides. Adora organizar atividades com as meninas.

— Isso não significa que eu queira uma casa cheia de crianças. Se algum dia eu tiver uma família, será nos meus termos. Maisie não parece ser oprimida por seu David e veja Betty ainda administrando uma movimentada loja Woolworths. Se Betty trouxe as crianças para o trabalho, deve ser por um motivo e não por ela querer ficar perto delas o dia todo.

— Um dia eu vou te lembrar disso quando você estiver com as fraldas sujas até os olhos. — Sarah sorriu enquanto batia a porta do escritório.

— Ah, meninas, como foi o almoço? Enid está lidando com isso? — Betty perguntou assim que elas entraram na sala. — Tão ruim assim? — ela perguntou enquanto Freda torcia o nariz.

— Tão ruim que pensamos em ir até a loja de peixe e batatas fritas para comprar uma porção de batatas fritas. Isso deve nos manter até fecharmos a

loja ao fim do dia — disse Sarah, dando a Betty um sorriso de desculpas. — Só espero que Enid se saia melhor amanhã.

— Ela me disse que é sapo no buraco. Isso pode ser estragado? — Freda sorriu. — Em breve saberemos. Pelo menos a loja de chips terá um movimento estrondoso. Gostaria que trouxéssemos algo para você na volta?

— Isso parece tentador, mas é melhor eu acenar a bandeira para Woolworths por hoje. Os funcionários não me veriam evitando a cantina no primeiro dia de Enid. — Ela notou os rostos desapontados de Clemmie e Dorothy. — Vocês foram muito boas esta manhã, meninas, e acho que só desta vez podem comer batatas fritas para o almoço. — Ela vasculhou a bolsa e tirou carteira, dando às duas meninas algumas moedas. — Fiquem perto de Freda e Sarah e sejam boas — ela avisou enquanto as meninas encantadas se levantavam e seguiam as duas mulheres para fora do escritório.

Observando-as ir, pegou o telefone e discou o número para conectá-la aos negócios de Douglas. Pareceu levar uma eternidade até que o telefone fosse atendido e passado para o marido. Ela conversou por alguns minutos, assegurando-lhe que as meninas não eram problema por hoje, e então esboçou uma ideia que estava se formando sobre as meninas e a vida futura da família.

— Douglas, eu sei que temos uma casa perfeitamente adequada no momento, mas acho que uma mudança seria adequada para as meninas, pois elas poderiam frequentar uma nova escola e... bem, eu me sentiria como uma nova noiva morando em sua própria casa com o marido. Estaríamos todos juntos em uma nova aventura.

Betty esperou para ouvir o que Douglas tinha a dizer. A casa que ela viu anunciada estava situada mais perto de Erith e também seria conveniente para Douglas chegar ao seu negócio todos os dias. A ideia

estava borbulhando em sua mente por um tempo e quando ela viu um anúncio no Erith Observer ontem, soube que era a propriedade ideal para sua família. Com os eventos da noite anterior, ela havia esquecido de mencionar a possível mudança. Ela sabia que se esperasse até que chegasse em casa esta noite e as meninas estivessem acomodadas para dormir, ela perderia a coragem e não contaria a Douglas sua ideia. O benefício de ter um telefone à disposição facilitou muito a chance de uma conversa tranquila. — Douglas, o que acha?

Seu marido caiu na gargalhada.

— Você parece ter nossas vidas mapeadas, Betty. Não vejo nenhum problema em alugar um imóvel enquanto coloco nossa casa atual no mercado. Sim, é uma ideia esplêndida. Também removerá a influência daquela maldita criança Cecily em nossas filhas. Talvez possamos ver a casa no próximo fim de semana.

Betty concordou e desejou boa tarde ao marido antes de ir à cantina dos funcionários para testar o fígado e o bacon de Enid. Ela fez uma careta com o pensamento e desejou ter concordado em se juntar às meninas para comer batatas fritas embebidas em sal e vinagre em papel de jornal. Mas não, ela tinha um trabalho a fazer e, se Enid não estivesse muito ocupada, queria ter uma palavrinha com ela.



— **VOCÊ ESTÁ** atrasada esta noite — foi a única saudação que Enid recebeu ao passar pela porta da frente dos quartos que alugavam na Alexandra Road. Ela podia ver pelo prato e copo sujos no chão ao lado da poltrona que Harry Singleton não se moveu muito durante a maior parte do dia. — Deveria ter colocado nosso chá agora — ele gemeu.

— Eu lhe disse que trabalharia mais horas agora que assumi as tarefas da cozinha. Eu poderia escorregar mais cedo quando era apenas uma faxineira, mas agora tenho responsabilidades. Não faria mal nenhum colocar algumas batatas para ferver. Estaríamos comendo um pouco mais cedo e você não estaria tão mal-humorado — acrescentou ela para garantir, enquanto tirava um pacote de sua sacola de compras e o colocava cuidadosamente sobre a mesa.

— O que tem aí? É peixe? Eu gostaria de um pouco de peixe para variar — disse ele, farejando o ar enquanto Enid começava a desfazer a camada de jornal que ela havia cuidadosamente enrolado na comida.

— Quando eu teria a chance de fazer fila para pegar peixe? Não, sobrou um pouco de grub, então pensei que não queria desperdiçar. Também podemos usá-lo bem.

Harry torceu o nariz em desgosto.

— Fígado? Prefiro ficar sem, muito obrigado.

Enid ignorou suas zombarias. Era sempre o mesmo. Ele nunca recusou uma refeição e provavelmente não o faria, ela pensou enquanto vasculhava uma caixa debaixo da pia onde guardava os legumes. As batatas começaram a brotar, mas ela habilmente cortou esses pedaços, fatiando cada um em quatro pedaços, e os cobriu com a água quente deixada na chaleira. O preguiçoso fulano de tal conseguiu ferver água para sua xícara de chá. Também sobrou um pouco de repolho. Tirando as folhas amareladas, ela cortou os restos e jogou em uma panela pronta para ferver rapidamente quando as batatas estivessem prontas. Enquanto se movia pela pequena cozinha, limpando os escombros do dia de Harry, ela pensou consigo mesma que Ruby Caselton, do outro lado da estrada, não teria que vasculhar uma pilha de vegetais que estava na curva apenas para resolver a refeição de uma noite. Ela a ouviu falando sobre o clube de porcos de Bob

Jackson e como os membros colocavam suas sobras em uma lixeira que era coletada para alimentar o animal. Sua boca encheu de água ao pensar em porco assado. O que ela não daria para ter um jantar de porco assado para se sentar imediatamente.

Despejando o fígado frio e o bacon em uma frigideira, ela acendeu o gás embaixo e adicionou uma gota de água quente à comida para criar um molho aguado. Assim que começou a borbulhar, serviu a refeição e levou os dois pratos para a mesa.

— Suba aqui e coma enquanto está quente — disse ela ao marido, que franzia a testa para uma carta que segurava na mão. — O que você tem aí?

— É uma carta. Chegou esta tarde. Parece que eles me querem na bolsa de trabalho para uma entrevista, pois acham que estou apto para entrar nos serviços. Eles devem estar brincando.

O rosto de Enid se contorceu ao ver as gotas de suor nervoso se formando na testa de Harry.

— Sua coluna ruim parece melhor nas últimas semanas.

Ele fez uma careta para ela.

— Está tudo bem para você com seu trabalho confortável na Woolworths, cozinhando um pouco de comida e empurrando uma vassoura. Um homem tem que trabalhar duro e é seu dever estar apto a lutar por seu país. Não estou a fim e vou ter que dizer isso a eles.

— O doutor Graham não disse que você só precisa fazer algum exercício e estará em forma antes que perceba? Ele sugeriu que se juntasse à Guarda Nacional.

Harry Singleton suspirou enquanto fingia caminhar até a mesa de jantar.

— Se eu pudesse fazer isso, eu faria, mesmo que isso signifique aquele policial aposentado Bob Jackson me dizendo o que fazer. Não sou de fugir

dos meus deveres.

— É uma pena que você não tenha uma ocupação reservada —, sugeriu Enid, sentada em frente ao marido. — Pelo menos assim não seria chamado para lutar nos serviços.

— Grande chance eu tenho de entrar em uma ocupação reservada —, disse ele, mastigando um pedaço de fígado particularmente borrachudo. — Não acha que eu teria feito isso se pudesse?

Enid largou a faca e o garfo e sorriu docemente para o marido.

— Talvez eu possa ajudá-lo lá. Minha gerente me disse que seu marido está procurando um biscate para trabalhar em seu negócio — ela sorriu docemente.

— Oh sim? Como isso me impede de lutar?

— Ele é um agente funerário.

Harry Singleton sorriu pensativo enquanto continuava a comer sua refeição.



JULHO DE 1943

— **QUEM FOI** que sugeriu que fôssemos trabalhar para a ferrovia? — Maureen perguntou enquanto tirava um de seus sapatos de couro preto e se inclinava para esfregar os dedos dos pés. — Meus pés estão me matando. Acha que esse trabalho vai ficar mais fácil?

Irene juntou-se a Maureen no pequeno banco e bocejou.

— Detesto ser o desmancha-prazeres, mas nós duas pensamos que trabalhar na ferrovia nos ajudaria a vencer a guerra. Tudo o que fiz no mês passado foi aprender o horário de todos os trens da costa até Londres e descobrir que manusear cestas de pombos-correio me faz espirrar. Eu tive muita dificuldade para tirar penas do meu uniforme — declarou ela, verificando sua jaqueta de ferrovia e limpando marcas imaginárias. — George pensou que eu tinha sido atacada por um bando de pássaros quando voltei para casa e ele não parou de rir a noite toda.

Maureen sorriu para si mesma. George era um bom tipo e, às vezes, sua esposa podia ser um pouco mal-humorada. Nunca havia muita alegria em sua casa, a menos que a jovem Georgina visitasse seus avós. Maureen adoraria tê-lo visto com um sorriso no rosto. Só porque havia uma guerra, não significava que não pudessem rir.

— Como está indo com seu George em Vickers? Ele ainda está ocupado?

— Ocupado? Eu nunca o vejo para perguntar sobre seu dia. Parecem navios que passam à noite, com suas longas horas e meu trabalho em

turnos. Será ainda pior quando tivermos que fazer turnos noturnos quando estivermos completamente treinadas.

— Poderia ser pior — disse Maureen. — Pelo menos você sabe que ele está a apenas algumas ruas de casa. Sarah está louca por não ter visto nosso Alan todos esses meses. Devo dizer que também estou sentindo falta dele.

— A Sarah não recebeu uma carta recentemente? — perguntou Irene enquanto penteava o cabelo e reposicionava o gorro do uniforme. — Houve uma carta para nós duas algumas semanas atrás, mas não conseguimos entender nada do que ele escreveu. Até tiramos os selos para ver se ele havia deixado alguma pista. É algo que o irmão de Freda faz enquanto está no mar. Então as cartas chegaram fora de ordem e ela nunca descobriu o que ele estava tentando dizer. Da forma como a guerra está se desenrolando no momento, ele poderia estar em qualquer parte no mundo.

— Pelo menos está seguro — disse Irene. — Como sabe disso?

— Se ele fosse prisioneiro de guerra, as cartas viriam da Cruz Vermelha. Ouvi alguém na minha reunião do WI dizendo que foi assim que ela ouviu falar do filho.

— Deus me livre — Maureen estremeceu. — Eu só gostaria que pudéssemos voltar ao normal. Eu, pelo menos, ficarei feliz quando voltar à cozinha de Woolworths cozinhando para a equipe.

Irene olhou para baixo.

— Você voltaria para lá?

— Betty veio ver se havia alguma chance de eu voltar. Parece que a nova cozinheira não está à altura. Mas não posso simplesmente largar as coisas aqui e voltar correndo, posso?

— Você decide. Tem mais de cinquenta anos, então não é obrigada a fazer trabalho de guerra como eu. No entanto, pensei que gostaria de fazer algo mais valioso.

Maureen tentou não sorrir. Ela era menos de dois anos mais velha que Irene.

— Anos atrás, tive a chance de cantar com uma banda de dança, mas nosso Alan ainda estava na escola e não parecia a coisa certa a se fazer. Talvez eu fosse outra Gracie Fields ou Vera Lynn cantando para animar as tropas.

— Qualquer coisa seria melhor do que trabalhar nesta plataforma da estação em todos os climas. Acho que até descascar batatas na cantina dos funcionários da Woolworths parece atraente.

Maureen não respondeu. Ela sentia falta de seu antigo emprego mais do que jamais pensara que sentiria. Pelo que Sarah havia dito, a nova cozinheira não era muito boa e eles começaram a levar sua própria comida para o trabalho em vez de comer o que Enid estava cozinhando. Ela prometeu a Betty que, assim que tivesse um dia livre entre seus turnos, visitaria a loja e daria uma ou duas dicas a Enid. Ela olhou para cima, afastando-se de seus pensamentos, enquanto o chefe da estação entrava na sala de espera onde elas estavam descansando.

— Vamos, vocês duas. Quem disse que uma mulher poderia fazer o trabalho de um homem estava falando pelo traseiro dele. Caselton, há um trem chegando em breve e precisamos desses malditos pássaros carregados ou eles não chegarão à costa. Gilbert, você pode dar uma volta na bilheteria. Olhe bem agora — ele resmungou ao sair.

— Ah, não — suspirou Irene. — Só espero que haja um guarda forte no trem que possa me ajudar. Quase soltei um bando de pássaros ontem quando uma cesta se abriu.

Maureen riu enquanto se despedia de Irene. Algumas horas na bilheteria estavam bem para ela. Era um pouco chato, mas sem correntes de ar e ela conseguia conversar com os passageiros. Trabalhar em sua estação

local significava que ela conhecia muitos dos viajantes e o resto do turno passaria rápido o suficiente.

Sentando-se em um banquinho, ela espiou pela pequena tela de vidro e começou a cantar:

— Um quarto com vista e você... — ela era bastante parcial para uma música de Noël Coward.

— Eu reconheço essa voz — Ruby Caselton disse ao aparecer na pequena janela. — O que é tudo isso, música enquanto trabalha?

Maureen parou de cantar e olhou para Ruby.

— Olá. Acho que passa o tempo entre a venda de ingressos. Eu também gosto de “*Oh! Mr Porter, what shall I do...*”

— Ah! Eu me perguntei de onde Georgina tinha tirado isso. Ela tende a cantar as mesmas palavras repetidas vezes.

— Deus a abençoe, ela é uma maravilha, mas então eu diria que ela é minha única neta no momento. Se nosso Alan não voltar para casa logo, é improvável que vejamos mais pequenos dos dois.

— Talvez eu tenha notícias para você. Sarah me deu isso para te passar, pois ela sabia que eu provavelmente te encontraria esta tarde. Ela está tão animada, mas vou deixar você ler suas notícias — disse Ruby, passando um envelope com a caligrafia de Alan na frente.

— Oh meu Deus — Maureen sorriu, apertando a carta contra o peito. — Se não se importa, vou dar uma olhada rápida no que ele tem a dizer. Não parece haver ninguém na fila atrás de você. Está indo para Dartford ou para Londres? — Maureen perguntou distraidamente enquanto abria o envelope.

— Você não vai me encontrar indo para Londres. Eu pensei em ir para Dartford porque é dia de mercado, e o trem é mais rápido que o ônibus. Duas paradas e eu estarei lá. Talvez eu tenha tempo de entrar na cooperativa

e dar uma olhada. — Maureen assentiu com a cabeça, mas Ruby percebeu que ela não estava ouvindo uma palavra do que estava sendo dito. Seu rosto ficou pálido antes de olhar para Ruby.

— Ele está voltando para casa. Meu menino está voltando para casa. Ele acha que estará aqui de licença a tempo para o casamento de Mike e Gwyneth.

— Um retorno a Charlton, por favor, amor — disse um homem, inclinando-se por cima de Ruby e deixando cair algumas moedas no prato de latão aparafusado no balcão abaixo da escotilha de servir.

Maureen deu-lhe um pequeno sorriso, passando um bilhete e um par de moedas de troco pela abertura.

— Do outro lado em dois minutos, companheiro. É melhor se apressar. — O homem tocou a ponta do boné antes de correr em direção às escadas que levavam os passageiros para o outro lado da linha.

— Ele vai ter que acelerar se quiser pegar o trem — observou Ruby enquanto observava o homem parar para recuperar o fôlego no topo da escada.

— Ele vai ficar bem. Irene está daquele lado, ela vai segurar o trem para ele. — As duas olharam através dos trilhos para onde Irene estava parada com as mãos nos quadris ao lado de uma pilha de cestos de vime para pombos. Ela estava olhando para onde os sinais tinham acabado de mudar, e um trem se aproximava lentamente da plataforma.

Ruby acenou antes que o trem obliterasse a visão de sua nora.

— É melhor eu comprar minha passagem antes que esqueça — disse ela, voltando-se para entregar o dinheiro no balcão. — Há alguma coisa que quer que eu pegue para você enquanto estiver em Dartford?

Maureen inclinou a cabeça para o lado e pensou um pouco na pergunta.

— Um marido rico não faria mal — ela riu.

— Vou manter isso em mente, mas não é o tipo de coisa que você normalmente vê na prateleira da cooperativa, ou na Woolworths — ela riu antes de seu rosto assumir uma expressão séria. — Você se casaria de novo?

— Isso nunca passou pela minha cabeça. Estou feliz o suficiente assim. Sinto falta do meu velho, mas tenho família e amigos ao meu redor, então a vida é tão boa quanto pode ser no momento. Por que pergunta? — ela disse, vendo o sorriso sumir do rosto de Ruby. — Está pensando duas vezes sobre a proposta de Bob?

Ruby encolheu os ombros.

— Acho que fui meio tola. Eu deveria ter deixado as coisas como estavam, mas agora é tarde demais.

— Nunca é tarde demais, Ruby. Bob ficará desapontado, mas se for honesta com ele, ele superará isso. É um cara decente — disse Maureen, parecendo preocupada com a mulher mais velha. Ruby era sempre aquela que conseguia resolver as coisas para os outros e aqui ela não tinha certeza de seu próprio futuro. Qualquer um lhe diria a que Bob era perfeito para ela, mas Ruby precisava saber por si mesma.

— Bob está planejando se mudar para minha casa para que Gwyneth e Mike tenham a casa de Mike só para eles depois do casamento. Ele ficará com o quarto de Gwyneth. Eu disse que não quero lençóis na minha casa, então você não precisa levantar as sobancelhas assim, Maureen Gilbert — acrescentou ela, notando a expressão chocada de Maureen. — Se eu mudar de ideia agora, isso pode interromper o casamento e já sabemos que Gwyneth teve algumas oscilações. Eu nunca seria capaz de viver comigo mesma se a garota não se casasse com Mike.

— Posso ver sua situação — disse Maureen. — Se você deixar claro para todos que Bob é apenas seu inquilino por enquanto, não terá problemas. Bob não é idiota. Se ele puder ver que vocês dois não estão se

dando bem como deveriam, fará a coisa honrosa e deixará que descumpra sua promessa — ela aconselhou.

— Isso poderia funcionar. Obrigada, Maureen — disse Ruby com um suspiro. — Eu sei que deveria ter falado com alguém antes, em vez de ter reprimido isso por tanto tempo.

— O que a faria ter certeza de que deveria se casar com Bob? — disse Maureen, parando apenas para vender uma passagem de trem para uma senhora idosa.

— Você vai pensar que eu sou idiota – eu sei que Bob achou quando eu lhe expliquei, mas ele aceitou o que eu tinha a dizer. Porém isso já faz um tempo e não posso continuar adiando, posso?

— Você pode me dizer, Ruby. Eu não vou pensar que é doida. É a pessoa mais sã que já conheci.

Ruby se virou para verificar se não havia ninguém por perto, então se inclinou perto da janela da bilheteria e em um meio sussurro disse:

— Estou esperando meu Eddie me dar um sinal de que ele aprova que eu me case novamente. Não espero que ele apareça na minha frente e fale, mas deve haver uma maneira de eu saber que ele está bem comigo me casando novamente.

Maureen acenou com a cabeça lentamente.

— Sim, posso ver o que quer dizer. Dê um tempo, Ruby. Alguma coisa está prestes a acontecer — foi tudo o que ela conseguiu aconselhar, embora decidisse que, se houvesse uma maneira de ajudar Ruby com seu problema, ela o faria.

Ruby deu um suspiro de alívio.

— Eu sabia que entenderia. Agora, é melhor eu subir um pouco da plataforma ou terei uma longa caminhada quando sair do outro lado. Vejo

você mais tarde, Maureen, e obrigada pela conversa. Eu realmente aprecio isso.

Ruby subiu lentamente a plataforma em direção às escadas que levavam à ponte que levava os viajantes para o outro lado da trilha. Ela viu Irene ajudando alguém a descer os degraus. Seria rude da parte dela não parar e dizer olá. Quando o casal chegou ao pé da escada, ela pôde ver que Irene estava segurando uma pequena mala em uma das mãos, e o braço de uma jovem grávida usando uma blusa volumosa com a outra.

— Aí está você, minha querida. Tem certeza de que não gostaria que eu encontrasse um lugar para você por um tempo até você recuperar o fôlego?

A mulher assegurou a Irene que estava bem, embora parecesse um pouco corada nas bochechas, e depois de pegar sua mala, ela caminhou lentamente em direção à porta que dava para fora da estação e para a cidade de Erith, dando a Ruby um olhar perplexo ao passar.

— Eu nunca esperei vê-la voltar para Erith tão cedo. Não nessa condição — disse Ruby enquanto dava um beijo rápido na bochecha de Irene.

Irene franziu o cenho.

— Você a conhece? Ela parecia muito bem gentil e educada — acrescentou surpresa.

Ruby riu.

— Conheço pessoas que falam direito, Irene. Quer dizer que não a reconheceu?

— Eu devo?

— Essa é a neta de Vera. Aquele que tinha o trabalho importante em Londres. Eu mencionei para você como elas se desentenderam quando Vera teve seus pequenos infortúnios alguns meses atrás. — Ela não contou à nora

toda a história e as circunstâncias dos problemas de Sadie. — Estou feliz em ver que fizeram as pazes e a garota voltou para casa para ver sua avó. Estou surpresa de que Vera nunca tenha me contado sobre isso, no entanto.

— Não faço ideia do que está falando, sogra — disse Irene afetadamente. — A garota nunca mencionou Vera ou Alexandra Road. Na verdade, ela pediu indicações para outra parte de Erith.

— Então talvez ela tenha encontrado um lugar para morar sozinha. Devo admitir que seria difícil viver sob o mesmo teto que Vera. Duvido que ela esteja muito interessada em um bebê morando com ela. Ela nunca foi muito de crianças. É bom ver uma jovem se sustentar e não depender de parentes. — Talvez ela tenha feito as pazes com o homem com quem estava namorando e ele a sustentará, Ruby pensou consigo mesma. Mas ele não era casado?

— Preciso continuar meu trabalho — disse Irene com um pouco de irritação na voz. — Acredito que tenha se confundido. Como eu disse, esta não está indo para a Alexandra Road, pois está caminhando para o outro lado da cidade, até a Oakhurst House em Lesney Park Road. Sabe que esse é o lar para mães solteiras, não sabe? — ela acrescentou com um pequeno sorriso. — Isso seria uma reviravolta para os livros, não seria? Vera não gostaria que as pessoas soubessem que sua neta abastada estava indo para aquele estabelecimento.

Irene deixou Ruby sozinha na plataforma enquanto seu trem entrava lentamente na estação cercado por uma nuvem de vapor e muito assobio. Ruby sentiu-se entorpecida ao subir a bordo. Mesmo que Vera resolvesse suas diferenças com a neta, ela nunca colocaria os olhos em sua bisneta. Na maternidade administrada pela igreja que Irene havia mencionado, os bebês eram levados e adotados assim que nasciam. Era por isso que Sadie estava de volta a Erith?



— **VOCÊ ESTÁ** linda como uma foto — disse Freda, admirando a saia de seda esvoaçante com renda enquanto Gwyneth se virava em seu vestido de noiva. As meninas estavam na casa de Maisie, onde a sala da frente foi transformada em uma oficina de costureira enquanto os preparativos avançavam para o grande dia de Gwyneth e Mike. — Ninguém adivinharia que era de segunda mão. Combina perfeitamente com você.

— Vai sangrar por todo o vestido florido se não ficar parada — resmungou Maisie com um lado da boca, o outro cheio de alfinetes. — Deixe-me verificar se o decote parece certo. Eu tive que desfazer e refazer o corpete, pois era muito grande.

— Não sei como começar a agradecer — disse Gwyneth, com a voz embargada de emoção. — Myfi está adorável em seu vestido de dama de honra, assim como a pequena Georgina.

— Só espero que Georgie se comporte. Ela é bastante jovem para ter uma posição tão responsável em seu casamento. Tenho medo de pensar no que ela vai fazer — disse Sarah do sofá onde estava costurando a orla de um vestido cor de pêssego. Uma versão maior estava espalhada em uma poltrona próxima.

— Andei pensando nisso — disse Gwyneth, muito quieta enquanto Maisie dava alguns pontos na ponta do decote e recuava para aprovar seu trabalho. — Quero que vocês três sejam minhas damas de honra, assim como Bessie e Claudette. Vocês têm sido tão boas amigas para nós desde que viemos morar em Erith e eu realmente quero compartilhar meus dias felizes com todas.

Freda, Sarah e Maisie se entreolharam surpresas.

— Eu adoraria ser sua dama de honra — disse Sarah —, mas isso significa mais três vestidos grandes e dois para as meninas. Mesmo se tivéssemos o tecido, não tenho certeza se Maisie conseguiria fazer esse tipo de milagre em seis semanas.

Todos os olhos se voltaram para Maisie, que ainda não havia respondido.

— Eu acredito que isso pode ser feito. Como você se sente se Sarah e Freda usarem os vestidos das damas de honra que usaram no meu casamento?

— A minha vai precisar tirar um pouco — disse Freda. — E você, Maisie? Você não pode usar seu vestido de noiva — ela sorriu.

— Tenho o vestido que usei quando Sarah e Alan se casaram.

Gwyneth bateu palmas de alegria.

— Que maravilhoso. Mal posso esperar pelo dia do meu casamento.

— Espere — disse Freda. — E Bessie e Claudette? O que vão vestir?

O rosto de Gwyneth caiu.

— Não podemos realmente deixá-las de fora, podemos?

— Não precisamos — disse Maisie com um sorriso secreto. — Freda, coloque a chaleira no fogo e, Sarah, ajude Gwyneth a tirar esse vestido. Serei rápida — disse ela, largando a agulha e a linha e saindo correndo do quarto.

— Só Deus sabe o que Maisie está tramando — disse Sarah enquanto desabotoava a fileira de pequenos botões nas costas do vestido e ajudava Gwyneth a tirar as saias de seda de seu vestido de noiva. — Será uma noiva linda — ela suspirou enquanto pendurava cuidadosamente o vestido no trilho de madeira que circundava a parede da sala.

— Eu gostaria de ter visto você e Alan se casando — disse Gwyneth.
— Eu vi a fotografia que Ruby tem em seu aparador. Deve ter sido um dia

tão maravilhoso.

Sarah deu um sorriso irônico.

— Foi memorável por muitas razões. Nós nos casamos no dia em que a guerra foi declarada.

— Oh meu Deus — disse Gwyneth, colocando a mão sobre a boca para abafar uma risadinha. — Eu não deveria rir, mas nos próximos anos que história você poderá contar aos seus netos.

— E teremos um aniversário que espero que Alan nunca esqueça — disse Sarah.

— Ele estará em casa para ver Mike e me fazer sua esposa. Você deve estar ansiosa para vê-lo depois de todos esses meses?

— Esperamos que, quando Alan for para onde quer que a Força Aérea decida mandá-lo, possa até haver um irmão ou irmã mais novo para Georgie saindo — anunciou Maisie, entrando na sala, os braços cheios de espuma de organza azul.

— Oh meu Deus — disse Gwyneth, tão chocada com as palavras de Maisie quanto ao ver o que a mulher estava carregando. — O que tem aí?

— Não sabia que ainda tinha esse vestido — disse Sarah, estendendo a mão e acariciando delicadamente o tecido, tentando ignorar o que Maisie havia insinuado, embora suas bochechas começassem a ficar rosadas de vergonha. — Você não usou este vestido na primeira vez que David a levou para dançar? Nunca mais o usou desde então.

Maisie sacudiu o vestido e ergueu-o para si. A cor combinava com seu cabelo loiro e compleição inglesa.

— Para ser honesta, eu nunca gostei muito. O corpete estava apertado e não vou voltar a usá-lo agora que tive o bebê. Não é como se eu pudesse passar isso para vocês, já que somos todas do mesmo tamanho — disse ela, olhando para Sarah e Gwyneth, que concordaram com a cabeça.

— Mas é uma pena. A cor me lembra centaureas — disse Sarah.

— Vai dar dois belos vestidos para Bessie e Claudette. Elas podem ter o mesmo estilo dos vestidos de Myfi e Georgina.

— Ah, mas Maisie, não posso deixá-la cortar seu lindo vestido para mim — disse Gwyneth, embora também estendesse a mão para acariciar o vestido.

— Acredito que sobrarão o suficiente para tirar um vestidinho para o bebê também. Que grupo colorido de damas de honra vamos fazer — disse ela, pegando a tesoura.

— Serei seguida pelo corredor por um arco-íris. Sinceramente, não sei como te agradecer, Maisie — disse Gwyneth, dando-lhe um beijo na bochecha. — Tem meus pais pensando que vamos ter um casamento tranquilo por causa da guerra. Eles não vão esperar ver toda essa elegância. É tudo tão emocionante. Se houver algo que eu possa fazer por você...

— Pode começar ajudando Freda com esse chá. Estou muito ressecada — disse Maisie com uma piscadela para as amigas.



SARAH DEU um sorriso para a jovem de pé em seu balcão.

— Posso te ajudar?

A garota olhou para cima de onde ela estava olhando através de padrões de tricô e balançou a cabeça.

— Estou só olhando, obrigada — disse ela, melancólica.

— Este é um padrão bonito e fácil de seguir. Tricotei o cardigã e as botinhas quando estava esperando minha filha e sou toda dedos e polegares quando se trata de tricô. Você não pode ter que esperar muito agora, não é? — ela acrescentou, olhando para o tamanho da garota na frente dela.

A garota colocou a mão na barriga e estremeceu.

— Estou atrasada em uma semana.

— Que maravilha, você deve estar tão animada!

— Não vou me incomodar com isso — disse a garota enquanto se afastava de Sarah.

— Espere um momento... não te conheço? Você não é neta da Vera Munro? Sou Sarah Gilbert, neta de Ruby Caselton. Como vai?

— Desculpe, tenho que ir — disse a jovem e desapareceu no meio da multidão de compradores.

Que estranho, Sarah pensou consigo mesma enquanto ia atender um cliente que estava esperando. Vou ter que perguntar a Nan quando for buscar Georgie. Olhando para o grande relógio na parede da loja enquanto colocava as compras de um cliente em um saco de papel marrom, ela notou que seu turno terminaria em mais duas horas.

Sarah entrou na casa de sua avó puxando a corda presa à caixa de correio até que pudesse alcançar a chave. Nada muda muito, pensou consigo mesma. Encontrou Ruby sentada à mesa da cozinha tomando chá com Vera.

— Olá, Sarah querida, a chaleira ainda está quente se você quiser pegar uma xícara e um pires. Acabei de colocar Georgina para dormir. Ela estava ajudando Bob no jardim. Ele deu a ela uma espátula e alguns bulbos para plantar. Ela adorou ajudá-lo. Lavei suas mãos e o rosto — acrescentou ela, vendo o sorriso de Sarah. — Bob disse que vai replantar os bulbos quando ela for para casa, pois provavelmente eles entraram de cabeça para baixo.

Sara riu.

— Vou ter que escrever para Alan e dizer a ele que sua filha agora é jardineira. Isso vai agradá-lo muito, pois ele prefere gastar seu tempo mexendo em sua moto velha e engordurado do que plantando coisas. Como

vai, Vera? — perguntou ela antes de tomar um gole de chá. — Deve estar muito feliz por ter Sadie de volta em casa.

Ruby quase engasgou com o chá e fez o possível para olhar para Sarah para alertá-la para não continuar com a conversa. Era tarde demais.

— Minha neta não está morando comigo. Não faço ideia de onde ela está morando. Eu tenho um inquilino muito respeitável no momento. Ele é um policial e conhecido por Bob e Mike, então é altamente recomendado. Não faço ideia de por que você acha que Sadie está morando sob o meu teto — disse ela, parecendo profundamente ofendida.

— Desculpe, Vera... eu não fazia ideia... — gaguejou quando viu sua avó fazendo uma cara estranha para ela. — Não direi mais uma palavra sobre o assunto.

Todas beberam o chá em silêncio, até que Vera falou.

— O que a faz pensar que nossa Sadie está na cidade?

— Falei com ela há menos de uma hora em Woolworths. Ela parecia... ela parecia muito bem — acrescentou Sarah, não gostando de mencionar a gravidez da menina para o caso de Vera não saber.

— Se quer dizer que ela está no estilo familiar e não é casada, então eu não diria que está parecendo bem. Eu chamaria isso de pecado — Vera bufou. — Além disso, ela está morando a quilômetros de distância e provavelmente não ficaria por aqui para envergonhar a família dela.

— Eu a vi ontem na estação de trem, Vera — disse Ruby, não feliz com o rumo da conversa. — Ela tinha uma mala consigo e estava perguntando o caminho para Oakhurst.

— Ah, não! — Vera começou a chorar. — Por que ela voltaria e faria de mim motivo de chacota da cidade? O que as pessoas vão dizer sobre mim? — ela gritou.

Sarah ficou alarmada. Ela não pretendia causar problemas ao mencionar a neta de Vera. A mulher sempre falou muito bem da garota e de como ela estava indo bem. Houve muitas vezes em que Vera colocou Sadie como um exemplo brilhante de uma garota trabalhadora e mencionou que ela nunca se rebaixaria a trabalhar em Woolworths, como Sarah e suas amigas.

— Talvez eu pegue Georgina e a leve para casa — disse Sarah. — Vera, eu não queria te chatear, me desculpe.

Vera assentiu enquanto enxugava os olhos.

— Você não quis fazer nenhum mal. Não deve saber o que aquela garota fez com sua velha avó. Se ela fosse uma boa garota como você... não há necessidade de você ir para casa por minha conta. Você merece uma explicação.

— Acho que isso precisa de uma bebida fresca. Vou colocar a chaleira no fogo — disse Ruby enquanto se levantava. — Vou levar o de Bob. Acho que não precisamos que ele nos interrompa enquanto conversamos — disse ela, erguendo as sobrancelhas para Sarah enquanto se aproximava do fogão e acendia o gás.

Quando um bule de chá fresco foi colocado na mesa e Ruby entregou uma caneca para Bob no jardim, ela acenou para Vera.

— Talvez deva começar do início para que nossa Sarah saiba o que está acontecendo — ela pediu à mulher. Vera pigarreou e começou a explicar o que havia acontecido para ela mandar a neta embora. Ruby assentiu em encorajamento, já conhecendo a história.

— Ela mentiu para mim — disse ela a Sarah. — Eu me apaixonei por suas histórias sobre ela estar noiva de seu chefe e ele planejando se casar com ela. Ah, sim, ele era muito bem visto em seu trabalho oficial e valia um centavo ou dois, mas acontece que ele tinha esposa e filhos. Quando Sadie

veio soluçando para mim que ela estava esperando seu bebê e ele a demitiu e a acusou de carregar o filho de outro homem, eu a mandei embora. Achei que ela fosse uma boa menina. Ela me decepcionou. Eu lavei minhas mãos com relação a ela — disse ela quando as lágrimas começaram mais uma vez.

Ruby ficou chocada.

— Não me disse que ela havia perdido o emprego. Achei que pelo menos o desgraçado a teria deixado bem.

— Não faço ideia do que aconteceu depois que ela saiu pela minha porta. Ela disse que estava bem com relação a dinheiro. Sem dúvida tinha outro homem chique para cuidar dela. O tipo que ela sempre tem. Dei a ela minhas economias para garantir que nunca mais se aproximasse da minha porta.

— Pobre menina — disse Sarah. Ela sempre achou Sadie uma madame esnobe, mas ninguém merecia ser tratada assim por um homem. Sua avó virar as costas para sua única neta não era algo que Sarah pudesse entender. — Eu não conseguia pensar em nada pior do que ficar sozinha enquanto enfrentava o parto. Ela deve ter voltado para Erith para ficar perto de sua casa.

Vera deu-lhe um olhar penetrante.

— Está dizendo que eu fiz errado?

Ruby assumiu o comando.

— Ora, ora, Vera, não há necessidade de brigar com nossa Sarah. Como estava a garota quando você falou com ela, amor?

Sarah pensou por um momento.

— Conversamos apenas por alguns momentos, pois o balcão em que eu estava trabalhando estava ocupado. Todo mundo parece querer padrões de tricô no momento. Eu não percebi quem era para começar, e ela falou

muito pouco, mas eu pensei que estava muito magra no rosto e retraída. Uma vez que ela soube quem eu era, quis ir embora. Achei estranho que ela estivesse olhando para padrões de tricô, mas de uma forma melancólica.

— Ela provavelmente não precisava de roupas de bebê de tricô — disse Ruby.

— O que quer dizer, vó? Todos nós sabemos que não se pode ter muitos itens de tricô para um bebê.

— Não há necessidade quando a menina não vai ficar com a criança. Muitas das meninas de Oakhurst têm seus bebês levados para adoção — disse Ruby, lançando um olhar malicioso a Vera. — Que coisa a fazer: sua neta grávida de volta a Erith e morando em uma casa para mães solteiras, depois terá seu bebê levado embora. Se as pessoas não estavam falando de você antes, vão falar depois disso, Vera. É uma pena que não possa perdô-la antes que as fofocas comecem...

Sarah observou o rosto de Vera enquanto a mulher absorvia as palavras de Ruby. Ela sabia que sua avó poderia ser astuta, mas isso levou o prêmio.

Vera se levantou, parecendo zangada.

— Ninguém vai tirar meu bisneto ou falar sobre minha família. Cuidarei disso — declarou ela, pegando o casaco e saindo de casa.

Ruby olhou para Sarah e sorriu.

— Achei que isso a faria ver sentido. É melhor eu ir atrás dela, caso ela cause uma confusão na casa das mães solteiras. Sabe como ela pode ser.

— Eu também sei como você pode ser, vó — Sarah deu uma risadinha. Com sorte, Vera teria a neta em casa e a salvo antes de o bebê nascer.



— **OH DOUGLAS**, eu não fazia ideia de que as coisas estavam tão ruins. Quem teria pensado que o negócio de um agente funerário poderia perder dinheiro assim? — disse Betty depois de abrir o primeiro dos livros na grande mesa de carvalho no escritório de Douglas. Ela olhou horrorizada para o saldo bancário. — Eu só gostaria de tê-lo ajudado antes disso, mas com a Woolworths e a família...

Douglas estendeu a mão sobre a mesa e apertou seu braço.

— Minha querida esposa, você trabalha mais do que muitos homens que conheço. Sou grato pelo tempo que pode dispensar para me ajudar. Na verdade, é minha culpa que o negócio não esteja indo tão bem quanto deveria.

— Não diga isso, você não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, e se você não tem pessoal para comparecer aos funerais, então é justo que atenda o falecido e sua família em vez de sentar atrás de uma mesa e somar libras, xelins e pences o dia todo. Vou colocar toda a papelada em ordem e então podemos sentar juntos e ver o quadro inteiro.

Douglas contornou a mesa e beijou Betty profundamente nos lábios.

— Douglas, por favor, aqui não, alguém pode entrar. Não é muito profissional para um agente funerário beijar sua equipe — ela sorriu.

— Talvez eu devesse trancar a porta por um tempo — ele sugeriu.

Betty o empurrou e riu.

— Não admira que o negócio não esteja indo tão bem se é isso que você faz quando eu viro as costas. Agora, saia e deixe-me entrar. Temos três

horas antes que as meninas voltem para casa para o chá. Eu também quero falar com você sobre nossa nova casa. Posso pegar as chaves no fim de semana para que possamos dar uma olhada e ver o que precisa ser feito. Não vai custar muito — acrescentou ela, vendo-o olhar para o livro-caixa.

— O que eu faria sem você? — ele declarou, roubando outro beijo antes que Betty pudesse repreendê-lo. — Vou visitar a família Gregson para o funeral de amanhã. Você pode segurar as pontas por aqui?

— Meu querido marido, eu vou ficar bem. Tem seis membros na equipe. Tenho mais de cinco vezes isso na Woolworths, além de uma loja cheia de clientes na maioria dos dias. Acho que não haverá problema, não é?

— Contanto que os convidados na sala dos fundos não se comportem mal — ele sorriu, apontando para onde Betty sabia que os mortos estavam preparados para seus funerais.

— Ah, vá embora, Douglas Billington — respondeu ela, lançando-lhe um olhar severo por cima dos aros dos óculos que usava quando fazia um trabalho de perto. — Você não me assusta — embora ela tenha decidido não se aventurar no quarto sozinha.

Assim que Douglas saiu do escritório, ela se acomodou para atualizar os registros, primeiro examinando o talão de cheques e registrando todas as despesas no livro de caixa, bem como todas as quantias pagas no banco. Satisfeita por ter datilografado tudo o que podia, ela pegou uma pilha de extratos do banco e marcou as transações uma a uma. Depois de um tempo, recostou-se, intrigada. Nenhum dos números parecia corresponder. Ela anotou as diferenças para poder discutir o problema com Douglas e passou para uma grande pilha de faturas que exigiam verificação e pagamento. Sendo uma pessoa meticulosa, Betty verificava os cálculos das mercadorias encomendadas em cada fatura e também se somavam o total correto.

Enquanto trabalhava na pilha, viu um problema repetido e começou a colocar certas faturas de lado, parando apenas para esticar os braços doloridos e o torcicolo. A pilha de faturas contendo perguntas a preocupou e ela as pegou e leu cada uma delas. Douglas realmente usou tantas alças de caixão nos últimos seis meses? Se os negócios foram rápidos o suficiente para usar tanto estoque em um período tão curto, então por que o saldo bancário estava tão baixo? Isso estava muito confuso. Caminhando até um armário de arquivos, ela tirou um lindo livro encadernado em couro com ferramentas douradas. Era onde Douglas mantinha um registro meticuloso de todos os serviços que Osborne e Butterfield haviam prestado durante o tempo em que ele era dono do negócio e muitos anos antes. Depois de uma hora fazendo anotações e consultando a pilha de faturas, ela pousou a caneta-tinteiro e deu um suspiro. Douglas tinha um problema sério. De alguma forma, o dinheiro estava sumindo, assim como as ações. Acrescente isso ao fato de Fothergill ter subcotado seus preços e, se não fossem cuidadosos, Douglas perderia seu negócio. Assim que ele voltasse, ela teria que ter uma discussão séria com o marido.

Betty estava imersa em pensamentos quando um barulho e vozes da sala dos fundos a sobressaltou. Ela pensou que estava sozinha, pois todos os funcionários deveriam estar com Douglas, trabalhando em um funeral. Olhando ao redor, ela viu o guarda-chuva enrolado de Douglas perto do cabide. Segurando-o com firmeza, ela se moveu silenciosamente até a porta e jogou-o de volta e, falando em voz alta, chamou

— Quem está aí?

Ignorando os pelos de sua nuca se arrepiando, ela olhou para a sala sombria que dava para o pátio onde os funcionários trabalhavam.

— Fale. Quem está aí? — depois de alguns sussurros e uma tosse, um homem se aproximou dela lentamente.

— Sou eu, Harry Singleton. Posso ajudá-la, Sra. Billington?

Betty deu um grande suspiro de alívio e abaixou o guarda-chuva, que estava segurando acima da cabeça, pronto para atacar se houvesse um intruso. Harry era o marido da cozinheira de Woolworths, Enid, que havia sido contratada como faz-tudo.

— Olá, Harry, com quem estava falando?

— Um dos camaradas de uma loja na rua. Ele queria um martelo emprestado.

Betty assentiu pensativa.

— Certifique-se de que o senhor Billington saiba disso. Achei que você teria saído com a equipe, já que agora é treinado para carregar o caixão.

Harry fez um show de esfregar as costas.

— São minhas costas. Eu não devo levantar nada pesado, então o Sr. Billington disse como eu deveria ficar aqui e limpar o quintal. Eu fiquei preso — acrescentou, enquanto Betty entrava na sala para olhar ao redor.

— O senhor Billington se foi há duas horas. O que tem feito nesse tempo?

— Eu tive que pegar mais algumas alças e parafusos de caixão — disse ele, apontando para onde um caixote de madeira estava aberto.

Betty olhou para o caixote que parecia estar meio vazio e pegou o formulário de pedido que estava próximo.

— Onde está o resto do estoque? — ela perguntou, dando a Harry um olhar duro.

Ele apontou para um armário ao lado da sala.

— Só estou guardando as coisas. Está com algum problema?

Betty sentiu suas costas endurecerem. A situação parecia desconfortável.

— De jeito nenhum. Todos os funcionários têm acesso a este armário da loja?

Harry assentiu com indiferença.

— O Sr. Billington confia em nós para encomendar o estoque quando necessário e fazer novos pedidos quando acabarmos.

Betty acenou com a cabeça, tentando não mostrar suas preocupações. Olhando para o formulário de pedido que estava com a caixa, ela pôde ver que os itens tinham sido encomendados por H. Singleton.

— Continue limpando o quintal. O Sr. Billington estará de volta em breve e espera ver o trabalho feito.

Betty já havia retornado ao escritório quando percebeu que havia deixado o guarda-chuva de Douglas no quarto dos fundos. Ela havia caminhado no meio do caminho de volta quando ouviu vozes novamente e desta vez reconheceu Harry falando.

— Acho que ela está atrás de nós. É melhor você ficar longe daqui enquanto ela está por perto. A senhora disse como ela é afiada e não perde um truque. Quase a pegou colocando um pedaço de cordeiro na bolsa na semana passada.

Betty recuou e voltou para sua mesa. O que quer que estivesse acontecendo ali, ela não gostou nem um pouco.



— **ESPERE, VERA** — Ruby bufou enquanto se apressava para alcançá-la. — Não há necessidade de pressa.

— Há todas as necessidades. Eu tenho sido uma mulher má e é hora de fazer as pazes. O que Sadie deve pensar de mim e, mais importante, o que as pessoas que trabalham lá pensam e vão para casa e contam para suas

famílias? Ora, eu poderia ser o motivo de chacota de toda a cidade, e eu, uma mulher respeitável.

Ruby achou que Vera dava muita importância à sua própria importância, mas era melhor apenas acenar e concordar do que discutir o ponto. Além disso, ela mal conseguia recuperar o fôlego no momento.

— Vamos sentar por alguns minutos antes de enfrentarmos a última parte da caminhada. Eu sei que posso descansar.

As duas mulheres caminharam até um banco de madeira colocado na borda gramada da calçada da Avenue Road e deixaram o sol aquecer seus rostos enquanto as duas se recompunham.

— Saí com tanta pressa que esqueci minha máscara de gás. É a lei do idiota que esta será a tarde em que o maldito Hitler decidirá matar todos nós com gás — resmungou Vera.

— Não seja tola. Ora, é uma das poucas pessoas que conheço que se lembra de carregar uma hoje em dia. Bob disse que nem se dá ao trabalho de repreender qualquer um que pegue sem uma e não conhece um diretor da ARP que o faça.

Vera fungou em desaprovação.

— Bem, ele vai ter um sorriso do outro lado do rosto quando nos encontrar todos gaseados em nossas camas.

Ruby nem se deu ao trabalho de repreender Vera sobre o que ela acabara de dizer. Elas ainda tinham um pouco de caminhada pela frente e ela não estava ansiosa por quaisquer ideias que a mulher tivesse em sua cabeça quando chegassem a Oakhurst House.

— Então, vai apenas conversar com sua Sadie?

Vera deu-lhe um olhar penetrante.

— O que quer dizer?

— Eu só queria saber se tinha um plano?

— Não seja idiota — Vera a repreendeu enquanto se levantava e partia.
— Você vem ou não?

— Isso vai ser um não, então — disse ela às costas de Vera enquanto se levantava e a seguia.

A Oakhurst House deve ter sido um espetáculo na época, Ruby pensou consigo mesma enquanto olhava para o grande edifício. Ela podia imaginar carruagens parando e os altos e poderosos da cidade visitando para saraus e festas elegantes. Agora era simplesmente um lugar para as meninas infelizes irem quando passavam por momentos difíceis e, pelo que ela ouvira, ainda passavam por momentos difíceis depois de terem dado à luz, com a igreja levando seus bebês antes. Eles tiveram tempo para decidir sobre seus futuros.

— Lá, exceto pela graça de Deus — ela murmurou em voz alta enquanto seguia Vera pelas imponentes portas de entrada.

Uma mulher usando um vestido preto severo com um gorro branco engomado na cabeça estava no seu caminho.

— Posso ajudá-la?

— Estou aqui para ver minha neta, Sadie Munro — retrucou Vera, cruzando os braços em desafio. Ruby parou ao lado de sua amiga e deu um sorriso fraco. Alguém deveria mostrar que elas eram amigáveis e não pretendiam fazer nenhum mal.

— Acabamos de saber que Sadie está aqui e sua avó — ela acenou para Vera — está preocupada com ela.

— Isso é muito irregular — disse a mulher, dando a Vera um olhar duro. — Você tem algum tipo de prova de que Munro é uma parente sua?

— Como se eu tivesse vindo marchando aqui se não fosse parente. Agora, você vai me deixar vê-la ou não?

— Espere aqui — a mulher respondeu antes de desaparecer em uma sala próxima.

— Vou levá-la para casa comigo — disse Vera em voz alta, como se pensasse consigo mesma. — Não quero nenhum parente meu sob o domínio daquela mulher.

— Concordo — concordou Ruby. — Custe o que custar, vamos tirá-la daqui ou meu nome não é Ruby Caselton. — A dupla ficou em silêncio por alguns minutos, esperando a mulher voltar. Ruby estava ciente das muitas regras pregadas na parede. Era mais rigoroso do que uma prisão, ela pensou consigo mesma.

Ambas pularam quando uma porta se abriu e a mulher voltou.

— Pode visitar Munro em um mês. Ela deu à luz e poderá receber visitas pouco antes de partir.

— Ela teve o bebê? — disse Vera, suas feições duras visivelmente suavizando. — O que é, um menino ou uma menina? Imagine só, eu sou uma bisavó como você — disse ela a Ruby enquanto pegava um lenço no bolso e assoava o nariz. — Apenas imagine isso.

— Não é da sua conta o sexo da criança. As pessoas que o adotam são as únicas a quem divulgamos essa informação. Munro renunciou a todos os direitos da criança. Pode buscar sua neta em... — ela abriu uma pasta na mão, procurando a data.

Vera parecia angustiada.

— O quê? Quer dizer que eu não posso ver minha própria carne e sangue e pretende entregá-la? Não estou crendo nisso. Eu quero vê-la e o bebê agora e não vou sair daqui até que eu tenha feito isso — ela acrescentou enquanto sua angústia se transformava em raiva. — Agora, sugiro que saia do meu caminho para que eu possa ver minha neta neste exato momento.

— Bem, eu... — a mulher ficou de boca aberta quando Vera pegou a pasta de sua mão e passou por ela, marchando por um corredor.

— Obrigada — Ruby acenou para a mulher de aparência atônita enquanto corria atrás de Vera. Ela podia ver sua amiga parando para ler as placas nas portas enquanto procurava por Sadie. Alcançando Vera por um par de portas duplas marcadas como “privado”, ela a agarrou pelo braço. — Espere um minuto. Pode me dizer o que pretende fazer?

— Eu só quero encontrá-la e perguntar se ela quer voltar para casa... e trazer o bebê com ela. Nós vamos cuidar disso de alguma forma. Eu não poderia viver comigo mesma sabendo que estranhos estavam cuidando da minha própria carne e sangue. É a coisa certa a fazer, não é, Ruby?

Ruby colocou o braço em volta da amiga e lhe deu um abraço.

— Claro que é, mas você deve se preparar, caso Sadie diga que não quer voltar para casa, ou ela ainda queira que seu bebê seja adotado.

— Ah, Ruby, eu não aguentarei — Vera lamentou em voz alta.

— Shh, alguém pode ouvir e nos expulsar antes de encontrá-la. Você enxuga os olhos e eu vou dar uma olhada e ver se consigo identificar onde ela pode estar. Sente-se nessa cadeira e acalme-se. Chorar não vai ajudar — disse Ruby com firmeza. Conhecendo a Vera de antigamente, ela percebeu que a mulher podia chorar e chorar pela Inglaterra quando a fantasia a levasse e agora não era hora de chamar a atenção para as duas. A qualquer momento, aquela mulher poderia ligar para alguém e mandar expulsá-la.

Abrindo silenciosamente as portas duplas, Ruby deu uma olhada lá dentro. Parecia ser uma espécie de sala de estar com cerca de uma dúzia de poltronas e algumas mesas laterais. Ela podia ver uma jovem muito grávida lendo um livro. Fechando a porta atrás de si, ela se aproximou da mulher.

— Com licença, amor, estou procurando por Sadie Munro. Pode me dizer onde ela está, por favor?

A mulher olhou para cima com horror.

— Ah, desculpe, não temos visitas. Não é permitido. A matrona sabe que você está aqui?

Ruby assentiu. Ela não ia começar a contar mentiras. Deus sabe onde isso levaria.

— Ela está por perto?

— Ela está ao lado, no Hainault. As meninas que têm problemas dão à luz na maternidade e não aqui.

Ruby sentiu seu sangue gelar.

— Ela está bem?

— Ela está bem. Teve bastante sorte indo para o Hainault, pois ela é tratada um pouco melhor lá. Pode ser como uma prisão aqui às vezes e bastante angustiante quando os bebês são levados. Um dos outros nos informou que sua neta teve um menino.

— Muito obrigada, amor — disse Ruby, dando um suspiro de alívio. Ela conhecia o layout do Hainault, tendo visitado amigos e familiares lá ao longo dos anos. Com sorte, poderia levar Vera para dentro para ver Sadie sem muita dificuldade. — Boa sorte pra você.

Juntando-se a Vera no corredor, ela se inclinou e sussurrou:

— Apenas me siga e não diga nada.

— Mas...

— Tenho novidades, mas é melhor sairmos daqui sem problemas.

Vera assentiu e as duas mulheres correram pelo corredor e passaram pelo escritório da Matrona, onde ela podia ver, pela porta entreaberta, a mulher agitada acenando com os braços para um homem de jaleco branco.

— Boa tarde — Ruby acenou para eles antes de sair.

— O que está acontecendo? Quero ver Sadie — exigiu Vera enquanto Ruby a conduzia alguns metros abaixo da vista de qualquer um que as visse

em Oakhurst House.

— Fique calma. Parece que ela não está lá — disse Ruby, segurando a manga de Vera enquanto ela se virava para voltar.

— Ela não voltou para aquele homem, não é? Ela precisa de uma boa sacudida, se tiver voltado — rosnou Vera.

Ruby deu um grande suspiro.

— Segure seus cavalos um minuto. Não há necessidade de começar a perder a paciência. Ela não está na casa porque teve o bebê. Satisfeita agora?

— Você não pode simplesmente ter um bebê e desaparecer. Ela ficará de cama por duas semanas, então o que diabos está acontecendo?

— Apenas acalme-se e ouça por um minuto. Ela não teve o bebê em Oakhurst House. Ela o teve na maternidade de Hainault, ao lado.

— Ele? Ela teve um menino?

— Sim, e isso é tudo que eu sei. Talvez, se se acalmar um pouco, possamos entrar e perguntar.

Vera respirou fundo e exalou lentamente.

— Estou calma. Vamos — disse ela, caminhando rapidamente em direção à maternidade. — Apresse-se, Ruby, pelo amor de Deus.

A área de entrada do Hainault era muito mais acolhedora do que a casa da igreja ao lado. Uma enfermeira de bochechas rosadas as cumprimentou e quando Vera explicou educadamente sobre sua neta, a enfermeira ouviu e não interrompeu uma única vez.

— Nós temos algumas regras que dizem que apenas os maridos podem visitar uma vez por dia. Mas... — ela tentou continuar enquanto Vera abria a boca para protestar. — Mas como tantos maridos estão nas forças armadas e servindo no exterior, nós dobramos um pouco as regras para mães e avós

verem o bebê. Colocamos Sadie em uma ala lateral para que eu possa deixá-la entrar por alguns minutos sem ser interrompida.

— Ela está mal? — perguntou Ruby, pois nunca conhecera alguém que não estivesse na enfermaria principal.

— Não, a senhorita Munro optou por não ficar com o bebê e, como temos o quarto disponível, podemos mantê-la longe das outras mães até que ela volte para Oakhurst em alguns dias.

— Ah, Ruby — sussurrou Vera. — Nunca pensei que ela pudesse desistir do bebê. Eu tive todas essas ideias surgindo na minha mente sobre ela ficar no quarto dos fundos e eu ajudar o pequeno a crescer, assim como você fez com sua Sarah, e isso não vai acontecer.

— Acalme-se, amor. Nunca se sabe, ela pode mudar de ideia quando souber que sua avó não a condenou ao inferno, afinal. Talvez a enfermeira lhe mostre para onde ir enquanto espero aqui. Leve o tempo que quiser.

— Vá até a sala de espera e fique à vontade. Estou prestes a levar o carrinho de chá para o chá da tarde. Provavelmente posso lhe entregar um — ofereceu a jovem enfermeira. — Apenas deixe-me levar esta senhora para ver sua neta e bisneto e eu voltarei.

— Deus lhe abençoe, meu amor. Eu poderia matar por uma xícara de chá.

Ruby passou os quinze minutos seguintes vendo o mundo passar. O Hainault era um lugar tão adorável com todos que passavam com um sorriso no rosto. De vez em quando ela ouvia o choro de um bebê e começava a pensar em sua própria família. Talvez em pouco tempo Sarah e Alan tivessem um irmãozinho ou irmãzinha para Georgina, uma vez que Alan estivesse em casa por tempo suficiente, isso é. Ela estava pensando no que Bob estava fazendo no jardim quando a jovem enfermeira apareceu com uma xícara fumegante de chá.

— Aqui está você, saboroso, gostoso e forte o suficiente para a colher ficar em pé — ela sorriu enquanto Ruby pegava a xícara e o pires dela. — Achei que gostaria de saber que sua amiga e sua neta estão se dando muito bem. Suponho que houve uma briga.

— Você poderia dizer isso. Às vezes acontece quando uma garota traz problemas para casa. Minha amiga é uma mulher respeitável e escondeu esse problema até de seus amigos mais próximos. É um acaso que descobrimos que Sadie estava em Oakhurst House. Quando acha que podemos levar ela e o bebê para casa?

A enfermeira apertou os lábios.

— Pode não ser tão simples. Se não fosse por Miss Munro ter pequenas complicações, ela teria tido o bebê em Oakhurst. Como os documentos de adoção foram assinados, ela normalmente teria ficado lá tempo suficiente para que o bebê fosse considerado apto e saudável antes de ser entregue aos pais adotivos. Do jeito que está, a senhorita Munro estará aqui por pelo menos uma semana antes de se mudar de volta para Oakhurst House.

— Ela ainda tem que desistir de seu bebê?

— Não sou especialista, mas tendo visto algumas das jovens da casa enquanto estive aqui, tudo o que posso dizer é que geralmente os bebês são adotados. Se eu puder ser muito ousada, diria que a administração lá é muito rígida e qualquer garota que cause qualquer tipo de problema pode se ver em apuros.

Ruby estava preocupada com Vera e sua neta.

— Mesmo que Sadie mudasse de ideia sobre a adoção, você está dizendo que ela pode não conseguir.

A enfermeira acenou com a cabeça lentamente.

— Eu não deveria estar dizendo isso, mas se eu fosse sua amiga e se a senhorita Munro decidiu ficar com seu filhinho, pode ser prudente que ela evite ser transferida de volta para Oakhurst House. Mas não ouviu isso de mim. Está claro?

— Obrigada, enfermeira... desculpe, nem sei seu nome.

— Sou a enfermeira Edwards, mas as senhoras aqui me chamam de Eddie para abreviar. Sendo uma enfermeira júnior, muitas vezes sou mais jovem do que muitas das mães que vêm aqui para ter seus bebês.

Ruby ficou sem palavras. Eddie? Era este o sinal que ela estava esperando de seu falecido marido? Mas não, não poderia ser, caso contrário, o que exatamente ele estava tentando lhe dizer?

— Obrigada, Eddie, seu conselho foi extremamente útil. Depois de falar com minha amiga Vera, pode ser que levemos a jovem Sadie direto para casa. Quando você aconselharia, qual é o melhor momento para isso acontecer?

A enfermeira Edwards pensou por um momento.

— Estou de plantão todas as tardes esta semana e, no final do horário de visita, muitas vezes estou trabalhando na eclusa ou preparando um carrinho de chá para não ver alguém saindo da enfermaria — disse ela, dando uma piscadela para Ruby e um sorriso.

— Eu não gostaria que se envolvesse em problemas por nossa causa.

— Não vai me causar problemas. Eu só quero ver aquele bebê morando com a mãe. Eu a vi o amamentando e sei que ela ama o garotinho. Seria um pecado tê-lo tirado dela. O que quer que tenha acontecido com ela, merece um novo começo, e nada melhor do que estar com a avó!

— O anjo da guarda daquela garota certamente estava nos ajudando quando a conhecemos — disse Ruby enquanto devolvia a xícara e o pires.

— Obrigado do fundo do meu coração.

A enfermeira não havia retornado às suas funções quando Vera apareceu, sorrindo de orelha a orelha.

— Oh Ruby, ele é lindo, espere só até vê-lo. Eu nunca vi um bebê tão lindo.

— Bem-vinda ao clube das bisavós.

— Sadie vai ficar com o bebê. Eu disse a ela que ela poderia vir para casa comigo quando estivesse pronta, e Ruby, eu disse a ela que sentia muito por não estar lá quando ela precisava de mim.

— Fico feliz por você, Vera — disse Ruby quando saíram do prédio e começaram a caminhar de volta para a cidade. — No entanto, pode haver alguns problemas que precisamos resolver antes que você leve os dois para casa em segurança.

— Só há um problema no que me diz respeito e é não haver uma aliança de casamento no dedo da minha neta.

Ruby estava confusa.

— Vera, não acho que você vá encontrar um rapaz para se casar com sua neta enquanto ela ainda estiver na cama depois de dar à luz. Com as melhores intenções do mundo...

Vera zombou das palavras de sua amiga.

— O que eu quis dizer é que precisamos parar na Woolworths a caminho de casa e comprar uma aliança de casamento barata para Sadie usar. Pelo menos assim ela parecerá respeitável.



BETTY DESLIZOU os ferrolhos por dentro da porta da loja e virou a placa para “fechado” Ela se perguntou, não pela primeira vez, se o negócio de Douglas poderia ser chamado de loja? Ficava em uma movimentada

High Street em Bexleyheath, ao lado de uma variedade de lojas de varejo, então na realidade era uma loja, mas isso não parecia certo quando se pensava no serviço prestado.

Douglas, que não tinha retornado muito tempo depois de despachar seu cliente, estava trocando seu terno de trabalho pronto para voltar para casa e pegar Clemmie e Dorothy. Eles planejavam levar as meninas ao cinema para ver um musical, o que era um deleite raro.

— Parece que esteve ocupada — ele chamou do escritório. — Espero que possa entender meu sistema de contabilidade.

— Sim — respondeu Betty enquanto voltava para a sala e ajeitava a gravata dele. — Tenho algumas preocupações. Podemos reservar alguns minutos para examiná-las?

Douglas consultou o relógio.

— Não vejo por que não. Podemos usar a van de trabalho para ir para casa em vez de esperar o ônibus. — Ele esfregou as mãos enquanto caminhava em direção à mesa onde Betty tinha feito pilhas de faturas ao lado de uma pilha de livros e uma página de notas escritas à mão.

— Receio que esteja prestes a ter um choque. Descobri um problema.

— Minha adição e subtração falharam novamente? Para um contador, sempre esqueço de verificar meus cálculos — ele sorriu enquanto puxava uma cadeira para Betty e se sentava ao lado dela.

— Gostaria que fosse assim tão simples, meu amor. Descobri que alguém está roubando do negócio.

— O quê?! Como pode ser? Eu acreditava que nossas perdas se deviam à tentativa de competir com os novos diretores de funerais no futuro. Eu não fazia ideia... — exclamou ele, puxando a lista para si e lendo as anotações meticulosas de Betty.

Betty sentou-se calmamente ao lado do marido. Ela não encontrou felicidade em descobrir as discrepâncias no orgulho e na alegria de seu marido. Desde que conhecera Douglas, ela admirava sua vontade de construir o negócio que herdara, em vez de buscar sua vida como contador, o que ele detestava. Ocasionalmente, ela apontava uma fatura ou uma série de números antes de mostrar a ele como descobrira o problema inicial e como achava que alguém da empresa estava roubando. Na verdade, ela estava começando a acreditar que poderia ser mais de uma pessoa.

Douglas passou as mãos pelo cabelo curto em desespero.

— Como pude ser tão tolo para não notar isso? Sou contador, pelo amor de Deus. Por que eu não percebi isso?

Betty estendeu a mão e acariciou a dele para confortá-lo.

— Você está com falta de pessoal, Douglas, e seus primeiros pensamentos sempre foram para as famílias dos falecidos. Eu sei como a papelada pode deslizar e ser esquecida quando se está ocupado. O cliente sempre vem em primeiro lugar no comércio varejista, não importa o que mais sofra. Infelizmente, desta vez, alguém que não é honesto viu a oportunidade de roubá-lo.

— Oh, Deus — era tudo o que Douglas conseguia dizer repetidamente.



FREDA ESTAVA atrasada. Seu velho despertador não tocou na hora certa e, por mais que tentasse, não conseguia se mexer.

— Bem feito por ficar conversando depois do meu turno no quartel dos bombeiros — ela murmurou para o cachorro de Ruby, Nelson, que simplesmente abanou o rabo e se encolheu ainda mais no tapete.

— Coma isso antes de sair correndo — disse Ruby enquanto colocava uma tigela de mingau na mesa. — Você precisa de algo em seu estômago antes de trabalhar por todo um dia.

— Eu poderia também. Estou atrasada, então se Betty vai me repreender, ela pode fazer isso por quinze minutos em vez de cinco. Eu odeio estar atrasada. Acho que isso me atrapalha durante todo o dia. Pelo menos estou trabalhando no depósito hoje, ajudando no inventário para que os clientes não me vejam bocejando a cada cinco minutos.

Nelson deu um pulo e correu para a porta da frente latindo.

— Esse deve ser o carteiro — disse Ruby, enxugando as mãos em um pano de prato e gritando para ele calar a boca enquanto ia pegar o que havia caído na caixa de correio. — Tem uma carta para você — disse ela, colocando o envelope fino na frente de Freda, que estava enfiando na boca o resto do café da manhã.

— Hmm, tem uma marca postal de Birmingham. Achei que não havia ninguém de casa que soubesse onde eu morava — disse Freda, franzindo a testa enquanto abria o envelope. — Ó, meu Deus!

Ruby largou a panela de mingau que começara a esfregar e sentou-se diante de Freda.

— Há algo errado, amor?

— É minha mãe. Ela sofreu algum tipo de acidente e não há ninguém para cuidar dela.

— Pobre amor — murmurou Ruby enquanto Freda entregava uma folha de papel para ela ler. Ela nunca tinha conhecido a mãe de Freda, mas tinha ouvido falar que depois que o pai de Freda morreu de repente, a mãe se envolveu com um homem brutal que dominou sua vida e tornou difícil para Freda e seu irmão ficarem em casa. O irmão mais novo de Freda, Lenny, passou por uma fase difícil, mas agora estava servindo no exterior em um navio. Freda tinha feito uma boa vida para si mesma em Erith. Ruby estava preocupada que isso pudesse afetar o futuro da garota. — Quem é a pessoa que escreveu a carta?

— Janey costumava ser nossa vizinha quando eu era criança. Só consigo pensar nas poucas palavras que ela escreveu que nosso Lenny entrou em contato com ela. Eu sei que da última vez que ele esteve aqui de licença, disse que estava preocupado com mamãe e queria saber se ela estava bem, embora ela nunca tenha entrado em contato.

— O sujeito a controla tanto assim, não é? — Ruby fez um barulho de resmungo. — O que há com alguns homens que usam os punhos em vez de mostrar bondade?

— Um leopardo nunca muda suas manchas — disse Freda, lembrando o tapa nas orelhas que recebeu em mais de uma ocasião quando seu padrasto chegou em casa bêbado.

— Não há menção a ele aqui — disse Ruby, verificando o verso da folha de papel.

— Também não diz onde sua mãe está. O que quer fazer sobre isso? — os olhos de Freda lacrimejaram quando ela olhou para sua gentil senhoria, que era mais como uma avó para ela.

— O que quer que tenha acontecido no passado, ela ainda é minha mãe e parece que precisa de mim agora. Eu simplesmente não posso contar para Betty quando ela está com tanta falta de pessoal... e o meu trabalho de guerra no Corpo de Bombeiros? Posso sair sem a sua licença?

— Não se preocupe com o quartel de bombeiros. Você não disse que não está de serviço por alguns dias? Você poderia ir até Birmingham e voltar antes que eles percebam que está desaparecida. Se não for, eu vou dar uma volta e ter uma palavra. Eles são todos homens de família que já tiveram mães, então vão entender. Quanto a Betty, nunca tenha medo de contar a ela seus problemas. Ela é um bom tipo, é Betty Billington. Agora, vá para o trabalho e eu terei sua roupa lavada e no varal, então se você quiser partir esta tarde, não terá nada a fazer a não ser ir para a estação. Sugiro que o que faça é enviar um cartão postal para essa Janey, dizer que está a caminho e pedir que encontre uma pensão respeitável para você. Não há como saber se pode ficar com sua mãe ou se Janey pode te hospedar. Eu tenho alguns cartões postais no aparador junto com alguns selos, então escreva algumas linhas e poste no caminho para Woolies. Chegará lá esta tarde.



BETTY OLHOU para o espaço, sem perceber os ponteiros do relógio na parede de seu escritório, movendo-se lentamente para as dez e meia. Ela deveria, por direito, estar se preparando para uma reunião de equipe, mas seu coração não estava em seu trabalho. Ela continuou pensando na noite

anterior e imaginando Douglas enquanto ele absorvia a informação de que alguém estava roubando de seu negócio. Sabendo que tinham que pegar as garotas para levá-las ao cinema, a contragosto, eles pararam de verificar os números e de apontar um para o outro como os extratos bancários não correspondiam ao que deveria ter sido depositado na conta bancária depois que os clientes pagavam suas contas. Repetidas vezes, Douglas continuou se culpando por não ter levado o dinheiro para o banco, mas por confiar nos funcionários. Eles embalaram a papelada em uma caixa de papelão para levar para casa. Betty sugeriu que não era sábio deixar provas incriminatórias em seu escritório por enquanto, para o caso de desaparecerem.

O telefone em sua mesa tocou de repente, trazendo-a de volta à terra com um solavanco. Ela ficou aliviada ao descobrir que era o sargento Mike Jackson e não o escritório central com uma ligação relacionada ao trabalho.

— Oh, Mike, obrigada por encontrar tempo para me dar um telefonema. — Ela passou a descrever rapidamente por que queria falar com ele. — É apenas uma investigação privada no momento. Não queremos envolver a polícia oficialmente até que tenhamos coletado todos os fatos, pois isso pode alertar o ladrão. Seu conselho seria bem-vindo se puder dar — Betty escutou por alguns minutos e então agradeceu ao amigo. — Esta noite seria ideal para nós. Obrigada, Mike.

Sentindo que já tinha feito o suficiente por enquanto, Betty colocou os problemas com o negócio de lado e pensou em eventos mais felizes. A ida ao cinema foi um inferno para Douglas enquanto ele pensava durante todo o filme, mas Betty ficou encantada ao ver o quanto Clemmie e Dorothy adoraram as sequências de dança e canto. Ela teve uma ideia que se encaixaria com a possível mudança de casa, pois eles estariam morando mais perto da cidade e ela poderia matricular as meninas para aulas de

dança no Erith Dance Studios. Ela se lembrou de quando Douglas a levou para sair pela primeira vez, e eles dançaram a noite toda naquele mesmo lugar. Ela suspirou de prazer, pois houve uma batida educada em sua porta. Ela gritou: “Entre”, enquanto ajeitava a jaqueta e limpava a garganta. De volta ao trabalho.

— Desculpe incomodá-la, Betty. Gostaria de saber se posso dar uma palavrinha antes de você começar a reunião dos supervisores?

— Claro, Freda, entre e sente-se. Ainda temos dez minutos — disse ela enquanto olhava para o relógio. Para onde estava indo a manhã?

— Eu me perguntei se eu poderia tirar alguns dias de folga? Recebi esta carta quando estava saindo para o trabalho — disse Freda, entregando timidamente o envelope. Ela odiava pedir favores. — Diz que minha mãe sofreu um acidente e não tem ninguém para cuidar dela.

Betty tentou enterrar seu primeiro pensamento, que era que ela não podia se dar ao luxo de perder um funcionário tão valioso por um dia, mas depois se sentiu envergonhada. Freda precisava ser amparada se sua mãe estivesse mal. Ela sabia que Freda não aparecia em Midlands há alguns anos.

Freda brincava com um botão em seu uniforme enquanto observava Betty ler a carta.

— Eu não perguntaria se não fosse importante — ela tentou explicar. — Com meu irmão longe, não há mais ninguém.

Betty levantou a mão.

— Não há necessidade de explicar. Esta carta diz tudo. Família é importante, Freda. Valorize enquanto pode.

Freda sorriu para si mesma; Ruby dissera que Betty entenderia.

— Vou tentar voltar o mais rápido possível.

— Nem pense em voltar correndo para nós. Esta carta não teria sido escrita se você não fosse necessária ao lado de sua mãe. Volte quando estiver bem e pronta. Woolworths não entrará em colapso sem você aqui. Embora sentiremos imensamente sua falta — acrescentou ela ao ver a expressão desanimada de Freda. — Agora, aqui está o meu número de telefone e também o número privado da minha casa. Quero que me telefone todos os dias para me contar como está sua mãe e se quiser que eu passe alguma mensagem para Ruby e Sarah — disse ela, escrevendo rapidamente em uma folha de papel e entregando-a a Freda. — Quando planeja ir?

— Esta tarde, se me permite. Se eu conseguir chegar a Londres às duas horas, há um trem que me levará lá na hora do chá. — Ela continuou explicando como já havia enviado um cartão postal para a senhora que escreveu a carta para que ela ficasse esperando.

— Então sugiro que vá para casa e se prepare para sua jornada. Quanto mais cedo sair, mais cedo estará lá. Tem estado quieto recentemente, então vamos esperar que sua viagem não seja interrompida por ataques aéreos. Eu vou ter seu pacote de pagamento feito para que você tenha algum dinheiro extra para ajudá-la. Nunca tive o prazer de conhecer sua mãe, mas, por favor, dê a ela meus melhores votos de uma rápida recuperação.

— Eu vou, Betty, e obrigada por ser tão compreensiva — disse Freda enquanto se levantava e abraçava a chefe. — Farei o meu melhor para voltar ao trabalho o mais rápido possível.

Betty levantou as mãos para impedir as promessas de Freda.

— Eu não estou ouvindo. A família vem em primeiro lugar, Freda. Sempre se lembre disso. Agora, vá embora antes que eu mude de ideia.

Freda saiu do escritório, pensando que seria melhor se abastecer com papel de carta e envelopes da loja do andar de baixo e se certificar de que

tinha uma pilha de moedas de um centavo para fazer as chamadas telefônicas prometidas.



— **VÓ, NÃO** tenho certeza se isso é legal — disse Sarah enquanto ajudava Ruby a descer do cavalo e da carroça de sua tia Pat, que havia parado em frente ao Hospital Maternidade Hainault.

— Não questione o que estamos fazendo, Sarah, ou você pode ficar aí — interrompeu Vera antes que Ruby pudesse falar. — Achei que quisesse nos ajudar a trazer minha Sadie para Alexandra Road. Lembre-se, quando pedi para providenciar algum transporte, nunca esperei que Pat aparecesse com um cavalo. — Ela olhou para Ruby, que estava pegando pedaços de palha de seu melhor casaco e endireitando o chapéu.

— Sempre tem o pônei de Shank — gritou Pat de onde segurava o cavalo com firmeza. — Espero que não demore muito. Eu tenho que pegar as lixeiras dos porcos uma vez que eu tenha deixado vocês aqui — ela acrescentou para causar efeito, dando um sorriso para sua mãe.

— Não se preocupe, amor — disse Ruby a Sarah. — Verifiquei com Mike e ele disse que Sadie tem liberdade para sair do hospital quando quiser e ninguém pode fazê-la desistir do bebê. Ela está se mudando para uma casa respeitável e morando com sua própria família. Estamos simplesmente indo buscá-la antes do planejado e sem que a casa para mães solteiras saiba.

— E sobre a palavra “solteira” — disse Vera quando as três mulheres entraram na maternidade —, prefiro que se saiba que o marido de Sadie foi morto em ação do que ser um homem casado que a abandonou. Ela vai usar

um anel, então ninguém precisa saber. — Ela assentiu como se o assunto estivesse terminado e espanado.

— Como Sadie se sente com tudo isso? — Sarah perguntou à avó enquanto seguiam Vera, que caminhava decidida pelos corredores da maternidade.

— Eu não vi a garota, mas tenho a sensação de que ela não sabe muito sobre isso — disse Ruby. — A imaginação de Vera tem dado uma volta. Só espero que ela tenha concordado em ir morar com a avó e que tudo isso não esteja na cabeça de Vera.

— Nós vamos parecer um pouco idiotas, especialmente com nosso transporte estacionado na frente do prédio mastigando o saco de feno dele — Sarah deu uma risadinha.

— Shh — Ruby repreendeu Sarah, embora ela também tivesse um sorriso largo no rosto. — A ala lateral fica aqui em cima. Você tem tudo para o bebê, não tem? É um pouco cedo para ele voltar para casa depois de apenas uma semana, mas a enfermeira Edwards disse que ele está em forma.

Sarah deu um tapinha na sacola de compras em seu braço.

— Está tudo aqui, junto com um dos primeiros conjuntos de carrinho de bebê de Georgina que Freda tricotou. Será um pouco grande, eu acho, mas pelo menos ele ficará tão confortável quanto um inseto em um tapete.

Ruby assentiu com aprovação. Aqueceu seu coração a maneira como suas meninas, ao pensar nelas, se uniram para a pequena madame. Mesmo que Sadie agora se encontrasse em uma situação complicada, Ruby não podia deixar de pensar que seria preciso muito para ela gostar da garota com seus ares arrogantes. Mas um novo bebê significava novos começos, então ela seria generosa e manteria a mente aberta. Maisie havia entregado fraldas e macacões, dizendo que a pequena Ruby tinha muitos, enquanto

Freda começara a tricotar quase imediatamente e os levava consigo para se manter ocupada enquanto viajava para Birmingham. Ruby se perguntou como a garota estava indo. Ela tinha mais do que um fraquinho por Freda e esperava fervorosamente que sua viagem não fosse muito angustiante. Incomodava-a que Freda pudesse estar viajando de volta para onde ela estava em perigo, não apenas por causa de um padrasto abusivo, mas também porque era onde seu irmão mais novo Lenny tinha se envolvido com companhias ruins, que o seguiram até Erith, empenhadas em vingança. Ela estremeceu. Talvez alguém devesse ter ido com Freda?

— Aqui estamos — disse Vera ao bater na porta do quartinho e entrar. Sadie Munro já estava vestida e sentada na beira da cama com um olhar choroso. — E aí, amor? — perguntou Vera, verificando se o bebê estava em seu berço.

— Disseram-me que eles estão vindo me buscar para me levar de volta à Oakhurst House. Se isso acontecer, eu sei que serei obrigada a entregar o bebê — eles podem ser tão persuasivos e eu já assinei os papéis — ela fungou.

— A essa altura já estaremos longe — garantiu Vera.

— O quê, em cinco minutos? — a garota lamentou.

Vera ofegou.

— Isso logo... Ruby, o que devemos fazer?

Passou pela cabeça de Ruby que ela era a pessoa que Vera sempre esperava para resolver seus problemas, mas deixou passar.

— Precisamos dar um empurrãozinho, mas não tenho certeza de como vamos levar Sadie e o bebê por aquele longo corredor sem passar por aquela mulher esnobe de Oakhurst.

— Talvez eu possa ajudar —, disse a enfermeira Edwards, entrando no quarto atrás delas, fazendo Sarah pular de susto. — Tenho um carrinho lá

fora. Sadie, se você pular nele, eu te cubro com um lençol e te levo para fora. Eles não vão pensar em perguntar a uma enfermeira quem faleceu.

— Oh meu Deus, isso parece estar indo um pouco longe. Não será um destino tentador? — perguntou Vera.

— As necessidades pedem — disse Sadie, saindo da cama. — Vó, você pode carregar minhas malas?

— Sugiro que vá agora — aconselhou a enfermeira Edwards. Ela tirou o manto azul marinho que estava usando e o passou para Sarah junto com seu gorro branco de enfermeira. — Coloque isso e leve o bebê. Contanto que ele não chore, você deve ser capaz de contrabandeá-lo. Rápido.

Ruby, que havia começado a entregar as malas para Vera, parou de repente.

— Eles não vão achar estranho que a cama esteja vazia?

— Isso pode ser um problema — disse a enfermeira.

— Eu sei — disse Ruby, tirando os sapatos, o casaco e o chapéu antes de subir na cama. — Isso vai surpreendê-los quando eles baterem na porta — acrescentou enquanto puxava as cobertas sobre o queixo. — Uma de vocês me aconchega e talvez feche as cortinas antes de sair. Só espero não cair no sono — ela sorriu.

A enfermeira Edwards ajeitou as cobertas, deu uma olhada rápida no quarto e entregou o bebê adormecido para Sarah, que o escondeu da vista.

— Vamos colocar esse show na estrada, sim? Voltarei para acordá-la quando tudo estiver claro — disse ela a Ruby enquanto conduzia os outros para fora da sala. — Espero que goste de seu confinamento, Sra. Caselton.

Sarah manteve a cabeça baixa enquanto corria pelo corredor, seu único medo era que a criança acordasse e começasse a chorar. Ela deixou Vera, que parou para olhar as placas nos quadros de avisos. Atrás dela, ela podia ouvir as rodas rangentes do carrinho sendo empurrado pela enfermeira

Edwards. Isso tudo era muito emocionante, ela pensou consigo mesma. Maisie e Freda ficarão aborrecidas por terem perdido toda a diversão.

Sarah alcançou primeiro o cavalo e a carroça de sua tia Pat e entregou o bebê antes de remover a capa e o gorro. Ela correu de volta para onde a enfermeira estava ajudando Sadie a descer do carrinho e devolveu suas roupas, abraçando-a e agradecendo.

— Trarei sua avó assim que tudo estiver limpo. Agora, vá embora antes que seja vista.

Pat as ajudou a subir na traseira do carrinho e Sadie pegou seu bebê, que agora estava agasalhado no xale que Maisie havia doado. Com Vera se juntando a elas, Pat guiou o cavalo pela esquina, fora da vista de qualquer pessoa em Oakhurst House.

Quinze minutos depois, Ruby apareceu, com um grande sorriso no rosto.

— Eu diria que foi um trabalho bem feito — disse ela.

— Você assustou as pessoas de Oakhurst? — perguntou Sadie.

— Eu diria que sim, especialmente com uma almofada enfiada no meu cardigã. Eles nunca tinham visto uma mulher grávida da minha idade antes. Eles fugiram rapidamente quando gritei que minha bolsa havia estourado.



DOUGLAS LEVOU Mike Jackson para a sala da frente enquanto Betty verificava se as duas garotas estavam dormindo em suas camas. A última coisa que eles queriam era que ouvissem que seu pai tinha problemas no trabalho. Quando ela se juntou a eles, carregada com uma bandeja de chá, pôde ver que Mike estava tomando notas e parecia extremamente sério.

— É tão ruim quanto eu pensava? — ela perguntou, passando a ele uma xícara de café que ela guardava para ocasiões especiais. Houve momentos em que não se oferecia apenas um café de acampamento a um convidado, e este era um deles. — Por favor, sirva-se de uma fatia de bolo. Estou aprendendo a cozinhar aos poucos, mesmo com a escassez — ela sorriu nervosamente.

Mike pegou o café e recusou o bolo.

— Gwyneth disse que eu nunca vou caber no meu terno de casamento se não for mais cuidadoso com o que como — disse ele. — Talvez mais tarde. — Ele não queria ofender Betty.

— Mike concorda conosco que há um problema, mas notou que temos mais de um culpado.

— Ah, querido, e eu esperava que fosse Harry Singleton sozinho e pudéssemos dispensá-lo e não ter mais problemas. Por que a vida nunca é simples? — Betty suspirou.

Mike apontou para uma página em um livro fiscal o extrato bancário que ele alinhou ao lado.

— Isso começou meses antes de Harry ser contratado. Veja, você pode ver, comparando suas entradas do livro-caixa com o que foi pago no banco, que nem todo o dinheiro chegou à sua conta bancária. Adicione a isso o estoque que desapareceu e você terá um problema sério.

— Não entendo por quê, depois de todo esse tempo, isso aconteceu. Douglas, certamente Harry é o único novo funcionário que você contratou desde que herdou o negócio.

— Eu sou o culpado. Nada disso teria acontecido se eu continuasse trabalhando no escritório. Quando um membro mais velho da equipe mencionou que ele costumava fazer os serviços bancários e fazer pedidos, achei que seria rude da minha parte tirar o trabalho dele. — Douglas riu

amargamente. — Até aumentei o salário dele pela responsabilidade extra. Que idiota eu fui.

Mike lhe deu um tapa nas costas.

— Não se culpe, meu velho. Se algum malandro está querendo roubar de você, eles tentam todos os truques que possam existir. Pode acontecer com qualquer um.

— O que sugere que façamos, Mike? — Betty perguntou enquanto apertava a mão do marido para tranquilizá-lo.

— Vou sugerir não fazer nada — disse Mike.

A expressão de Douglas mudou de chateada para raivosa.

— O quê?! Está dizendo que os malandros roubem ainda mais dinheiro de mim? Me considera um tolo, Mike? — Betty franziu a testa. Conhecendo Mike há alguns anos, ela sabia que ele não deixaria um ladrão continuar tirando seu sustento.

— Deixe Mike falar, meu querido, eu acredito que ele pode ter um plano. Continue, Mike — ela encorajou o sargento.

— Acho que há mais nisso do que pequenos furtos. Você mencionou que tem concorrência agora desde que outro serviço funerário abriu para negócios perto do seu.

Consegue se lembrar de quando isso aconteceu?

— Eu realmente não consigo ver a conexão, mas deve ser cerca de nove meses atrás. Espere, posso verificar, pois ainda tenho o anúncio do Bexleyheath Observer. — Douglas foi até uma cômoda e vasculhou uma das gavetas. — Olhe aqui. Grande inauguração: primeiro de outubro de 1942. São bons nove meses — disse ele, acenando com a página do jornal no ar. — Por Júpiter, acredito que você tenha algo aqui, Mike. Está dizendo que os donos deste novo negócio estão me roubando?

— Não, não diretamente. Tenho a sensação de que um de seus funcionários terá uma conexão com esta nova empresa, e ele será o elo.

— Harry Singleton? — sugeriu Betty.

— Não, ele é apenas um simples tolo que foi incentivado a participar dos roubos. Precisamos estabelecer um vínculo, caso contrário você não ficará livre dessa outra empresa tomando seu comércio.

— A esposa de Harry, Enid, é nossa nova cozinheira na Woolworths e acredito que ela também está se servindo da propriedade da empresa.

Mike pensou por um momento.

— Podemos lidar com esses dois separadamente. Douglas, deixe-me ver os registos pessoais que tem da sua equipa? Posso verificá-los e também cruzar com as pessoas que registraram o outro negócio. Nunca se sabe, pode haver uma ligação óbvia. Assim que tivermos evidências suficientes, podemos pegar as pessoas por trás disso — disse ele.

Douglas parecia muito feliz.

— Eu não posso agradecer o suficiente, meu velho.

Mike parecia sério.

— Espere, há um problema.

Betty estava confusa.

— O que poderia ser um problema depois de pegar os ladrões?

— Provavelmente não há chance de recuperar o dinheiro que te roubaram. Isso acabou para sempre, eu temo. Sinto muito, Douglas.

Foi um mal-humorado Douglas quem viu Mike na porta uma hora depois. Betty podia ver que, mesmo quando Mike pediu para ter Douglas como padrinho em seu casamento próximo, demorou muito para ele levantar um sorriso. Ela tirou as coisas do chá e voltou para a sala da frente.

— Douglas, estive pensando na nova casa...

— Sinto muito, minha querida, temo que não haja uma nova casa até que este negócio seja resolvido. Mesmo assim, o dinheiro será curto. Ora, pode levar anos até que o negócio se recupere o suficiente para pensarmos em uma nova casa.

Betty esperava tal comentário e, na verdade, ficou desapontada porque as meninas estavam gostando da nova escola e esperava não ter a jornada extra todos os dias para vê-las na sala de aula antes de pegar outro ônibus para a Woolworths. Ela sabia que era um pensamento egoísta, mas quando ela teve a solução para o problema deles, disse a si mesma que poderia ficar um pouco desapontada, pois podia ver a luz no fim do túnel.

— Douglas, confia em mim, não é?

— Claro, meu amor, eu confio minha vida a você.

— Então, por favor, me ouça. Eu acredito que tem um bom negócio. Você tem empatia com seus clientes em um momento em que eles estão sentindo uma profunda tristeza. E se dá bem com outros comerciantes, além de ser um excelente empregador...

— Mas...

— Por favor, Douglas, pedi que me ouvisse — disse Betty severamente. — Tenho alguns itens que desejo mostrar e, por favor, não aja como um homem dominante quando vir o que planejo para esta família.

A boca de Douglas se contraiu enquanto observava sua esposa explicar seu plano.

Betty tirou um pequeno livro de um envelope marrom que tinha no colo junto com uma folha de papel.

— Esta é a casa que proponho alugarmos. É perto de onde fica a propriedade que esperávamos comprar. — Ela estendeu a página.

— Mas Betty, eu me orgulho de sempre comprar propriedades. Você sabe que é um bom investimento para o nosso futuro e também para as

nossas filhas.

Betty ergueu a mão para impedi-lo de falar, mas não disse uma palavra. Em vez disso, ela passou o pequeno caderno. Douglas parecia intrigado enquanto folheava as páginas que continham algumas palavras e fileiras de números.

— Não entendo...

— Pode-se dizer que este livro lista meu valor mundano. Visitei o gerente do meu banco esta manhã para verificar se os números estavam corretos. Minhas economias, o dinheiro que herdei de meus pais e a venda da minha casinha em Cross Street – está tudo aqui neste livro e estou lhe entregando.

— Betty, eu lhe disse quando nos casamos que não tenho interesse no seu dinheiro. Normalmente eu poderia cuidar dessa família. Ora, só esta casa vale uma boa quantia. Não entendo.

— O que sugiro, Douglas, é que alugemos a casa que você vê nesta folha de papel. Venda esta casa e, com os fundos liberados, não apenas terá a garantia de que se recupere do atual problema financeiro, mas também poderá obter sucesso no negócio. Além disso, você compra pelo menos mais uma loja, talvez em Erith, pois é uma cidade próspera, pense na expansão.

Douglas sorriu.

— Meu Deus, Betty Billington, você parece ter planejado toda a nossa vida juntos. No entanto, sou o homem da casa e devo ser o ganha-pão. Não me sinto confortável em aceitar seu dinheiro.

— Pelo amor de Deus, Douglas, não seja idiota. Já se esqueceu dos nossos votos de casamento? O que é meu é seu? Amar, honrar e obedecer? Estou dizendo que meu dinheiro é seu e você deve me obedecer — disse ela, tentando manter uma expressão severa, mas explodindo em

gargalhadas. — Além disso, sem dúvida ficarei desempregada quando a guerra terminar e a Woolworths colocar os homens de volta no comando. Pelo menos eu sei que você terá um emprego esperando por mim. É um acordo?

Douglas a pegou em seus braços e a girou.

— É um acordo.



FREDA SAIU do vagão do trem para a plataforma movimentada e não podia acreditar em seus olhos. Embora os viajantes estivessem cuidando de seus negócios exatamente como na maioria das cidades do país durante a guerra, essa não era a Birmingham de que se lembrava em 1938. Danos causados por bombas estavam em evidência em todos os lugares para os quais olhava. A cidade algum dia se recuperaria disso? A viagem havia demorado muito mais do que o previsto, pois em três ocasiões o trem havia entrado em um desvio ou parado em uma estação devido a avisos de ataque aéreo. Nem uma vez Freda viu ou ouviu um avião acima, mas agora ela se sentia um desastre de medo e antecipação. Verificando a carta da amiga de sua mãe pela enésima vez, decidiu usar parte de seu dinheiro em um táxi, pois estava escurecendo e ela não queria bater na porta de alguém tão tarde da noite. Um porteiro chamou um táxi para ela, que logo estava a caminho das ruas escuras de uma cidade há muito esquecida, que ela uma vez chamou de lar – um lugar ao qual ela jurou nunca mais voltar. O táxi passou pela rua onde ela trabalhava nas bancas do mercado quando criança, caçando alguns centavos ou alguns legumes meio podres que poderiam ser transformados em uma espécie de refeição que ajudaria a encher a barriga do irmãozinho, com bastante comida sobrava para ela não passar mal quando fosse para a cama. Sua mãe estava sempre na cidade se divertindo com o homem que eles chamavam de pai, embora não houvesse uma conexão de sangue com ele. A mãe deles só se importava de onde viria o próximo copo de gim. Se não fosse o jovem Lenny se metendo em

encrenças, Freda nunca teria deixado Birmingham para trilhar seu próprio caminho na vida. Uma boa vida como se viu, desde que chegou a Erith, e uma da qual ela nunca desejava sair.

— O endereço que você quer fica do outro lado da estrada. É a porta no final da fila. Tem certeza de que não quer que eu o leve de volta à estação?

Freda espiou através da escuridão da noite e pôde ver por que ele não queria deixá-la lá. O lixo amontoado na sarjeta atraía ratos que corriam sem medo pelas calçadas. Perto dali, o som de luta da porta aberta de um pub era muito familiar. Ela estava em casa.

— Vou ficar bem, obrigada mesmo assim — disse ela ao taxista.

Janey abriu a porta depois que Freda bateu forte.

— Alô, amor. Você nos encontrou bem?

Freda assentiu. — Enviei um cartão-postal...

— Sim, estava aqui quando cheguei em casa do trabalho. Pode ficar aqui esta noite se quiser, pois é tarde demais para levá-la para ver sua mãe. Entre e feche a porta, então eu posso acender a luz novamente. Espero que tenha comido, pois não tenho nada aqui.

Freda assentiu enquanto seguia a mulher até uma pequena sala da frente. Era pobre, mas limpo, mas levando-se em conta o torno e reboco, visíveis através das paredes, a casa parecia ter sido alvo do bombardeio.

— É muito bom me deixar saber sobre minha mãe. Como encontrou meu endereço? Lenny voltou?

— Não, eu não vi nem pele nem cabelo dele desde que o prenderam. Ouvi dizer que ele estava fora e voltou para ver seus amigos, mas não apareceu para ver sua mãe. Maldito ingrato.

Freda deixou o comentário passar. Ela não tinha nada em comum com essas pessoas e não precisava pedir desculpas. Ela sabia a verdade do que

aconteceu quando era criança, assim como seu irmão.

— Então, quem lhe disse onde eu estava e o que aconteceu com minha mãe?

— Era um cara do pub que costumava ficar com seu pai. Ele sabia que sua mãe estava mal e que eu estava tentando encontrar a família dela.

— Obrigada por se importar — foi tudo o que Freda conseguiu pensar em dizer, sem se incomodar em corrigi-la quando disse que o parceiro de sua mãe era seu pai. Seu pai tinha morrido há muito tempo e era um homem decente. O pensamento de seu suposto padrasto fez seu sangue gelar. Ela tinha sido uma tola por deixar Erith e se colocar em perigo se ele ainda estivesse por perto. A mulher encolheu os ombros.

— Eu não diria que me importo muito, mas sua mãe me deve aluguel e como ela me nomeou como parente mais próximo, eu não queria nenhum agente funerário me deixando com a conta do funeral dela.

— Ela mora aqui? — Freda olhou em volta, esperando que seu padrasto aparecesse a qualquer minuto e lhe desse uma boa surra. — E o marido dela?

— Você realmente não sabe o que está acontecendo, não é? — a mulher sorriu por entre os dentes podres. — Ele está morto há três anos. Entrou em uma briga e levou a pior. Sua mãe vive de esperteza desde então, se você me entende?

Freda tinha uma boa ideia do que ela queria dizer, mas estava cansada e só queria dormir. Não tinha tempo para jogar jogos de adivinhação.

— O que há de errado com mamãe?

— O que não há de errado com ela, você quer dizer? Tudo o que sei é que ela está no hospital e não vai sair, e ela me deve aluguel. Você pode ficar com o quarto dela, mas eu quero um pouco de aluguel e adiantado. Sem meias promessas como as que recebi dela.

Freda remexeu na bolsa e tirou dez xelins. — Você pode ficar com isso por enquanto e vou tirar mais pela manhã, quando encontrar uma agência dos correios. Quanto ela lhe deve?

— Dez libras.

Freda se encolheu.

— Tanto assim?

— Ela não está trabalhando há um tempo. Agora, eu tenho que sair. Quer o quarto ou não?

Freda ficou intrigada.

— Acabei de lhe dar algum dinheiro para o aluguel para que eu pudesse ficar e ver minha mãe.

— Isso foi para a dívida dela. Precisa me pagar adiantado se quiser ficar. É meia coroa por semana.

Freda procurou as moedas em sua bolsa e as jogou na mulher, amaldiçoando-se por sentir qualquer tipo de pena de sua mãe, que a colocou nessa posição. Ela tinha quatro xelins restantes até que pudesse sacar algum dinheiro de sua conta-poupança do correio. A dívida de sua mãe poderia deixá-la com muito pouco dinheiro em seu nome se ela ficasse aqui por muito tempo.

— Isso é tudo o que tenho por enquanto. Pode me mostrar o quarto? Estou bastante cansada depois da minha longa viagem. Vai me levar para ver mamãe amanhã?

— Não consigo ver como precisa de mim com você. Ela está no General. Você tem uma boca para que possa perguntar por si mesma. O quarto do último andar à esquerda é seu até a próxima semana.

Freda assentiu e subiu as escadas íngremes de madeira. Ela estava muito cansada para discutir. O quarto escassamente mobiliado estava frio, embora ainda fosse verão. Colocando uma cadeira na frente da porta, como

não havia fechadura, ela se despiu e se enfiou sob os cobertores finos, cansada demais para pensar direito. No entanto, quando o sono a reclamou, um sussurro de um pensamento penetrou em seu subconsciente e sugeriu que algo não estava certo.



— **ESTOU INDO** para casa, mas pensei em avisar que posso trabalhar mais algumas horas esta semana se isso ajudar, e com Freda fora — Sarah disse a Betty enquanto enfiava a cabeça na porta do escritório da gerente da loja.

— Você é um anjo — Betty suspirou. — Posso ser atrevida e perguntar se você gostaria de trabalhar na cantina dos funcionários?

— Eu ajudo se puder. O que há de errado com Enid? Ela está mal?

Betty indicou para Sarah entrar e fechar a porta.

— Tenho motivos para acreditar que ela está roubando a Woolworths. É apenas algo que ouvi, mas acho que pode ser verdade. Além disso, os padrões na cantina caíram de forma alarmante desde que Maureen saiu para trabalhar na ferrovia. Eu a sequestraria e a traria de volta à loja se pudesse — acrescentou, com um sorriso irônico.

— Meu Deus, conte o que aconteceu. Eu não tinha ideia sobre Enid, mas acabei não comendo a comida que ela cozinha. Ela pode até estragar um bule de chá.

Betty explicou sobre os problemas de negócios de seu marido e como o marido de Enid, Harry, estava mais do que provavelmente envolvido.

— Também o ouvi se gabar de Enid se servir da comida da cantina.

Sara parecia irritada.

— Isso não está certo. Fizemos o possível para que ela fosse bem-vinda e se sentisse parte da equipe. Por que não me muda para a cantina por algumas semanas e ficarei de olho nela? Não precisa lidar com isso além dos problemas de Douglas. Espero que possa salvar o negócio dele.

— Temos a ajuda de Mike Jackson, bem como alguns planos para o futuro que vou manter sob meu chapéu por enquanto — explicou Betty, pegando a rota de trabalho da equipe. — Agora vamos ver o que podemos fazer sobre nosso dilema da cantina.

Sarah deixou a Woolworths uma hora depois, com a cabeça cambaleando pelo que lhe foi contado. Escusado será dizer que ela ajudaria Betty tanto quanto pudesse. Ela não tinha esquecido a ideia de que tinha que guardar algum dinheiro para quando a guerra acabasse. Enquanto ela tivesse alguém para cuidar de Georgina, trabalharia todas as horas que Deus mandasse. Pensar na filha a fez se apressar enquanto atravessava a movimentada High Street e se dirigia para a Alexandra Road, onde Maisie mantinha Georgina entretida, e Sarah trabalhava. Ela estava passando pela casa de sua avó quando ouviu seu nome ser chamado.

— Sarah, estamos aqui — gritou sua sogra, Maureen. — Peguei Georgina e parei na Ruby para bater um papo. Ela nos convidou para tomar nosso chá com ela, em vez de nos incomodarmos em casa, já que somos duas mulheres trabalhadoras — disse ela, dando-lhe um beijo e um abraço. — Você parece estar correndo.

Sarah seguiu Maureen para dentro da casa. Ela ainda não conseguia se acostumar a ver a mulher mais velha vestindo o uniforme de porteira na estrada de ferro. Para ela, sua sogra parecia mais à vontade atrás do balcão de funcionários da Woolworths, envolta em um avental branco e servindo comida deliciosa.

— Parece cansada — disse ela a Maureen antes de ser atacada por sua filha. — Olá, meu amor, o que está fazendo hoje?

— Vestidos, vestidos... — a garotinha tagarelava animadamente.

— Maisie está experimentando os vestidos de damas de honra nas meninas — disse Ruby enquanto cumprimentava a neta com um beijo na bochecha.

— Não sei como ela consegue fazer tanto. Eu me sinto exausta só de pensar nisso — disse Sarah. — Quer uma mão, vó?

— Não, sente-se um pouco e me conte o que está acontecendo na Woolworths. Já faz um tempo desde que eu fui ver todo mundo,— Ruby disse enquanto se movimentava na cozinha. — Temos repolho e purê de batatas e um ovo frito na hora para o chá. Pat apareceu com alguns ovos sobrando, então achei que seria um prazer para nós.

— Parece delicioso — disse Sarah enquanto seu estômago roncava. — Todos nós sentimos falta de uma refeição decente na hora do almoço no trabalho.

— Ainda está tão ruim, hein? — perguntou Maureen.

— Pior que tudo. Seus padrões estão caindo a cada dia. Eu sei que vocês vão guardar isso para vocês, mas Betty tem problemas com Enid que não são apenas com a culinária dela. Ela parece pensar que a mulher tem dedos leves.

— Isso não me surpreenderia — disse uma voz do lado de fora da porta dos fundos.

— Maisie? Não sabia que estava aqui — disse Sarah. — O que quer dizer?

Sua amiga apagou a ponta do cigarro na soleira da porta e entrou com a bebê Ruby no quadril.

— Bob se ofereceu para levar as meninas para ver o porco, então eu vim aqui para conversar. Não ousei dizer às crianças que ele estará na mesa de jantar no Natal.

— É lindo ver você — disse Sarah, pegando a bebê dela e levantando-a nos braços. — Crikey, com o que sua mãe anda te alimentando? Você é como um porquinho gordinho — disse ela enquanto a bebê lhe dava um sorriso desdentado. — Então, o que é isso sobre Enid?

Maisie encostou-se no batente da porta entre a cozinha e a sala.

— Foi quando fomos a Canning Town procurar meus pais. Contei-lhe como fomos ao Woolies lá para ver se havia alguma notícia, pois Enid havia mencionado que ela trabalhou com minha mãe na filial alguns anos atrás. Bem, Freda falou com uma faxineira que estava lá há algum tempo e que conhecia mamãe, mas ela nunca tinha ouvido falar de uma Enid Singleton ou de um marido chamado Harry, mas ela se lembrou de uma mulher manca que se parecia exatamente com Enid. Eu sempre pensei que havia algo estranho sobre os dois e essa notícia não me surpreendeu em nada. Eu pretendia contar a Betty, mas com tudo começando depois disso, eu me esqueci completamente.

— Parece um pouco suspeito — disse Sarah, pensando no que Betty lhe dissera naquela tarde. — Você se importa se eu contar a Betty? Ela pode dar uma olhada nos registros pessoais deles.

— Por que não? Quanto mais cedo Betty a demitir e conseguir alguém que saiba cozinhar como nossa Maureen aqui, melhor. Sei que não estou trabalhando lá no momento, mas quando entro, gosto que me ofereçam um bolo ou biscoito e, desde que Enid assumiu a cozinha, não quero nem uma xícara de chá lá. Até estragar a água fervida aquela mulher pode — disse Maisie com um encolher de ombros.

— Eu gostaria de nunca ter saído da Woolworths — disse Maureen. — Eu realmente não me encaixo na ferrovia e é muito cansativo. Acho que mordi mais do que posso mastigar com esse trabalho.

Ruby entrou na sala enxugando as mãos no avental.

— Por que não entrega sua notificação? Acho que Betty teria você de volta em um piscar de olhos.

Maureen lançou-lhe um olhar duvidoso.

— Acha mesmo? Achei que, quando nos inscrevemos para o trabalho de guerra, não tínhamos escolha a não ser aguentar ou seríamos repreendidos.

— Não há como colocar isso bem, mas era velha demais para ser chamado para o trabalho de guerra. Foi Irene quem lhe convenceu a fazer isso? — perguntou Ruby.

Sara ficou irritada.

— Mamãe recebeu uma carta dizendo que ela tinha que se inscrever para algum tipo de trabalho. Eu me lembro dela me contando sobre isso. Não diga que ela a arrastou para se juntar a ela?

Maureen balançou a cabeça.

— Por favor, não culpe sua mãe. Eu disse que sentia que não estava fazendo o suficiente para ajudar a acabar com a guerra e fui me alistar com ela. Mas não sou uma galinha da primavera e realmente não consigo administrar esse trabalho por turnos e o trabalho pesado que o chefe da estação insiste que façamos.

— Isso não está certo — disse Maisie, indignada. — Você deveria dizer ao velho fulano de tal para ir jogar seu anzol.

Maureen sorriu.

— Eu queria poder. Ele parece achar que devemos fazer o mesmo trabalho que os homens que substituímos. — Sarah estava mais do que

zangada.

— Aqueles homens eram jovens, em forma e saudáveis. É por isso que eles se juntaram e estão lutando contra o inimigo...

— Ou estão a dois metros de profundidade — acrescentou Maisie.

Sarah não estava desistindo.

— Maureen, por favor, considere desistir de tudo e voltar para a Woolworths. Pense nisso como um trabalho de guerra essencial. Se os funcionários morrerem de fome e não houver ninguém para administrar nossas lojas, o que os compradores da Inglaterra farão?

Maureen deu às mulheres que assistiam um sorriso fraco. Ela estava perto das lágrimas.

— Só cozinheiro um pouco. Você me faz parecer Winston Churchill.

— Você é muito mais importante do que ele. Ele não sabe cozinhar — disse Ruby enquanto voltava para a frigideira. — Um exército marcha de braços e, vamos lá, o resto de nós também. Tire seus casacos e sente-se. Nossa comida está quase pronta.



FREDA ENTROU na ponta dos pés na enfermaria, ciente de cada pequeno som que seus sapatos faziam no piso de madeira polida. Ao redor dela, as enfermeiras faziam seu trabalho em silêncio, arrumando a roupa de cama, medindo a temperatura e carregando comadres. Ela foi informada de que sua mãe estava na ala Nightingale, mas qual das camas era a dela? As camas alinhadas em cada lado da longa enfermaria pareciam idênticas e, para falar a verdade, as mulheres nelas também. Fazia tanto tempo desde que ela viu sua mãe que Freda não tinha certeza se a reconheceria. Algumas das mulheres tinham visitantes que falavam em voz baixa, inclinando-se

para perto das mulheres doentes. No entanto, a maioria dos pacientes não recebia visitas.

— Posso ajudá-la? — disse uma enfermeira, aproximando-se de Freda quando ela estava pensando em sair da enfermaria.

— Estou aqui para visitar minha mãe, Sra. Smith. Disseram-me que ela estava aqui, mas não tenho ideia de quão doente ela está ou o que aconteceu com ela. — Expressando seus pensamentos em voz alta pela primeira vez, Freda sentiu vontade de chorar como teria feito quando menina, para tornar tudo melhor depois que ela arranhava o joelho ou era importunada por crianças mais velhas.

A enfermeira sorriu educadamente.

— Você deve ser Freda. Fomos informados de que você estaria visitando em breve. Sua mãe está na última cama à esquerda, mas antes de ir vê-la, acredito que a irmã gostaria de uma palavra rápida.

Freda estava preocupada.

— Por que ela iria querer falar comigo? Acabei de chegar em Birmingham. Eu não sei nada sobre a condição da minha mãe. Há algum problema? — a enfermeira a pegou pelo cotovelo e a conduziu até uma porta na entrada da enfermaria pela qual ela havia acabado de passar. Ela bateu educadamente na janela de vidro antes de responder.

— É apenas uma formalidade, pois você é o primeiro membro da família dela a visitar. — Freda não respondeu quando a enfermeira abriu a porta e a conduziu para dentro.

— Esta é a filha da Sra. Smith — disse ela educadamente antes de deixar Freda sozinha na sala, de frente para uma enfermeira vestida de azul marinho com o boné branco mais elegante que Freda já tinha visto; ela ficou fascinada com as dobras engomadas que se espalhavam na parte de

trás do toucado branco. No entanto, alguém manteve tal coisa limpa, ela pensou.

— Por favor, sente-se. Sou a irmã Stuart e estou encarregada da enfermaria onde sua mãe está sendo cuidada. — Ela pegou uma pilha de pastas amarelas e as folheou até encontrar a que precisava. — Ah, sim, Sra. Smith. Sua mãe está muito mal. Ela está aqui há três semanas — disse ela incisivamente, olhando para Freda com olhos de aço.

— Eu... acabei de saber que ela está doente. Eu não moro mais por aqui... vim assim que soube... — gaguejou.

— Você tem um irmão? — ela olhou para uma folha de papel. — Leonard Smith?

— Ele está no mar. Eu não o vejo há um tempo. Ele sempre visita quando seu navio atraca. Eu moro em Erith – isso fica no norte de Kent. Eu trabalho lá também.

A mulher assentiu lentamente.

— Sua mãe não tem outros familiares?

— Meu pai morreu quando eu era criança e ela se casou novamente há algum tempo. Ouvi dizer que agora ele está morto — acrescentou ela rapidamente. A mulher verificou a página e a virou, franzindo a testa.

— Não há nada aqui que indique que sua mãe foi casada. Tem certeza?

Tenho certeza? Freda pensou consigo mesma. A dupla estava cegamente bêbada a maior parte do tempo e quando crianças, eles foram instruídos a chamar o bruto de “pai”, ela e Lenny presumiram que sua mãe havia se casado com o homem. Ele estava morando com ela alguns anos atrás, como ela ouviu quando a polícia bateu.

Freda mordeu o lábio nervosamente. O que essa mulher imponente deve pensar sobre ela não saber se sua mãe tinha marido ou não?

— Depois que nosso pai morreu, mamãe ficou com um homem e eu sempre pensei que ele era casado com ela, mas nós éramos apenas crianças, então eu posso ter entendido errado. — Ela deu de ombros. — Eu não tinha ideia do que aconteceu com ele até hoje, mas posso descobrir detalhes se quiser — disse Freda, imaginando se Janey saberia como ele morreu.

A irmã olhou para ela por alguns segundos antes de abrir um sorriso.

— Não há necessidade agora que está aqui. Não pareça tão preocupada. Já ouvi muitas histórias no meu tempo neste trabalho e nada mais me surpreende. Você está aqui e é isso que importa.

Freda sentiu seu medo derreter.

— Pode me dizer o que há de errado com minha mãe, por favor?

— Sua mãe foi trazida depois de um acidente. Ela levou uma surra bastante forte e suas pernas foram quebradas, mas ela tem outros problemas de saúde.

Freda se encolheu.

— Espancamento?

— Ela foi encontrada em um beco de manhã cedo. Já faz um tempo que está fazendo coisas irregulares.

— Eu não fazia ideia. Não mantivemos contato, como as famílias normais fazem — respondeu Freda.

— Senhorita Smith, no meu trabalho, cheguei à crença de que não existe uma família normal. Todos nós fazemos nosso próprio caminho na vida, independentemente de nossa educação. Alguns fazem isso e alguns, digamos, caem no esquecimento.

Freda assentiu. Ela sabia exatamente o que a Irmã estava insinuando.

— Com seu irmão no mar, teremos que adicioná-la aos documentos como parente mais próxima. É altamente irregular, mas não incomum em tempos de guerra. Agora, você está hospedada localmente? Vou precisar

adicionar um endereço aos registros. — Ela ergueu uma caneta e esperou que Freda falasse.

— A questão é que só posso ficar aqui por alguns dias. Eu tenho um emprego que não posso deixar por mais tempo e também sou uma despachante do Corpo de Bombeiros. Não posso decepcionar as pessoas.

A enfermeira deu-lhe um olhar duro.

— Seu dever é com sua mãe. Ela pode não ter muito tempo neste mundo e merece ter você ao seu lado. Qual é o seu trabalho?

— Sou supervisora júnior na Woolworths. Estamos com poucos funcionários neste momento e preciso ganhar meu caminho...

— Uma garota de loja? Há lojas aqui em Birmingham clamando por funcionários. Não vejo isso como um problema.

— Não tenho onde ficar por muito tempo. O quarto em que estou não é... não é adequado a longo prazo — disse Freda, sentindo-se como se estivesse inventando desculpas quando a verdade era que ela temia ficar na casa de Janey por muito mais tempo. Nada havia sido dito, mas Freda não pôde deixar de sentir que não era bem-vinda, e Janey estava tentando obter até o último xelim dela.

A enfermeira sênior deu-lhe um olhar e, embora tenha durado apenas alguns segundos, Freda sentiu como se tivesse sido minuciosamente examinada.

— Fale com a enfermeira quando ela a levar para ver sua mãe. Ela deve conhecer alojamentos respeitáveis. — Com isso, a irmã tocou uma pequena campainha em sua mesa e colocou o arquivo de lado.

Freda murmurou seus agradecimentos e saiu da sala. A enfermeira que ela conheceu mais cedo estava do lado de fora.

— Vou levá-la para ver sua mãe. Ela está acordada e acabou de se lavar bem, toda fresca e pronta para a visitante — ela sorriu para Freda antes de

sair em uma caminhada rápida em direção ao final da enfermaria. Freda não teve escolha a não ser segui-la, embora temesse ver sua mãe e ter o passado voltando para cumprimentá-la.

— Aqui está ela, Sra. Smith, você deve estar tão feliz em ver sua filha. Vou deixar vocês duas para uma longa e agradável conversa. Faltam mais meia hora para o fim do horário de visita.

— Obrigada — Freda murmurou enquanto a enfermeira se distanciava.

— Então você veio? — Lily Smith disse, olhando para Freda. — Você demorou.

— Não fazia ideia, mãe — explicou Freda, enquanto olhava para a mulher enrugada na cama à sua frente. Sua mãe envelheceu consideravelmente desde a última vez que Freda estivera em casa. Cabelos grisalhos finos emolduravam a pele amarelada e não havia um grama de gordura no corpo da mulher. Ela parecia mais com oitenta anos do que com quarenta e poucos, Freda pensou consigo mesma. — Por favor, me diga o que aconteceu com você? — Lily deu de ombros, o que desencadeou um ataque de tosse. Quando acalmou, ela falou amargamente.

— Com o que se importa? Não tive notícias suas em Deus sabe quanto tempo. Eu poderia ter conhecido meu Criador, e você não daria a mínima. Seu irmão não é melhor. Onde está? De volta à prisão, apostou?

Freda franziu o cenho.

— Mãe, sabe por que me mudei. Com você presa àquele bruto eu não tive escolha. Você pode não ter se preocupado com ele te batendo quando estava bebendo gim, mas eu temia pela minha vida. Então, quando Lenny desapareceu, eu soube que era hora de sair de casa e procurá-lo. Mas aquilo foi anos atrás. Há uma guerra em andamento e nosso Lenny está mais do que fazendo sua parte pelo rei e pelo país. Ele me disse que mantém contato

por carta onde quer que esteja no mundo e te manda algum dinheiro. Esqueceu?

Lily olhou para longe de sua filha com um olhar vago em seu rosto.

— Há uma guerra, você diz? Devo ter me esquecido por um minuto...

Freda estava preocupada. Como alguém poderia esquecer a guerra? Como se fosse uma deixa, uma sirene começou a soar e a enfermaria do hospital, outrora silenciosa, tornou-se um zumbido de atividade, pois os pacientes que conseguiam andar começaram a vestir roupões ou casacos, enquanto outros eram ajudados em cadeiras de rodas. Lily começou a choramingar.

— Faça parar, faça parar — ela implorou, colocando as mãos sobre o rosto.

— Shh, mamãe não se preocupe. Vou buscar ajuda — disse Freda, indo até onde uma enfermeira estava persuadindo uma senhora idosa a vestir o casaco.

— Com licença, por favor, o que acontece com minha mãe e a senhora ali que não consegue sair da cama?

A enfermeira deu-lhe um olhar rápido antes de continuar com seus deveres.

— Cubra a cabeça dela com um cobertor e você vai para debaixo da cama. A ela só resta arriscar. Sinto muito — acrescentou ela, dando um pequeno aceno de cabeça para Freda antes de ajudar a paciente em direção às grandes portas duplas no final da enfermaria. — Você pode descer até o porão conosco, se quiser — ela gritou de volta. — Há uma enfermeira que ficará com os pacientes que não podem ser movidos.

Freda deu uma rápida olhada ao redor da enfermaria. Sua mãe era uma das duas pacientes que tinham gaiolas de arame sobre as pernas protegendo os ossos quebrados, o que tornaria quase impossível movê-las para um local

seguro antes que as bombas começassem a cair. Deixar sua mãe e salvar sua própria pele? Não demorou mais que um segundo para decidir. Lily Smith nunca fez nada para ajudar seus filhos depois que o pai de Freda e Lenny morreu em uma idade tão jovem. Ela só cuidou de si mesma, nem uma vez pensou no que seus filhos estavam passando. Ninguém culparia Freda se ela seguisse todos os outros até os porões do hospital, não é? Apenas alguns passos para caminhar e ela estaria no topo da escada e a caminho da segurança. Mas não demorou mais que um segundo para Freda decidir ficar.

— Bert, Bert, me ajude, pelo amor de Deus, me ajude — Lily gritou, usando o nome do pai de Freda.

Ela se virou para a cama de sua mãe e correu de volta, fazendo barulhos tranquilizadores ao chegar à cama.

— Está tudo bem, mãe, estou aqui agora. Você não precisa mais se preocupar — ela assegurou à mulher aflita, pegando sua mão e sentando-se ao lado da cama enquanto a enfermeira se esquivava entre elas e uma senhora idosa dormindo do outro lado do quarto.

— Não me deixe — Lily implorou à filha. — Estou com medo.

— Não há necessidade de ter medo. A Luftwaffe não bombardearia um hospital.

— Você ouve falar dessas coisas... — sussurrou Lily, os olhos arregalados olhando da esquerda para a direita. — Tem que tomar cuidado com os insetos — acrescentou ela, séria.

Freda tentou não rir.

— Apenas durma, mãe, e eu vou tomar cuidado com os insetos.

— Não vai me deixar, vai, Freda?

— Não, eu não vou deixá-la.

— Nunca?

— Não, nunca — respondeu Freda, inclinando-se para beijar a bochecha fina como uma bolacha e imaginando como ela sobreviveria em Birmingham no futuro próximo.



BETTY BALANÇOU a cabeça em descrença.

— Não tenho tanta certeza de que isso seja uma boa ideia — disse ela, enquanto Mike ajudava Douglas a entrar em um caixão encostado na parede do depósito.

— Mike provou que o membro da minha equipe, Martin Chambers, está relacionado com as pessoas que administram o novo negócio. Só precisamos encontrá-lo com os dedos na caixa registradora, por assim dizer, e nossos problemas acabarão. Você pode colocar aquele pedaço de papel na tampa para que eu possa tomar um pouco de ar e também ver o que está acontecendo? Não precisa ficar tão preocupada, Betty. É bastante confortável aqui — brincou ele, vendo o rosto preocupado dela pela pequena abertura.

— Eu não acho isso engraçado — ela advertiu os dois homens ao ver Mike se esforçando para não sorrir. — E se esses homens ficarem violentos? E antes que você diga outra palavra, Douglas Billington, não quero ouvir que estará no lugar certo se um dos homens o derrubar.

— Não se preocupe, Betty — disse Mike, — tenho homens lá fora e só preciso apitar e eles virão correndo. Agora, volte para o escritório da frente e finja estar lidando com um parente em luto. Você sabe quem são PC Robert e sua amiga Miss Burgess, não sabe?

Betty assentiu.

— Sim, tudo foi explicado para mim.

— Bom. Chambers e Harry Singleton assumirão que está ocupada e esperançosamente usarão o tempo para roubar o novo estoque que convenientemente chegou esta manhã. Espero que o parente dele também chegue para ajudar, o que facilitará muito nosso trabalho quando eles forem capturados.

— Eu entendo — disse Betty.

— Apenas certifique-se de dizer a ambos que Douglas está fora a negócios e não voltará por um tempo.

— Posso fazer isso, mas, por favor, tomem cuidado, os dois. Gwyneth não ficará satisfeita se se machucar. Vocês dois parecem estar gostando disso um pouco demais para o meu gosto. Esta não é uma brincadeira de playground.

Mike garantiu a Betty que ninguém se machucaria e insistiu que ela voltasse para a frente da loja e a abrisse para os negócios.

— Estarei aqui dentro desse armário da loja e posso ver tudo através dos furos. Agora, apresse-se antes que os homens apareçam para o trabalho.

Betty relutantemente deixou seu marido e amigo para voltar à frente da loja e desempenhar seu papel no que ela esperava que fosse o plano que impedisse todos os roubos dos negócios de Douglas de uma vez por todas. Ela não havia contado aos homens que tinha um pequeno seguro guardado na gaveta da escrivaninha. O martelo seria muito útil se alguém se atrevesse a machucar seu marido.

Destrancando a porta e virando a placa para indicar que eles estavam abertos para negócios, Betty se ocupou em arrumar e fazer o que ela esperava que parecesse um trabalho normal do dia a dia em uma agência funerária. Ela pulou quando a porta se abriu, olhando para cima com um sorriso pronto esperando seus clientes fictícios. Era Harry Singleton.

— Harry, você sabe que deveria usar a entrada de funcionários na parte de trás das instalações.

Harry ignorou a reprimenda de Betty e foi até a porta que levava aos aposentos dos funcionários.

— Ah, Harry, o senhor Billington saiu para visitar uma família enlutada. Ele pediu que você começasse a desembalar a entrega e guardasse tudo enquanto ele não volta. Martin também pode ajudá-lo — acrescentou ela, tentando agir como se fosse um pedido natural e não um que pudesse desencadear uma prisão policial.

Harry parou para olhar para Betty.

— Quanto tempo até ele voltar?

Betty casualmente verificou seu relógio de pulso, tentando não tremer. Duas horas, eu acho. Quando terminar de desembalar o estoque, pode começar a limpar o carro funerário. Diga a Martin para ajudá-lo, pois precisamos que os dois trabalhos sejam concluídos o mais rápido possível — disse ela às costas dele enquanto ele se arrastava para fora de vista.

Pareceu uma eternidade antes que o policial à paisana chegasse com sua amiga, ambos respeitosamente vestindo preto e fazendo o papel de indivíduos recentemente enlutados. Betty entrou na sala dos fundos para informar a Harry e Martin que ela não deveria ser incomodada, pois tinha clientes na frente da loja. Ela anunciou isso em voz alta o suficiente para se certificar de que Douglas e Mike pudessem ouvir, embora ela se esforçasse para não olhar para onde eles estavam escondidos. Voltando para seus clientes, ela trancou a porta silenciosamente para que, se as coisas ficassem violentas, Harry e Martin não pudessem escapar pela loja. Ela então atualizou PC Roberts e seu companheiro sobre como as coisas estavam nos fundos da loja, e eles, por sua vez, a informaram sobre colegas estacionados

na rua do lado de fora e também na rua estreita atrás do negócio de Douglas.

— Parece haver muitos policiais envolvidos neste pequeno roubo — disse Betty, preocupada com o fato de a polícia estar sendo retirada de casos mais importantes.

— Sra. Billington, essa gangue roubou muitos negócios. Seu marido não é a única vítima. Eles assumem instalações vazias e depois fazem o máximo para minar e roubar até fecharem empresas respeitáveis. Depois disso, eles vendem seu próprio negócio respeitável completo com o produto dos bens roubados.

— Eu não tinha ideia de que era um crime tão grave. Quase se pensaria que isso era crime organizado como o que vemos nos filmes americanos no cinema.

— Sra. Billington, isso é crime organizado e sabemos que há uma grande gangue do East End por trás do que está acontecendo.

Betty estava confusa.

— Quer dizer que Harry Singleton faz parte da gangue?

A companheira de PC Robert, que havia falado pouco até então, deu a Betty um sorriso solidário.

— Harry Singleton é uma dessas pessoas, digamos, infelizes que são sugadas por qualquer pequena farsa que torna seu dia de trabalho mais lucrativo. Desta vez, ele pode ter mordido mais do que pode mastigar.

— Uma das minhas funcionárias me contatou para dizer que Harry e sua esposa, Enid, podem não ser tudo o que parecem. Enid é nossa cozinheira na filial Erith de Woolworths, onde sou a gerente. Ela não é muito boa em seu trabalho, mas precisa. Estou começando a acreditar que ela está roubando em pequena escala a comida destinada às refeições da minha equipe. Quando entrevistei Enid, inicialmente para o cargo de

faxineira, eu estava sob pressão e não acompanhei as referências depois que ela disse que eles trabalharam anteriormente para nossa filial de Canning Town. Parece que ninguém conhece uma Enid ou Harry Singleton naquela filial, embora houvesse uma mulher trabalhando lá uma vez cuja descrição se encaixa na de Enid.

PC anotou o que Betty havia dito.

— Podemos investigar isso e providenciar para um oficial local visitá-la na loja.

— Obrigada. Pode ser alguma coisa ou nada, mas vou ficar de olho nela depois disso. O que quer que seja isso... — exclamou.

— Esse é o sinal pelo qual estávamos esperando — disse PC Roberts, levantando-se de um salto enquanto sua companheira saía correndo da loja e acenava para seus colegas. Betty tentou segui-la, mas a policial indicou que ela ficasse onde estava.

Betty sentiu-se um pouco fraca e sentou-se novamente. Ela podia ouvir vozes altas e palavrões da sala dos fundos da loja e rezou para que Douglas e Mike não fossem feridos.

Não demorou muito para que um Harry Singleton algemado fosse conduzido pela loja por dois policiais corpulentos, com o rosto vermelho de raiva e gritando sua inocência. Betty manteve a cabeça baixa para evitar que o homem descarregasse sua raiva em sua direção. Isso foi seguido por dois dos funcionários regulares de Douglas também algemados, que não falavam tanto quanto Harry, embora ambos estivessem mal-humorados e zangados.

— São todos eles? — Betty perguntou a um dos policiais enquanto se perguntava se era seguro se aventurar até o depósito para ver se Douglas estava ileso. Ela também não tinha visto Mike Jackson.

— Sim, senhora, temos todos os envolvidos neste fim.

— Este fim?

— Houve uma batida no outro negócio funerário na estrada. Você provavelmente não terá mais problemas com essa gangue novamente. Seu marido ficará em paz de agora em diante.

Agradecendo ao policial, Betty foi para os fundos da loja e viu Mike esfregando a lateral do rosto.

— Você se machucou? — ela perguntou, mostrando preocupação com o amigo. — Douglas ainda está falando com os policiais lá fora.

— Eu tomei um soco perdido do nosso companheiro, Harry, mas foi o único. Acho que terei um olho roxo amanhã. Não se preocupe, faz parte do trabalho. Gwyneth já me viu com um hematoma ocasional. Terá desaparecido quando o casamento chegar — acrescentou ele, vendo o olhar de horror no rosto de Betty.

— Graças a Deus por isso. Seria horrível se os pais de Gwyneth pensassem que você estava bebendo antes do casamento, já que eles estão na igreja e abstêm-se. Ora, o pai de Gwyneth poderia muito bem impedir o casamento se achasse que você era um bêbado.

Mike riu e então estremeceu de dor.

— Sem medo disso, nada vai me impedir de me casar com minha Gwyneth. Quando vejo como você e Douglas estão felizes, sei que é o caminho certo para mim. Mal posso esperar para ser marido de Gwyneth e pai de Myfi. Falando em Douglas, não posso dizer que o vi durante a briga. Eu espero que ele esteja bem. Douglas? — ele chamou em voz alta.

Mike foi respondido por um grito abafado. Betty, junto com Mike, aproximou-se do caixão onde Douglas se escondera uma hora antes.

Mike puxou a tampa e Douglas saiu.

— Graças a Deus por isso. Achei que ficaria lá pelo resto da vida — disse ele, enxugando o rosto quente com um lenço. — O papel deve ter

saído, então a tampa ficou presa e eu não consegui pular no momento necessário para ajudar a prender os criminosos — disse ele.

Mike tentou não rir.

— Graças a Deus ouvimos você, meu velho — disse ele, dando-lhe um tapa nas costas.

Betty também estava sorrindo de orelha a orelha.

— Oh Douglas, teve boas intenções, mas não acho que uma vida na força policial seja para você. Talvez fique com o que você é bom — ela sugeriu, dando um beijo no marido. — Agora, eu realmente preciso voltar para Erith e ver o que aconteceu em Woolworths enquanto estive fora. Sarah é uma substituta muito digna, mas eu gosto de manter minha mão no leme do meu navio. — Ela verificou seu relógio de pulso. — Haverá um ônibus em breve.

— Não há necessidade de esperar por um ônibus. Podemos lhe dar uma carona de volta para Erith. Prometo não pedir ao motorista da polícia que toque a sirene caso alguém pense que prendemos a respeitada gerente da Woolworths — disse Mike, tentando manter a cara séria.

— Deus me livre — Betty riu. — O que Clemmie e Dorothy vão pensar de seu pai preso em um caixão, uma batida no negócio e depois sua madrasta sendo levada em um carro da polícia?



FREDA RECOLOCOU o telefone pesado no gancho e verificou se não havia moedas para recolher antes de sair da cabine telefônica. Ela esperava encontrar Betty na Woolworths, mas foi informada de que ela não era esperada na loja até o final do dia. Parecia estranho ela não estar lá. Ela tentaria novamente mais tarde, depois de ir ao hospital para uma visita à

tarde. Betty pediu uma atualização assim que Freda viu sua mãe e soube o que estava acontecendo.

Pegando um pedaço de papel dado a ela pela enfermeira amigável que ela conheceu quando foi ver sua mãe pela primeira vez, ela verificou o endereço, mas não conseguiu se lembrar da estrada. Vou perguntar em uma loja, ela pensou antes de atravessar a rua e sair em ritmo acelerado. Quanto mais cedo ela saísse da casa de Janey e encontrasse um quarto para alugar, melhor. Nas vinte e quatro horas desde que chegara, ela não sabia dizer por quê, mas achou melhor não demorar muito na casa.

Indo em direção à High Street, ela de repente avistou um prédio familiar. Havia uma loja Woolworths. Ela sabia que veria um rosto amigável ali; todos os funcionários da Woolies não estavam ansiosos para ajudar os clientes? Ela empurrou as pesadas portas de madeira, que eram tão parecidas com as da loja Erith, e entrou. Até o cheiro de cera de piso e os produtos à venda a faziam pensar em sua cidade natal adotiva, embora em particular ela achasse que a vitrine era cem vezes melhor em sua própria loja.

— Com licença — disse ela a uma senhora mais velha que estava atrás de um balcão vendendo legumes frescos.

— Sim, jovem, o que posso fazer por você? — perguntou ela.

— Nada no momento, mas gostaria de saber se sabe onde fica essa rua? — perguntou Freda, entregando o pedaço de papel.

A mulher fez uma careta e devolveu o papel.

— Não sobrou muito daquela rua depois do ataque de ontem. Acho que ninguém foi morto — acrescentou ela com tato. — Estava procurando por alguém?

Freda sentiu seu coração despencar em seus sapatos. Ela estava destinada a ficar na casa de Janey?

— Tive que voltar para casa com urgência, pois minha mãe está mal no hospital, mas não tenho onde ficar.

— Achei que reconhecia um sotaque local — a mulher sorriu enquanto começava a encher uma tigela de pesagem com batatas antes de atirá-las na sacola de compras de um cliente e pegar seu dinheiro. — Você não mora mais por aqui, então?

— Não, mudei-me para o sul, nos arredores de Londres. Eu trabalho na Woolworths por ali.

— Caramba — disse a mulher com um sorriso. — Isso faz de você uma de nós. Você diz que precisa de um lugar para ficar? Por quanto tempo isso seria?

— Espero que, quando minha mãe estiver se sentindo melhor, eu possa voltar ao meu trabalho. Também sou uma despachante do Corpo de Bombeiros e não quero decepcionar ninguém.

— Eu diria que sua mãe é mais importante do que qualquer trabalho ou guerra no momento. Olha, já que é quase da família, posso deixá-la dormir no meu camarote, se quiser. Alguns xelins por semana e um pouco de comida, isso se você não for muito exigente... imagino que tenha sua caderneta de racionamento e outras coisas?

Freda assentiu.

— Sim, eu trouxe tudo comigo.

— Bom, então pense sobre isso e volte para me contar. Estou aqui até as cinco e meia de hoje. O nome é Doreen West, a propósito. Todos eles me conhecem por aqui. Trabalhei para a Woolworths nos últimos dez anos ou mais.

Que golpe de sorte, pensou Freda consigo mesma.

— Saberei quanto tempo mamãe ficará no hospital assim que falar com o médico dela esta tarde. Posso voltar e avisar você?

— É mais que bem-vinda. Espero que tenha boas notícias sobre sua mãe — disse ela, virando-se para servir uma mulher que estava verificando os repolhos e as cebolas.

— Obrigada — Freda gritou de volta antes de caminhar até o pequeno café-bar no canto e pedir uma xícara de Bovril quente e uma fatia de pão para mantê-la viva durante a tarde. O pão era o pão nacional de cor cinza, mas estava enchendo mesmo assim. Esperava que o médico tivesse boas notícias. Depois de prometer à mãe que ficaria com ela por um tempo, ela se sentiu desleal com Betty e suas colegas, bem como com o Corpo de Bombeiros. Mas pela primeira vez em sua vida, Freda sentiu como se sua mãe precisasse dela e, como Doreen disse a ela, família é importante e ela nunca se sentiu necessária para sua mãe antes, pois ela sempre teve um homem por perto desde que seu pai falecera. Em seguida, foi a garrafa de gim com a qual ela se confortou. Apesar de nunca ter se sentido amada por sua mãe, Freda sabia que não se perdoaria se não estivesse ali quando sua mãe precisasse. Infelizmente, ela podia não voltar para Erith por algum tempo.

— Olá, Betty — disse Sarah ao ver sua chefe entrando correndo na loja. — Aproveitou sua manhã de folga?

— Pode me dar alguns minutos? — Betty disse enquanto se dirigia para as escadas que levavam ao seu escritório. — Podemos ter um pequeno problema.

Meu Deus, o que pode ser isso? Sarah perguntou a si mesma enquanto seguia Betty para o escritório e se sentava na cadeira em frente observando enquanto ela tirava sua jaqueta elegante.

— Estou bastante quente depois de toda essa correria — disse Betty antes de explicar seu dia até agora, para surpresa de sua amiga.

Sarah ficou fascinada enquanto Betty descrevia como o problema havia começado e que Harry Singleton era agora um dos homens sendo interrogados pela polícia.

— Que coragem de vocês dois — disse Sarah. — Graças a Deus Harry Singleton está preso.

— Mike Jackson está trabalhando com a equipe que está investigando o crime e anotou tudo o que sabemos. Parece que o nosso pequeno negócio não é o único a ser colocado em maus lençóis por causa desses canalhas. Eu só gostaria de ter verificado as referências de Enid quando a contratei — disse ela com um pouco de raiva.

— Betty, está sob muita tensão, com falta de pessoal e tentando manter a filial à tona. Ninguém pode culpá-la por não seguir uma referência para uma faxineira em meio período, pode?

— Por favor, não invente desculpas para mim, Sarah. Eu sei que tem boas intenções, mas tudo se resume a eu não estar atenta. Eu acredito que os americanos têm um ditado para isso. O dólar para aqui – desta vez ele para aqui comigo. Fiz um telefonema para a filial de Canning Town antes de sair. Há também os negócios de Douglas, então espero que haja uma resposta em breve e possamos resolver todos esses tristes assuntos. O que quer que eu ouça, significa que teremos que deixar Enid ir. Suspeitamos que ela seja um pouco leviana e com o marido roubando dos negócios do meu Douglas, não me sinto confortável em tê-la aqui. O que vamos fazer para preparar comida para a equipe? A resposta está além de mim.

Sarah deu um sorriso secreto.

— Você pode estar com sorte. Maureen vai entrar e dar uma palavrinha esta tarde.

Betty sorriu.

— Não seria maravilhoso se ela pudesse dedicar algumas horas por semana para nos ajudar? Só precisamos de Freda de volta ao rebanho e tudo ficará bem com o mundo mais uma vez — disse ela.

No momento em que as mulheres digeriam essa informação, alguém bateu na porta e uma das funcionárias da limpeza virou a cabeça.

— Desculpe incomodá-la, Sra. Billington, mas alguém tentou falar com a senhora esta manhã pelo telefone. Disseram-me para avisá-la quando chegasse ao trabalho.

— Obrigado, Ellen, quem era?

— Freda Smith, senhora. Ela disse que tentaria entrar em contato ainda hoje.

Betty olhou para Sara.

— Espero que a ligação dela seja para nos dizer que está vindo para casa, então podemos relaxar um pouco.

— Há algo mais, senhorita. Que Enid queimou os jantares dos funcionários e as pessoas estão esperando para comer — disse Ellen antes de sair rapidamente da sala, caso Betty estivesse com raiva.

— Ah, bem, dizem que re

laxar é superestimado. Venha me dar uma mão, Sarah. Vamos ver se conseguimos salvar comida suficiente para manter nossa equipe feliz.

As duas amigas dirigiram-se à cantina dos funcionários, onde encontraram janelas abertas e funcionários acenando com jornais para limpar o ar enfumaçado. Betty marchou até o balcão de atendimento.

— O que aconteceu aqui, Enid?

Enid deu a seu chefe um olhar mal-humorado.

— Não foi minha culpa — respondeu a cozinheira. — Não posso servir e cozinhar. Preciso de mais ajuda.

— Maureen administrou bem o suficiente — respondeu Sarah. — Ela tinha comida melhor para trabalhar. Este é a terceira vez esta semana que eu tive que servir salsichas que parecem mais serragem que carne de porco.

Betty franziu a testa.

— Fiz arranjos para que a carne estufada fosse entregue hoje da sede. Não chegou? — Ela sabia que não haveria muito o que fazer, mas guisado com legumes seria suficiente para os trabalhadores.

Enid encolheu os ombros e não disse uma palavra enquanto Sarah foi para trás do balcão e estendeu a mão para pegar a sacola de compras de Enid. Dentro havia um grande pacote embrulhado em papel branco e barbante.

— Aquela não seria a comida que faltava, seria? — ela perguntou enquanto Enid tentava pegar a carne, rasgando o papel no processo para que a carne vermelha pudesse ser vista claramente.

Houve um suspiro audível da equipe e murmúrios de “vergonha de você” e pior. Enid olhou de volta.

— Não me olhem assim. Todos vocês teriam feito o mesmo se tivessem meia chance. Não pense que vai me demitir porque eu me demito. Estou farta deste trabalho e de ser uma desleixada para os gostos deste grupo.

— Receio que seja tarde demais para se demitir — anunciou uma voz masculina da porta. — Sra. Enid Singleton, ou devo dizer Sra. Ellen Sinclair, gostaria que me acompanhasse até a delegacia de polícia, onde já temos detido seu marido Herbert Sinclair sob a acusação de roubo e também o roubo de dinheiro da filial de Canning Town de Woolworths, em setembro de 1940.

Houve ainda mais suspiros e alguns aplausos, enquanto Mike Jackson levava a mulher de rosto vermelho.

— Eu aceito isso, se não se importar — disse Maureen Gilbert, pegando o pacote de carne. — Conheço alguns trabalhadores famintos que vão precisar de uma refeição decente dentro deles depois de todas essas semanas.

— Nossa, nunca ouvi tantos aplausos — disse Betty depois de dar um abraço em Maureen e recebê-la de volta ao rebanho. — Espero que esteja aqui para sempre.

— Você me aceita? — Maureen sorriu enquanto vestia um avental branco limpo e começava a descascar uma batata. — Agora, deixe-me trabalhar. Carne enlatada e batatas fritas para as hordas famintas e tortas de bife e vegetais para o almoço de amanhã devem ser uma boa pedida.



FREDA SENTOU-SE na cadeira oferecida e observou o médico idoso enquanto ele olhava as anotações à sua frente. Ela esperava que as notícias dele lhe dissessem que Lily estava se recuperando e que uma vez que seus ossos estivessem restaurados, ela só precisaria de um pouco de convalescença antes de retomar sua vida normal. Freda poderia então fazer planos para retornar a Erith e sua própria vida.

O escritório não era mais do que uma sala de caixas, com janelas altas na parede que ainda deixariam pouca luz entrar se tivessem sido limpas e não tivessem fita adesiva marrom presa a elas em caso de ação inimiga. Era difícil estimar a idade do médico, mas seu terno de tweed desbotado e os poucos cabelos grisalhos em sua cabeça calva deram a Freda a impressão de que o homem havia saído da aposentadoria para desempenhar seu papel no esforço de guerra. O ar estava espesso com a fumaça de um cachimbo que

estava sobre a mesa. Tanto o cachimbo quanto a escrivadinha pareciam ter visto dias melhores.

O médico olhou para Freda e depois para as anotações.

— Sua mãe está muito mal — disse sem fazer contato visual.

Freda não esperava ouvir essa notícia.

— Sim, ela quebrou ossos, mas eles se consertam eventualmente, não é?

O médico pegou seu cachimbo e, antes de colocá-lo na boca, disse:

— Normalmente sim, mas sua mãe não é uma mulher saudável. Sua saúde não era boa antes de ela... do acidente dela. — Ele deu uma baforada no cachimbo e observou como suas palavras haviam afetado Freda.

Uma carranca cruzou seu rosto enquanto absorvia as poucas palavras ditas pelo homem.

— O que está tentando me dizer, doutor?

— Senhorita Smith, sua mãe nunca sairá deste hospital.

Freda suspirou.

— Por um momento pensei que queria dizer que ela ia morrer — disse ela, dando-lhe um pequeno sorriso. — Será um golpe para ela não conseguir andar direito por um tempo, mas tenho certeza de que podemos lidar de alguma forma — disse ela, pensando em como poderia mudar sua mãe para Erith para poder trabalhar, de volta à Woolworths e cuidar dela.

O médico pousou o cachimbo e se inclinou para a frente até onde a mesa entre eles permitia.

— Senhorita Smith, é exatamente isso que estou dizendo. O coração de sua mãe está fraco há algum tempo, além de outros problemas de saúde. É um milagre que ela tenha sobrevivido à surra que levou. Muitas vezes, pessoas ainda mais jovens e saudáveis não sobrevivem a tais lesões. No

entanto, deve enfrentar os fatos. Sua mãe não vai demorar muito nesta terra e você deve se preparar para a eventualidade.

— Quanto tempo? — ela perguntou, tentando não chorar. Parecia tão injusto quando sua mãe ainda era uma mulher jovem.

— Algumas semanas, talvez alguns meses no máximo, mas não posso garantir mais do que isso. — Ele olhou para suas anotações. — A irmã escreveu que o ânimo dela melhorou desde a sua chegada. Seria um pecado você desaparecer da vida dela novamente e deixá-la sozinha em seus últimos dias.

Ela ergueu o queixo desafiadoramente.

— Doutor, não sabe nada sobre a história da minha família, mas tenha certeza de que não vou deixar minha mãe sozinha e ficarei aqui em Birmingham enquanto for necessário.

Após uma breve discussão sobre o futuro tratamento de Lily, que seria muito pouco, Freda deixou o consultório sentindo-se desanimada. No pouco tempo em que ela voltou para sua cidade natal, começou a acreditar que poderia construir um relacionamento com sua mãe e que elas possivelmente manteriam contato nos próximos anos. Agora tudo tinha sido apagado. Ela não estava apenas perdendo a mãe, mas, a menos que Lenny conseguisse uma licença, ela enfrentaria a morte dela sozinha. Mas e seu trabalho e deveres em Erith, e como ela seria capaz de se sustentar? A oferta de uma cama da gentil mulher da Woolies se estenderia por semanas, talvez até um mês ou dois, e como ela poderia se sustentar sem trabalhar?

Freda foi até a enfermaria para ver sua mãe, tentando arduamente colocar um sorriso em seu rosto e não deixar Lily ver suas preocupações. Ela realmente sentiria falta de seus amigos no Sul e possivelmente até do casamento de Gwyneth e Mike. Ela se deu uma sacudida por ter pensamentos tão egoístas. O que quer que acontecesse, ela faria os últimos

dias de sua mãe tão alegres quanto possível. Todas as mães do mundo mereciam isso no mínimo.



— **MAUREEN, NÃO** posso dizer o quanto estou feliz por você ter voltado a trabalhar aqui na Woolworths — disse Betty enquanto ajudava a cozinheira favorita da loja a limpar depois do pânico de uma refeição tardia. — Eu sinto que nós preferimos deixá-la no fundo do poço, com você apenas aparecendo para um bate-papo.

— Adorei cada minuto disso — Maureen sorriu enquanto limpava uma mesa. — Como sabe agora, eu vim para ver se você me aceitaria de volta, mas eu não esperava entrar em um drama desses. Vamos torcer para que seja o fim dessa família e que todos possamos seguir em frente.

— Concordo com isso — disse Betty, erguendo uma xícara de chá que acabara de servir. — Um brinde a alguns meses pacíficos para todos nós. Agora, diga-me, você precisa avisar o pessoal da ferrovia?

— Por sorte, eles têm uma nova entrada de trabalhadoras e como eu tenho estado tão infeliz ultimamente e incapaz de gerenciar muitas das tarefas que me foram dadas, eles disseram que me deixariam ir. É certo estar tão feliz mesmo que o chefe da estação me considere um fracasso?

Betty ficou horrorizada.

— No entanto, alguém pode dizer uma coisa dessas? Ora, você é a espinha dorsal desta loja e estamos perdidos sem sua presença. Nunca ouvi tantos aplausos como quando reivindicou a cozinha.

— Talvez, se eu pudesse cozinhar na estação de Erith, teria sido uma situação diferente. Quanto a carregar bagagem e coisas do tipo e aprender os horários dos trens, eu era quase inútil. Houve uma reclamação na semana

passada de que eu tinha colocado a avó de alguém em um trem para a costa quando ela queria ir para Londres. Eles a encontraram sentada sozinha na sala de espera sem saber onde estava.

Betty tentou não rir, mas falhou miseravelmente. Depois de enxugar os olhos, ela disse:

— A perda da ferrovia é o nosso ganho. Agora, devo deixá-la, pois tenho cento e uma coisas para colocar em dia.

Assim que Betty entrou em seu escritório, o telefone começou a tocar.

— Ah, Freda, como é bom ouvir sua voz — disse ela ao reconhecer quem havia feito a ligação para seu escritório. — Agora, me diga, como está sua mãe?

— Ela não está tão bem — disse Freda.

Betty percebeu que a garota estava à beira das lágrimas pelo tremor de sua voz. Nunca ela quis tanto dar um abraço em alguém e estar lá para ajudar.

— Você tem moedas suficientes? Posso ligar de volta para que isso não custe uma fortuna?

— Estou ligando do escritório da Irmã. Ela me permitiu usar o telefone porque era importante.

Oh meu Deus, Betty pensou consigo mesma, enquanto ouvia a jovem explicar o que havia acontecido desde que ela chegou a Birmingham.

— Ouça com atenção, Freda. Não importa quanto tempo isso leve, acredite em mim quando digo que seu trabalho estará aqui para você quando voltar. Também vou me encarregar de visitar o quartel de bombeiros e contar a quem estiver no comando sobre sua situação. Só precisa se concentrar em sua mãe. O que o médico disse sobre o tempo de recuperação dela?

Betty fechou os olhos com pavor enquanto Freda contava como os dias de sua mãe estavam contados.

— Meu problema, Betty, é que preciso ganhar enquanto estou aqui ou não terei um teto sobre minha cabeça nem poderei ajudar minha mãe com qualquer coisa que ela possa precisar.

— Vou enviar-lhe algum dinheiro... —

— Não, Betty. É muito decente da sua parte, mas preciso fazer isso por mim mesma.

— Entendo o que quer dizer, Freda — disse Betty, embora a xingasse por ser tão independente. — Não é possível ficar com a amiga de sua mãe? — Freda fez o possível para manter o tom alegre quando respondeu que não era possível por mais de um dia ou mais. Ela não queria que seus amigos comesçassem a se preocupar com ela quando tudo o que ela tinha era um sentimento desconfortável por Janey. — Uma senhora que trabalha em uma loja Woolworths local me ofereceu um quarto, mas não tenho certeza de quanto tempo ela ficaria feliz se eu ficasse.

— Você diz que há uma loja Woolworths aí perto?

— Sim, não é tão boa quanto a nossa, mas os funcionários parecem simpáticos.

— Sugiro que termine de visitar sua mãe e tente me ligar quando puder. Vou recomendar que você fique na casa da amiga de sua mãe esta noite enquanto combinamos algo a longo prazo — disse Betty com cuidado. — Entendeu?

Freda sentiu uma onda de emoções inundá-la. Em um momento ela nunca se sentiu tão sozinha e no próximo era como se Betty estivesse ali ao seu lado, segurando sua mão.

— Sim, eu entendo. Falta mais uma hora antes que o horário de visita termine esta tarde. Será muito cedo para telefonar?

— Uma hora será tempo suficiente. Por favor, dê meus melhores votos para sua mãe e, Freda, mantenha a cabeça erguida, meu amor.

A ligação terminou e a linha ficou muda, com as duas mulheres olhando para o espaço e tentando ao máximo não chorar. Betty deu uma sacudida em si mesma. O que quer que Freda dissesse, ela não veria a jovem ficar sem recursos. Encontraria uma maneira de tornar o tempo de Freda em Birmingham o mais agradável possível enquanto esperava a morte de sua mãe. Abrindo uma gaveta da escrivaninha, pegou um livreto amarelo que listava todas as lojas Woolworth na Inglaterra. Ela folheou as páginas até chegar à loja de Birmingham que Freda havia mencionado. Ela pegou o telefone e começou a discar.



FREDA AGRADECEU à Irmã por permitir que ela usasse o telefone e voltou para a enfermaria, onde encontrou sua mãe não apenas acordada, mas apoiada em seus travesseiros, conversando com uma enfermeira que estava cuidando de um carrinho de chá.

— Aí está você, Freda — disse Lily. — Eu disse à enfermeira que você a ajudaria com a rodada de chá, pois não tem muito o que fazer — disse ela, para grande surpresa de Freda.

— Alguém acordou de bom humor — respondeu Freda, tentando procurar um sinal de que sua mãe estava de fato perto da morte. Será que o médico errou?

— A senhora Smith tomou as pílulas e está muito melhor — disse a enfermeira, como se estivesse lendo a mente de Freda.

— A Sra. Smith pode falar por si mesma, muito obrigada, enfermeira — retrucou Lily. — Agora, deem-se, vocês duas, e deixem-me dormir.

Freda andou pela enfermaria, parando para distribuir bebidas e travesseiros macios. Quando ela estava a uma distância segura de sua mãe, falou com a enfermeira.

— Acho que você sabe como minha mãe está doente?

— Sim, somos informados antes de cada turno. Faremos tudo o que pudermos para deixá-la confortável. Não precisa temer nada — ela sorriu docemente, dando a Freda um olhar preocupado. — Eu suponho que estará aqui no futuro próximo? — ela perguntou.

— Sim, mamãe só tem nosso Lenny e eu, e ele está no exterior em algum lugar. Vou ter que tentar falar com ele.

— Isso seria uma boa ideia.

— Você deve ter experiência com essas coisas. Quanto tempo pode levar?

A enfermeira estendeu a mão e apertou o braço de Freda simpaticamente.

— Não há como saber. Eu vi pessoas que deveriam ter morrido mais cedo ou mais tarde, que pareciam lutar e aguentar por diferentes razões, então outras que falecem rapidamente. Temos um vigário com quem você pode falar se achar que precisa de alguma forma de orientação. Acredito que esteja sozinha em Birmingham

— Obrigada, vou me lembrar disso — disse Freda. — Sim, tenho que tomar providências para encontrar um lugar seguro para morar enquanto estiver aqui e posso ver que terei muito tempo livre quando não estiver aqui durante os horários de visita.

A enfermeira fez o possível para ignorar Freda mencionando a palavra “seguro”.

— Olha, meu nome é Sally. Eu moro nos aposentos das enfermeiras. Há algumas de nós que ajudam na igreja quando não estamos de serviço.

Muitas vezes vamos ao bar depois. Por que não se juntar a nós quando já tiver escolhido uma acomodação para morar? Estamos todas longe de casa, então estamos no mesmo barco em alguns aspectos. Além disso, você é mais do que bem-vinda para nos dar uma mão na ala. Nossas senhoras adoram uma xícara de chá e uma conversa.

Freda deu-lhe um sorriso.

— Obrigada, eu gostaria disso.

— Então, o que foi isso? Está planejando meu funeral? — Lily murmurou sonolenta quando Freda voltou para sua cama.

— Não seja idiota, mãe — disse Freda enquanto endireitava o lençol branco engomado.

A mão de Lily disparou e agarrou a de Freda.

— Eu não sou uma tola, garota. Eu não sou uma tola.

Freda puxou a mão para trás e a esfregou onde sua mãe a apertou com força.

— Eu não tenho ideia do que quer dizer...

Lily espiou pelos olhos de aros amarelos.

— Ele acabou comigo desta vez. Há tanto que um corpo pode aguentar e o meu já teve o bastante.

Freda queria dar meia-volta e fugir da enfermaria e nunca mais voltar, mas sabia que não podia. Ela devia à mulher que a trouxe a esta vida segurar sua mão e acalmar suas preocupações até que o último suspiro deixasse seu corpo. Não é sobre mim, ela murmurou para si mesma enquanto se sentava e começava a falar.



— **FREDA, ESTOU** tão feliz que tenha conseguido me ligar de volta. Tenho boas notícias para você.

Freda ficou feliz em ouvir a voz de Betty. Se ela fechasse os olhos, poderia fingir que estava sentada no escritório de Betty em Woolworths e não em uma cabine telefônica fedorenta em uma rua estranha em uma cidade que se tornou estranha para ela depois de tantos anos.

— A menos que você possa me dizer que tudo isso é um sonho e eu vou acordar de volta na minha cama na casa de Ruby, não tenho certeza se posso ficar satisfeita com qualquer notícia no momento.

— Oh, minha querida, foi tão ruim assim?

— Sim — respondeu Freda, sentindo sua voz começar a tremer. — Mamãe sabe que vai morrer. Não me diga como, mas ela sabe e eu estive sentada com ela tentando entender o que ela tem a dizer e acalmá-la. Eles deram a ela algo para ajudá-la a dormir, então posso deixá-la por esta noite.

— Bom, bom — disse Betty com uma voz suave. — Mexi alguns pauzinhos e consegui um emprego de meio período na loja Woolworths que você mencionou. Sr. Gordon, o gerente, parece um bom tipo e disse que estava pedindo ajuda extra e se perguntou se você poderia fazer algumas horas todas as manhãs. Ele disse que discutiria detalhes com você quando fosse vê-lo. Aproveitei também para perguntar sobre hospedagem. Eu disse que onde você estava hospedada era temporário e que você queria alugar algo mais perto do hospital. Eu mencionei a senhora com quem você falou e ele me garantiu que ela era uma alma gentil e cuidaria muito bem de você com pensão completa. Conversei com a senhora e você pode se mudar esta noite, se desejar. Anotei o endereço. Não precisa pagar aluguel pelo primeiro mês, pois tudo foi resolvido. Espero que não esteja com raiva por eu ter interferido, Freda.

Freda sentiu como se um peso enorme tivesse saído de seus ombros.

— Oh Betty, como posso estar com raiva? Você não tem ideia da grande ajuda que tem sido. Vou pegar minhas coisas da casa da Janey e estarei lá esta noite — disse ela enquanto vasculhava a bolsa em busca de lápis e papel para anotar os detalhes de Doreen.

— O Sr. Gordon sugeriu que você use o telefone dele para entrar em contato comigo todos os dias, para que eu saiba que está segura e bem. Não sinta nem por um momento que não estamos todos pensando em você e prontos para abandonar o que estivermos fazendo para ajudá-la, se for necessário. Agora, há alguma coisa que precisa que eu faça por você ou envie?

Freda pensou por um momento. Tudo isso a pegou de surpresa.

— Eu... não sei. Suponho que precisarei de algumas roupas, pois não esperava ficar aqui por muito tempo. Há algo... você perguntaria a David Carlisle se ele conhece uma maneira de entrar em contato com meu irmão, Lenny? Eu sei que ele não pode largar tudo e voltar para casa de onde estiver, mas gostaria que ele soubesse que mamãe não tem muito tempo... — ela ficou em silêncio, pensando no irmão e na mãe. Embora tivesse os melhores amigos que alguém poderia desejar, foi agora que ela percebeu o verdadeiro significado da família e por que isso significava tanto para Maisie quando ela estava determinada a ver sua mãe em Bethnal Green. Ela estremeceu ao comparar o resultado de suas jornadas, pois sabia que a dela também não terminaria feliz.

— Vou fazer isso imediatamente. Apenas lembre-se, Freda, não está sozinha e eu providenciarei o rodízio de funcionários para que as meninas possam visitá-la.

Freda achou difícil falar.

— O... obrigada, Betty. É melhor eu ir e levar minhas coisas para a casa de Doreen. Entrarei em contato — disse ela antes de desligar o

telefone e cortar seu vínculo com a vida que amava.

Nos dias que se seguiram, Freda logo caiu na rotina. A família de Doreen era extremamente receptiva e, embora Freda quase nunca estivesse em casa, além de dormir no pequeno quarto e acordar com Doreen chamando-a para o café da manhã, ela gostava das conversas no caminho para o trabalho e como a mulher nunca se intrometia em sua vida privada.

Trabalhar em outra loja Woolworths era interessante, pois ela era colocada em qualquer balcão com falta de funcionários. Na maioria dos dias, isso acontecia ao lado de Doreen, vendendo legumes, o que não era a posição mais glamourosa em Woolies, mas impedia Freda de pensar muito enquanto pesava batatas e repolhos para as filas de mulheres que nunca pareciam encurtar. Durante as pausas para o chá, ela se viu como um ímã para as meninas mais novas, que eram menores de idade para se juntar e esperavam ansiosamente para poder sair de casa para fazer sua parte e explorar o mundo. Por mais que Freda tenha explicado que trabalhar em uma loja Woolworths em outra parte da Inglaterra era praticamente o mesmo que trabalhar em Birmingham, Freda descobriu que nunca estava sozinha por muito tempo quando descrevia novidades e como viver não muito longe de Londres poderia ser para uma menina nascida e criada em Midlands.

Freda pegava algo rápido para comer na cantina da loja antes de correr para o hospital para se sentar com sua mãe. Lily tinha bons dias em que conversava baixinho antes de cochilar, mas havia dias em que ela estava agitada e agressiva com a filha, culpando Freda por todos os seus males. A equipe médica garantiu a Freda que era parte da doença e que ela não estava com dor, mas mesmo assim, ela ansiava por sua mãe ser como ela se lembrava dela antes de seu pai morrer e antes da bebida, quando tinham sido uma família adequada. Fiel à sua palavra, a enfermeira Sally levou

Freda ao pub para encontrar suas amigas, e foi uma noite em que Freda conseguiu esquecer seus problemas e ouvir as jovens enfermeiras falando sobre seu trabalho e suas vidas. Freda há muito gostava da crença de que as enfermeiras se apaixonavam e se casavam com os belos médicos com quem trabalhavam, mas quando ela mencionou seus pensamentos, as meninas caíram na gargalhada. Foi explicado que muitos dos médicos mais jovens se juntaram aos serviços, enquanto os mais velhos, e aqueles que saíram da aposentadoria, cuidavam dos hospitais em casa.

As semanas foram passando e, embora Lily estivesse frágil, sua perna quebrada havia se curado o suficiente para que Freda pudesse ajudá-la em uma cadeira de rodas e levar sua mãe pelo hospital. Foi enquanto estava sentada ali um dia aproveitando o sol do início de setembro que ela ouviu uma voz familiar. Virando-se, ela gritou de alegria, acordando sua mãe de um sono profundo enquanto outros pacientes olhavam para ver o que havia acontecido para fazer a garota que eles gostavam agir assim.

— Isso é um colírio para os olhos, Freda Smith relaxando tomando sol enquanto viajamos até aqui para ter certeza de que ela está bem — declarou Maisie, pegando a amiga nos braços e dando-lhe um abraço apertado.

Elas se juntaram a Sarah e logo atrás de Gwyneth enquanto todas as garotas pulavam de emoção por estarem juntas mais uma vez.

Depois de apresentar suas amigas para sua mãe, que olhou para todas com desconfiança antes de voltar a dormir enfiada debaixo de uma pilha de cobertores, Freda virou-se para as mulheres com lágrimas brilhando em seus olhos.

— Vocês não têm ideia do quanto eu senti falta de todas.

— Nós também sentimos sua falta e pensamos que, como você provavelmente não estaria em casa em breve, iríamos surpreendê-la com uma visita. O David de Maisie providenciou para nós quartos em um pub na

estrada e o proprietário está providenciando um pouco de comida para nós mais tarde, para que possamos ter uma pequena celebração — disse Sarah com um sorriso.

— Celebração? Estou muito feliz em ver vocês.

— Pensamos que como você provavelmente não estará de volta em Erith para o meu casamento na próxima semana, teríamos um pouco de trabalho aqui com você agora.

O rosto de Freda caiu.

— Oh Gwyneth, eu tinha esquecido do seu casamento. O tempo passou aqui e eu perdi a conta dos dias. Além de trabalhar algumas horas na Woolworths e sair uma ou duas vezes com a enfermeira Sally, passei a maior parte do tempo aqui com mamãe. Se não fosse pelas folhas começando a ficar douradas nas árvores, eu pensaria que ainda era verão. Por mais que eu adorasse, não tenho certeza se posso deixar mamãe para comemorar, no entanto — ela acrescentou melancolicamente.

— E por que não, posso perguntar? — perguntou uma voz profunda da porta da enfermaria do hospital. — Eu não naveguei os sete mares para voltar aqui para minha irmã se recusar a pintar a cidade de vermelho com suas companheiras.

— Lenny! — Freda gritou e se jogou nos braços de seu irmão mais novo. — De onde você surgiu? Eu nunca esperei vê-lo em um milhão de anos.

— David mexeu alguns pauzinhos — disse Maisie com orgulho. — Sou casada com o homem e não tenho ideia de como ele faz isso, mas ele faz, às vezes — disse ela, enxugando uma lágrima ao ver sua jovem amiga tão feliz.

— O que é toda essa comoção? — perguntou uma voz frágil da cadeira de rodas.

— Mãe, é o Lenny. Ele veio vê-la — disse Freda gentilmente, sabendo que sua mãe poderia facilmente ficar confusa. Ela levou Lenny até sua mãe, onde ele se ajoelhou ao lado dela.

— Quem é esse? — disse Lily, apertando os olhos contra o sol outonal.
— Bert, é você?

Freda pensou que seu coração iria quebrar. Imagine sua mãe pensando que seu pai estava de volta depois de todos os anos que estava morto.

— Não seja boba, mãe, sou eu, seu pequeno Lenny — ele sorriu gentilmente. — Vai ficar maluca na sua velhice?

Lily franziu a testa e pensou por um momento antes de abrir um sorriso.

— Venha aqui e dê um beijo na sua mãe — disse ela, lutando para libertar os braços dos limites dos cobertores. — Agora, espero que tenha sido um bom menino na escola hoje. Chega de brigar e pegar a bengala, hein? — ela riu.

As lágrimas que ameaçavam cair desde que Freda foi surpreendida por suas amigas finalmente transbordaram e escorreram por suas bochechas. Sarah pegou seu braço e a levou embora.

— Melhor não deixar sua mãe vê-la chateada — disse ela, envolvendo a amiga nos braços e acalmando-a enquanto ela chorava. — Estamos todos aqui para ajudar você e David a providenciar para que Lenny esteja aqui... por enquanto — acrescentou ela, sem saber muito bem como colocar em palavras o que sabiam.

Freda assentiu e assoou o nariz depois de enxugar os olhos com um lenço recém-lavado que tirou do punho do cardigã.

— Tem acontecido muito ultimamente. Em um momento mamãe está conversando normalmente e no próximo ela está em outra hora e lugar. Muitas vezes ela conversa como se meu pai estivesse no trabalho e fosse

voltar para casa em breve. Ela não tem noção da guerra, ou que seus filhos cresceram, há algum tempo. A pobre ovelhinha fica petrificada quando fazemos uma batida porque ela simplesmente não entende o que está acontecendo.

— Não há nenhum lugar para onde ela possa ser transferida? Uma casa de convalescença, talvez? — Sarah perguntou, esperando que pudesse haver alguma ajuda para a mãe de sua amiga.

— Não, ela precisa de cuidados de enfermagem 24 horas por dia, e os funcionários aqui são tão adoráveis. Eles fizeram todo o possível para manter mamãe confortável. É apenas uma questão de tempo agora.

— Pobre, pobre senhora, — Sarah disse. — Gostaria de poder fazer alguma coisa...

Freda deu um abraço em Sarah.

— Só por estarem aqui, já estão ajudando muito. No entanto, como conseguiram isso? Quem está com as crianças e na Woolworths? Ainda estou me beliscando para ter certeza de que não estou sonhando. Quanto ao nosso Lenny chegando, bem...

Sarah levou Freda para um assento sob uma árvore próxima para que pudessem conversar sem serem ouvidas.

— Betty tem sido tão generosa. Você sabe que Maureen está trabalhando na Woolies? — continuou falando depois que Freda acenou com a cabeça. — Bem, ela não só se adaptou à mudança de casa, mas também contratou algumas senhoras de meio período, então ela insistiu que eu e Gwyneth tivéssemos algum tempo juntas enquanto David enviava sua mãe para cuidar do bebê Ruby e das duas meninas para que Maisie pudesse vir. Vovó e Maureen estão cuidando de Myfi e Georgina entre elas. Até Vera se ofereceu para participar, embora ela seja a bisavó apaixonada no momento. Ora, todos moveram céus e terra para que pudéssemos passar

alguns dias juntas. Para ser honesta, depois que Maisie esteve fora no ano passado sozinha por tanto tempo, não gostamos de pensar em você no mesmo barco.

— Vocês foram tão maravilhosas em vir me animar como fizeram, e tão perto do grande dia de Mike e Gwyneth também. Isso está indo além do chamado do dever. Além disso, conseguiu que Lenny chegasse com você.

— Foi pura coincidência. Como sabe, David havia feito o melhor que podia escrevendo cartas e dando alguns telefonemas, mas não obteve resposta. Então esta manhã, enquanto nos preparávamos para sair, veio batendo na porta ninguém menos que seu irmãozinho.

— Já não é tão pequeno, juro que ele cresceu mais um pé desde a última vez que o vi. Posso ver como mamãe pensou que era papai ali. Ele tem o mesmo olhar. — Freda acrescentou melancolicamente.

Sara riu.

— Ele não é mais o menininho maltrapilho que apareceu na porta de vovó e nos causou tantos problemas. Ora, ele é um homem adulto agora e eu acho que ele pode virar algumas cabeças quando seu navio está no porto. Olhe para a enfermeira Sally. Ela não tirou os olhos dele desde que chegamos.

Sally viu as garotas olhando para ela e se aproximou.

— Por que não sai com suas amigas? Devem ter muito o que falar... tenho certeza de que seu irmão consegue manter sua mãe entretida por um tempo. Estou de plantão pelo resto da noite, então ficarei de olho nos dois.

Sarah deu a Freda um sorriso conhecedor quando Sally voltou para o lado da inválida.

— Pode ser útil ter uma enfermeira na família.



AS QUATRO garotas brindaram com seus copos de cerveja clara.

— À amizade — disse Maisie em voz alta, fazendo com que alguns bebedores no bar se virassem e olhassem na direção delas.

Sarah cutucou o braço de Maisie.

— Shh, ou você fará com que eles queiram se juntar a nós — disse ela, tentando não olhar para o bar. — Somos todas mulheres casadas respeitáveis. Nem tenho certeza se deveríamos estar em um bar sem um homem para nos acompanhar.

— Ainda não sou casada — disse Gwyneth, dando uma piscadela para Maisie.

Maisie caiu na gargalhada.

— Duvido que um homem olharia para mim se soubesse quantos filhos eu tenho em casa e o que ainda está por vir.

Freda, que estava prestes a lembrar às amigas que ela era livre e solteira, mas não gostava de conhecer homens em bares, abriu a boca para falar e congelou.

— O que quer dizer? O que está por vir?

Sarah prendeu a respiração, esperando que Maisie não desse muitos detalhes em sua resposta.

— Só quero dizer que David e eu queremos mais algumas crianças e não vemos por que devemos esperar. Especialmente agora que temos uma boa casa.

— Isso seria adorável — Gwyneth suspirou. — Eu não gostaria de nada mais do que ter dois bebês. Assim que me casar com Mike — acrescentou ela rapidamente antes de ficar com um tom delicado de rosa.

— Caramba, vocês vêm aqui para me animar e tudo o que estou ouvindo é sobre bebês. Eu me sinto realmente na prateleira quando eu nem tenho namorado — Freda bufou.

— Não está na prateleira. Ora, você é muito jovem para isso — disse Sarah. — Eu adoraria outro bebê antes que Georgina fosse muito mais velha. Sempre pensei que meus filhos seriam próximos em idade.

— Você precisa de um marido no mesmo país para que isso aconteça — Maisie riu alto.

— Eu sabia que essa conversa ficaria obscena — retrucou Sarah, pegando a bolsa. — Quem gostaria de outra?

Depois que as meninas fizeram seus pedidos, Maisie, que não deixava um assunto cair, virou-se para Freda. — Olha quanto tempo Betty esperou até se casar. Há esperança para você ainda, garota.

— Saúde, Maisie, eu esperava ter minha própria família. Isso não é provável que aconteça para Betty na idade dela, não é? Ela terá que continuar cuidando das duas filhas de Douglas. Eu sei que ela as ama muito, mas não é o mesmo que ter o seu próprio, é? Uma pena que ela já passou da idade de ter seus próprios filhos. De qualquer forma, o que é isso sobre a mudança de casa dela? Ela sofreu danos por bomba?

— Não, eles estão alugando uma linda casa em Carlton Road. A casa deles está à venda, e Betty acha que já tem alguém interessado em comprar — disse Sarah. — Fui com ela dar uma olhada. Eu mataria por um lugar assim para quando meu Alan voltar para casa e a guerra acabar.

Freda ficou horrorizada.

— Meu Deus, acha que todo esse negócio com aqueles homens que roubam os negócios de Douglas os colocou em apuros? Parece estranho passar de proprietário para inquilino, mesmo em tempos de guerra.

Gwyneth, que estava ouvindo as três amigas conversando, deu uma pequena risada.

— Não poderia estar mais longe da verdade. Betty quer morar mais perto de Erith e está incentivando Douglas a expandir seus negócios. Ela vê

o dinheiro da casa como sendo bem utilizado. Mike me disse. Juro que ele gostaria de se juntar à empresa de Douglas se não fosse compromissado com o serviço policial.

— Desejo boa sorte aos dois — disse Maisie, erguendo o copo que Sarah acabara de passar sobre a mesa. — É um bom negócio, pois todo mundo precisa do serviço de um agente funerário em algum momento de sua vida.

As meninas ficaram em silêncio enquanto Freda olhava para seu colo, imersa em pensamentos.



SETEMBRO DE 1943

— **QUE DIA** maravilhoso — disse Ruby enquanto tirava o alfinete que prendia seu melhor chapéu de domingo ao cabelo. — Até o sol continuou brilhando e a Luftwaffe nunca apareceu — acrescentou ela, sem mencionar que estava de joelhos no momento em que entrou na igreja no braço de Bob para rezar por um dia tranquilo sem correria para abrigos antiaéreos no meio do serviço.

— As damas de honra adultas não controlavam as mais novas — disse Vera. — As duas se enlouqueceram enquanto Mike fazia seus votos. Eu teria batido nas pernas delas se fossem minhas — fungou.

— Ninguém parecia se importar e, afinal, era um culto familiar. Faltava apenas uma coisa para torná-lo perfeito, e era a nossa Freda.

— É estranho você mencionar isso — disse Vera enquanto seus olhos brilhavam. — A mãe dela está demorando para morrer, não está? — Ruby ficou chocada.

— Vera Munro, isso é uma coisa ruim de se dizer! Não nos agarraríamos à vida tanto quanto pudéssemos se a única outra opção fosse conhecer nosso Criador? Eu acho que ela tendo Freda ficando por perto e Lenny estando lá no futuro próximo fez toda a diferença. Eu sei que eu aguentaria se meus entes queridos estivessem ao meu lado.

— Isso inclui netos? — a voz de um homem perguntou.

Ruby girou.

— Bem, vou ficar irada, Alan! Quando chegou aqui? Sarah e Maureen sabem que foi ao casamento? Ela ficou muito chateada sabendo que você havia se atrasado.

— Caramba, mulher, tantas perguntas — ele riu antes de lhe dar um grande beijo na bochecha. — Acabei de chegar, e você é a primeira da família que vi quando entrei no pub. Olá, Sra. Munro — acrescentou ele educadamente enquanto Vera, que não se afastava em momentos íntimos da família, ouvia atentamente.

— Eu estava dizendo a Ruby que o próximo casamento será dela e de Bob — Vera sorriu para o belo aviador.

— Você não disse isso, Vera Munro. Estava me dizendo como as damas de honra eram travessas — disse Ruby severamente, embora tenha dado um pequeno sorriso para Alan. — Encontrará sua esposa ali com a mãe e o pai. Só Deus sabe onde está sua Georgina. Sem dúvida juntando-se com as crianças mais velhas, deslizando na pista de dança. Eu me juntarei a você quando eu souber que os pais de Gwyneth estão estabelecidos. São pessoas bastante decentes, considerando que são abstêmios — disse ela enquanto empurrava Alan na direção de sua esposa.

Ruby não deu seis passos antes de ouvir Sarah dar um grito poderoso seguido pela mãe de Alan, Maureen. Está tudo bem com o mundo, ela pensou consigo mesma. Tenho minha família por perto e em pouco tempo Freda estará em casa e no aconchego de seus amigos. Ela vai precisar de cuidados por um tempo e esse será o meu trabalho. Um pensamento a atingiu. Ela poderia fazer o que as meninas mais novas fizeram algumas semanas atrás. Poderia pegar um trem e ir visitar Freda. Sim, ela faria exatamente isso, decidiu.

— Ora, Alan, se tivesse chegado uma hora antes, poderia estar nas fotos do casamento — disse Irene Caselton, dando um beijo educado na

bochecha do genro. — George, você não pode tirar mais um pouco do casal feliz com Alan e a família? Com certeza pode fazer isso fora do pub.

George assentiu com entusiasmo, acariciando sua fiel câmera Box Brownie antes de apertar a mão de Alan.

— É bom vê-lo em casa novamente, Alan. Você vai ficar conosco por muito tempo? Isso se tiver permissão para dizer.

Alan passou o braço pela cintura de sua esposa e o outro sobre o ombro de sua mãe, Maureen.

— Por um futuro próximo, George. Estou de volta instruindo novos pilotos. Com sorte, não será muito longe e estarei em casa regularmente.

Sarah gritou de excitação.

— Você nunca coloca isso em suas cartas.

— Eu queria fazer uma surpresa para você — ele sorriu. — Por enquanto estou de licença por uma semana antes de me reportar a Biggin Hill. Depois disso, saberei quais serão meus deveres.

— Uma semana inteira? — George disse pensativo. — Vocês dois pensaram em comemorar seu aniversário de casamento?

Alan deu-lhe um olhar vazio.

— Aniversário de casamento?

Sarah deu um tapa no marido de brincadeira.

— Pelo amor de Deus, Alan, não se lembra do dia do nosso casamento, 3 de setembro de 1939? No dia em que fomos para a guerra?

Alan se esforçou para não rir das palavras de Sarah.

— Mas isso foi há três semanas?

— Um marido faz bem em nunca esquecer um aniversário — disse Irene enquanto acariciava a cabeça de uma estola de pele de raposa pendurada casualmente nos ombros.

— Isso é verdade — disse George. — Irene me fez procurar alto e baixo por essa coisa no caso de um aniversário chegar e eu esquecer.

— Juro que a coisa está me observando — disse Maureen com desgosto. — Os olhos parecem me seguir.

— Provavelmente ainda está chateado com a nossa Georgie tentando alimentá-lo e cavando um buraco no jardim — gargalhou George. Irene parecia indignada.

— Não vejo o que é tão divertido. A criança tem três anos. É hora de ela aprender alguma disciplina. Com todos vocês rindo de suas travessuras, ela se tornará uma criança selvagem. Deus me livre de como será quando for adulta.

— Vou espancá-la profundamente e mandá-la para a cama sem jantar se a pegar maltratando outra estola de pele de raposa — declarou Alan seriamente.

Irene acenou com as luvas brancas para o genro.

— Oh Alan, por que não consigo ficar com raiva de você por muito tempo?

Maureen riu.

— Tem alguma coisa a ver com ele ser um piloto da RAF? Agora, precisamos colocar esse show na estrada. Estou indo ajudar Ruby a separar a comida, então será hora da banda começar a tocar.

— Comida? Estou faminto — declarou Alan, esfregando as mãos e farejando o ar. — Esse aroma não cheira a sanduíches de pasta e bagatela. O que está acontecendo?

— Bob decidiu que, como os membros do nosso clube de porcos estavam todos envolvidos no casamento, deveríamos doar o animal para a ocasião. Então, reunimos nossos vegetais e criamos uma refeição saborosa para todos os convidados.

— As maçãs para as tortas vêm das árvores do nosso jardim — acrescentou Irene.

— É melhor tirar essa foto antes que Alan tenha tirado o paletó. Ele não mudou desde que era um rapaz.

— Então é de onde Georgina puxou? — disse Sarah. — Que par eles formam.

Nesse momento Georgina avistou seu pai, e entre lágrimas e beijos felizes, eles saíram do pub. George pegou sua mãe e todos se reuniram do lado de fora da entrada do pub Prince of Wales para que Alan pudesse ser incluído nas felizes comemorações.

— Eu gostaria de uma de Sarah, Georgie e eu com nossos pais, se sobrar filme suficiente na câmera, George?

— Tem, Alan — George disse enquanto passava a câmera para Mike Jackson, que estava resplandecente em seu rosto, vestido com um uniforme para a ocasião de suas núpcias. — Vamos, Bob, você é quase um membro da família, então se aconchegue ao lado de mamãe e nos dê um sorriso — disse George enquanto ele deu um tapa no ombro do homem mais velho.

A família extensa se acotovelou no sol do final de setembro enquanto Mike os instruía a se aproximarem e gritarem *cheese* enquanto ele tirava suas fotos.

— Isso deve bastar — disse ele, devolvendo a câmera para George. — Preciso encontrar meu padrinho e fazer com que ele anuncie que a refeição está servida, então podemos fazer os discursos e começar a nos divertir.

Ruby voltou para o corredor com Bob seguindo logo atrás. Ela queria supervisionar o serviço da refeição e garantir que Vera não beliscasse todo o torresmo.

— Parece ter corrido bem até agora — disse ele. — Eu só queria que a mãe dele estivesse aqui para ver o filho dela se casar com uma garota tão

adorável.

Ruby concordou com ele enquanto acenava para um amigo do outro lado da sala.

— Talvez, se ele não tivesse esperado tanto tempo para se casar, ela o tivesse visto subir ao altar. Lá novamente, ele esperou que a garota certa aparecesse e é assim que deveria ser. O que é que eles dizem, casar com pressa e se arrepender à vontade?

— É por isso que ainda está evitando se casar comigo, Ruby? — disse Bob.

— Por favor, Bob, agora não é hora nem lugar para falar sobre nossos planos.

Bob a pegou pelo cotovelo para que Ruby o encarasse.

— Mas nunca é, é? Um homem pode se cansar de esperar, você sabe.

Ruby riu e deu-lhe um abraço rápido.

— É um pouco tarde para dizer isso, Bob Jackson, agora que você me deu uma má fama morando sob o meu teto e colocando seus chinelos perto da lareira.

Bob gaguejou com indignação.

— Está tudo acima da mesa e respeitável. Todos os vizinhos sabem que me mudei para o quarto que Gwyneth e Myfi desocuparam para que Mike possa começar sua vida de casado sem seu velho pai morando com ele. Até Mike dormiu no seu sofá na semana passada enquanto Gwyneth e a garota se acomodavam. Ora, eu ligaria para qualquer homem lá fora que estivesse dizendo que algo desagradável estava acontecendo.

— E as mulheres? — disse ela, cutucando-o incisivamente quando Vera apareceu. — Há alguém que poderia fazer um anjo parecer que ela jantou com o diabo.

— Bata em Vera Munro. Não faz muito tempo que ela queria me arrastar até o altar, mas eu não queria nada disso — disse Bob, sentindo-se um pouco quente sob o colarinho. — Só estou dizendo que quero fazer de você uma mulher honesta, Ruby Caselton, e quanto mais cedo, melhor. Você disse que estava esperando um sinal do seu Eddie. Existe alguma chance de ele já ter enviado?

Ruby se sentiu culpada. Talvez ela estivesse esperando demais, mas no fundo não podia deixar de pensar que queria a aprovação de seu falecido marido antes de se casar novamente.

— Estou sendo uma velha idiota, Bob, mas significa muito para mim saber que Eddie está me dando sua bênção. Eu vou entender se não esperar por mim. Eu sei que estou sendo injusta.

Bob suspirou.

— Não, sou eu sendo insistente como sempre. É toda essa malandragem de casamento que está fazendo isso. Nosso Mike e Gwyneth estão tão apaixonados que me fez pensar que quero o mesmo — ele suspirou.

— O amor muda à medida que envelhecemos — disse Ruby. — Isso não significa que sentimos menos, mas mostra de outras maneiras. Formamos uma boa equipe, você e eu, e com o tempo caminharemos juntos até o altar, mas por enquanto vamos deixar as coisas como estão, hein?

Bob suspirou.

— Estou bem com isso, mas será sua perda se alguma estrela de Hollywood me pegar — ele sorriu, mais uma vez se tornando o Bob que ela conhecia e amava.

— Se isso acontecer, eu mesma pagarei a licença de casamento — ela riu. — Há uma coisa que você pode fazer por mim, no entanto — disse ela quando um olhar sério surgiu em seu rosto.

— Apenas diga.

— Quero sair por alguns dias e pensei que gostaria de me acompanhar... — disse ela, tentando escolher as palavras certas. — E você pode tirar esse brilho dos olhos. Isso é tudo acima do tabuleiro.

— Um homem pode sonhar — disse ele. — Não vamos para a Cornualha de novo, vamos? Foi um pouco difícil da última vez que fomos lá.

— Não, quero ir ver como Freda está. Eu senti falta de vê-la hoje. Ela é uma grande parte de nossas vidas e estou preocupada com a garota. É muito para enfrentar ver a mãe morrer, e ela não passou muito de uma criança. Eu sei que as garotas foram vê-la algumas semanas atrás e seu Lenny está com ela, mas eu quero vê-la por mim mesma e para ela saber que está sendo lembrada. O que acha?

— Acho uma ideia admirável. Vou organizar as passagens de trem e podemos tentar reservar o pub onde as meninas ficaram. Elas disseram que era confortável o suficiente. Agora, vamos servir esta refeição antes que Vera fique ainda mais agitada.

Depois de uma agradável refeição e muita jovialidade enquanto o pai de Gwyneth abria os discursos, Mike se levantou para fazer o seu. Sarah se pegou enxugando uma lágrima do olho quando o tímido sargento de polícia falou sobre conhecer o amor de sua vida quando ela se mudou para Erith e se alojou do outro lado da rua na casa de Ruby, e como eles planejavam ficar no mesmo local com Gwyneth tendo se mudado para o seu lado da rua. Ele então agradeceu a Maisie por deixar as madrinhas da noiva tão bonitas e todos os convidados aplaudiram quando ele sugeriu que ela deveria abrir sua própria loja de vestidos de noiva em sua cidade natal, já que ela era tão boa quanto qualquer costureira de Londres.

— Saiam daqui — Maisie gritou de volta, embora estivesse emocionada por sua participação no dia especial de Gwyneth e Mike ter funcionado tão bem.

— Por favor, levantem seus copos e brindem às damas de honra — disse Mike enquanto conduzia o brinde.

Foi então a vez de Douglas falar. Ele se levantou e limpou a garganta. Betty sorriu com orgulho quando seu belo marido elogiou o casal feliz antes de aceitar o brinde em nome das damas de honra. Todos riram quando Georgina gritou “saúde” de onde ela estava escondida debaixo da mesa de cima.

Enfiando a mão no bolso, Douglas retirou um telegrama.

— Infelizmente, temos alguém faltando nas comemorações. Nossa amiga Freda não pode estar conosco hoje e sei que tanto a noiva quanto o noivo estão com saudades do sua jovem amiga fazendo parte do seu dia especial. Posso pedir para brindarmos aos nossos amigos ausentes?

Foi uma multidão mais moderada que se levantou e disse em uníssono:

— Amigos ausentes.

— Tia Fweeda — chamou uma vozinha debaixo da mesa, o que novamente causou alegria entre os convidados.

— Acho que devemos alugar nossa dama de honra mais nova para eventos e festas — sorriu Douglas.

— Mas não em funerais — gritou Bob, para desgosto de Ruby enquanto ela o pegava com o guardanapo que tinha no colo.

— Como eu estava dizendo... —,disse Douglas, tentando recuperar a atenção dos convidados. — Freda não pôde se juntar a nós hoje, mas eu sei que Gwyneth ficou emocionada com o presente que ela enviou.

Gwyneth ergueu uma ferradura prateada decorada com cera de flor de laranjeira presa a um pedaço de fita branca para a noiva passar no braço. As

mulheres presentes suspiraram coletivamente de prazer.

— Freda também enviou um telegrama, embora eu me pergunte se o irmão marinheiro dela teve algo a ver com a rima. — Ele novamente pigarreou. — Hoje é o dia, hoje é a noite, nós atiramos na cegonha, então você está bem. — Ele dobrou o pedaço de papel amarelo e o entregou ao noivo com um sorriso.

— Você fez um bom trabalho — disse Betty a Douglas mais tarde, enquanto ele a conduzia pela pista de dança lotada. Maureen se juntou à pequena banda no palco para muitos aplausos enquanto a noiva e o noivo lideravam a dança.

— Devo dizer que estava bastante nervoso. Na minha linha de trabalho, costumo ficar muito em segundo plano, então de repente ter que falar e ser jovial foi um choque.

— Ninguém saberia. Tenho certeza de que Mike lhe dará uma referência se você quiser se tornar um orador público — acrescentou ela, sorrindo nos olhos dele.

— Não, obrigado, estou mais do que feliz com minha sorte. O negócio está indo bem e todos nós nos instalamos em nossa nova casa. O que mais eu poderia querer do que minha adorável esposa e nossas lindas filhas? Esta guerra não pode durar muito mais tempo e então podemos esperar nossa velhice e uma vida pacífica.

Betty suspirou enquanto fechava os olhos e pensava em tudo o que tinha. Ela só tinha essa sensação incômoda de que algo estava faltando e, uma vez que descobrisse, ficaria perfeitamente feliz com sua vida.

— Ah, eu amo essa música — Gwyneth suspirou enquanto ouvia Maureen cantando a conhecida balada de Glenn Miller “Moonlight Serenade”. — É a música perfeita para o meu casamento.

— Nosso casamento, você quer dizer, Sra. Jackson — Mike disse com ternura enquanto a segurava gentilmente e dançavam.

— Isso soa engraçado, Sra. Mike Jackson — ela riu gentilmente.

— É tarde demais para mudar de ideia agora. Eu nunca vou deixar você fora da minha vista enquanto eu viver — disse ele. — Sabe, essa música pode ser sobre nós, Gwyneth.

— Por que você diz isso, Mike?

— Ouça as palavras — disse ele enquanto murmurava suavemente o refrão. — Eu estou no seu portão e a música que eu canto é do luar...

— Isso é lindo, mas eu não entendo...

— Você não tem ideia de quantas vezes eu fiquei no portão do número 13 pensando em você lá dentro e não tive coragem de bater na porta e lhe falar.

— Oh Mike, estou tão feliz que você o fez. Agora posso confessar que também esperava que você estivesse passando ou andando pela Alexandra Road para que pudéssemos passar o dia — disse Gwyneth com um pequeno suspiro.

— Graças a Deus conseguimos nos encontrar — Mike riu — ou teríamos passado nossa velhice olhando um para o outro e nunca os dois se encontrariam. Que par somos!



— **TEM CERTEZA** de que este é o pub certo? — perguntou Ruby, olhando para o prédio fechado com tábuas.

— A placa diz que é o Golden Goose e olhe, eles pintaram “funcionando normalmente” na parede aqui da porta da frente. Venha,

vamos entrar — disse Bob enquanto abria a porta com o cotovelo, já que era a única parte dele que ele podia usar por carregar as duas malas.

Ruby piscou enquanto passavam da rua ensolarada para a semiescuridão do pub.

— Olá, tem alguém em casa? — ela gritou enquanto mantinha a porta entreaberta, não apenas para deixar entrar um pouco de luz, mas também para fazer uma fuga rápida, se necessário.

— Bem-vindos, bem-vindos — disse um homem baixo com cara de doninha ao aparecer de trás do bar. — Acho que você é o Sr. Jackson e sua amiga.

— Somos — disse Bob enquanto olhava para Ruby, avisando-a para não dizer uma palavra. Ele poderia dizer pelo olhar em seu rosto que ela não estava interessada em ser chamada de “amiga” . — Parece que você recebeu uma visita da força aérea de Hitler — disse ele, acenando para as janelas fechadas com tábuas. — Isso deve ser um problema na sua linha de negócios.

O senhorio concordou.

— Esse ataque aconteceu ontem à noite. Mas não é a primeira vez que isso acontece, e acho que não será a última. Pensei em não me dar ao trabalho de vitrificar as janelas novamente, mas a esposa não aceitaria nada disso. Ela disse que ficaria na casa da mãe até que tudo fosse consertado. Acho que posso sair por uma semana — ele riu quando Bob se juntou.

Ruby tossiu educadamente.

— Ainda podemos ter nossos quartos se não for um grande problema? Foram dois quartos — acrescentou ela incisivamente.

— Os quartos estão prontos — respondeu o senhorio. — Vocês vão gostar de saber que os quartos dos fundos não foram afetados pela explosão, então vocês podem ver lá fora. Não que haja muito para ver por aqui além

de bombardeios e fileiras de casas antigas. Vou terminar de servir esses senhores e depois vou aparecer. Gostariam de uma bebida?

— Não, obrigada — Ruby respondeu antes que Bob pudesse falar. — Gostaríamos de desfazer as malas e nos refrescar antes de visitarmos nossa amiga no hospital. — Ela se sentou ao lado da sala, e Bob se juntou a ela.

— Meia cerveja não faria mal — disse ele com uma expressão sombria.

— Mais tarde, Bob. Eu queria sair do caminho antes que aqueles caras nos vissem — ela sussurrou, virando as costas para a sala.

— Quem é esse então? — Bob perguntou enquanto tentava espiar Ruby.

— Não deixe que vejam que você está olhando para eles — sibilou ela. — Juro que é aquele sujeito que invadiu minha casa e tentou pegar Lenny alguns anos atrás. Qual era o nome dele... — ela murmurou para si mesma. — Whiff... é isso, ele é Tommy Whiffen e eu pensei que ele estava preso pelo que fez. Ele é um trabalho desagradável e aqui está ele de volta à área onde nossa Freda e Lenny estão hospedados. O que vamos fazer?

— Acha que ele vai saber quem você é depois que foi preso? — Bob perguntou, preocupado com a segurança de Ruby.

— Ah, ele vai me reconhecer bem. Ele não pode ter esquecido como eu o derrubei com minha frigideira antes que seu Mike o levasse algemado. Ele é um fulano de tal desagradável. Precisamos avisar Freda caso ela e Lenny venham nos encontrar.

Bob pensou por um momento.

— Sou a favor de deixar os locais saberem também. Pelo que me lembro na época, estou surpreso que ele tenha saído da prisão. O que quer que façamos, precisamos agir com calma e não os alertar. Vamos desfazer

as malas e avisar Freda e os policiais. Posso dar um telefonema para Mike também.

— Mike está em lua de mel, Bob, mas você pode falar com o sargento da delegacia de polícia de Erith. Ele vai ter um registro do que aconteceu. Por que você não pede para usar o telefone do senhorio? Vai economizar tempo.

— Que par de pedintes idiotas somos — Bob riu baixinho. — Eu por esquecer que Mike não está de plantão e você por sugerir que eu peça para usar o telefone do proprietário.

Ruby parecia confusa.

— O que quer dizer?

— Ele poderia ser um companheiro deles e, pelo que sabemos, ele poderia fazer parte da gangue. Podemos estar no meio de algo muito complicado aqui.

Ruby agarrou sua bolsa perto do corpo.

— Maldito inferno — sussurrou.

— Apenas fique fora da linha de visão deles até chegarmos lá em cima. Aqui, pegue este jornal e leia até irmos para nossos quartos. Depois da viagem que tivemos, não estou apto a protegê-la se o homem atacar de alguma forma.

Ruby se inclinou e beijou sua bochecha.

— Não comece a se preocupar comigo, Bob Jackson. Posso cuidar bem de nós dois. Eu só queria ter embalado minha frigideira pesada



— **ENTÃO VOCÊ** tem um monte de gente hospedada no pub, não é? — Bob disse ao proprietário enquanto o homem colocava a mala de Bob na

cama.

O homem encolheu os ombros.

— Não tantos quanto eu gostaria. As pessoas não viajam tanto em tempos de guerra e esta área de Birmingham não tem muito a oferecer, a menos que você conheça pessoas que vivem aqui. Eu preferiria um lugar à beira-mar, mas a esposa não é de mudanças. Por que pergunta?

— Sem motivo — disse Bob, indo olhar pela única janelinha que dava para um quintal nos fundos do pub. — Eu estava pensando que os camaradas que você estava servindo também ficariam e como deve ser bom administrar um estabelecimento assim. Eu mesmo imaginei isso uma vez e, como você, poderia me ver em algum lugar da costa.

O homem riu.

— Não, eles são moradores locais comemorando o retorno de um companheiro para a área. Você está no negócio de pubs?

Bob não ia contar ao homem que ele era um policial aposentado.

— Não, nunca me firmei muito. Um pouco disso e daquilo, sabe como é — disse ele, copiando a atitude casual do homem. — Bem, não devo mantê-lo longe de seus convidados. Vou sair em breve para visitar a família da minha amiga. Eu me pergunto... existe uma porta lateral que podemos usar? Ela é um pouco tímida para andar por pubs movimentados. Sabe como são as damas com seus modos estranhos.

O senhorio riu em concordância.

— Claro. Vire à esquerda na parte inferior das escadas e sairá na sala e para a rua. Sua senhora não vai se incomodar com multidões se for por esse caminho.

Bob agradeceu interiormente a sua estrela da sorte enquanto acenava com a cabeça.

— Saúde, amigo, isso vai mais do que mantê-la feliz.



— **TEM CERTEZA** de que sabe o caminho para a enfermaria? — Ruby perguntou nervosamente enquanto se aproximavam do grande edifício vitoriano.

— É a segunda vez que me pergunta isso e pela segunda vez eu vou dizer que sim, eu sei o caminho. Freda escreveu em sua carta e disse que havia um grande quadro de avisos dentro das portas principais. Ela também saberia quando estivéssemos chegando e disse que tentaria escapar para nos encontrar, então pare de se preocupar, mulher. E antes que pergunte, eu também sei onde ficam os abrigos antiaéreos e me lembrei de colocar um bilhete no meu sobretudo para o caso de eu ficar em pedacinhos e precisar ser identificado. Está feliz agora? — ele acrescentou com bom humor. Se a verdade fosse conhecida, Bob estava tão nervoso de entrar no hospital quanto Ruby. Em sua experiência, nada de bom parecia acontecer dentro desses lugares.

— Eu sei que nunca conheci a mãe de Freda, mas sinto que depois de todos esses meses com a garota nos escrevendo e nos mantendo informados sobre o que está acontecendo, eu a conheço. Isso é idiota da minha parte? — ela perguntou quando Bob pegou seu braço para ajudá-la a subir um lance de escadas que levava às portas da frente.

— Não, não é nada idiota, amor. De certa forma, sinto o mesmo. Freda faz parte da nossa família e eu senti falta de seu rosto alegre ao redor do lugar. Nem mesmo entrar na Woolworths foi o mesmo desde que ela deixou Erith.

— Eu sei exatamente o que quer dizer, mas não podemos desejá-la em casa conosco, pois isso significa que ela teria perdido a mãe e eu não

desejaria isso ao meu pior inimigo. Falando nisso, conseguiu entrar em contato com a delegacia de polícia em Erith?

— Fiz isso enquanto você desfazia as malas. Falei com o chefe de Mike. Ele se lembra do caso e concorda comigo que Whiffen teria ficado preso por mais de dois anos. Ele vai verificar e sugere que mantenhamos nossas cabeças abaixadas o máximo possível para estarmos do lado seguro.

Ruby parecia preocupada.

— Não gosto nem um pouco de como isso soa. Acho que devemos ir para casa. Podemos cumprimentar Freda e Lenny e avisá-los que Whiffen voltou ao local e depois voltamos para casa.

Bob abriu a porta e eles entraram no grande hall de entrada do hospital. Ele não tinha tanta certeza de que Ruby estava certa no que ela disse. Ele não poderia ir para casa em Erith sabendo que Freda e seu irmão estariam sozinhos em Birmingham com sua mãe muito doente. Os dois não eram muito mais do que crianças, e ele se sentia responsável. Ruby concordaria com ele assim que se acalmasse e pensasse sobre as coisas. Ele conduziu Ruby para dentro e ficou olhando para uma placa pendurada no teto com setas apontando para as proteções. Este era certamente um grande edifício, ele pensou enquanto coçava a cabeça.

— Ruby! Bob! — eles ouviram um grito quando as cabeças se voltaram para onde Freda veio correndo em direção a eles. — Ah, é horrível. Graças a Deus você está aqui. Não sei o que fazer.

— Pronto, pronto, meu amor, estou aqui agora. Qual é o problema? — Ruby olhou para Bob e ergueu as sobrancelhas enquanto segurava Freda e a acalmava com palavras de conforto. Talvez eles tenham chegado tarde demais e a mãe da menina tenha falecido. Ela não esperava que Freda reagisse tão mal, no entanto.

Bob cuidadosamente conduziu as duas até um banco de madeira e ajudou Ruby a se sentar enquanto ainda segurava Freda, que soluçava.

— Agora, talvez você possa nos contar o que aconteceu — ele sugeriu suavemente enquanto acariciava suas costas. Ele se sentiu tão impotente.

Freda olhou para Bob.

— É Lenny, eles o levaram embora.

— Quem? — Ruby e Bob perguntaram ao mesmo tempo.

— Aquele Tommy Whiffen. Ele está de volta e pegou nosso Lenny. Depois de todo esse tempo, pensei que ele estava seguro, mas o homem está de volta e culpando Lenny por ele ter ido para a prisão.

Enquanto Ruby e Bob se entreolhavam, sem saber o que fazer ou dizer, uma jovem enfermeira loira veio correndo pelo corredor.

— Oh Freda, aí está você. Eu tenho caçado alto e baixo por você. Alguém me disse que Lenny estava com problemas e então eu não consegui te encontrar. — A jovem enfermeira parecia angustiada.

Freda notou a expressão confusa de Ruby.

— Esta é Sally. Nosso Lenny está saindo com ela desde que voltou para casa. Sally, estes são Ruby e Bob, você me ouviu falar sobre eles. Eles são como uma família para mim. Não sei o que faria sem eles. — Ela começou a chorar de novo. — Eu me sinto uma tola. Eu disse a Lenny que seria útil para ele ir ao bar e vê-lo para tomar uma bebida, Bob. Então ele poderia trazê-lo de volta ao hospital. Mamãe não está muito bem hoje, então eu não queria deixá-la e ir eu mesma.

Bob franziu a testa para Ruby. Então Lenny poderia ter esbarrado em Whiffen enquanto eles estavam todos no pub.

— Não vimos seu irmão, mas vimos Whiffen conversando com o proprietário, junto com alguns outros homens de aparência rude. Viemos aqui para avisá-los.

— Como sabe que eles estão com Lenny? — Ruby perguntou.

— Ele fez um telefonema para o hospital e um dos colegas de Sally me deu a mensagem. Ele disse que ia observar o homem e segui-lo, pois tinha um pressentimento de que não estava fazendo nada de bom e também estava murmurando coisas ruins sobre Lenny. Isso foi há mais de três horas e ele não voltou ou nos contatou. E se Lenny estiver ferido? Tommy Whiffen deve estar muito bravo com nosso Lenny.

Sally olhou para Ruby e Bob e viu como eles estavam preocupados.

— Lenny me contou o que aconteceu com ele quando era jovem. Ele disse que este homem é perigoso e ficou satisfeito por estar atrás das grades. Por que ele voltou, você sabe?

— Pensei o mesmo, moça, e foi por isso que liguei para a delegacia de Erith para pedir que perguntasse sobre esse sujeito. Algo não está certo aqui. Você acha que eu poderia usar um telefone para que eles saibam o que aconteceu? Não faz mais de uma hora desde que falei com eles, mas é melhor que saibam que Lenny está desaparecido. Eles devem poder entrar em contato com os policiais locais para nos ajudar.

Sally concordou.

— Temos um telefone que os parentes podem usar. Deve estar funcionando, pois não houve ataques na noite passada. É sempre difícil saber se a coisa funciona depois de uma noite de bombardeio. Siga-me — disse ela a Bob.

— Ela parece uma garota legal — disse Ruby enquanto tirava um lenço da bolsa e enxugava os olhos de Freda. Partiu seu coração ver a garota tão chateada.

— Ela gosta muito dele, e nosso Lenny gosta muito dela — disse Freda com um sorriso aguçado.

— É melhor eu arrumar meu chapéu para outro casamento — disse Ruby. — Ficou um desastre depois do casamento de Gwyneth e Mike.

— Por quê, o que aconteceu? Estou tão triste por ter perdido isso.

— Você fez falta,— Ruby disse, dando um tapinha na mão dela. — Mas o telegrama causou risadas.

— Foi ideia do Lenny — Freda disse. — Achei um pouco arriscado. O que aconteceu com seu chapéu?

Ruby se recostou no banco e riu.

— Voltamos para nossa casa depois para uma bebida e uma conversa. Eu escrevi que os pais de Gwyneth ficaram em nossa casa? Bem, estávamos conversando um pouco e eu deixei meu chapéu de lado na cozinha quando coloquei a chaleira no fogo. Enviei Myfi para ver o que Nelson estava fazendo, pois ele estava tão quieto e ela entrou com meu lindo chapéu sem as penas que Maisie havia costurado com tanto cuidado na banda. Aquele cachorro sabia que tinha feito algo errado quando saiu e nem veio implorar por um biscoito.

Freda começou a rir.

— Sinto falta do Nelson. Ele sempre dormia na minha cama. Na verdade, sinto falta de todos vocês e quero muito voltar para casa, para o número 13. É realmente horrível da minha parte dizer isso?

— Não, amor, não é nada mal de sua parte. Você deve se sentir dividida no momento, mas lembre-se de que é um grande conforto para sua mãe agora quando ela precisa de você. Agora, gostaria de me levar para conhecer sua mãe?

Freda assentiu tristemente e foram para a enfermaria onde a cama de Lily estava escondida atrás de uma cortina. Freda puxou a cortina e conduziu Ruby para frente.

— Mãe, esta é Ruby, a senhora com quem moro em Erith. Ela veio vê-la.

Os olhos de Lily tremeram e se abriram lentamente. Ruby nunca em sua vida tinha visto um rosto tão magro ou uma pele tão fina em um ser humano vivo. Era como se ela estivesse olhando para um esqueleto vivo.

— Olá, Lillian. Estou muito feliz em conhecê-la — disse ela, sentando-se na cadeira ao lado da cama.

Os olhos de Lily passaram de Freda para Ruby antes que ela sussurrasse.

— Me pega... alguma... água limpa, por favor... Freda...

Freda pegou a jarra ao lado da cama e fez o que ela mandou, fechando as cortinas ao sair. Lily estendeu a mão para Ruby, que pegou sua mão e se inclinou para perto, ouvindo com atenção enquanto a mulher tentava falar.

— Estou feliz que tenha vindo...

— Não precisa falar, amor. Economize suas forças para tentar ficar boa — disse ela, sabendo que isso nunca iria acontecer.

— Tome... tome... muito... conta... da... minha garota.

— Shh, eu sempre estarei lá para Freda. Não se preocupe — disse Ruby, esforçando-se para conter as lágrimas ameaçadoras. Ali estava ela, uma mulher idosa em forma e bem, enquanto esta pobre mulher desaparecia nesta cama de hospital. A vida era tão injusta às vezes.

Lily agarrou a mão de Ruby, segurando-a com mais força do que um torno.

— Diga a ela... diga a ela que sinto muito... por não... ter sido... uma boa mãe... — ela engasgou. — Eu amo... os olhos de Lily estremeceram, e Ruby observou com admiração como a vida dessa pobre coitada mulher simplesmente se desligou, e os dedos que seguravam sua mão ficaram

flácidos. Olhos que a estavam assistindo apenas alguns segundos antes de olharem para lugar nenhum.

Ruby se inclinou e cuidadosamente fechou os olhos de Lily antes de beijar sua bochecha.

— Cuidarei dos dois enquanto eu viver. Nunca tema, meu amor, nunca tema.



BOB **ESBARROU** em Freda quando ela estava voltando para a enfermaria com a água para sua mãe.

— Você pode dizer a Ruby que estou voltando para o pub para ver o que aconteceu com seu irmão. A polícia local estará lá em breve, então ela não precisa se preocupar comigo. Parece que o cara escapou da prisão e eles estão procurando por ele há uma semana.

— Não sei, Bob. Aquele Whiffen pode ser bem violento. Ruby nunca nos perdoará se algo acontecer com você. Espere um minuto enquanto deixo isso ao lado da cama da mamãe e depois vou lhe fazer companhia.

— Não, você não pode. Pode ser reconhecida, então estaríamos ainda mais em apuros com Ruby.

Freda riu.

— Percebe que temos mais medo de Ruby do que de um criminoso?

— Eu vou com você — disse Sally ao se juntar a eles. — Estou prestes a sair de serviço e não consigo descansar sabendo que Lenny pode estar em perigo. Nenhum deles me conhece e se alguém se machucar, eu serei útil. Eu também posso correr rápido — acrescentou ela, vendo o olhar preocupado de Bob.

Bob pensou por um momento.

— Isso faria sentido. O proprietário sabe que estou visitando a família para que possamos dizer que você é minha filha, se ele perguntar.

— Ainda vou com você — disse Freda obstinadamente. — Posso ficar no final da rua e chamar a polícia se algo acontecer.

Bob concordou com a cabeça.

— É melhor começarmos a agir.

Freda entregou o jarro de água para uma enfermeira que passava e pediu que ela avisasse Ruby que eles ficariam fora por um tempo, sem saber que atrás da cortina no final da enfermaria Ruby estava segurando a mão de sua mãe enquanto Lily se afastava.

— Então, qual é o plano?

perguntou Sally quando chegaram ao final da rua.

— Freda, você vai ficar aqui e, se acontecer alguma coisa, use a cabine telefônica da estrada e ligue para este número. Pergunte pelo sargento Charles Nugent. Ele está ciente da situação e passará a informação para seu chefe — disse ele, entregando a Freda um pedaço de papel e uma pilha de moedas. — Vamos entrar no pub para tomar uma bebida e ficar de olhos e ouvidos abertos. Ninguém deve bancar o valente e tentar qualquer coisa, independentemente do que testemunharmos. Está entendido? — ele disse, dando a ambas um olhar duro.

— Que tal um sinal se algo der errado? — perguntou Freda.

Bob riu.

— Andou assistindo aqueles filmes policiais de Johnny Johnson de novo, não é? Eu te digo o quê. Se um de nós acenar algo da porta do pub, deve entrar em ação. Isso é bom o suficiente?

As meninas assentiram, e Sally pegou o braço de Bob enquanto se dirigiam para o pub.

— O que gostaria de beber, minha querida? — Bob perguntou enquanto eles estavam juntos no bar.

— Um copo pequeno de cerveja seria ótimo, obrigada, vovô — ela respondeu com um sorriso enquanto ele parecia surpreso.

— Sou muito jovem para ser sua filha — ela sussurrou enquanto o senhorio se virava para pegar um copo.

— Eu vou querer o mesmo. Melhor não comer demais ou minha amiga vai ficar chateada — disse ele quando o homem voltou.

— Ela não está com você, senhor?

— Saiu para fazer compras — disse Bob.

— E sua neta é enfermeira? Não mencionou isso antes.

— A maior parte da família está na profissão, então vovô não teria pensado em dizer — disse Sally docemente. — Podemos nos sentar ali, vovô? Meus pés estão me matando depois do meu longo turno.

— Vou levar as bebidas — disse o proprietário.

Bob a levou para um assento do outro lado do lugar, onde ela o cutucou e acenou para onde um grupo de homens estava com as cabeças juntas conversando baixinho. Entre eles, ele viu o sujeito que Ruby disse ser Whiffen.

— Não consigo ver Lenny — disse Sally, tentando não olhar muito para o caso de os homens notarem. — Este é um bom pub. Você tem muitos hóspedes? — ela perguntou ao senhorio quando ele apareceu com suas bebidas.

— Não, amor, apenas seu avô e a amiga dele — disse ele antes de retornar ao bar.

— Agora, o que vamos fazer? — ela perguntou a Bob.

— Nós sentamos e observamos — disse ele com um sorriso. — Por que você não me conta um pouco sobre você enquanto esperamos nossa

hora?

Eles terminaram suas bebidas e nada aconteceu além do proprietário ocasionalmente descer ao porão pela entrada ao lado do bar e depois retornar de mãos vazias com um olhar preocupado no rosto.

— Isso parece estranho — disse Sally. — Ele não voltaria com garrafas ou estoque? É quase como se ele estivesse verificando alguma coisa... ou alguém?

Bob ergueu as sobrancelhas.

— Poderia ter algo lá. Faça-me um favor e mantenha o proprietário distraído enquanto dou uma olhada. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma nota de dez xelins. — Compre mais algumas bebidas e mantenha-o falando.

Sally fez o que lhe foi ordenado e observou com o canto do olho enquanto falava com o homem sobre o hospital e a guerra. Ele ficou lisonjeado com a atenção dela e não prestou atenção ao resto do bar até ouvir o som de algo caindo no chão no porão.

— O que... — gritou ele enquanto se dirigia na direção do barulho, deixando Sally sozinha. Foi então que ela percebeu que Whiffen e um de seus companheiros tinham sumido.

Sem parar para pensar, Sally foi até a porta externa e tirou sua capa azul-marinho, acenando para Freda, que fez um sinal de positivo com o polegar e foi até a cabine telefônica. Voltando para dentro, ela se perguntou o que fazer a seguir. A porta da adega era de madeira maciça com ferrolhos de metal. Talvez se ela trancasse a porta pelo menos os vilões não poderiam escapar? Mas e quanto a Lenny e Bob, eles estariam seguros? Eles já estavam em desvantagem de três para um se ela incluísse o proprietário. Sim, ela trancaria a porta, ela decidiu, enquanto se dirigia naquela direção. No canto do pub, os outros dois homens a observavam atentamente.

— Eu fugiria se fosse vocês — ela gritou para eles. — Minha amiga lá fora chamou a polícia e eles estão a caminho.

Os homens se levantaram e deixaram o bar quase imediatamente. Sally alcançou a porta e a estava empurrando para fechá-la quando alguém do outro lado deu um empurrão e ela caiu esparramada no chão de madeira dura. Lenny passou pela entrada seguido por Bob, que se virou e trancou a porta com segurança.

— O que estava fazendo aí embaixo? — ele perguntou enquanto Lenny ajudava Sally a se levantar e a abraçava.

Enquanto a polícia levava Whiffen e seus homens, Freda explicou como a força havia chegado assim que o resto da gangue de Whiffen havia deixado o pub.

— É um alívio saber que o homem está atrás das grades — ela suspirou. — Acho melhor voltarmos ao hospital para ver mamãe e Ruby.

— Vou usar o telefone do proprietário para avisar Ruby onde estivemos todo esse tempo.

Os jovens sentaram-se e conversaram animadamente enquanto Bob procurava o telefone. Freda podia ver o quanto seu irmão estava apaixonado pela enfermeira de olhos brilhantes enquanto eles estavam sentados de mãos dadas.

Um Bob de rosto triste voltou segurando uma bandeja contendo quatro copos de conhaque.

— É melhor beberem isso, pois tenho uma notícia triste para vocês.



JULHO DE 1944

BETTY CAMINHOU pela loja movimentada. Mesmo sendo verão, seus pensamentos nunca estavam longe da próxima estação e isso significava meses frios se aproximando. Ela estava mais consciente do que nunca de que a Woolworths deveria desempenhar seu papel em manter os compradores aquecidos e felizes. Um estoque de cobertores do exército estava para chegar a qualquer momento, e ela estava ansiosa para fazer uma exibição que atrairia seus clientes para os muitos usos desses itens de aparência monótona.

— Sarah — ela disse enquanto se aproximava do supervisor, instruindo dois novos funcionários sobre como exibir louças em um balcão sem fazer com que os itens caíssem no chão. — Poderia me acompanhar por alguns minutos?

— Certamente, Sra. Billington — Sarah disse, e depois de algumas palavras com as duas jovens, ela seguiu Betty em direção às grandes vitrines da loja. — Estamos planejando um novo mostruário?

— Não, embora eu gostaria que pensássemos sobre o que podemos fazer com esse estoque de cobertores que estão para chegar. Empilhá-los em um balcão e vê-los sendo vendidos parece tão pouco inspirador. Sinto como se quisesse adicionar uma pitada de diversão à loja pelo menos uma vez. Parece que faz tanto tempo desde que fizemos algo excitante. Talvez pudéssemos juntar nossas cabeças e tentar ter algumas ideias.

Sarah pensou por um momento.

— Precisamos de informações de Freda e Maisie. São elas que têm todas as boas ideias. Eu sou apenas a garota que faz o que elas mandam — disse Sarah. — Até Gwyneth é uma mãozinha em fazer coisas hoje em dia desde que Freda a convenceu a ajudar com os brownies.

— Então deveríamos ter uma tarde agradável pensando em ideias e talvez comendo alguns bolos e tomando chá. Por que vocês todas não vêm à minha casa no próximo intervalo e podemos sentar no meu jardim e colocar os pés para cima? Maureen tem me dado aulas e minhas habilidades de panificação estão melhorando o tempo todo. Douglas diz que vou fazer de alguém uma esposa perfeita um dia desses — ela riu.

Sarah sorriu, lembrando-se da mulher severa que a empregava quando chegou a Woolworths. Quem sabia que esta mulher de família calorosa e amigável estava escondida sob aquele exterior severo de uma solteirona obstinada? Como nossas vidas podem mudar, ela pensou consigo mesma, e colocou a mão gentilmente na barriga.

— Você certamente vai — ela concordou.

Betty franziu a testa enquanto olhava para sua jovem amiga.

— Existe algum segredo que ainda não compartilhou? — ela perguntou.

— Oh Betty, confie em você para adivinhar. Sim, estou esperando. Não é emocionante? Eu estava morrendo de vontade de contar tudo a vocês, mas queria esperar até sentir que era a hora certa, e com Alan fora em seu último curso de treinamento, era certo para nós dois darmos as boas notícias aos nossos pais juntos antes de contar aos meus amigos. Contamos para mamãe, papai e Maureen ontem à noite. Eles estão muito felizes, embora mamãe tenha dito que a fazia se sentir velha por ser avó de dois.

— Isso soa como Irene. O que Ruby disse?

— Vovó tinha adivinhado. Nada passa por ela, mas ficou quieta, sabendo como tínhamos que contar a todos na ordem certa. Estou surpresa que ninguém tenha notado, pois estou chorando ou querendo cantar do alto dos telhados. Meu humor tem sido tão instável.

— Estou realmente emocionada por você e Alan e, claro, Georgina. Eu me pergunto como ela será com um irmãozinho ou irmãzinha?

— Espero que, com ela tendo quatro anos, entenda sobre o bebê e seja uma pequena ajudante para a mamãe.

Betty pegou o braço de Sarah e a moveu para o lado enquanto um cliente passava apressado com uma cesta no braço.

— Quando será o “então”?

— Não até o Ano-Novo. Meu médico disse que sendo meu segundo filho, e com Georgina tendo chegado mais cedo, eu poderia até ter um bebê de Natal. Não seria maravilhoso?

Betty sorriu com prazer.

— Certamente seria uma época alegre do ano para receber uma criança. Você é realmente abençoada, Sarah.

— Quem sabe a guerra pode até terminar antes que este pequeno chegue.

Betty concordou com a cabeça.

— Só podemos esperar. A invasão da Europa aproximou tanto o fim da guerra que a profecia anual de Ruby de que a guerra terminará no Natal deve se tornar realidade muito em breve.

Sara riu.

— Nós criticamos vovó sobre isso, mas tenho a sensação de que a vida em breve será muito mais feliz, então ela pode estar certa este ano.

— Agora, vamos fazer arranjos para que todos venham à minha casa e possamos comemorar em grande estilo com um dos meus bolos. Certifique-

se de que Gwyneth a acompanhe também.

— Farei isso e ficaremos ansiosas pelo seu cozimento. Mas Betty, por favor, não coma bolos se não se importar

Betty fingiu franzir a testa, embora seu sorriso a traísse.

— Eles não foram um grande sucesso, foram? Pode ter sido a falta de frutas secas.

— Ou substituir a margarina por banha — disse Sarah, franzindo o nariz.

— Pode ter sido isso — Betty riu enquanto observava Sarah voltar para seu trabalho, seu sorriso escorregando por um momento para mostrar a tristeza que ela fez o possível para esconder dos outros.



— **VOCÊ ESTÁ** decente? — Ruby gritou enquanto batia na porta fechada do quarto de Bob. — Tenho sua roupa limpa aqui e cerzimos os dedos das suas meias marrons, embora pareça haver mais lã de cerzir do que meia original. Você pode pensar em algumas novas. Vou ver se eles têm alguma lã em Woolworths e vou fazer para você.

A porta se abriu para um Bob sorridente.

— Você sempre fala com uma porta fechada? — disse ele. — Se não estivesse tagarelando tão alto, teria me ouvido dizer que estou decente e entraria.

— Não estou ultrapassando a soleira desta sala, Bob Jackson. Não está feito, já que não somos casados. — Ruby mordeu a língua assim que percebeu o que havia dito. Eles estavam bem juntos desde que ele se mudou para o antigo quarto de Gwyneth. Agora ela tinha ido e tocado no assunto, e ele era obrigado a não desistir sobre eles se casarem.

Bob ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso triste para Ruby.

— Não se preocupe, Ruby Caselton, nunca mais vou incomodá-la com essa pergunta. Quando for a hora certa, isto é, se você não mudou de ideia, pode fazer o pedido. Por enquanto, estou confortável em vê-la todos os dias e viver sob seu teto. Ora, eu posso até fazer um pouco de decoração. Isso se concordar que eu faça algumas coisas pela casa.

Ruby se sentiu tão culpada como se tivesse assassinado o homem e o plantado sob seus arbustos de groselha. Bob era um homem decente e ela realmente o amava. Por mais que tentasse, não conseguia tirar esse pensamento bobo de sua cabeça sobre seu Eddie lhe dando um sinal.

— Bob, eu deveria estar me desculando com você por mantê-lo pendurado assim. Também devo dizer que, se você mudar de ideia, não vou cobrar sua promessa. — Ela olhou para a mão onde o anel que ele havia colocado em seu dedo brilhava. — Eu deveria devolver isso para você, é justo — disse ela, começando a remover o anel.

— Não seja idiota, mulher. O que eu faria com algo assim? É um presente, então nunca deve ser devolvido. É também um símbolo do meu amor e admiração e contanto que você possa vê-lo todos os dias, então vai fazê-la se lembrar de mim. Se eu vir que o anel foi retirado, esse será meu sinal para fazer minhas malas e ir embora.

Ruby pensou um pouco antes de deslizar o anel de volta pelo dedo.

— Não preciso de um anel para me lembrar de você, Bob. Penso em você quando estou cozinhando suas refeições e penso em você quando estou tricotando suas meias.

— E quando você vai dormir todas as noites? — ele perguntou gentilmente.

— Eu posso ouvi-lo roncando através da parede, então é provável que eu nunca te esqueça. — Ela não acrescentou que o viu em seus sonhos e seu

coração batia um pouco mais rápido sempre que o via do outro lado da sala. Isso era para meninas, não para avós e mulheres que já haviam se casado antes. Ele pensaria que ela era uma idiota e que não faria aquilo de jeito nenhum.



— **NÃO ESPERAVA** que o ônibus demorasse tanto para nos levar até Betty — reclamou Maisie. — Juro que meus tornozelos incharam dez vezes mais. É melhor Betty ter a chaleira ligada, estou engasgando por uma bebida. Agora temos todos esses degraus para subir até a porta da frente.

Freda sorriu para Sarah e Gwyneth. Elas estavam andando vários passos atrás de sua amiga, que não parava de reclamar desde que se encontraram para pegar o ônibus para a casa de Betty.

— Qualquer um pensaria que você não teve um bebê antes — ela brincou com Maisie.

— Não foi nada assim da última vez, posso lhe dizer — disse Maisie, parando para esfregar as costas antes de começar a subir os degraus íngremes. — Carregar nossa Ruby foi tão fácil quanto uma torta. Este é como um elefante em comparação. Deve ser um menino, com toda a indigestão que tive, além de problemas para dormir. Estou tão quente que acho que você poderia fritar um ovo na minha testa.

— Bem, eu acho que está maravilhosa. Eu só espero que eu pareça tão glamorosa quando minha hora chegar — disse Gwyneth.

— Você não está, está? — perguntou Maisie, virando-se para olhar os poucos degraus que ela já havia subido. — Porque se estiver, posso passar meus vestidos se quiser emprestados.

As meninas todas pararam e olharam para a linda garota galesa com entusiasmo.

Os olhos de Gwyneth se iluminaram. Maisie tinha usado suas habilidades de costura com grande efeito fazendo vestidos de verão de algodão soltos que ainda tinham estilo enquanto cobriam sua circunferência gradualmente expandida.

— É muita gentileza sua e mal posso esperar para usá-los, mas no momento não preciso deles. Um dia, em breve, talvez?

— Vou embalá-los e colocar seu nome neles como próxima usuária — disse Maisie enquanto começava a subir os degraus mais uma vez, dando um suspiro ao chegar ao topo e bater na porta.

Sarah respirou fundo.

— Na verdade, há mais alguém que gostaria de pegá-los emprestados, se não se importar.

Freda gritou de prazer.

— Você não está, está?

— Oh, isso é uma notícia maravilhosa — Gwyneth sorriu. — Não há nada melhor do que muitos bebês entre amigas.

Maisie olhou para a amiga e sorriu.

— Achei que você estava começando a preencher seus Woolies rapidamente — disse ela antes de cair na gargalhada. — Freda, é melhor começar a tricotar mais rápido.

— O que é toda essa comoção? — Betty disse enquanto abria a porta da frente. — Eu podia ouvir a emoção até o jardim dos fundos. Entre, Maisie, está da cor de uma beterraba. Este sol não pode estar lhe fazendo bem em sua condição. Você pode ter o assento do jardim sob a macieira e colocar os pés para cima por um tempo. Ainda estou superando você quase

dando à luz seu primeiro filho na minha loja. Ainda não estou pronta para repetir o processo e certamente não em minha própria casa.

Maisie deu uma gargalhada.

— Não sei, é uma bela casa. Eu não me importaria de passar algumas semanas aqui sendo atendida confortavelmente — acrescentou enquanto atravessavam a grande sala de estar aberta em direção à porta que os levava ao jardim gramado. — Você poderia começar uma maternidade para as trabalhadoras da Woolworths do jeito que estamos começando a procriar.

Betty olhou para Gwyneth, que estava admirando a vista do jardim.

— Você também não?

— Desculpe, não sou culpada... bem, não no momento de qualquer maneira — ela sorriu para sua chefe.

— Ela ainda está praticando — disse Maisie, dando uma piscadela para Betty.

— Sou só eu que me sinto desconfortável quando você vem com seus ditados? — perguntou Betty.

Sarah também ficou um pouco rosada.

— Nunca vou me acostumar com o que sai da boca de Maisie — ela riu. — Mas nós te amamos por isso — ela acrescentou rapidamente, caso sua amiga se ofendesse.

— Então são só vocês duas esperando eventos felizes? — disse Betty, tentando levar a conversa adiante.

— Você sabia? — Freda disse, parecendo desapontada.

— Só por alguns dias. Sarah estava parecendo um pouco nervosa no trabalho e isso surgiu na conversa. Posso garantir que Sarah disse que não faria nenhum anúncio por um tempo.

— Fora com minhas amigas hoje — disse Sarah, dando um abraço rápido em Freda. — Não queria tentar o destino dizendo nada cedo demais.

Nunca se sabe o que pode acontecer.

— Eu não sei disso — disse Maisie um pouco triste enquanto se sentava no confortável banco do jardim enquanto Betty colocava almofadas em volta dela. — Mas tudo acabou bem — acrescentou, sem querer preocupar as presentes que ainda não tinham tido a experiência de carregar um bebê.

Sarah esticou as pernas e suspirou quando o sol aqueceu seu rosto.

— É assim que eu imagino estar de férias — ela suspirou. — Sem ataques aéreos, sem medos e apenas... bem, apenas nada para se preocupar. Talvez agora que Hitler está fugindo possamos começar a pensar em feriados — disse ela sonhadoramente.

— Não consigo pensar em feriados sem saber que meu David está em Londres quase todos os dias com as bombas de zumbido miseráveis chegando — disse Maisie, temerosa.

— Você quer dizer os *doodlebugs*? — perguntou Gwyneth. — Mike disse que houve alguns ferimentos horríveis deles e o pior é que você não sabe que eles vão bater até que o som pare.

— David ouviu alguns e disse que tudo o que você pode fazer é se proteger e rezar para que acabe, mas então você sabe que alguma outra pobre alma será alcançada.

As meninas olharam para as nuvens brancas acima e ficaram em silêncio.

Freda podia ver que ela teria que animar suas companheiras. Elas foram além do chamado da amizade quando ela esteve em Birmingham e depois que sua mãe morreu. Era justo que fizesse o possível para mantê-las alegres agora. Especialmente com Maisie e Sarah aumentando sua lista de afilhados, sobrinhas e sobrinhos. Elas podiam não ser parentes de sangue,

mas para as crianças sob os cuidados de seus amigos, Freda era conhecida como tia.

— Então, Sarah, quando podemos esperar ouvir o tamborilar de pezinhos?

— No início do Ano-Novo, ou se o bebê estiver tão ansioso para vir quanto Georgina, pode até ser em algum momento do feriado de Natal.

Freda suspirou.

— Eu amo o Natal e pensar que poderíamos ter mais dois bebês na família até lá é tão emocionante. É melhor eu tricotar.

— E é melhor eu comprar mais alguns vestidos ou vamos brigar sobre o que vestir com as duas esperando ao mesmo tempo — disse Maisie. — Além disso, se eu não começar a costurar logo, minha barriga em expansão não me deixará chegar perto o suficiente da máquina de costura para fazer qualquer coisa, e as meninas estão crescendo tão rápido que precisam de coisas novas.

— Precisamos juntar as roupas de nossas crianças — sugeriu Gwyneth. — Eu tenho um casaco perfeitamente bom, para o qual Myfi cresceu, que caberia em sua Bessie ou Claudette.

— Tenho uma pilha de roupas que Clemmie e Dorothy deixaram de usar — disse Betty ao se aproximar com uma bandeja de chá cheia. Freda pulou para ajudar. — Poderíamos começar a troca de roupas de nossos próprios filhos entre nós. Por que não vamos lá em cima e resolvemos tudo depois do chá? Posso pedir para Douglas deixar as roupas no carro funerário quando ele estiver vindo na sua direção — disse ela enquanto começava a distribuir os pratos.

Sarah estremeceu.

— O que há de errado? — perguntou Betty. — Você ficou bastante pálida.

— Senti alguém andando sobre meu túmulo — disse Sarah, sacudindo-se. — Há anos não tenho essa sensação. Não desde antes de Alan se perder em ação.

Gwyneth parecia confusa.

— O que quer dizer com alguém andando sobre seu túmulo?

— É um ditado — explicou Freda. — Quando você sente que algo vai acontecer, mas não tem certeza do quê.

— Oh meu Deus — disse Gwyneth, parecendo preocupada.

— Ah, vamos, meninas. Não comecem a acreditar em bobagens supersticiosas. Provavelmente fui eu que mencionei Douglas dirigindo o carro funerário.

Maisie olhou para Sarah.

— Bem, isso não a afetou dessa vez. Vamos comer uma fatia do seu bolo. Isso vai animá-la.

— Não fale de mim como se eu não estivesse aqui — Sarah disse enquanto outro estremecimento percorria sua espinha. Ela colocou as mãos sobre o estômago protetoramente e tentou fingir que nada tinha acontecido. Meus nervos estão altos e baixos desde que espero este bebê. Isso é provavelmente normal, ela pensou consigo mesma.



— **HÁ ALGUMAS** peças adoráveis aqui — disse Maisie enquanto segurava um lindo casaco azul marinho e um chapéu combinando. — Acho que vai servir para Claudette, um deleite. Tem certeza de que não posso lhe dar um pouco de dinheiro por este pequeno lote? — ela perguntou, olhando para o monte de roupas empilhadas nas camas das crianças.

— Que pena, Maisie, depois do que você fez e consertou para nós ao longo dos anos, isso é apenas um pouco do que sinto que lhe devo. Ver Bessie, Claudette e Myfi fazendo uso desse lote já é um pagamento suficiente.

— Vamos levar tudo para baixo? — perguntou Freda enquanto começava a empilhar vestidos e suéteres nos braços de Gwyneth.

— Sim, por favor, então Douglas não vai esquecer de levá-los com ele amanhã.

Maisie começou a rir.

— Posso imaginar o rosto de Vera se ela vir um carro funerário parando do lado de fora da minha casa. Ela vai subir a estrada o mais rápido que suas perninhas puderem carregá-la para descobrir o que está acontecendo.

— Pobre Vera, eu me pergunto se ela algum dia mudará de atitude — disse Betty com um sorriso.

— Deus a abençoe, ela não tem estado tão mal ultimamente desde que sua Sadie e o bebê vieram morar com ela. Vovó disse que Vera está muito ocupada agora que Sadie está falando em voltar ao trabalho para pagar sua passagem — disse Sarah. — Aqui, Freda, dê-me alguns desses e eu ajudo vocês duas a descer — ela acrescentou, pegando algumas roupas da amiga e seguindo Gwyneth e Freda pela escada íngreme.

Maisie se levantou de onde estava sentada no canto de uma cama e foi ajudar, mas Betty segurou seu braço.

— Espere um minuto, Maisie, eu queria perguntar se havia alguma notícia de seu irmão. Seu David falou com ele sobre sua mãe e as filhas dele?

Maisie encolheu os ombros.

— Nem um piu. David escreveu em todos os lugares e em qualquer lugar, mas não tivemos um pinga de sorte. O único consolo é que ele não pode estar morto ou estaria em uma lista em algum lugar.

— Então as meninas continuarão morando com você num futuro próximo?

— Parece que sim, mas para ser honesta, eu ficaria chateada se elas fossem embora agora. É como se elas sempre fossem parte da minha família. Já se passaram quatro meses e eu as amo demais.

— Você é uma boa mulher, Maisie... o que quer que Freda esteja gritando... oh meu Deus...!

Betty e Maisie se abraçaram enquanto ouviam o som raivoso do que parecia ser um avião voando baixo se aproximando, fazendo os mais estranhos sons de phut phut.

— Deve ser um daqueles bichinhos que estão explodindo por toda Londres — disse Maisie, tentando controlar a situação. — Temos que descer e nos abrigar. Se o motor dessa coisa desligar, levará apenas alguns segundos antes de atingir o chão e explodir pelo que David me disse. Vamos, Betty... — disse ela, agarrando a amiga e arrastando-a para as escadas. Grávida ou não, Maisie voou como o vento com Betty logo atrás, sabendo que poderiam ser mortas a qualquer momento.

— Onde fica o seu abrigo? — perguntou Freda enquanto as meninas se esbarravam na base da escada.

— Shh, escute — disse Gwyneth. A cor sumiu de seus rostos quando Freda, que estava mais perto da porta dos fundos, olhou para fora e gritou. — Posso ver e está quase no alto. Abaixem-se, todas, agora!

Betty abriu uma porta próxima com um chute.

— Aqui embaixo, não há muito espaço, mas... — ela nem terminou o que estava dizendo quando um rugido todo-poderoso, mais alto que um

trovão e capaz de um abalo maior do que qualquer bomba que elas haviam experimentado desde o início da guerra chocou suas almas.

Betty voltou a si, ofegante e se perguntando o que tinha acontecido. O ar estava cheio de poeira e ela não conseguia ver nada. Enquanto sua mente clareava, ela se lembrou de Freda dizendo que ela podia ver o *doodlebug* e depois nada. Ela se levantou, ciente de que a parede do corredor onde ela estava pronta para levar suas amigas para o porão havia desaparecido, assim como a parede externa, pois através da nuvem de poeira ela podia ver a luz do dia. Um gemido próximo a trouxe de volta aos seus sentidos.

— Maisie... Sarah... Freda... Gwyneth... por favor, deixe-me saber que vocês estão bem — ela gritou através de acessos de tosse. Ela esperou com a respiração suspensa, rezando para que todas as suas amigas respondessem.

— Estou aqui e estou bem — gritou Sarah de algum lugar na área da sala da frente. — E o resto de vocês?

— Alguns arranhões nos joelhos onde caí, mas acredito que é tudo — disse Gwyneth, com voz trêmula.

— Maisie, Freda, por favor me respondam — Betty gritou enquanto recuperava as forças. Silêncio.

— Maisie, por favor, deixe-me saber que você ainda está conosco? — Betty chamou novamente com medo em sua voz. A poeira estava começando a baixar um pouco e quando o sol começou a brilhar através dos escombros, ela vasculhou o que antes era sua bela casa, procurando as pessoas que importavam tanto para ela. — Maisie... ?

— Droga, eu pensei que estava perdida — disse Maisie enquanto lutava para ficar de pé com uma trouxa de roupas das crianças ainda debaixo do braço.

— Como se sente? — perguntou Sarah, escalando o torno e o gesso que haviam caído do teto e das paredes, até chegar à amiga. — O bebê está bem?

Maisie riu enquanto enxugava o rosto com a mão livre.

— Eu pousei neste monte de roupas. Você poderia dizer que a troca de roupas de nossos filhos suavizou minha aterrissagem e salvou meu bebê — ela sorriu, antes de cair em lágrimas ao sentir um pequeno chute. — Obrigada, Senhor.

Gwyneth se aproximou de Maisie.

— É melhor sairmos daqui o mais rápido possível — aconselhou ela. Entre elas, as três mulheres a ajudaram a ir até a porta dos fundos ao mesmo tempo em que chamavam por Freda e esperavam que ela não estivesse gravemente ferida – ou pior.

— Olhem! Lá embaixo. — Gwyneth apontou antes de correr para onde Freda estava deitada na grama perto de onde todos estavam sentadas mais cedo. Ela se ajoelhou ao lado da jovem e pegou sua mão para verificar o pulso. — Freda, fale comigo — gritou ela.

— Estou bem. Não há necessidade de verificar se estou morta. Estou sem fôlego depois de voar pela porta dos fundos. Não é uma experiência que eu queira repetir — ela acrescentou fracamente quando as outras chegaram ao seu lado e a ajudaram a se levantar. — Vou ficar toda machucada e não conseguir me sentar por um tempo. — Ela estremeceu enquanto esfregava o traseiro.

Betty endireitou os bancos do jardim e pediu às amigas que se sentassem e descansassem.

— Ah, Betty, sua linda casa — disse Sarah enquanto olhavam para o longo jardim. Faltavam janelas; havia parte do telhado desaparecido e uma

parede lateral restante apenas parcialmente. A apenas duas casas de distância havia grandes lacunas onde antes ficavam as casas.

— Nós nos safamos com nossas vidas — Betty respondeu estoicamente. — Temo que alguns dos meus novos vizinhos podem não ter tido tanta sorte. Uma casa pode ser reparada ou reconstruída, mas imagino que nesta rua esta tarde algumas pessoas tenham perdido a vida.

— Devemos ir ajudar — disse Gwyneth, levantando-se.

— Não. Você fica aqui e espera. Há um posto ARP na estrada e posso ouvir sinos do quartel de Bombeiros, então a ajuda estará aqui em breve para essas pobres pessoas.

Sarah esfregou as orelhas.

— Tudo soa abafado para mim.

— Será a força da explosão — explicou Freda. — Dê algumas horas e sua audição deve voltar ao normal. Eu sugiro que vocês duas descansem por alguns dias. O choque do que aconteceu pode afetar os bebês. Todos nós passamos por bastante coisas nos últimos anos, então esperamos que este seja o fim de qualquer problema para nós e nossas famílias — disse ela com um sorriso triste.

Sarah assentiu com a cabeça, mas ao fazê-lo sentiu o frio familiar rastejar por sua espinha. Ela fechou os olhos e rezou.



NOVEMBRO DE 1944

— **UM MÊS** para o dia de Natal, para onde foi o ano? — perguntou Maureen, sentando-se ao lado de Irene na parte de trás do ônibus.

— Pelo menos estamos aqui para celebrar a ocasião com nossas famílias. Meu sangue gela toda vez que penso na fuga por pouco que as meninas tiveram quando aquele *doodlebug* explodiu perto da casa de Betty — respondeu Irene enquanto entregava moedas à condutora e agradecia pelos tíquetes.

Maureen assentiu. — Tudo está bem quando acaba bem e Betty já voltou para sua casa reformada. Seus vizinhos não tiveram tanta sorte, no entanto. Eles dizem que, se seu nome estiver em uma bomba, não há nada que você possa fazer a respeito.

— Isso é bobagem e você sabe disso, Maureen. Todos nós temos tantas chances de ser mortos quanto qualquer outra pessoa — disse Irene, colocando a amiga em seu lugar. — Olhe para a mãe da pobre Freda. Ela morreu jovem e a guerra não teve nenhum papel nisso. Você simplesmente não sabe o que está por vir.

Maureen acenou com a cabeça. — Isso é verdade e é por isso que a vida deve continuar ou Hitler e seus comparsas venceram. Pelo menos nossas meninas estão fazendo sua parte trazendo uma nova vida ao mundo. O bebê de Maisie pode nascer a qualquer momento e, se o que Sarah diz estiver certo, ela pode dar à luz no Natal e não no Ano-Novo, então teremos muitos bebês para abraçar durante o período festivo.

Irene riu. — Ah, você e seus abraços. Sempre tem uma criança no colo.

— Você também se abrandou, Irene Caselton. Ora, eu até vi você sentada no chão brincando com nossa Georgina. — Ela deu um tapinha no joelho da amiga. — Somos mulheres sortudas, não somos?

— Você nunca disse uma palavra mais verdadeira. Teremos ainda mais sorte se a Woolworths tiver alguma dessas panelas e frigideiras em estoque quando chegarmos lá. Graças a Deus Betty nos deu a dica de que a loja de New Cross estava esperando uma entrega. É uma pena, porém, que a filial de Erith não as tenha recebido, pois isso nos salvaria nesta jornada.

Maureen sorriu para si mesma. Irene sempre conseguia encontrar algo para reclamar.

— Estou gostando da viagem. Foi bom pegar o trem para New Cross e o ônibus não vai demorar muito. É bom ver novas áreas.

— Mesmo que tantas cidades sejam bombardeadas em pedacinhos? Mas é interessante ver esses lugares na vida real, e não no Pathé News no cinema. Posso ver Woolworths à frente. Olhe para a fila...



BETTY OBSERVOU enquanto Sarah saía correndo do escritório. Nenhuma persuasão a impediria de acompanhar Freda em sua motocicleta até a filial de Woolworths em New Cross. Com mais de sete meses de gravidez, Sarah não deveria estar fazendo essas coisas, mas qualquer pessoa na mesma situação de saber que sua mãe e sogra poderiam estar em perigo teria feito o mesmo. Freda garantira a Betty que cuidaria bem da amiga.

Betty sentou-se à sua mesa e pensou um pouco antes de pegar o telefone e fazer uma ligação para Vickers, na vizinha Crayford, onde pediu para falar com George Caselton. Ela rapidamente o informou do que sabia.

O homem atordoado agradeceu e prometeu mantê-la informada sobre quaisquer desenvolvimentos. Ela olhou para o fone antes de fazer uma segunda ligação para David Carlisle. Se havia um homem que podia mover céus e terra para ajudar seus amigos, então ele era a pessoa. A ligação permaneceu sem resposta. Ela pegou seu casaco e saiu pela porta do escritório. Parando para pegar Gwyneth, que estava trabalhando no balcão de produtos de Natal, elas correram para a casa de Ruby na Alexandra Road.

Chegando sem fôlego, Gwyneth bateu na porta da frente.

— Olá — disse Bob enquanto abria a porta com a jovem gordinha Ruby debaixo do braço. — Acho que você já ouviu a notícia? — Vendo seus rostos perplexos, ele acrescentou: — Maisie está no Hainault dando à luz o irmão ou a irmã desta pequenina. A última vez que ouvimos, David estava andando de um lado para o outro na sala de espera esperando notícias. Ruby está se preparando para ir até lá e fazer companhia a ele. — Ele olhou para o rosto branco de sua nora, Gwyneth, e franziu a testa. — É outra coisa, não é? Mike sofreu um acidente?

Balançando a cabeça, Gwyneth pegou o bebê dele quando entraram na casa.

— Ruby, você tem visitas. É melhor descer aqui — gritou ele, subindo a escada íngreme. — Consegui pegar alguns rolos de papel de parede da Misson's Ironmongers, então ela começou a descascar as paredes do meu quarto. Eu disse que faria isso, mas você sabe como ela é...

Betty tentou sorrir, mas a pressa a deixou tonta e ela se sentou de repente e fechou os olhos.

— Desculpe, vou ficar bem em alguns minutos.

— Vou pegar um copo d'água para você — disse Bob, saindo correndo da sala. Passando por Ruby na porta, ele franziu a testa e acenou de volta

para as duas mulheres para mostrar que estava preocupado com a chegada delas.

— Olá, meus amores, esta é uma hora engraçada do dia para uma visita quando vocês duas deveriam estar no trabalho. Woolworths caiu? — ela riu de sua própria piada.

Betty colocou a mão sobre a boca, saiu correndo do quarto e pela porta da frente que estava mais perto do que o jardim dos fundos. Ela podia ser ouvida passando mal no pequeno jardim da frente.

— O que aconteceu? — Ruby perguntou enquanto as duas mulheres se levantavam para ir ver Betty.

Depois que elas ajudaram Betty a voltar para dentro e a fizeram deitar no sofá com os pés para cima e um pano frio na testa, Gwyneth explicou o máximo que pôde sobre a situação.

— Você diz que Freda e Sarah estão indo para lá na moto de Freda?

Gwyneth assentiu com a cabeça.

— Isso foi há cerca de meia hora, então elas devem estar a caminho. A sede já deve saber mais — disse ela, olhando para Betty, que lutava para ficar de pé.

— Tenho que voltar e ver se descubro mais — disse ela, ainda portando um fantasmagórico tom de branco. — Confie em mim para me sentir mal em um momento como este.

— Não vai a lugar nenhum — Ruby ordenou. — Gwyneth pode voltar para Woolworths e ligar para a sede. Ela pode dizer a eles que você recebeu mal a notícia e a colocou no comando. Gwyneth, Bob irá com você para retransmitir qualquer mensagem aqui. Sou necessária na maternidade para ficar com David e Maisie.

— E a jovem Ruby aqui? — Gwyneth perguntou enquanto colocava a criança no chão para brincar. — Não podemos esperar que Betty ajude com

ela se sentindo mal.

Ruby pensou por um momento.

— Vou reunir as tropas. Vera pode vir e dar uma mão. Na verdade, vou levar a jovem até a casa dela na saída. Se não soubermos nada sobre os desdobramentos, quando todas as meninas saírem da escola, farei com que ela as alimente e as mantenha entretidas até que esteja tudo bem para elas estarem em suas próprias casas. Meu instinto está me dizendo que esta casa não será o lugar certo para crianças no momento.

Betty escreveu algumas instruções para Gwyneth e pediu que ela informasse Douglas sobre a situação.

— Por favor, avise seu Mike também. Precisamos da família e amigos próximos neste momento — disse ela antes de desmaiar no sofá.

— Você também precisa consultar seu médico — instruiu Ruby, lançando um olhar conhecedor para Betty.

— Tenho um compromisso esta tarde. Faz algumas semanas que não estou me sentindo bem.

Ruby assentiu.

— Gwyneth, você pode ligar para o médico de Betty quando chegar a Woolworths? Ele pode fazer uma visita domiciliar aqui.

— Ah, mas...

— Fique onde está, Betty, temos família suficiente no hospital no momento sem que você termine lá também — ordenou ela. — Bob, faça um pouco de chá antes de fazer qualquer outra coisa. Você encontrará um pouco de açúcar em uma lata na parte de trás da despensa. Agora é um bom momento para usá-lo.

Gwyneth olhou pela grande janela de sacada quando uma van parou com o nome da empresa Vickers escrito na lateral.

— George chegou. Ele parece estar usando um veículo da empresa.

Ruby prendeu a respiração e tentou manter a calma. Ela sentiu que as notícias que eles eventualmente ouviriam não seriam boas e ela precisaria ser a mais forte da família para seu filho e neta, assim como para Alan, uma vez que soubessem se Irene e Maureen haviam se machucado — ou pior. Ela foi até a porta e cumprimentou o filho com um abraço e um beijo enquanto ele se juntava aos amigos e familiares para decidir o que fazer e esperar.



— **TEM CERTEZA** de que está tudo bem? — Freda perguntou enquanto ajudava Sarah a descer da moto. — Eu sou uma completa idiota permitindo você nesta moto. Alan terá minhas tripas quando souber disso.

— Nunca fui uma boa passageira de moto. É por isso que você nunca me via tanto em Bessie. Prefiro quatro rodas ou dois pés — disse Sarah ao segurar Freda enquanto recuperava o equilíbrio.

— Eu estava pensando mais no bebê. — Freda acenou para a circunferência de Sarah. — Você já experimentou aquele problema na casa de Betty, agora eu te chacoalhei até aqui. Ainda temos um pouco de caminhada, pois as pessoas de precaução antiaérea colocaram barreiras no final da rua.

— Posso fazer isso, não se preocupe comigo — disse Sarah com determinação.

Freda pensou por um momento. Desde que se tornou uma amazona de despacho do Corpo de Bombeiros, ela se deparou com algumas situações bastante terríveis. Felizmente, os Bombeiros, a Polícia e os guardas da ARP nunca a deixaram perto de qualquer visão horrível, mas ela sabia que eles

estavam lá do mesmo jeito. A última coisa que Sarah precisava era ver algo perturbador em sua condição.

— Quero que fique aqui até eu descobrir o que aconteceu — ela instruiu a amiga. — Há uma cantina WVS ali. Vou pegar uma bebida para você, deve ficar com minha motocicleta enquanto vejo o que aconteceu com Irene e Maureen. Você pode ficar de olho, caso alguém tente roubá-la — disse ela.

— Você vai me contar o que aconteceu, não vai? Se mamãe e Maureen estão feridas, preciso saber.

Freda assentiu e caminhou até as mulheres da WVS na cantina móvel. Depois de pedir uma caneca de chá para Sarah, ela se inclinou para perto de uma das mulheres que servia.

— Gostaria de saber se você ficaria de olho na minha amiga ali. Ela está grávida e tenho motivos para acreditar que a mãe e a sogra dela podem estar lá embaixo. — Ela acenou com a cabeça para o outro lado da New Cross Road, onde a fumaça podia ser vista subindo do que restava de uma fileira de prédios e gritos e a comoção dos serviços de resgate podia ser ouvida.

— Claro que vou — disse a mulher. — Deve ser muito sombrio lá em cima, com muitas vidas perdidas. Dizem que é um daqueles novos foguetes alemães V2 que caíram na Woolworths.

Então era verdade? Freda fechou os olhos por um minuto e respirou fundo. Ela tinha que ir ver se havia notícias de Irene e Maureen. Ela devia isso às pessoas que considerava sua família.

— Vocês estão bem, querida? — perguntou a mulher. — Você não passa de uma criança. Não deveria descer lá. Não é uma visão para uma jovem.

Freda deu à mulher um sorriso pálido.

— Sou pequena para a minha idade e mais forte do que pareço. O Corpo de Bombeiros não teria me contratado se eu fosse uma garota fraca. É melhor eu estar fora. Aliás, o nome da minha amiga é Sarah. Vou tentar não demorar muito.

Com avisos para tomar cuidado soando em seus ouvidos, Freda partiu a trote em direção ao local onde a filial de Woolworths em New Cross deveria estar.

— Oi, para onde pensa que está indo? — um policial lhe gritou enquanto ela se aproximava do local da explosão.

— Despacho do Corpo de Bombeiros, senhor — disse ela educadamente, esperando ter permissão para se aproximar. — Estou procurando duas mulheres. Os sobrenomes deles são Caselton e Gilbert.

— Se elas estivessem nas proximidades de Woolworths, temo que não as veja vivas — disse ele. — Por que o foguete caiu aqui e não em Londres eu não faço ideia, mas arruinou a vida de muitas famílias locais que nunca esquecerão este dia enquanto viverem. Onde você espera encontrar seu povo?

Freda encolheu os ombros.

— Elas estavam vindo para Woolworths para comprar panelas e frigideiras. Pegariam o trem para a estação de New Cross e depois o ônibus para a loja. Espero que não tenham chegado até Woolworths e possam estar presas ou feridas... — ela podia ver pelo olhar incrédulo em seu rosto que estava sendo muito esperançosa. — Tem um ônibus lá em cima. Vou dar uma olhada de qualquer maneira — disse ela, ignorando-o enquanto ele balançava a cabeça, incrédulo.

Ao se aproximar do ônibus, Freda ficou surpresa ao ver pessoas ainda sentadas nos assentos. O ônibus ficou cinza com a quantidade de poeira no ar e havia uma quietude enervante sobre a cena. Enquanto caminhava em

direção à parte traseira do ônibus, ela se deparou com uma equipe de ambulância parada na plataforma passando corpos para os colegas. Foi então que percebeu — os passageiros estavam todos mortos. Mortos pela detonação da explosão. Ela tinha ouvido falar sobre isso acontecer, mas não tinha encontrado tal coisa desde que começou seu trabalho no Corpo de Bombeiros.

— Com licença, para onde estão levando os feridos? — perguntou ela a uma enfermeira que estava ajudando a equipe da ambulância. — Estou procurando minhas amigas.

— Há um posto de primeiros socorros ali — disse a mulher, apontando para um salão da igreja. — Eles podem ser capazes de ajudá-la.

Freda atravessou o que havia sido a estrada principal apenas algumas horas antes e entrou no corredor. Ela podia ver feridos caminhando, assim como pessoas deitadas em macas. Ninguém prestou atenção nela enquanto ela andava para cima e para baixo nas fileiras verificando os rostos chocados.

— Freda — ela ouviu uma voz frágil chamar. Virando-se e verificando as macas pelas quais acabara de passar, ela viu Maureen sendo atendida por um médico.

— Maureen — ela gritou e correu para o lado dela, pegando a mão que estava estendendo a mão para ela.

— É Irene, ela... ela...

Freda olhou em volta enquanto tentava ouvir Maureen. Irene tinha que estar por perto, já que as mulheres estavam juntas.

— Não consigo vê-la — disse Freda, voltando-se para a amiga.

— Ela não sobreviveu — sussurrou Maureen. — Tentei ajudá-la, mas era tarde demais...

— Desculpe, senhorita, temos que levar essa senhora ao hospital imediatamente — disse o médico enquanto acenava para os padioleiros que estavam por perto.

Freda observou enquanto Maureen era levada. Ela pensou em Sarah esperando por ela na van da WVS e George e Ruby em casa. Como ela poderia dizer a eles que perderam uma das pessoas que eles mais amavam em todo o mundo? A pequena Georgina havia perdido sua avó amorosa e possivelmente poderia perder sua segunda avó, Maureen, também. Ela pensou em Ruby e como isso a afetaria e depois em Alan, que estava em algum lugar lutando por seu país e poderia perder sua mãe. Foi então que ela viu uma das luvas de Maureen no chão. Ela mesma tricou como presente no último Natal. Afundando de joelhos, ela pegou a luva e soluçou silenciosamente. A vida era tão injusta. Tão sangrenta, sangrenta e injusta.



VÉSPERA DE NATAL 1944

RUBY OLHOU pela janela de seu quarto. Era véspera de Natal e ninguém na família Caselton sentia muita vontade de comemorar. Os flocos de neve do lado de fora estavam começando a cair como lágrimas congeladas do céu. Como sua família estendida se uniu e lidou com as tristes semanas desde a morte de Irene, ela não conseguia entender, mas lidaram. Quando Freda fez seu telefonema frenético para a delegacia de polícia em Erith, Mike moveu céus e terra para levar Sarah de volta ao calor de sua família, onde sofreu por sua mãe. A criança que ela carregava estava segura e deu esperança a todos de que o ciclo da vida continuaria.

A notícia da maternidade na mesma noite foi que Maisie deu à luz gêmeos saudáveis, um menino e uma menina – um segredo que ela manteve nos últimos meses como uma feliz surpresa para seus amigos e familiares.

Bob tinha sido a espinha dorsal da família, pois junto com Douglas ele ajudou George com todos os preparativos para o funeral de Irene. Foi George quem insistiu que esperassem para que Sarah e Maisie estivessem fortes o suficiente para assistir ao culto e ao enterro na igreja de Saint Paulinus, onde Irene seria enterrada perto de onde Eddie estava descansando. Maureen também estaria na igreja. Alan teve permissão para buscá-la no hospital durante o dia para que ela pudesse se despedir da amiga que tentara salvar arrastando-a do ônibus.

Faltavam quinze minutos para o carro chegar para levar a família à casa de George, onde caminhariam juntos até a igreja para se despedir de

Irene. Ela olhou pela janela e viu Freda voltando pela estrada da casa de Vera e cumprimentando Betty no portão. Vera e sua neta, Sadie, vieram de trunfos, oferecendo-se para cuidar das crianças e protegê-las da tristeza do dia.

Pegando suas luvas pretas e bolsa da cama, ela se dirigiu para as escadas quando ouviu Bob chamá-la.

— Ruby, você poderia trazer minha gravata preta, por favor?

— Você esqueceria sua cabeça se não estivesse pregada, Bob Jackson — ela respondeu ao entrar no quarto dele. As paredes ainda estavam meio despojadas desde o dia do ataque com foguete em New Cross, com Bob tendo desviado suas atenções para cuidar da família. Talvez no Ano-Novo eles pudessem terminar o trabalho entre eles. Aquele papel de parede florido estava nas paredes desde que Eddie havia decorado o quarto há quase vinte anos, quando era o quarto de Pat, ela pensou enquanto pegava a gravata de Bob onde ele a havia deixado pendurada sobre o lavatório. Indo sair da sala, ela não pôde deixar de puxar a ponta de um pedaço de papel descascado. Saiu facilmente entre seus dedos e revelou várias fileiras de letras bem escritas no gesso embaixo.

— O quê...? — Ruby disse enquanto se aproximava para ler. — Essa é a letra de Eddie — ela sussurrou para si mesma enquanto lia em voz alta a primeira linha.

— Procure o lado bom quando nenhuma nuvem aparecer no azul...

Ela cantarolou a música que tinha sido a música favorita de seu falecido marido enquanto seguia as palavras escritas na parede.

— ...Portanto, sempre procure o lado bom e tente encontrar o lado ensolarado da vida.

Ruby permitiu que as lágrimas corressem descontroladamente por suas bochechas.

— Você demorou, seu velho desgraçado — ela riu baixinho, — mas talvez fosse para ser encontrado hoje, dentre todos os dias. Vou aceitar isso como meu sinal, obrigada.

Descendo as escadas depois de enxugar os olhos, Ruby esbarrou em Betty no corredor.

— Você está muito esperta hoje, Betty, e finalmente está com um pouco de cor nas bochechas — disse ela, dando-lhe um beijo de boas-vindas.

— Sei que não é dia de boas notícias, Ruby, mas queria que soubesse que estava certa. Não sou velha demais para ter uma família — disse, os olhos brilhando de felicidade.

Ruby abraçou a mulher perto. — É sempre o momento certo para boas notícias como essa. Estou tão feliz por você. Quando?

— Início de junho. Vai significar algumas mudanças, mas mal posso esperar — declarou Betty.

— Será algo pelo qual esperar. Agora, sente-se e descanse as pernas enquanto pode — disse ela, conduzindo Betty para a sala da frente. — Bob, pode me dar um minuto do seu tempo? — ela gritou para onde Bob estava enfiando uma pequena garrafa de conhaque no bolso do terno. Bob saiu para o corredor, fechando a porta atrás de si.

— Agora, antes que diga qualquer coisa, Ruby, isso é só para esquentar os berbigões enquanto estamos no cemitério. Está congelando lá fora — disse ele, sabendo que tinha sido pego em flagrante.

— Ah, pare de divagar, Bob — Ruby suspirou enquanto colocava a gravata em volta do pescoço dele e dava um nó antes de endireitar o colarinho. — Eu estava pensando que a Páscoa seria uma boa época.

Bob ficou intrigado. — Uma boa época para o quê?

— Para o nosso casamento, é claro.

Bob franziu a testa. — Você teve seu sinal?

— Eddie estava sempre dizendo que deveríamos procurar o lado bom de nossas vidas e você é o meu, Bob Jackson. Não sei o que faria sem você.

Bob sorriu. — Eu sei que não é a coisa certa considerando para onde estamos prestes a ir, mas venha aqui, Ruby Caselton — ele disse enquanto puxava Ruby em seus braços e a beijava com ternura. — 1945 será um ano para ser lembrado, um ano muito bom mesmo.



Agradecimentos

Escrever costumava ser uma profissão tão solitária. Os escritores sentavam-se em seus sótãos e escreviam à luz de uma vela – se é que se pode acreditar em tais histórias. Nos dias de hoje, estamos em contato via redes sociais, reuniões para palestras, conferências, eventos de premiação, retiros de redação e chás da tarde. Lançamentos de livros e outros sucessos são comemorados com champanhe, e não passa uma semana sem convites para pelo menos um evento para “escritor”. Obrigada a todos pela companhia.

Quando não estamos comemorando, trabalhamos duro com edições e promoções para nossos livros, além de produzir palavras para o próximo, mas uma das delícias mais agradáveis é sair para conhecer nossos leitores em *workshops* e palestras com autores. Tive o privilégio de conhecer não apenas aqueles que curtem minhas sagas, mas também as pessoas que se lembram da Woolworths e das áreas onde minhas histórias se passam. Obrigada a todos por amarem minhas histórias.

Tenho sorte de ter uma editora tão maravilhosa. A equipe da Pan Macmillan vai além do dever de ajudar a polir meus livros antes de serem apresentados ao mundo. Também a maravilhosa equipe de relações públicas da ED Public Relations, que trabalha tanto para promover meus livros – é um prazer trabalhar com vocês. Obrigada.

Nada disso teria acontecido se não fosse pela minha agente, Caroline Sheldon. Obrigada por ter fé em mim e estar lá para responder minhas muitas perguntas.

Por último, mas não menos importante, um grande obrigada ao meu marido, Michael, por ler meu trabalho e se interessar por esboços de histórias e pesquisas.



WOOLWORTHS LIVRO 4

A guerra estará terminada no Natal?

À medida que a guerra avança para 1945, a vida das mulheres de Woolworths continua. Quando a gerente da loja, Betty Billington, anuncia que está esperando o bebê de Douglas, sua vida futura está prestes a mudar mais do que ela espera.

Freda se apaixonou pelo lindo engenheiro escocês, mas será que terminará feliz?

Maisie adora ser mãe e cuidar de suas duas sobrinhas, embora ainda tenha seus próprios sonhos. Quando seu irmão aparece em cena, ele traz um perigo inesperado para a família.

Enquanto isso, Sarah sonha com o retorno de seu marido e uma casa de campo com rosas ao redor da porta, mas a Woolworths acena.

Nossas meninas navegarão em tempos de paz, ou sentirão mais sofrimento e tristeza? Com um casamento no horizonte, certamente só a felicidade está por vir - ou não?

Um presente da Woolworths é o quarto livro da muito amada série Woolworths da Elaine Everest.

As Garotas da Woolworths



WOOLWORTHS LIVRO 1

9786588382417

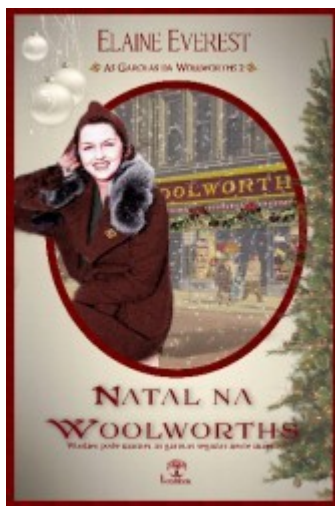
[Adquira aqui](#)

Pode o romance florescer em tempos difíceis?

Estamos em 1938 e, como a ameaça de guerra paira sobre o país, Sarah Caselton está se preparando para seu novo emprego nas lojas Woolworths. Em pouco tempo, ela forma um vínculo estreito com duas de suas colegas: a glamourosa Maisie e a tímida Freda. O trio não poderia ser mais diferente, mas elas imediatamente formam uma estreita amizade, compartilhando suas esperanças e sonhos para o futuro.

Sarah logo entra no ritmo de sua nova posição, aproveitando os eventos sociais organizados por Woolies e seu romance florescente com o jovem assistente do gerente, Alan. Mas com a ameaça de guerra nublando o

horizonte, os rapazes e moças de Woolworths percebem que há batalhas maiores pela frente. É um momento perigoso para a nação e um momento ainda mais perigoso para se apaixonar...



WOOLWORTHS LIVRO 2

9786580754175

[Adquira aqui](#)

Pode o romance florescer em tempos difíceis?

Estamos em 1938 e, como a ameaça de guerra paira sobre o país, Sarah Caselton está se preparando para seu novo emprego nas lojas Woolworths. Em pouco tempo, ela forma um vínculo estreito com duas de suas colegas: a glamourosa Maisie e a tímida Freda. O trio não poderia ser mais diferente, mas elas imediatamente formam uma estreita amizade, compartilhando suas esperanças e sonhos para o futuro.

Sarah logo entra no ritmo de sua nova posição, aproveitando os eventos sociais organizados por Woolies e seu romance florescente com o jovem assistente do gerente, Alan. Mas com a ameaça de guerra nublando o horizonte, os rapazes e moças de Woolworths percebem que há batalhas

maiores pela frente. É um momento perigoso para a nação e um momento ainda mais perigoso para se apaixonar...

Sobre a Autora



ELAINE EVEREST nasceu e foi criada na região noroeste de Kent, onde se passa *As Garotas da Woolworths*, tendo sido ela mesma uma garota *da Woolworths* um dia.

Elaine escreveu muito para revistas femininas, redigindo contos e matérias antes de passar para os romances.

Quando não está escrevendo, Elaine administra a escola de escrita criativa The Write Place em Dartford, Kent, e o blog da Romantic Novelists' Association.

Hoje vive com o marido, Michael, e com Henry, o pastor-polonês-da-planície deles, em Swanley, Kent.

Você pode seguir Elaine no Twitter @ElaineEverest ou no Facebook www.facebook.com/elaine.everest



NOS ACOMPANHE E FIQUE POR DENTRO DAS NOVIDADES



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®